

CLAUDIA ROGERIA BISI ROSENTAL

COMO UMA SEGUNDA CASA: A SOCIABILIDADE E AS REDES DE APOIO AOS ESTUDANTES RESIDENTES NAS UNIDADES DE MORADIA ESTUDANTIL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA/MG

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título Magister Scientiae.

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2016**

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da
Universidade Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

R815c
2016 Rosental, Claudia Rogeria Bisi, 1971-
Como uma segunda casa : a sociabilidade e as redes de
apoio aos estudantes residentes nas unidades de moradia
estudantil da Universidade Federal de Viçosa/MG / Claudia
Rogeria Bisi Rosental. - Viçosa, MG, 2016.
xvi, 175f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Orientador : Neide Maria de Almeida Pinto.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Viçosa.
Referências bibliográficas: f.159-164.

1. Relações humanas - Estudantes universitários.
2. Relações sociais - Estudantes universitários. 3. Moradias -
Estudantes universitários. I. Universidade Federal de
Viçosa. Departamento de Economia Doméstica. Programa
de Pós-graduação em Economia Doméstica. II. Título.

CDD 22 ed. 158.2

CLAUDIA ROGARIA BISI ROSENAL

COMO UMA SEGUNDA CASA: A SOCIABILIDADE E AS REDES DE APOIO AOS ESTUDANTES RESIDENTES NAS UNIDADES DE MORADIA ESTUDANTIL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA/MG

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título Magister Scientiae.

APROVADA: 30 de junho de 2016.

Ana Louise de Carvalho Fiúza
(Coorientadora)

Gustavo Bastos Braga

Neide Maria de Almeida Pinto
(Orientadora)

*“Foi o tempo que dedicaste a tua rosa
que a fez tão importante”
(Saint-Exupéry)*

AGRADECIMENTOS

A Deus pela presença, misericórdia e consolo nos momentos de aflição e por sua Graça na conclusão desse trabalho.

Ao meu esposo José Mário e a minhas filhas Sarah e Andressa pelo apoio incondicional suportando com carinho as minhas ausências, mesmo estando tão perto.

À Universidade Federal de Viçosa (UFV), à Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (PCD) e ao Departamento de Economia Doméstica pela valiosa oportunidade de realizar o curso.

À minha orientadora, professora Neide Maria de Almeida Pinto, suas constantes reflexões, críticas construtivas, confiança e orientações teóricas que nortearam e delimitaram meu trabalho para que ele pudesse acontecer.

À coorientadora professora Ana Louise Carvalho Fiúza, por aceitar fazer parte desse trabalho.

À professora Sylvia do Carmo Castro Franceschini, pelo carinho, apoio e incentivo dispensados, que com outro olhar e grande respeito pelo meu conhecimento permitiu ampliar os horizontes da pesquisa, refletir e crescer, enriquecendo este trabalho.

Ao professor Gustavo Bastos Braga pela participação na banca de defesa desse trabalho.

A todos os professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, do Departamento de Administração e do Departamento de Economia Rural que de alguma forma contribuíram para minha formação.

À professora Viviani Silva Lírio, Pró-Reitora da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários, que não mediu esforços para contribuir, incentivar-me e acalmar-me nos momentos de dificuldades na caminhada acadêmica.

À querida amiga Júnia Zacour Azevedo Del Giúdice, pelo incentivo e pelas ricas contribuições, fazendo diferença em minha vida pessoal, profissional e acadêmica.

Aos chefes, amigos, funcionários e bolsistas da Divisão Psicossocial e do Serviço de Bolsas da UFV, que de forma carinhosa ofereceram constantemente apoio social e psicológico colaborando com minhas tarefas e participando de minha trajetória acadêmica.

Em especial às amigas, companheiras de trabalho e Assistentes Sociais, Patrícia Barros Cunha (Assistente Social da Universidade Federal do Acre – UFAC em colaboração técnica na UFV), Érika David Barbosa (UFV) e Geralda Aparecida dos Santos (UFV), pelo carinho,

atenção e apoio logístico na aplicação das entrevistas.

À querida Vitória Vivian, bolsista e companheira de tantas horas, pelo seu suporte e compromisso nas atividades de pesquisa de campo e bibliográfica, que foram imprescindíveis para a finalização desse trabalho.

Aos meus queridos amigos e colegas de mestrado, por terem compartilhado comigo as dores e alegrias nesta jornada.

Aos estudantes residentes nas moradias estudantis da UFV, campus Viçosa, que carinhosamente aceitaram participar dessa pesquisa, sem vocês ele não existiria.

A todos, nominados ou não, que de forma direta ou indireta, contribuíram para a conclusão desse trabalho, desculpando-me aqueles que porventura eu esquecer, os meus sinceros agradecimentos.

BIOGRAFIA

CLAUDIA ROGERIA BISI ROSENTAL, filha de José Maria Bisi e Almerinda Medeiros Bisi, nasceu em Coronel Fabriciano, Estado de Minas Gerais, em 19 de abril de 1971.

Possui graduação em Serviço Social, pela Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC.

Entre 2005 a 2008, foi contratada pela prefeitura de Alvinópolis, Minas Gerais, onde atuou como Assistente Social na Secretaria de Assistência Social do município.

Em maio de 2008, realizou o concurso público da UFV, sendo nomeada para exercer o cargo de assistente social em novembro de 2009, na ocasião, lotada na Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários para desenvolver atividades relacionadas à assistência estudantil.

Em 2010, concluiu o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Pública pela Faculdades Integradas de Jacarepaguá – FIJ.

Em 2012, concluiu o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão de Políticas Públicas com Foco na Temática de Gênero e Raça na UFV.

No período de 2012 a 2014, desenvolveu atividades de tutoria no curso de Serviço Social no Pólo Viçosa, Minas Gerais da Universidade Norte do Paraná – UNOPAR.

Em 2014, ingressou no curso de mestrado em Economia Doméstica do Departamento de Economia Doméstica da UFV, com Área de Concentração em Economia Familiar, na Linha de Pesquisa: Família, Políticas Públicas e Avaliação de Programas e Projetos Sociais, submetendo-se à defesa de tese em junho de 2016.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	VIII
LISTA DE GRÁFICOS	IX
LISTA DE QUADROS	XII
LISTA DE SIGLAS	XIII
RESUMO	XIV
ABSTRACT	XVI
1 – INTRODUÇÃO	1
1.2. Contextualização do problema e justificativa.....	3
2 – OBJETIVOS	15
3 – METODOLOGIA.....	16
3.1 – Classificação da Pesquisa	16
3.2 – Local de Estudo	17
3.3 – População e Amostra	18
3.4 – Seleção da Amostra	20
3.5 – Coleta de Dados.....	21
3.6 – As entrevistas e aplicação dos questionários	23
3.7 – Análise dos Dados	25
4 – REDES SOCIAIS E FAMILIARES.....	28
4.1 – Redes Sociais	28
4.2 – Famílias e Redes Pessoais	34
5 – O PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL E AS MORADIAS UNIVERSITÁRIAS NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA	43
5.1 – Programa de Assistência Estudantil enquanto Política de Inclusão Social	43
5.2 – A Universidade Federal de Viçosa – Breve Histórico	47
5.3 – A administração da Assistência Estudantil na UFV	59
6 – O PERFIL DOS ESTUDANTES DAS UNIDADES DE MORADIAS ESTUDANTIL E DE SUAS FAMILIAS	63
7 – SOCIABILIDADES, REDES E AJUDAS	75
7.1 – A sociabilidade no Grupo Família	76
7.2 – Sociabilidades nos outros grupos	84
7.3 – Caracterização dos aportes recebidos	100
7.3.1 – Aportes em dinheiro.....	102
7.3.2 – Aportes com alimento.....	106
7.3.3 – Aportes com roupas	110
7.3.4 – Aportes com transporte.....	113
7.3.5 – Aportes com medicamentos.....	116

7.3.6 – Outras situações	119
7.4 – Mobilização de contatos	119
7.5 – O contexto das ajudas: o tempo, o custo e a confiança	124
7.5.1 – As ajudas imediatas e de baixo custo	124
7.5.2 – As ajudas constantes, crônicas e custosas.....	134
7.5.3 – Ajudas em outras diferentes situações	140
8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
9 – REFERÊNCIAS	159
ANEXOS	165

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Edifício do Alojamento Velho da UFV	51
Figura 02 – Croqui do apartamento do Alojamento Velho da UFV	51
Figura 03 – Dormitório de um dos apartamentos do Alojamento Velho da UFV	52
Figura 04 – Sala de estudo de um dos apartamentos do Alojamento Velho da UFV	52
Figura 05 – Banheiro coletivo do Alojamento Velho da UFV	52
Figura 06 – Lavanderia coletiva do Alojamento Velho da UFV	52
Figura 07 – Edifícios dos Alojamentos Novo e Novíssimo da UFV	53
Figura 08 – Croqui do apartamento dos Alojamentos Novo e Novíssimo da UFV	53
Figura 09 – Dormitório de um dos apartamentos do Alojamento Novo da UFV	53
Figura 10 – Sala de estudo de um dos apartamentos do Alojamento Novo da UFV	53
Figura 11 – Tanque coletivo do Alojamento Novo da UFV	54
Figura 12 – Pátio interno do Alojamento Novo da UFV	54
Figura 13 – Bicicletário entre o Alojamento Novo e Novíssimo da UFV	54
Figura 14 – Alojamento Feminino da UFV - Parte posterior do edifício	55
Figura 15 – Croqui do apartamento do Alojamento Feminino da UFV	55
Figura 16 – Sala de estudos de um dos apartamentos do Alojamento Feminino da UFV	56
Figura 17 – Dormitório de um dos apartamentos do Alojamento Feminino da UFV	56
Figura 18 – Área de Serviço/Banheiro de um dos apartamentos do Alojamento Feminino da UFV	56
Figura 19 – Cozinha/Banheiro de um dos apartamentos do Alojamento Feminino da UFV	56
Figura 20 – Sala de estudos de um dos apartamentos do Alojamento Feminino da UFV	56
Figura 21 – Edifício do Alojamento Posinho da UFV	57
Figura 22 – Edifício do Alojamento Pós-Graduado da UFV	57
Figura 23 – Croqui do apartamento dos Alojamentos Pós e Posinho da UFV	57
Figura 24 – Quarto de um dos apartamentos do Alojamento Posinho da UFV	58
Figura 25 – Quarto de um dos apartamentos do Alojamento Pós da UFV	58
Figura 26 – Área de Serviço de um dos apartamentos do Alojamento Pós da UFV	58
Figura 27 – Sala de um dos apartamentos do Alojamento Pós da UFV	58
Figura 28 – Banheiro de um dos apartamentos do Alojamento Posinho da UFV	58
Figura 29 – Sala de estudos coletiva do Alojamento Pós da UFV	59
Figura 30 – Sala de estudo coletiva do Alojamento Posinho da UFV	59
Figura 31 – Composição familiar	76
Figura 32 – Composição da categoria “outros”	84

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Perfil dos estudantes entrevistados residentes nas unidades de moradia estudantil da UFV	66
Gráfico 02 – Estado civil dos pais	67
Gráfico 03 – Grau de instrução dos pais.....	68
Gráfico 04 – Situação ocupacional dos pais.....	69
Gráfico 05 – Classificação familiar	71
Gráfico 06 – Número de moradores por residência.....	72
Gráfico 07 – Renda dos pais.....	73
Gráfico 08 – Renda familiar.	74
Gráfico 09 – Frequência dos contatos pais e irmãos	77
Gráfico 10 – Forma dos contatos com pais e irmãos.....	77
Gráfico 11 – Frequência dos contatos familiares	79
Gráfico 12 – Forma de contatos familiares	79
Gráfico 13 – Residência dos contatos dos pais e irmãos	80
Gráfico 14 – Residência dos contatos familiares.....	80
Gráfico 15 – Frequência de contatos com colegas de quarto	85
Gráfico 16 – Forma de contatos com colegas de quarto.....	85
Gráfico 17 – Frequência de contatos com colegas de curso.....	86
Gráfico 18 – Forma de contatos com colegas de curso	86
Gráfico 19 – Local de contatos com colegas de curso	86
Gráfico 20 – Frequência de contato grupos de lazer	88
Gráfico 21 – Forma de contato grupos de lazer.....	88
Gráfico 22 – Local de contato grupos de lazer.....	88
Gráfico 23 – Atividades práticas de lazer.....	89
Gráfico 24 – Frequência dos contatos com grupo de esporte.....	90
Gráfico 25 – Forma dos contatos com grupo de esporte	90
Gráfico 26 – Local dos contatos com grupo de esporte	90
Gráfico 27 – Tipos de esportes praticados	91
Gráfico 28 – Identificação do grupo político.....	92
Gráfico 29 – Frequência de contato do grupo religioso	93
Gráfico 30 – Local de contato do grupo religioso.....	93
Gráfico 31 – Identificação do grupo religioso.....	94
Gráfico 32 – Frequência de contato de outros grupos	95
Gráfico 33 – Forma de contato de outros grupos	95
Gráfico 34 – Local de contato de outros grupos.....	95
Gráfico 35 – Identificação outros grupos	99
Gráfico 36 – Percentual recebimento dos aportes	101
Gráfico 37 – Fontes materiais.....	102
Gráfico 38 – Origem dos recursos	103
Gráfico 39 – Origem dos recursos financeiros dos estudantes.....	103
Gráfico 40 – Frequência do recebimento dos aportes em dinheiro e fontes associadas	104

Gráfico 41 – Valor do recebimento dos aportes em dinheiro	105
Gráfico 42 – Aportes em dinheiro recebidos pelo grupo familiar	105
Gráfico 43 – Origem dos recursos destinados à alimentação	107
Gráfico 44 – Frequência dos aportes recebidos para uso na alimentação e fontes associadas	107
Gráfico 45 – Valor dos aportes recebidos destinados ao emprego em alimento	108
Gráfico 46 – Residência dos grupos e sujeitos que provêm alimentos aos estudantes	109
Gráfico 47 – Proveniência dos recursos para roupas.....	110
Gráfico 48 – Frequência dos recebimentos de aportes para roupas	111
Gráfico 49– Valor dos aportes recebidos para emprego em roupas	112
Gráfico 50 – Residência dos grupos ou sujeitos que provêm roupas	112
Gráfico 51 – Proveniência dos recursos para transporte	114
Gráfico 52 – Frequência dos recebimentos para transporte	115
Gráfico 53 – Valor dos aportes recebidos para emprego em transporte	115
Gráfico 54 – Residência dos grupos ou sujeitos que provêm recursos para transporte	116
Gráfico 55 – Proveniência dos aportes para medicamento	117
Gráfico 56 – Frequência dos recebimentos para emprego em medicamentos	117
Gráfico 57– Valor dos aportes recebidos para emprego em medicamentos	118
Gráfico 58 – Residência dos grupos ou sujeitos que provêm recursos para medicamentos	119
Gráfico 59 – Mobilização de Contatos	120
Gráfico 60 – Mobilização de contatos para moradia	121
Gráfico 61 – Mobilização de contato para bolsa	122
Gráfico 62 – Mobilização de contato para trabalho	123
Gráfico 63 – Mobilização de contato para relacionamento afetivo	124
Gráfico 64 – Origem das ajudas imediatas e de baixo custo	125
Gráfico 65 – Frequências associadas aos apoios recebidos nos casos de problemas de saúde.....	127
Gráfico 66 – Frequências associadas aos empréstimos de equipamento/mantimento recebidos pelos estudantes.....	128
Gráfico 67 – Frequências associadas aos apoios recebidos em termos de informações (Serviços Públicos).	129
Gráfico 68 – Frequências associadas aos apoios recebidos em trabalhos acadêmicos	130
Gráfico 69 – Situações de ajudas imediatas e de baixo custo que envolveram pagamento.....	131
Gráfico 70 – Residência dos provedores das ajudas imediatas e de baixo custo para os estudantes	132
Gráfico 71 – Grau de confiança associados aos principais provedores das ajudas imediatas e de baixo custo.	133
Gráfico 72 – Formas de contato com o principal provedor nos casos de ajudas imediatas e de baixo custo.	134
Gráfico 73 – Origem das ajudas constantes, crônicas e custosas	135
Gráfico 74 – Situações de ajudas constantes, crônicas e custosas que envolveram pagamento.....	136

Gráfico 75 – Residência dos provedores das ajudas constantes, crônicas e custosas	138
Gráfico 76 – Grau de confiança associado ao provedor da ajudas constantes, crônicas e custosas.....	139
Gráfico 77 – Forma de contato com o provedor das ajudas	139
Gráfico 78 – Origem das ajudas em diferentes situações	141
Gráfico 79 – Frequência e origem do aporte empréstimo de alto valor	142
Gráfico 80 – Frequência e origem do aporte confidências	143
Gráfico 81 – Frequência e origem do aporte apoio emocional	144
Gráfico 82 – Frequência e origem do aporte apoio político/institucional	145
Gráfico 83 – Situações de Ajudas em diferentes situações que envolveram pagamentos	146
Gráfico 84 – Residência dos provedores das ajudas em diferentes situações	147
Gráfico 85 – Grau de confiança do provedor das ajudas em diferentes situações	148
Gráfico 86 – Forma de contato com o provedor das ajudas em diferentes situações.....	149

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Classificação Econômica dos estudantes das IFEs no Brasil.

Quadro 2- Níveis de significância utilizados com maior frequência.

Quadro 3- Variáveis e categorias de análise

LISTA DE SIGLAS

ANDIFES	Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino
ASBEM	Associação Beneficente de Auxílio a Funcionários e Estudantes da UFV
CNE	Conselho Nacional de Educação
COLUNI	Colégio Universitário
DTI	Diretoria de Tecnologia e Informação
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ESAV	Escola Superior de Agricultura e Veterinária
FIES	Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior
FONAPRACE	Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
IFES	Instituição Federal de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LUVE	Liga Universitária Esportiva
MEC	Ministério da Educação
PCD	Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PNAES	Plano Nacional de Assistência Estudantil
PROUNI	Programa Universidade para Todos
REUNI	Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SOB	Serviço de Bolsa
SISBOLSA	Sistema Informatizado de Bolsa
SISU	Sistema de Seleção Unificada
SPSS	Statistical Package for Social Science
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
UREMG	Universidade Rural do Estado de Minas Gerais

RESUMO

ROSENTAL, Claudia Rogeria Bisi, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, junho de 2016. **Como uma segunda casa: A sociabilidade e as redes de apoio aos estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil da Universidade Federal de Viçosa/MG.** Orientadora: Neide Maria de Almeida Pinto. Coorientadoras: Ana Louise de Carvalho Fiúza e Sylvia do Carmo Castro Franceschini.

O estudo consistiu em analisar o papel das redes sociais familiares e não familiares, na vida pessoal dos estudantes de graduação residentes nas unidades de moradia estudantil da Universidade Federal de Viçosa (UFV), campus Viçosa, MG. Tal objetivo se cumpriu por meio da caracterização do perfil socioeconômico do grupo familiar e dos estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil da instituição, bem como do seu quadro de vulnerabilidade socioeconômica; da identificação dos padrões de sociabilidade associados a esses estudantes, e ainda da análise do papel das redes familiares e não familiares enquanto aporte material, social e psicológico para os estudantes. O estudo teve uma abordagem quantitativa e qualitativa tendo como pressuposto a influência e a importância das redes sociais nas condições de vida de grupos em situações de vulnerabilidade socioeconômica (a exemplo dos universitários residentes nas unidades de moradia estudantil da UFV), explicando as suas dinâmicas de reprodução social. O trabalho empírico foi desenvolvido a partir de uma amostra que contemplou 275 estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil (ou 28,2% do total de residentes). As variáveis foram mensuradas estatisticamente, revelando as percepções dos estudantes pesquisados por meio da expressão oral com aplicação de um questionário, a fim de descrever as redes de relacionamento construídas e vivenciadas pelos mesmos. Os resultados revelaram que, ao procurarmos compreender a configuração das redes de relações, os tipos de redes existentes, os padrões distintos de sociabilidade, os mecanismos e as dinâmicas às quais estão vinculados os estudantes pesquisados, a maior parte das trocas foram mediadas por grupos que tinham entre si relações de grande pessoalidade e grande confiança. Entretanto, foram detectadas também trocas, especialmente aquelas relacionadas aos órgãos institucionais, que envolviam uma menor pessoalidade e uma menor confiança. No entanto, todas elas representaram importantes aportes para os estudantes. Isso porque as trocas nem sempre envolvem bens similares,

envolvem confiança, ligada à homofilia, na confiança naqueles grupos ou sujeitos, cujos comportamentos similares são percebidos nas suas dimensões pessoais, profissionais e políticas dos sujeitos. O estudo reforça o aspecto de que as redes se constituem em importantes aportes em condições de pobreza e impactos no bem-estar dos indivíduos, além de nos permitir identificar os padrões de sociabilidade relacionados a esses sujeitos.

ABSTRACT

ROSENTAL, Claudia Rogeria Bisi, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, June 2016. **As a second home: the sociability and the support networks to the students living in the residence halls of the Universidade Federal de Viçosa/MG.** Advisor: Neide Maria de Almeida Pinto. Co advisors: Ana Louise de Carvalho Fiúza and Sylvia do Carmo Castro Franceschini.

The study consisted in analyze the role of familiar and unfamiliar social networks, in personal lives of undergraduate students residents in student housing units at the Federal University of Viçosa (UFV), campus Viçosa, MG. This objective was performed through the characterization of the socioeconomic profile of the family group and of the students resident in student housing units of the institution, as well as their socioeconomic situation of vulnerability; the identification of patterns of sociability associated with these students, and also the analyze of the role of familiar and unfamiliar networks as input material, social and psychological for students. The study had a quantitative and qualitative approach from the assumption of the influence and importance of social networks in living conditions of groups in socioeconomic vulnerability situations explaining their dynamics of social reproduction. The empirical work was developed from a sample that included 275 students living in student housing units, representing 28.2% of total residents. The variables were measured statistically, revealing the perceptions of students surveyed, through speaking, applying a questionnaire. The results revealed that the types of networks, different sociability patterns, the mechanisms and dynamics to which the students surveyed are bound indicated that most part of the changes were mediated by groups that had among each other, great personality relations and great confidence. However, there were also detected changes related to institutional organs, which involved a minor personality and lower confidence, all of which representing important contributions to the students, because the trade does not always involve similar goods involve trust, linked to homophilia, in groups or individuals whose similar behaviors are perceived in their personal, professional and political dimensions. Moreover, the results also indicated the importance of strong family ties being more often the main provider of contributions and the reduction of these ties can bring difficulties in the student moments of need. The study reinforces the point that the networks are of important contributions in poverty and impacts on the welfare of individuals in addition to identifying the patterns of sociability related to these subjects.

1 - INTRODUÇÃO

Apesar da abertura comercial no Brasil, com o advento da globalização na década de 1990, as condições de pobreza, segundo Marques (2010) se tornaram ainda mais heterogêneas com persistência de grandes desigualdades sociais. Um dos efeitos dessas desigualdades sociais ainda prevalece nos dias de hoje: a situação de vulnerabilidade¹, dificultando o acesso a melhores condições de vida e de oportunidades no campo do trabalho e da qualificação pessoal.

Nesse contexto, a exigência de qualificação profissional colocou-se como uma estratégia competitiva das empresas. A necessidade de capacitação e qualificação profissional tornou-se uma necessidade constante, sendo exigida cada vez mais para suprir o mercado de trabalho.

Assim, para atender à demanda do capital e tentar suprir, mesmo que minimamente, as demandas sociais, do mercado, do crescimento do país e de melhoria dos índices de desenvolvimento humano, os governos, ao longo de sua gestão política, têm buscado, por meio de políticas públicas de educação, promover a abertura de oportunidades que contemplem camadas mais populares da sociedade com a oferta de ensino superior de qualidade nas instituições públicas para todas as classes sociais. Dessa forma, a política de educação desenvolvida pelo governo tem direcionado maiores oportunidades de qualificação e capacitação dos indivíduos, especialmente daqueles em condições de vulnerabilidade.

Por outro lado, a formulação das políticas de assistência estudantil implementadas pelas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) constitui-se em elemento fundamental

¹De acordo com De León (2006, p. 13), vulnerabilidade refere-se ao “conjunto das condições e processos resultantes de fatores físicos, sociais, econômicos e ambientais que aumentam a susceptibilidade da comunidade aos impactos e riscos”. Os fatores físicos englobam suscetibilidades de localização e do ambiente construído, e pode ser representado por meio de fatores, tais como, a densidade populacional, o afastamento de um assentamento populacional, o local e materiais de construção. Os fatores sociais envolvem questões, como bem-estar, gênero, saúde, alfabetização, segurança, acesso aos direitos humanos, equidade social, valores tradicionais, crenças e sistemas organizacionais. Em contraste, os fatores econômicos relacionam-se à pobreza a níveis individual e comunitário, referente a reservas econômicas, dívida, acesso ao crédito, empréstimos e seguros, dentre outros. Finalmente, os fatores ambientais incluem esgotamento e depredação de recursos naturais. (DE LEÓN, J. C. V. **Vulnerability – a Conceptual and Methodological Review**. Germany: Publication Series of UNU-EHS. n. 4, 2006.)

para a efetivação de direitos constitucionalmente adquiridos pelos cidadãos brasileiros, além de priorizar a inclusão de grupos vulneráveis socioeconomicamente. Sua gestão deve contemplar o monitoramento e avaliação em cada instituição a fim de produzir indicadores que subsidiem ações complementares que acompanhem a demanda e o perfil dos estudantes a serem atendidos. Desta forma, pode-se modificar e aprimorar com maior eficiência o desenvolvimento e alcance de seu propósito maior, que é o de possibilitar o acesso e a permanência do estudante ao ensino superior de forma igualitária e equânime.

Entretanto, mesmo considerando a importância dessas políticas como aportes sociais aos grupos focados em situações de vulnerabilidade socioeconômica, outras redes e aportes sociais podem estar relacionados a esses jovens universitários, explicando as suas dinâmicas de reprodução social. Nesse sentido, este trabalho tem como objeto de estudo as redes sociais familiares e não familiares dos jovens universitários residentes nas unidades de moradia estudantil do campus Viçosa da UFV, buscando analisar seu papel enquanto aporte social para jovens universitários em situação de vulnerabilidade socioeconômica e foco das políticas de assistência estudantil.

A motivação pela escolha deste tema surgiu a partir da atuação da pesquisadora como Assistente Social, desde 2009, na área de assistência estudantil promovida pela Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (PCD) da UFV, campus Viçosa, MG, particularmente buscando compreender as ajudas e as redes sociais associadas aos estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil.

Dentre as ações de assistência estudantil promovidas pela UFV, na área de moradia, objeto deste estudo, existe a concessão de vagas nas unidades de moradia estudantil, que se situam dentro do campus universitário. Diante de diferentes culturas e modos de vida, os conflitos pessoais e coletivos dos estudantes residentes nas unidades de moradia da instituição podem ocorrer, principalmente, nas situações vinculados à vulnerabilidade do ponto de vista material, social e psicológico. Nesse contexto, pretende-se conhecer e compreender as redes de sociabilidade, que podem se constituir em importantes aportes que sedimentam a sua permanência e estabilidade, ou de outra sorte, que fragilizam e limitam, bem como os pontos e aspectos negativos que podem afetar, sobremaneira, o rendimento acadêmico ou se apresentar como impedimento a essa permanência.

Para além da importância que podem ter essas ações como aportes sociais advindos da instituição, a relevância desse estudo se coloca na medida em que essa pesquisa buscará

compreender aspectos do cotidiano dos estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil – particularmente concernentes às suas redes de relações – que influenciam nas suas condições de vida e que podem ser relevantes à sua reprodução social. Nesse contexto, esse estudo poderá oferecer diretrizes à instituição para formular ações necessárias na área da assistência estudantil, visando melhorar as condições de vida dos estudantes moradores dos alojamentos no campus universitário.

1.1. Contextualização do problema e justificativa

A implementação no Brasil, a partir de 2002, de programas de ações afirmativas² pelo Governo Federal apontou para uma maior democratização das oportunidades educacionais e de trabalho para as camadas populares³. Segundo o Censo da Educação Superior, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em 2012, o percentual de pessoas frequentando a educação superior representou 28,7% da população brasileira na faixa etária de 18 a 24 anos. Ao longo dos últimos 10 anos o aumento dessa taxa representou um avanço no acesso da população analisada, notando-se, no entanto, variações de renda, cor/raça, sexo e região (BRASIL, 2014).

São inegáveis os avanços alcançados a partir das políticas de ações afirmativas. Dados do Censo da Educação Superior realizado pelo INEP em 2012 demonstram que o número de matrículas de alunos na educação superior superou a marca dos 7 milhões, tendo registrado um incremento de 4,4% em relação aos dados de 2011 e uma média anual de crescimento de 5,7% desde 2009. Apesar desses argumentos terem sido apresentados pelo próprio governo, num discurso informativo que prioriza suas ações, sem no entanto apresentar

² Consistem em políticas públicas (e também privadas) voltadas à concretização do princípio constitucional da igualdade material e à neutralização dos efeitos da discriminação racial, de gênero, de idade, de origem nacional, de compleição física e situação socioeconômica (adição nossa). Impostas ou sugeridas pelo Estado, por seus entes vinculados e até mesmo por entidades puramente privadas, elas visam a combater não somente as manifestações flagrantes de discriminação, mas também a discriminação de fundo cultural, estrutural, enraizada na sociedade. De cunho pedagógico e não raramente impregnadas de um caráter de exemplaridade, têm como meta, também, o engendramento de transformações culturais e sociais relevantes, inculcando nos atores sociais a utilidade e a necessidade de observância dos princípios do pluralismo e da diversidade nas mais diversas esferas do convívio humano (GOMES, 2001).

³ A exemplo do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES), o Programa Universidade para Todos (PROUNI), a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012) e o Sistema de Seleção Unificada (SISU).

os problemas estruturais da democratização das oportunidades educacionais e de trabalho, percebe-se que o resultado dessas ações foram positivas no sentido de inserir – mesmo que minimamente – a população vulnerável e que precisa de um amparo, por meio das políticas de inclusão, para conseguirem acesso aos serviços educacionais ofertados pelas instituições (BRASIL, 2014).

No entanto, apesar do crescimento do número de vagas nas universidades, estudantes provenientes das camadas populares no ensino superior ainda representam apenas um pequeno percentual do total, sendo que grande parte desses estudantes não conclui ou abandona o curso, provavelmente por falta de condições financeiras. Para os jovens oriundos das camadas populares, com baixo poder aquisitivo, a sua manutenção na universidade depende de uma adequada política de permanência e acompanhamento. Isso porque a realidade de uma situação social marcada pela falta de oportunidades pode acompanhá-lo, mantendo-o vulnerável e carente de uma assistência estudantil que promova sua manutenção física, psíquica e social para a superação de suas deficiências. A impossibilidade de arcar com despesas de moradia, alimentação, materiais didáticos e operacionais podem constituir-se em barreira, sobretudo para o estudante com menor poder aquisitivo.

Esse contexto reforça a demanda pela implementação e consolidação de ações que garantam condições adequadas de continuidade dos estudos e de formação acadêmica e científica. Políticas afirmativas de ingresso nas universidades públicas se efetivam com a existência de uma política de assistência estudantil ampla que promova a permanência e o acompanhamento aos mais vulneráveis e historicamente excluídos (FONAPRACE, 2011).

Uma das ações iniciais de assistência estudantil no Brasil foi registrada a partir de 1930 com a construção da Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro, onde um casarão com três andares e com restaurante popular era frequentado por estudantes “carentes”, cuja instituição não tinha conotações políticas nem corporativas. Essa iniciativa permitiu que, em 1931, o Estado reconhecesse a assistência estudantil, com a Reforma Francisco Campos, por meio do Decreto 19.85/031, denominado Lei Orgânica do Ensino Superior, constituindo-se na primeira ação de regulamentação da política de assistência estudantil brasileira, concomitante com a aprovação do Estatuto das Universidades Brasileiras (FONAPRACE, 2011). Posteriormente, em 1934, a assistência estudantil foi regulamentada no artigo 157 da Constituição Federal, §2º: “Parte dos mesmos fundos se aplicará em auxílio a alunos necessitados, mediante fornecimento gratuito de material escolar, bolsas de estudos,

assistência alimentar, dentária (...)” (BRASIL, 1934).

Segundo Prado & Yari (2013), criou-se em 1937 com apoio do Ministério da Educação a União Nacional dos Estudantes (UNE), órgão que mediante a reunião do Conselho Nacional dos Estudantes e a Casa do Estudante foi a sede administrativa responsável pela promoção da assistência jurídica, das bolsas, empregos, biblioteca, saúde e residência dos estudantes. No entanto, acredita-se que sua efetiva criação ocorreu em 1938 durante o II Congresso Nacional dos Estudantes, com o rompimento da UNE com a Casa do Estudante do Brasil e a criação do Teatro do Estudante do Brasil. Ocorrendo, nesse mesmo evento, a aprovação do Plano de Reforma Educacional, que planejava solucionar problemas educacionais e auxiliar os estudantes com dificuldades econômicas. Destaca-se que após estes acontecimentos, houve o crescimento do ensino universitário com a criação da Universidade de São Paulo, Universidade de Porto Alegre e da Universidade do Brasil. Seguindo ainda uma grande expansão do número de escolas de ensino superior pela década de 1940 com a criação de outras universidades em vários estados e a fundação de universidades católicas.

A assistência estudantil passa a ser garantida na legislação na década de 1940, tendo caráter de obrigatoriedade para todos os níveis de ensino, sendo reafirmada pela Constituição de 1946, artigo 166, como direito de todos e devendo ser ministrada no lar e na escola, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Acrescenta-se que, no seu artigo 172, a oferta pela assistência estudantil foi evidenciada de modo a garantir o sucesso escolar dos alunos necessitados. Nesse sentido, o foco na assistência estudantil amplia espaço nas discussões com o Decreto 20.302, de 1946, que estabelecia que prédios, instalações e estudos dos estabelecimentos de ensino superior deveriam prever alternativas aos problemas relacionados à assistência médico-social dos estudantes (PRADO & YARI 2013).

A representação do movimento estudantil organizado pela UNE foi um importante instrumento de luta pela implementação da assistência estudantil no Brasil, principalmente no período da ditadura militar, com a realização de reuniões, debates e seminários, que discutiam a Reforma Universitária e direitos para os estudantes. Em 1961, o Seminário Nacional de Reforma Universitária, realizado em Salvador pela UNE, resultou em um documento chamado Declaração da Bahia. Neste documento solicitava-se que a universidade fosse um espaço para todos, com a criação de cursos acessíveis a todos (PRADO & YARI 2013).

Nesse mesmo ano, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) foi promulgada, estabelecendo

a assistência estudantil como um direito que deveria ser garantido igualmente a todos os estudantes. A Lei estabeleceu, em seu artigo 90, assistência social, médico-odontológica e de enfermagem aos alunos; e no artigo 91 a oferta de bolsas gratuitas aos estudantes para custeio total ou parcial dos estudos, além de financiamento para reembolso no prazo de quinze anos.

Na luta pela melhoria da assistência estudantil, mesmo com a LDB em vigor, o Conselho da UNE e sua Comissão de Política de Assistência Cultural e Material ao Estudante realizou o II Seminário Nacional de Reforma Universitária em Curitiba, PR, evento que resultou na Carta do Paraná, que reiterava os assuntos discutidos no debate anterior e a objetivação da Reforma Universitária, além de reivindicações como criação de gráficas universitárias, assistência habitacional e aumento do número de restaurantes universitários (PRADO & YARI 2013).

A educação continuou sendo um direito de todos, ministrada no lar e na escola, na Constituição de 1967, artigo 168, no entanto, acrescentou-se o direito à igualdade de oportunidade. Em 1969, a emenda constitucional, artigo 176, inciso segundo, estabeleceu liberdade de ensino de iniciativa particular com amparo técnico e financeiro dos poderes públicos, inclusive mediante a bolsa de estudos; no inciso terceiro, gratuidade no ensino médio e superior para aqueles que demonstrassem aproveitamento e falta de recursos; no inciso quarto, permissão da substituição da gratuidade do ensino do poder público por meio da concessão de bolsas de estudo mediante restituição. Entretanto, a educação sofre, na prática, prejuízos com a pouca atenção aos estudantes no período da ditadura (PRADO & YARI 2013).

Com a criação, em 1970, do Departamento de Assistência ao Estudante (DAE), órgão vinculado ao MEC, o governo federal pretendia manter uma política de assistência estudantil em nível nacional para graduando, enfatizando programas de alimentação, moradia, assistência médico-odontológica. Porém, este departamento foi extinto nos governos subsequentes. A partir do final da década de 1970 e meados da década de 1980, o governo passou a se preocupar com as políticas de assistência estudantil, no entanto, eram ações mais específicas para o ensino fundamental e médio. Prova disso foi a aprovação, em 1983, pelo MEC da Fundação de Assistência ao Estudante. Instrumento que servia para o Ministério da Educação e Cultura executar a Política Nacional de Assistência ao Estudante, nos níveis da educação pré-escolar e de 1º e 2º graus. E como não abrangia o desenvolvimento de ações voltadas para o ensino superior, foi extinta em 1997. Dessa forma, foi possível constatar que a

configuração dessas políticas até o momento relatado tinha um caráter muito pontual. Nesse período as políticas de assistência estudantil não foram relevantes para permanência justa dos alunos na universidade. Como não houve um programa nacional voltado para permanência dos jovens na universidade, as ações não permitiam a equidade de condições para um número abrangente de alunos realizarem o ensino superior. Somente no final dessa década e durante os anos de 1980, ocorreu o processo de redemocratização no Brasil, principalmente, devido a uma forte crise econômica presente no governo militar. Entre outros acontecimentos, esse processo culminou com a promulgação da Constituição Federal de 1988, no intuito de garantir a efetividade dos direitos fundamentais e a prevalência dos princípios democráticos (PRADO & YARI, 2013).

No âmbito da educação, cabe destacar que a Constituição de 1988 salienta, ao longo dos artigos 205 a 214, direitos como: a igualdade de condições de acesso e permanência na escola, liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o conhecimento, gratuidade do ensino público nos estabelecimentos oficiais, ensino fundamental obrigatório e gratuito, acesso aos níveis mais elevados de ensino segundo o mérito de cada um, assistência estudantil no nível fundamental com objetivos de erradicação do analfabetismo, universalização do atendimento escolar, melhoria da qualidade do ensino, formação para o trabalho, promoção humanística, científica e tecnológica do país. Em seu artigo 214, estabeleceu a criação de um Plano Nacional de Educação (PNE), elaborado pela União com a colaboração dos Estados, Distrito Federal e Municípios, sendo regulamentado pela Lei 10.172, em 9 de janeiro de 2001, na busca pela melhoria da qualidade do ensino, redução da desigualdade social, a respeito do acesso e da permanência na escola.

O cenário de discussão e aprovação de leis que tornem a educação como um direito de todos, se formaram a partir do final da década de 1980. Todavia, no âmbito da graduação em universidades, a assistência estudantil só se concretizou com a criação do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), que teve como uma de suas ações a preocupação com um plano voltado para a assistência estudantil nas universidades federais. As políticas de assistência estudantil obtiveram maior atenção por parte do governo e de órgãos ligados à educação superior a partir da década de 1990, ao se verificar a inexistência de recursos em uma perspectiva nacional, sendo ainda discutida de uma forma fragmentada, se restringindo a instituições isoladas. Apenas no início da década de 2000 que tais ações passaram a ganhar uma perspectiva político-governamental (PRADO & YARI 2013).

Na educação superior é possível destacar ações que visam o acesso e a permanência nas universidades: o Prouni (Programa Universidade para Todos – 2005), o Fies (Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior), o Reuni (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – 2008), e o PNAES (Plano Nacional de Assistência Estudantil) (PRADO & YARI, 2013).

A assistência estudantil tem um salto em 2010 com a criação do PNAES, tendo suas diretrizes no Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010, define-se como Programa Nacional de Assistência Estudantil a ser executado no âmbito do Ministério da Educação com a finalidade de ampliar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal, com os seguintes objetivos, conforme seu Art.2º: democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal; minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior; reduzir as taxas de retenção e evasão e contribuir para a promoção da inclusão social pela educação. Além disso, o Decreto determina, em seu art. 3º, as áreas da assistência estudantil que deveriam ser desenvolvidas, sendo: a moradia estudantil; alimentação; transporte; atenção à saúde; inclusão digital; cultura; esporte; creche; apoio pedagógico; e acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação. (BRASIL, 2010).

O quadro de vulnerabilidade socioeconômica percebido entre os estudantes que ingressam por intermédio das políticas de ações afirmativas⁴ nas instituições federais de ensino superior é confirmada nos dados do relatório do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE). Esse relatório, apresentado em 2011, teve como objetivos mapear a vida social, econômica e cultural dos estudantes de graduação presencial das universidades federais brasileiras, conhecer seu perfil e buscar indicadores para formular políticas de equidade, acesso e assistência estudantil. Ao realizar a classificação dos estudantes por renda familiar, encontrou-se que 41% das famílias recebiam até três salários mínimos. O relatório apresenta, no entanto, grandes disparidades regionais, significativamente crescentes nas regiões Nordeste e Norte (50% e 63%, respectivamente), e caindo

⁴ Em geral, a renda dos estudantes oriundos desse segmento é muito baixa (não ultrapassando 1,5 S.M.), filhos de pais com baixa escolarização, com currículo escolar de ensino fundamental e médio realizados em escola pública, estrutura familiar composta por um número extenso de filhos, presença de pessoas portadoras de deficiências físicas e psíquicas. Ou seja, um quadro com situações de vida familiar e pessoal que agrega vários tipos de vulnerabilidade, tornando-se um desafio a ser administrado tanto para os novos ingressantes quanto para a instituição.

sensivelmente nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste (onde atinge percentuais de 31, 32 e 33%, respectivamente). O estudo revelou, ainda, que grande parte das famílias não possuía renda suficiente para proporcionar aos estudantes a manutenção necessária, durante seu período de graduação, sem a ajuda de programas socioassistenciais que garantissem as condições mínimas de permanência e conclusão de curso dos estudantes em vulnerabilidade socioeconômica (FONAPRACE, 2011).

O mesmo relatório aponta que em 1997 os alunos das “categorias C, D e E⁵” compunham a demanda potencial da assistência estudantil. Nessas categorias, conforme o Quadro 1, foram encontradas 44,3%, 42,8% e 43,7% dos estudantes das universidades federais nas pesquisas de 1996/7, 2003/4 e 2010, respectivamente, carentes de algum tipo de assistência estudantil, como: alimentação, moradia, bolsa trabalho, atendimento médico-odontológico, psicológico, etc. Esses dados confirmam que a população usuária dos serviços assistenciais na área da educação superior vem se ampliando e consolidando a assistência estudantil na estrutura organizacional das universidades federais (FONAPRACE, 2011).

A significativa inserção de estudantes principalmente da classe “C” no ensino superior, apresentados no quadro abaixo, é observada pela elevação do seu percentual nas pesquisas apresentadas. Esse entendimento pode ser justificado pela nova conjuntura política de desenvolvimento do país, com a melhoria das condições sociais das classes “D” e “E”, que consequentemente possibilitou sua migração para a classe superior mais próxima, ao mesmo tempo em que a transição para essa nova classe causou um decréscimo no percentual da classe que anteriormente pertencia. Esses dados são indícios de que as políticas públicas influenciaram significativamente a vida social das pessoas permitindo-lhes oportunidades diferentes (FONAPRACE, 2011).

A evolução das classes econômicas, mais precisamente da nova classe média do Brasil, a então classe “C”, ocorreu devido ao investimento do governo na área política e econômica como estratégia para aumentar a renda e diminuir as desigualdades sociais, frente à implementação de um Estado mínimo que desse conta de maquiar a pobreza da grande massa e de modificar a pirâmide das classes econômicas no país. Nessa dinâmica de

⁵ Essas categorias foram definidas pelo Critério de Classificação Econômica Brasil – 2012, da ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa). Foram definidas as classes A1, A2, B1, B2, C1, C2, D e E. A renda familiar das Classes C1, C2, D e E são: menos de 3 salários mínimos (R\$ 1.541,00), menos de 2 salários mínimos (R\$ 1.024,00), em torno de 1 salário mínimo (R\$ 714,00) e menos de 1 salário mínimo (R\$ 744,00), respectivamente..

crescimento e desenvolvimento, fazer movimentar recursos advindos de trabalho ou de programas de transferências de renda oficiais permitiu alteração nos indicadores sociais (FONAPRACE, 2011).

Quadro 1: Classificação Econômica dos estudantes das IFEs no Brasil.

Classes Econômicas dos Estudantes das IFEs nos anos de 1996/7, 2003/4 e 2010.			
Classe Econômica	Pesquisa 1996/7 (%)	Pesquisa 2003/4 (%)	Pesquisa 2010 (%)
A	12,6	15,6	15,3
B	43,1	41,5	41,1
C	30,5	30,9	33,6
D	10,5	11,1	9,6
E	3,3	0,8	0,5
C+D+E	44,3	42,8	43,7

Fonte: ANDIFES – FONAPRACE, 1997, 2004, 2011.

De acordo com a pesquisa do FONAPRACE, com o crescente aumento do número de vagas no ensino superior, 34,79% dos estudantes se deslocam de seu contexto familiar ao ingressarem na universidade. Nesse segmento, destacam-se estudantes que pertencem às categorias C, D e E, que não residem com os pais/cônjuges ou em casas mantidas pelas famílias, constituindo a demanda potencial da assistência estudantil configurada pela moradia estudantil, totalizando um percentual de 12,34% (FONAPRACE, 2011).

O atendimento com moradia é uma ação desenvolvida prioritariamente pelas Instituições Federais de Ensino Superior aos estudantes em situação de vulnerabilidade social, provenientes de outras cidades distantes da instituição de ensino, com o objetivo de assegurar sua permanência durante o período de graduação. A intenção é de que os estudantes residam próximos das atividades acadêmicas, prevenindo a retenção e evasão.

Como espaço de direito destinado a estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, a moradia estudantil se configura como lugar de habitação temporária de estudantes de ambos os sexos, onde cada instituição, mediante o regime próprio de atendimento e gestão, determina a forma de alocação e o espaço a ser ocupado como, quartos/apartamentos individuais, coletivos ou mistos. Estes imóveis são equipados com móveis, utensílios básicos de uso doméstico, energia elétrica e água de forma gratuita (DEL GIÚDICE, 2012).

Neste contexto, acompanhando o “princípio da assistência universitária e a defesa de uma universidade inclusiva e atenta à demanda dos estudantes”, a UFV, segundo Del Giúdice (2012), desde suas origens em 1926, desenvolve ações de apoio, caracterizadas como assistência estudantil aos estudantes de graduação, disponibilizando vagas em alojamento e alimentação gratuitas, priorizando aqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica. De acordo com Del Giúdice (2012), acredita-se que este serviço, por vários anos, tem se constituído num dos grandes atrativos para o estudante optar pela instituição para fazer um curso superior.

Entretanto, a experiência de morar fora de casa, longe da estrutura familiar, pode significar para muitos estudantes exposição a uma variedade de situações que podem estar associadas a contextos de intolerância, conflitos, estigmas e outras situações. Muitas dessas situações estão associadas ao contexto onde essa pesquisa se desenvolverá, o campus universitário que está localizado na cidade de Viçosa, do interior de Minas Gerais.

Apesar de seu médio porte⁶ e sem inviabilizar as manifestações de relações sociais tradicionais típicas de cidades do interior, Viçosa guarda peculiaridades que a aproximam de contextos urbanos maiores. Tal como aponta Bissaco (2012), a presença de estudantes de todo o Brasil e do mundo cria em Viçosa um ambiente dinâmico marcado por uma sociabilidade moderna e mais fluida, onde há uma liberdade de comportamento que talvez não existisse nos contextos de origens⁷. O distanciamento físico da família pode significar para muitos a perda (ainda que relativa) da influência da família sobre os jovens. Nesse sentido, a vinda para Viçosa se apresenta como “uma possibilidade real de romper, continuar ou mudar com os preceitos religiosos, participar de eventos e espaços ligados à diversidade sexual e forjar laços de amizade que muitas vezes supre a carência emotiva provocada pelo distanciamento da família” (BISSACO, 2012, p.3).

De um lado, a nova ambiência pode lhe trazer um sentimento de liberdade em função do distanciamento físico do controle social dos antigos vínculos sociais, especialmente, aqueles vindos da família. Por outro lado, essas situações podem gerar inseguranças que, juntamente com as exigências acadêmicas e necessidades de adaptação a um novo ambiente social e de estudo, podem se constituir em barreira à sua independência.

Assim, no desenvolvimento de sua autonomia no seu novo ambiente social, e

⁶ De acordo com os dados do Censo 2010 realizado pelo IBGE, Viçosa possuía 70.923 habitantes.

⁷ O que não necessariamente, inviabiliza a manifestação de relações sociais tradicionais.

especialmente para aqueles estudantes que dependem da assistência estudantil, as dificuldades podem se estender para um campo mais árduo. Logo de início, aqueles que pleiteiam vagas nos alojamentos precisam ser “aceitos” pelos veteranos residentes em um dos apartamentos que possui vaga. Para isso, eles devem se submeter a uma série de entrevistas, tendo sua identidade “testada” por seus pares antes de ser “admitido” em um dos apartamentos. O inquérito e as exigências do perfil do calouro variarão de acordo com as expectativas de perfil dos moradores do apartamento em questão, mas essas podem incidir desde exigências comportamentais a opções sexuais. Nesse sentido, essas situações podem colocar em xeque os seus parâmetros sociais culturalmente sedimentados.

Segundo Jodelet (2002), para ser aceito e se sentir do grupo, o indivíduo busca se encaixar nas normas previamente estabelecidas pelo espaço que ocupa, e neste alinhamento transforma a tolerância em aceitação do outro, tornando-se vulnerável a uma série de experiências e situações muitas vezes não vivenciadas por ele anteriormente. Dessa forma, sua exposição e fragilidade o tornam alvo de grupos marginalizados pela sociedade, desvirtuando seu caminho.

Nesse contexto, as redes sociais (familiares e não familiares) podem se colocar como importantes aportes à manutenção dos jovens nas universidades, especialmente daqueles que apresentam vulnerabilidade socioeconômica. O estudo de Marques (2010) que incorporou tanto a estrutura como a mobilização cotidiana das redes constrói uma explicação relacional para a reprodução da pobreza, delimitando os mecanismos sociais associados às redes. Esse estudo analisa os mecanismos que populações em condições de pobreza se utilizam para acesso a bens e serviços via mercado bem como em termos daqueles elementos oriundos das trocas e apoio social.

Seria possível tentar compreender, em relação ao nosso sujeito, quais redes são acionadas ao longo de sua vida acadêmica e em que medida essas atuam como aportes aos indivíduos em situações de vulnerabilidade socioeconômica? Ou seja, ao longo da permanência dos estudantes no campus universitário, quais são as redes referências que esses sujeitos acionam? Em que medida elas conseguem estabelecer aportes a esses indivíduos?

Uma leitura sociológica do mundo contemporâneo capitalista aponta para uma fragilidade das bases de confiança e segurança em que se assentavam as sociedades tradicionais, anteriormente assentadas nos sistemas de parentesco, na comunidade local, na religião e na tradição. Em seu lugar, a sociedade moderna assenta suas bases na competição,

no hedonismo e no individualismo (GIDDENS, 1991; BAUMAN, 1998). Desta forma, o processo de construção da modernidade teria impacto direto nos padrões relacionais dos indivíduos.

Assim, na perspectiva desses autores, as relações sociais na atualidade apresentar-se-iam marcadas pelos reflexos da modernidade: relacionamentos descartáveis e momentâneos, sem vínculos mais profundos, baseados no interesse pessoal, de autoafirmação no mundo “adulto”. Situações essas que confrontam os valores individuais com a liberdade de escolha. Nesse contexto de busca da satisfação pessoal, do uso da liberdade sem limites, as relações sociais podem ser marcadas também pelo estímulo para o uso e consumo abusivo de substâncias que causam dependência química e psíquica como o álcool e outras drogas, iniciação ou maior intensidade de uma vida sexual ativa desprovida dos cuidados relativos a doenças sexualmente transmissíveis ou gravidez não planejada.

Segundo Giddens (1991), ao se destacar as atitudes sociais praticadas nas sociedades tradicionais, entendia-se anteriormente como natural da vida humana a confiança no outro. As palavras ditas eram dignas de responsabilidade mútua e os relacionamentos sociais eram marcados pela pureza e prazer do contato entre as pessoas, significando que a honra e a sinceridade eram base para a amizade,

“amizades institucionalizadas eram essencialmente formas de camaradagem, assim como fraternidades de sangue ou companheiros de armas. Institucionalizada ou não, a amizade era caracteristicamente baseada em valores de sinceridade e honra” (GIDDENS, 1991, p.106).

Para Giddens, as concepções com o ethos no indivíduo se encontram presentes em todas as culturas humanas e trazem consigo suas características específicas na modernidade. O autor chama a atenção para as definições contemporâneas do autoconhecimento como um “projeto reflexivo” e, nesse sentido, destaca que um dos problemas na modernidade, relacionados às relações sociais, é apresentado pelos novos arranjos sociais, onde a dimensão da amizade e da confiança no outro passam a ser distantes (GIDDENS, 1991, p. 75).

“O oposto de ‘amigo’ já não é mais ‘inimigo’, nem mesmo ‘estranho’; ao invés disto é ‘conhecido’, ‘colega’, ou ‘alguém que não conheço’. Acompanhando esta transição, a honra é substituída pela lealdade que não tem outro apoio a não ser o afeto pessoal, e a sinceridade é substituída pelo que podemos chamar de autenticidade: a exigência

que o outro seja aberto e bem-intencionado. Um amigo não é alguém que sempre fala a verdade, mas alguém que protege o bem-estar emocional do outro. O ‘bom amigo’ – alguém cuja benevolência é disponível mesmo em tempos difíceis – é o substituto nos dias de hoje para o ‘honorável companheiro’” (GIDDENS, 1991, p.107).

Para o autor, na atualidade, as relações sociais se apresentam por um lado pela indiferença e pelo distanciamento nas relações, tornando-se cada vez mais fluidas. De outro lado, elas podem ser mascaradas pela “vantagem” proporcionada enquanto houver satisfação de ambos os lados, ou do que a relação representa de ganho para cada parte (GIDDENS, 1991).

Entretanto, autores como Wellman (apud Marques, 2010) sustentam que a sociabilidade no século XXI, mediada pelas atuais tecnologias da comunicação e informação (TICs) possibilitaria a superação das barreiras físicas e intensificaria a importância das relações sociais da vizinhança e da comunidade. E, ao contrário do que dizem alguns autores com relação à individualização das pessoas e conseqüentemente das famílias na modernidade (GIDDENS, 1991; BAUMANN, 1998), as comunidades não teriam desaparecido, mas se transformado. Assim, em tempos de novas técnicas de informação e de comunicação TICs (Facebook, Instagram, etc.), poder-se-ia buscar compreender qual o papel das redes familiares e das comunidades locais para os estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Nesse contexto, esta pesquisa procurou compreender as seguintes questões: Como se configuram as redes de relações dos moradores das unidades de moradias estudantis? Quais são os tipos de redes existentes (nos grupos de suas relações) e de que forma elas se associam com padrões distintos de sociabilidade? Que conseqüências essas redes produzem para os moradores das moradias estudantis e para a assistência estudantil? Quais são os mecanismos e as dinâmicas das redes às quais estão vinculados os estudantes residentes nas unidades de moradias estudantis? A quais padrões de sociabilidade elas estão vinculadas? Qual a sua importância enquanto aporte social, econômico, psicológico e emocional para os estudantes moradores das moradias estudantis? Acredita-se que o estudo desses aspectos é importante na medida em que eles nos ajudam a compreender como se constroem as redes de relações sociais e os valores sob os quais se assentam a vida dos jovens estudantes residentes das moradias universitárias.

Espera-se que este estudo possa apresentar subsídios para construção de políticas efetivas de atenção socioassistencial, voltadas aos estudantes residentes nas unidades de

moradias estudantis da UFV, campus Viçosa, que proporcionem melhorias na convivência e sociabilidade dentro e fora das moradias.

2 - OBJETIVOS

Geral:

Analisar o papel das redes sociais familiares e não familiares na vida pessoal dos estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil, localizadas no campus Viçosa da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Específicos:

- Caracterizar o perfil socioeconômico do grupo familiar e dos estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil da UFV, campus Viçosa, bem como o seu quadro de vulnerabilidade socioeconômica;
- Identificar os padrões de sociabilidade associados aos estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil da UFV;
- Analisar o papel das redes familiares e não familiares enquanto aporte material, social, psicológico para os estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil da UFV, campus Viçosa.

3 - METODOLOGIA

3.1. Classificação da Pesquisa

Para a produção deste estudo, foram utilizadas as abordagens quantitativa e qualitativa, possibilitando, assim, a obtenção de variáveis que pudessem ser mensuradas estatisticamente e que também revelassem as percepções dos moradores através de sua expressão oral. A observação do pesquisador também se fez importante em relação a aspectos que pudessem ser analisados de forma flexibilizada e norteadora, num contexto de complementaridade dos dados.

A forma de garantir a apresentação de uma amostra adequada é pelo uso dos métodos quantitativos e qualitativos. Juntos, esses métodos constituem tentativas para projetar para uma população mais ampla um conjunto finito de informação, adequando assim a técnica à inferência e a afirmação à comprovação (SHAFFER; SERLIN, 2004).

A caracterização exploratória, neste tipo de pesquisa, tem por objetivo a busca por maiores informações sobre determinado assunto investigado; a obtenção de nova percepção do fenômeno; a descoberta de novas ideias ou as relações existentes entre os elementos componentes do fenômeno e por permitir análise de diversos aspectos do problema ou situação.

A natureza quanti-qualitativa é recomendada por autores como Demo (1995, p. 231)⁸ ao referenciar que “ambas são da mesma importância metodológica”, e May (2004, p. 146)⁹ ao retratar a importância da produção de conhecimento social. Isso porque a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, entendidos como parte da realidade social. Em contrapartida, as pesquisas quantitativas são mais objetivas, visam a descrição e explicação de fenômenos que produzem regularidades. Os dados advindos de ambas não são incompatíveis, mas complementares e, quando bem trabalhados, teórica e praticamente, produzem riqueza de informações, aprofundamento e maior fidedignidade interpretativa.

⁸ MAY, Tim. Pesquisa Social: questões, métodos e processos. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

⁹ DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1995.

A pesquisa teve uma abordagem descritiva, cuja finalidade foi descrever as redes de relacionamento construídas e vivenciadas pelos estudantes residentes nas unidades de moradias estudantis localizadas no campus Viçosa da UFV. A escolha justifica-se pelo fato de que, por meio da pesquisa descritiva, pode-se observar, registrar e analisar os fenômenos e a frequência com que acontecem.

De acordo com Andrade (2002), a pesquisa descritiva tem a preocupação de observar os fatos, registrá-los, analisá-los, classificá-los e interpretá-los sem que haja a interferência do pesquisador sobre eles. Para GIL (2008), pesquisas descritivas objetivam descrever as características de uma população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis, enquadrando-se neste estudo.

O estudo foi realizado com 275 estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil da UFV, campus Viçosa. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa e quantitativa, com apreensão empírica do objeto por meio de aplicação de questionário em entrevistas individuais.

3.2. Local de Estudo

O presente trabalho desenvolveu-se durante o ano de 2015, em Viçosa, cidade situada na Zona da Mata Mineira, entre as Serras da Mantiqueira, do Caparaó e da Piedade, ocupando uma área territorial correspondente à 299,418 km². Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a cidade de Viçosa possui população total de 72.220 habitantes, deste número 67.305 são residentes em área urbana, representando 93,19% da população, e 4.915 são residentes em área rural, representando 6,81% da população. A cidade é classificada como município de médio porte¹⁰, sem inviabilizar as manifestações de relações sociais tradicionais típicas de cidades do interior, guardando peculiaridades que a aproximam de contextos urbanos maiores.

O campo empírico desse estudo contemplou as unidades de moradia estudantil da UFV, campus Viçosa, instituição pública federal de ensino superior que possui uma área física total de 2.390,33 (ha) e área construída de 385.120,73 m². É reconhecida principalmente pelas

¹⁰ De acordo com dados populacionais do IBGE/2010, classificam-se Municípios de Pequeno Porte 1: até 20.000 habitantes; Município de Pequeno Porte 2: de 20.001 até 50.000 habitantes; Município de Médio Porte: de 50.001 até 100.000 habitantes; Município de Grande Porte: de 100.001 até 900.000 habitantes.

ciências agrárias e ciências exatas. Sua administração é dividida em sete Pró-Reitorias¹¹ subordinadas à Reitoria e Vice-Reitoria. Oferece 42 cursos de graduação, divididos em quatro Centros de Ciências¹², sendo matriculados nos cursos de graduação presenciais 11.756 estudantes; nos cursos de Pós-Graduação (Stricto Sensu), 2.938 estudantes; e nos cursos de Pós-Graduação (Lato Sensu), 2.429 estudantes. A justificativa de escolha da UFV, campus Viçosa, MG, deu-se pelo fato de a universidade ofertar vagas para moradia estudantil, caracterizadas como assistência estudantil e, especialmente, por possuir unidades de moradia estudantil, situadas dentro do campus universitário. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, 2014).

3.3. População e Amostra

A definição da amostra representativa do universo populacional foi composta baseando-se no total de estudantes de graduação, residentes nas unidades de moradia estudantil da UFV, campus Viçosa, ou seja, todos os 975 estudantes que recebiam o serviço de moradia, na data de aplicação do questionário.

Os cálculos da amostra foram realizados segundo a fórmula da proporção finita de GIL (2005), dada por:

$$n = \frac{Z_{\alpha/2}^2 \times \hat{p} \times \hat{q} \times N}{Z_{\alpha/2}^2 \times \hat{p} \times \hat{q} + (N - 1)E^2}$$

Onde:

n = tamanho amostral
Z = valor tabelado de uma distribuição normal
N = tamanho populacional
E = margem de erro ou erro máximo de estimativa

¹¹ As Pró-Reitorias são: Pró-Reitoria de Administração; Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários; Pró-Reitoria de Ensino; Pró-Reitoria de Extensão e Cultura; Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas; Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação; Pró-Reitoria de Planejamento e Orçamento (Fonte: www.ufv.br).

¹² Os Centros de Ciências da UFV, campus Viçosa, são: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH), Centro de Ciências Agrárias (CCA), Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCB) e Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CCE) (Fonte: www.ufv.br).

p = proporção populacional de indivíduos que pertencem à categoria que estamos estudando
q = proporção populacional de indivíduos que não pertencem à categoria que estamos estudando (q = 1 – p).
α = nível de significância

Como os valores populacionais p e q são desconhecidos, os mesmos devem ser substituídos, segundo Bolfarine e Bussab (2005), pelos valores amostrais \hat{p} e \hat{q} correspondentes a 0,5. O nível de significância é uma probabilidade definida sob a curva normal padronizada. Com o erro de amostragem, essa estatística estabelece a precisão das estimativas. Assim, o valor complementar do nível de significância é o nível de confiança. Nesse sentido, quanto menor o nível de significância adotado, maior a confiabilidade das estimativas. Os valores mais adotados dos níveis de significância são:

Quadro 2: Níveis de significância utilizados com maior frequência.

Nível de significância	1%	5%	10%
Valor de Z	2,58	1,96	1,64

Fonte: BOLFARINE E BUSSAB (2005)

A diferença entre o valor que a estatística pode acusar e o verdadeiro parâmetro que se deseja estimar chama-se erro amostral. O erro amostral influencia a precisão das estimativas dos parâmetros da população e pode ser calculado de acordo com a equação abaixo:

$$e_p = \sqrt{\frac{P * q}{n}} * 100$$

Em que:

e_p = erro com que se verifica um fenômeno para um desvio-padrão

p = percentagem com que se verifica um fenômeno

q = complementar de p

n = tamanho da amostra

Para proceder ao cálculo com o auxílio da fórmula, adotamos, para a definição da amostra, o erro de 5% e 95% de confiança. Inseriram-se os valores: Z que é 1,96; conforme representado no Quadro 1, p e q desconhecidos foram substituídos por 0,5; escolhemos 95% como margem de confiança, 5% como margem de erro e N igual a 975 (tamanho da população dos estudantes), desta forma substituindo-se os valores na equação, obtemos o seguinte o resultado:

$$n = \frac{(1,96)^2 \cdot (0,5) \cdot (0,5) \cdot (975)}{(1,96)^2 \cdot 0,5 \cdot 0,5 + (975-1) \cdot (0,05)^2} = 275$$

Neste contexto, a amostra foi composta por 275 indivíduos.

3.4. Seleção da amostra

Para proceder à seleção da amostra, utilizamos a base de dados do Serviço de Bolsas da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários da UFV, campus Viçosa. A base de dados do Serviço de Bolsas é alimentada com informações dos estudantes de graduação que solicitam serviços ou auxílios referentes à assistência estudantil, bem como dos estudantes beneficiários de um ou mais desses serviços ou auxílios ofertados pela instituição. Para acompanhamento e gestão das informações dos estudantes, o Serviço de Bolsas conta com um programa informatizado desenvolvido pelo Departamento de Tecnologia e Informação (DTI) da UFV, campus Viçosa, chamado SISBOLSA.

Para proceder à geração da listagem com os nomes dos sujeitos da amostra, contamos com a ajuda de um profissional da DTI, responsável pelo suporte técnico do programa SISBOLSA, que a partir da lista dos nomes de todos os residentes das unidades de moradia estudantil gerou uma listagem aleatória contendo 275 nomes de estudantes. Além dos nomes completos, a listagem gerada também continha curso, período de entrada na moradia estudantil, endereço de e-mail e dos apartamentos onde moravam os estudantes sorteados para posterior localização e envio de convite para participação voluntária na pesquisa.

3.5. Coleta de Dados

A construção do instrumental de coleta de dados da pesquisa contou primeiramente com a realização de um pré-teste composto de indivíduos do público-alvo desta pesquisa a fim de validar a técnica utilizada bem como os indicadores e questões previamente elaboradas nos questionários. Este procedimento foi necessário para posterior análise e comparação dos dados obtidos, além de adequações necessárias no questionário. Os indicadores e variáveis previamente elaborados compuseram o questionário com questões abertas e fechadas, que, após posterior análise dos dados obtidos e adequações necessárias, foi submetido à aprovação pelo Comitê de Ética em pesquisa da UFV, campus Viçosa, MG (Processo nº 47012715.5.0000.5153, Parecer: 1.183.168 de 11/08/2015).

Para compor o perfil socioeconômico dos estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil da UFV, campus Viçosa, em termos gerais foi realizada uma pesquisa documental¹³ junto à Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (PCD) e seus órgãos específicos sobre os relatórios anuais produzidos relativos aos atendimentos realizados com os estudantes. Inicialmente, a pesquisa dirigiu-se para a análise dos critérios de seleção ou de vulnerabilidade socioeconômica, permitindo identificar o perfil do público atendido e, posteriormente, para a caracterização do perfil da amostra tomada para esse estudo.

Para atingir os demais objetivos referentes à identificação e à análise do papel das redes sociais familiares e não familiares, e respectivos padrões de sociabilidade a elas associadas, bem como o papel das mesmas enquanto aporte material, social e psicológico para os estudantes, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas¹⁴. Estas foram realizadas pela pesquisadora e por uma equipe de apoio devidamente orientada para este fim.

O roteiro da entrevista foi construído a partir dos objetivos traçados pelo projeto, o

¹³A pesquisa documental, segundo Sá Silva (2009), propõe-se a produzir novos conhecimentos, criando novas formas de compreender os fenômenos e como estes têm sido desenvolvidos. A análise documental permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social e favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros.

¹⁴As entrevistas constituem um instrumento mais adequado para a revelação de informações sobre assuntos complexos e por meio delas é possível tirar dúvidas, explicar as questões e identificar discordâncias. As entrevistas permitem um bom controle da amostra, com alto índice de respostas, gerando maior quantidade de dados. A aplicação de questionários é uma técnica onde os sujeitos se sentem mais livres para exprimirem suas opiniões, exige menor habilidade para aplicação e é menos dispendiosa. Os questionários deverão conter perguntas, cuja temática corresponda a uma tradução das hipóteses da pesquisa sob a forma interrogativa, clara e objetiva, de forma a facilitar a análise e tabulação de dados. (MARCONI & LAKATOS, 1996; MATTAR, 1996).

qual definiu as variáveis e os indicadores correlacionados. Assim, para construir o perfil socioeconômico dos estudantes e suas famílias, foram levantadas informações sobre: sexo, idade, cidade de origem, local de realização do ensino fundamental, local de realização do ensino médio, local de residência antes de ingressar na UFV, situação civil dos pais e membros do grupo familiar, existência de doenças graves ou crônicas em algum membro da família, existência de imóvel além da moradia, existência de veículos em nome de algum membro da família, situação de trabalho, renda, escolaridade, identificação de componentes do grupo familiar e despesas com instrução para algum de seus membros.

Para caracterizar a sociabilidade dos estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil da UFV nos principais grupos de referência, foram levantadas informações sobre: identificação de contato com familiares, contato com colegas de quarto/apartamento, contato com colegas de curso, contatos com grupos de lazer, contatos com grupos de esporte, contatos com grupos políticos, contatos com grupos religiosos, contatos com outros grupos, bem como sua frequência, forma de contato, local de residência dos grupos referenciados e a avaliação dos relacionamentos de cada grupo identificado.

Inicialmente, buscou-se caracterizar os grupos sociais que propiciam aporte material (dinheiro, alimento, roupas, transporte, medicamento, habitação, trabalho, bolsa); aporte afetivo (pai, mãe, irmãos, avós, primos, tios, outros). Nesse âmbito, buscou-se identificar os grupos e os indivíduos relacionados às ajudas recebidas. Assim, por exemplo, em relação ao aporte em dinheiro, foram relacionados o apoio dos pais; apenas um dos pais; irmãos; tios; avós; trabalho; bolsa; poupança e outras ajudas. Nas demais ajudas (alimento; roupas; transportes e medicamentos), identificou-se a existência ou não de ajuda por parte da UFV, se provém da casa dos pais ou familiares, de amigos, da igreja, de algum trabalho; de Bolsa; de poupança e/ou se provém de outras fontes.

Buscou-se registrar a frequência que as ajudas acontecem pelo apoio referenciado, sendo: semanalmente/quinzenalmente, mensalmente, bimestralmente/semestralmente e anualmente/eventualmente. O valor recebido das ajudas também foi relacionado de acordo com as faixas de renda, assim relacionadas: até cem reais (R\$100,00); de cem a duzentos reais (R\$100,00 a R\$200,00); de duzentos a trezentos reais (R\$200,00 a R\$300,00); de trezentos a quatrocentos reais (R\$300,00 a R\$400,00) e acima de quatrocentos reais (R\$400,00). Quanto à localização geográfica de onde provém o apoio, identificamos, de acordo com a região: Viçosa, microrregião de Viçosa; fora da microrregião de Viçosa e outros estados. Referente

apenas a outras ajudas, foram identificadas a finalidade e a porcentagem de sua ocorrência, que se constituiu por: cuidados estéticos, despesas da casa, extra, higiene pessoal, lazer, material didático/estudos, questões de saúde e telefone.

Buscou-se também caracterizar esses aportes em termos de ajudas imediatas e de baixo custo; ajudas constantes, crônicas e/ou custosas e demais situações como empréstimos de alto custo, confidências, apoio emocional e apoio político/institucional. Assim, foram levantadas informações sobre o vínculo de relações a que pertence quem ajuda (família; amizade; vizinhança; diversão/lazer; religioso; afetivo; institucional – grupos de pesquisa; grupos de projetos de extensão; monitoria; profissionais dentro e fora da UFV e outros), bem como a frequência das ajudas, se envolveu pagamento, local de residência de quem ajudou, grau de confiança (baixo, médio ou alto) e a forma de contato (pessoalmente, telefone, e-mail ou redes sociais).

3.6. As entrevistas e aplicação dos questionários

Após a listagem gerada, procedeu-se à impressão dos questionários; termo de consentimento; confecção de agenda semanal para cada aplicador do questionário, contendo os dias da semana e horários disponíveis para entrevistas, de acordo com a disponibilidade do local da aplicação e do aplicador; envio de e-mail convite seguindo a lista dos estudantes selecionados.

Com o objetivo de padronizar a coleta de dados, foram feitas reuniões com a equipe de pesquisa¹⁵ com o objetivo de se padronizar os procedimentos¹⁶. Para a realização da entrevista, foram disponibilizadas pelo Serviço de Bolsas da UFV duas salas, no próprio setor, acompanhando os horários e dias de atendimento do setor com os agendamentos sob responsabilidade da pesquisadora.

Posteriormente à identificação dos possíveis participantes, foram enviados e-mails a esses estudantes convidando-os para a cooperação voluntária na pesquisa. No texto do

¹⁵A equipe foi constituída pela orientadora, responsável pela pesquisa, pela pesquisadora, de uma bolsista em nível de iniciação científica e de duas voluntárias assistentes sociais, essas últimas exerciam suas atividades profissionais no Serviço de Bolsas da UFV, campus Viçosa.

¹⁶ Esse momento constou de leitura e entendimento em conjunto do teor do questionário a ser aplicado enfatizando a atenção de todos na captação de informações e nos registros das respostas expressas na fala e no comportamento dos entrevistados durante as entrevistas.

convite, o estudante foi informado de que sua participação na pesquisa seria voluntária, podendo agendar sua participação, respondendo ao e-mail ou através do telefone disponibilizado pelo Serviço de Bolsas, nos dias e horários disponibilizados para receber os voluntários. Conseguimos com essa dinâmica agendar vários atendimentos de forma significativa.

As entrevistas foram realizadas simultaneamente por quatro pessoas: a pesquisadora, uma bolsista e duas voluntárias, com duração média de 50 minutos. Primeiramente o pesquisador apresentava a proposta da pesquisa ao estudante voluntário enfatizando a importância da participação e procedia à leitura do termo de consentimento. Diante do aceite da participação, assinavam, tanto o aplicador quanto o estudante voluntário, o termo de consentimento, disponibilizado em duas vias, ficando uma via para o entrevistado e outra para o aplicador, iniciando-se assim a aplicação do questionário. Ao seu final, procediam-se os agradecimentos à disponibilidade e à contribuição do entrevistado.

Destacamos que, durante a fase de agendamento das entrevistas, tivemos vários contratempos, como: ausência dos estudantes no horário previamente agendado, impossibilidade de agendamento por falta de horário disponível do estudante, períodos de provas, falta de interesse na participação, falta de resposta aos e-mails enviados, realização de atividades acadêmicas dentro ou fora do campus impossibilitando a participação, estudante ausente no momento da busca ativa nas moradias.

Para os estudantes que receberam o e-mail e não responderam ao convite, tentou-se mais duas vezes o envio de outro e-mail convidando-os para participarem da pesquisa. Outras formas de contato também foram utilizadas, como o contato telefônico e a busca ativa no endereço da moradia do estudante sorteado.

Esgotando-se as possibilidades de agendamento dos estudantes selecionados na primeira lista, procedeu-se à geração de uma nova listagem com outros 275 nomes, excluindo aqueles que já haviam sido selecionados na primeira lista, seguindo os mesmos procedimentos de abordagens e agendamento utilizados inicialmente. Destacamos que, nessa segunda etapa, não contávamos mais com a ajuda técnica das duas assistentes sociais voluntárias em função de suas demandas particulares nos seus setores de trabalho. Assim, prosseguimos nessa fase, contando apenas com a pesquisadora e a bolsista para dar continuidade ao trabalho de campo. Finalmente, ao alcançarmos o número de amostras e o cumprimento da meta de aplicação dos questionários, finalizamos as entrevistas e iniciamos a tabulação, a sistematização e a análise

de dados obtidos.

3.7. Análise dos Dados

Os dados obtidos pela abordagem quantitativa, através das entrevistas e questionários semiestruturados, foram analisados adotando o programa Statistical Package for Social Science (SPSS), versão 20.0, uma ferramenta para a análise de dados que faz uso de técnicas estatísticas básicas, avançadas e fáceis de manusear (MUNDSTOCK, 2006).

Em consonância, foram acrescentadas a esses dados, a descrição e a análise das percepções dos estudantes residentes nas moradias estudantis, possibilitando a utilização da análise descritiva das falas dos mesmos. Assim os dados de teor qualitativo, advindos das entrevistas, por meio dos questionários semiestruturados, somaram-se em um conjunto amplo de informações, contendo ao todo 2.200 questões abertas, que foram tabuladas e exploradas no programa Microsoft Office Excel/2007 (fazendo uso de aportes básicos do programa como classificação e filtragem de conteúdo), referentes aos diferentes grupos sociais sobre os quais os entrevistados foram investigados.

Para analisar e interpretar os dados, fez-se a classificação dos tipos e/ou status das relações existentes entre os estudantes e os diferentes grupos sociais, definiu-se pelas categorias: positivo, neutro, negativo, rompido e inexistente. Além de “não respondeu” para os casos em que o entrevistado preferiu se omitir. Este processo ocorreu de maneira padronizada por meio da frequência (repetições e associações) de palavras-chaves, respectivas a cada uma das categorias, concomitante com a interpretação do contexto da fala, onde se objetivou destacar e segmentar os dados por meio das características que constituem o quadro de relação predominante das categorias utilizadas.

Quadro 3 - Variáveis e categorias de análise

CATEGORIA	DESCRIÇÃO	INDICADORES		FONTE	FUNDAMENTOS TEÓRICOS
Caracterizar o perfil socioeconômico dos estudantes e do grupo familiar.	O perfil socioeconômico do estudante e do grupo familiar foi construído por meio de informações obtidas na aplicação dos questionários.	Estudantes	Sexo (masculino, feminino), Idade (em aberto), Local de realização do Ensino Fundamental e Médio (escola pública, escola particular sem bolsa, escola particular com bolsa parcial ou bolsa integral), Situação de trabalho do estudante (trabalha, não trabalha, trabalha em casa/do lar), Vínculo de trabalho (trabalho informal, carteira assinada, produtor rural, servidor público temporário, servidor público efetivo, autônomo/empregador, microempresário ou comerciante).	Sujeitos da pesquisa (questionário)	Indicadores Sociais/ IBGE
		Familiares	Estado civil dos pais (separados, viúvos, falecidos, desconhecidos, solteiros, casados, união estável), Doenças graves ou crônicas (não, sim impossibilita para o trabalho, sim não impossibilita para o trabalho), Imóvel além da moradia (não, sim rural, sim urbano), Posse de veículos (não, sim transporte/passeio, sim para trabalho), Situação de trabalho dos pais (trabalha, não trabalha, trabalha em casa/do lar), Vínculo de trabalho (trabalho informal, carteira assinada, produtor rural, servidor público temporário, servidor público efetivo, autônomo/empregador, microempresário ou comerciante), Renda individual dos pais e Renda familiar total em salários mínimos (até R\$787,00, de R\$788,00 a R\$1.576,00, de R\$1.577,00 a R\$2.364,00, de R\$2.365,00 a R\$3.152,00, de R\$3.153,00 a R\$3.940,00, acima de R\$3.941,00), Escolaridade do familiar que mais contribui com a renda (sem instrução/analfabeto, fundamental incompleto, fundamental completo, médio incompleto, médio completo, superior incompleto, superior completo).	Sujeitos da pesquisa (questionário)	
Redes sociais estudantis - Contato dos estudantes com os familiares e com outros grupos	Identificar os padrões de sociabilidade estabelecidos através dos contatos entre os estudantes e seu grupo familiar.	Identificação do contato familiar (pai, mãe, irmãos, avós, primos, tios, outros).	Frequência (diariamente, semanalmente, quinzenalmente, mensalmente, bimestralmente, semestralmente, anualmente e eventualmente). Forma de Contato (pessoalmente, telefone, e-mails e redes sociais). Localização espacial das redes (Viçosa, microrregião de Viçosa, fora da microrregião de Viçosa e outros estados). Avaliação das relações estabelecidas com a família (positiva, neutra, negativa, rompida, inexistente).	Sujeitos da pesquisa (questionário)	Contato / nós das relações /

	Identificar os padrões de sociabilidade estabelecidos entre os estudantes e outros grupos de contato.	Outros grupos de contato (colegas de quarto/apto, colega de curso, lazer, esporte, político, religioso, outros).	Frequência (diariamente, semanalmente, quinzenalmente, mensalmente, bimestralmente, semestralmente, anualmente e eventualmente), Forma de Contato (pessoalmente, telefone, e-mails e redes sociais), Localização espacial das redes (alojamento, UFV, Viçosa, cidade de origem e outros). Avaliação das relações estabelecidas com outros grupos (positiva, neutra, negativa, rompida, inexistente).	Sujeitos da pesquisa (questionário)	
Redes Sociais Estudantis - Aportes ofertados pela família e outros grupos de referência aos estudantes	Recursos recebidos pelos estudantes para ajuda em sua manutenção durante o período de graduação na UFV.	Aportes: Dinheiro (pais, apenas um dos pais, irmãos, tios, avós, outros, trabalho, bolsa, poupança), Alimentação, Roupas, Transporte, Medicamentos e Outros (UFV, pais/familiares, amigos, igreja, outros, trabalho, bolsa, poupança).	Frequência (diariamente, semanalmente, quinzenalmente, mensalmente, bimestralmente, semestralmente, anualmente e eventualmente). Faixas de valor (até R\$100,00; de R\$100,00 a R\$200,00; R\$200,00 a R\$300,00; R\$300,00 a R\$400,00, acima de R\$400,00), Forma de Contato (pessoalmente, telefone, e-mails e redes sociais). Localização espacial das redes (alojamento, UFV, Viçosa, cidade de origem e outros).	Sujeitos da pesquisa (questionário)	Ajuda Família / Não família
		Aportes: Imediatos e de baixo custo (problemas de saúde, empréstimos de equipamentos ou mantimentos, informações sobre serviços públicos, trabalhos acadêmicos). Constantes, crônicas e/ou custosas (situação de saúde, viagens, mudanças, pequenos empréstimos). Diferentes situações (empréstimos de alto valor, confidências, apoio emocional, apoio político/institucional).	Quem recorre (família, amigos, vizinhos, igreja, órgãos da instituição, profissionais especializados dentro da UFV, profissionais especializados fora da UFV, monitores ou outros), Frequência (diariamente, semanalmente, quinzenalmente, mensalmente, bimestralmente, semestralmente, anualmente e eventualmente), Envolve pagamento (sim ou não), Localização espacial das redes (Viçosa, microrregião de Viçosa, fora da microrregião de Viçosa e outros estados), Grau de confiança (baixo, médio, alto), Forma de Contato (pessoalmente, telefone, e-mails e redes sociais).	Sujeitos da pesquisa (questionário)	
	Mediação recebida para obtenção dos respectivos aportes.	Mediação de aporte: Moradia, Trabalho, Bolsa e Situação Afetiva.	Vínculo da relação (família, amizade, vizinhança, diversão, religioso, afetivo, institucional, professor, outros).	Sujeitos da pesquisa (questionário)	

4 – REDES SOCIAIS E FAMILIARES

Nesse capítulo, apresentaremos o recorte teórico desse estudo. No que se refere à Rede Social, nesse estudo, a categoria é abordada como mediadora do acesso a políticas de serviços do Estado, ocupando importante efeito sobre o bem-estar dos indivíduos e o impacto da pobreza. Em seguida, Famílias e Redes Pessoais são apresentadas como mecanismos sociais de diferenciação, de padrões de relacionamento e de sociabilidade em condições de vulnerabilidade social.

4.1 - Redes Sociais

O interesse pelo estudo das redes na história das ciências políticas é recente, originária a partir do fim da II Guerra Mundial e Guerra Fria, com a definição de novos atores nas relações internacionais, a partir da noção de ordem e desordem nos sistemas políticos ligados à ideia da globalização (MARTELETO, 2001).

De acordo com Marteleto (2001), autores clássicos e pioneiros nos estudos de redes sociais, como os antropólogos J. A. Bames & E. Bott mostram que o conceito pode ser empregado junto a diversos marcos conceituais, sendo, nesse sentido, mais um instrumento de análise do que propriamente um conceito analítico, ou construto teórico reconhecido.

Para Portugal (2014), o conceito de rede social apareceu cedo na sociologia e na antropologia, sendo usado em sentido metafórico dos anos 30 aos 40. No entanto, os estudos não identificavam suas características nem estabeleciam relações entre redes e indivíduos que as constituíam. Durante a metade do século XX, o conceito obteve destaque tornando-se central na teoria sociológica. A autora revela que ao desencadear discussões sobre existência de novo paradigma nas ciências sociais, o conceito de redes, nas duas últimas décadas, dominou e institucionalizou-se progressivamente no âmbito da sociologia das redes, vindo a se popularizar e ser reconhecido em suas capacidades descritivas e explicativas ultrapassando hoje os limites das ciências sociais chegando a outros domínios científicos, sendo defendido por diversos autores com obras produzidas desde os finais da década de 90, como forma de apreender as interconexões do mundo contemporâneo (PORTUGAL, 2014).

Emirbayer faz uma revisão de estudos de redes sociais, ressaltando seus pressupostos teóricos, que segundo a autora, apesar do crescimento dessa área de estudos, não existe nessa linha de pesquisa bases teóricas e críticas consistentes, sendo o estudo das redes fortemente marcado pela empiria. Ressalta assim que, a análise de redes sociais não é uma teoria formal ou unitária que especifica leis, proposições ou correlações distintas, mas antes uma estratégia ampla para investigar a estrutura social. Dessa forma, o sentido e a complexidade da noção de rede permitem que ela seja empregada sob vários focos (MARTELETO, 2001 apud EMIRBAYER, 1994 p. 1411-1454).

Entre suas diversas significações, o conceito de rede social representa um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados. Contudo, nas diferentes correntes das ciências sociais, criam-se diversos pares dicotômicos (indivíduos/sociedade, ator/estrutura, abordagens subjetivistas/objetivistas, enfoque micro ou macro da realidade social) tributando-lhes o conceito de rede de acordo com a ênfase analítica das partes. No exemplo da antropologia estrutural as redes são entendidas como descritivas, identificando o caráter perene das organizações e dos comportamentos sociais. Já no individualismo metodológico essa concepção é desconstruída, privilegiando o ponto de vista do agente que produz sentido e as relações sociais na formação do seu agir, nesse sentido, as redes surgem face aos determinismos institucionais como um novo instrumento (MARTELETO, 2001).

Constituídos pelas relações e pelos vínculos, a estrutura formadora de redes sociais pode ser pensada a partir da metáfora da rede do pescador, tecida e marcada por nós, que por sua vez representam pessoas e instituições que criaram vínculos de diversas qualidades e intensidades, podendo um nó ser tecido por uma pessoa, por um grupo, por uma comunidade, enfim por um sistema auto-organizado (MENESES, 2007).

Partindo da noção de capital gerado nas relações interpessoais, o conceito de capital social se torna indissociável do conceito de rede social, sendo estruturado nas ideias de Nan Lin (2001), autor oriundo das teorias de redes, e que também defende as novas teorias de capital que evidenciam as relações entre ações individuais e posições estruturais. Outro aspecto que aproxima os conceitos de capital social com o conceito de rede é a diversidade de interesses de vários pesquisadores com objetivos diferentes, entre eles Pierre Bourdieu (1980), James Coleman (1988), Portes (1998), Robert Putnam (2000) e Lin Nan (2001) (PORTUGAL: 2014).

Seguindo o mesmo caminho percorrido pelas discussões de redes sociais, o conceito de capital social também ultrapassou fronteiras das comunidades acadêmicas, despertando interesse de organizações internacionais, colocando a discussão do conceito de capital social ao nível da discussão política. Entretanto, apesar de apresentar dificuldades tanto para atestar as capacidades heurísticas¹⁷ no âmbito da teoria sociológica quanto de descobrir se realmente é uma nova proposta ou se é uma representação de ideias velhas em contexto histórico novo, na maioria dos trabalhos sobre redes, o interesse heurístico do capital social é o foco das redes sociais como provedoras de recursos. Nesta perspectiva, as redes sociais direcionam a uma reflexão sobre seu papel enquanto fonte de capital social nas dimensões analíticas de seu conceito (PORTUGAL: 2014).

Nessa mesma linha de pesquisadores, Marques (2010) também destaca a importância da incorporação das dinâmicas sociais nos estudos relacionados ao tema das redes sociais pelo uso da categoria capital social, que ao ser usado pode descrever e explicar tanto comportamentos específicos quanto características societárias. Para o pesquisador, as redes, sociabilidade e atributos sociais, são associações construídas ao longo da trajetória de vida dos indivíduos. Assim, a centralidade da análise das redes sociais está diretamente ligada aos fenômenos ocorridos nas relações sociais que são constituídas por “padrões de relação de vários tipos e intensidades e em constante transformação” (MARQUES, 2010, p. 44).

Nesse sentido, o autor defende que as relações sociais são importantes, sobretudo nas condições de pobreza, para explicar a possibilidade de reprodução, manutenção e a forma que os indivíduos se relacionam e constroem suas redes sociais. Complementa também que a heterogeneidade dos lugares e das condições de pobreza propicia que os efeitos do papel do Estado, sobre a segregação espacial e as desigualdades de acesso a políticas públicas para os mais pobres, caminhem em descompasso entre a distribuição da estrutura social e o provimento de serviços, persistindo ainda grandes desigualdades. Dessa forma, situações de pobreza podem ser provocadas por um maior ou menor isolamento social causado pela segregação residencial ou por padrões de relações cotidianas mais ou menos inclusivas (MARQUES, 2010).

¹⁷ Heurística ou eurística é um método ou processo criado com o objetivo de encontrar soluções para um problema. É um procedimento simplificador (embora não simplista) que, em face de questões difíceis envolve a substituição destas por outras de resolução mais fácil a fim de encontrar respostas viáveis, ainda que imperfeitas (Kahneman, Daniel. "Rápido & Devagar; Duas Formas de Pensar". Ed. Objetiva, 2012; pág. 127. ISBN 9788539003839).

No estudo das redes, Granovetter (1983) contribuiu conceitualmente apresentando a distinção entre redes de laços fortes e de laços fracos. Sua teoria aponta que durante a nossa vida estabelecemos diferentes tipos de relacionamentos (laços fortes e fracos) com diferentes grupos sociais. Para o autor, as redes de laços fortes são estabelecidas com pessoas mais próximas, envolvendo familiares e amigos, aqueles com quem se tem relações de confiança e que são mais procurados nas necessidades, tendo os mesmos valores, visões e costumes. Já as redes de laços fracos são os grandes grupos de conhecidos com os quais se tem diferentes graus de intimidade, por meio das quais nos conectamos a outras realidades, oportunidades e nos expomos a novos fatores de inovação. Inclui-se a esse grupo os parentes distantes, colegas de trabalho, colegas da mesma religião e de escola, amigos dos amigos e sogros.

O mesmo autor aponta que a densidade das redes expressa o número de relações possíveis entre as pessoas de uma rede em comparação com o número de relações existentes. Assim, as relações são caracterizadas por sua intensidade e impessoalidade e entendidas por “tipos de ligações”, podendo ser formais ou informais, fortes ou frágeis (GRANOVETTER, 1973).

Nesse mesmo entendimento, Portugal (2014) identifica nas relações os laços, que são as relações entre os nós das redes, que se constituem de diferentes formas relacionadas ao contexto familiar, de afinidade ou de conhecimento. No entanto, é no interior das redes de parentesco que se observa que a existência dos laços fortes ou fracos é imprescindível. Os laços fortes fundamentais no cotidiano, como suporte afetivo e apoio, se estabelecem pelo fluxo mais intenso de apoio e entajuda sustentado pela perenidade das relações, já os laços fracos são úteis se estiverem perto, construindo pontes entre diferentes grupos sociais para que o indivíduo consiga usufruir do amparo não facultado inerente à sua rede de laços fortes (PORTUGAL, 2014).

As redes sociais ocorrem inseridas neste contexto, podendo auxiliar na produção de identidades, na produção de sensação de pertencimento e na construção de controle social, isso porque os indivíduos tendem a construir e manter contatos com outros indivíduos de características sociais semelhantes a fim de se estabelecerem as ajudas. Nesse sentido, “embora relações e redes produzam pontes de coesão, os mesmos vínculos podem possibilitar vários movimentos em situações diversas para indivíduos diferentes ou para as mesmas pessoas em movimentos distintos” (MARQUES, 2010, p. 43).

Nas análises sobre redes, Marques (2010) evidencia que o ponto de partida no

âmbito conceitual do entendimento das relações são as ajudas e o apoio social. Essas ocorrem principalmente em indivíduos em situação de vulnerabilidade, implicando em trocas que podem ser tanto sociais quanto materiais, mas também podem ser simbólicas. Nesse sentido, os principais elementos das ajudas são as trocas, a confiança, a reciprocidade e a intimidade.

As trocas se diferenciam entre si de acordo com a relação envolvida pelos sujeitos, podendo ser mais ou menos impessoais, como as trocas mercantis mediadas pelo dinheiro, ou ainda a troca de bens materiais, mantimentos ou equipamentos, onde a impessoalidade pode estar presente, mas também podem ser influenciadas diretamente pela confiabilidade das relações sociais. Outra dimensão das trocas também pode ocorrer no âmbito dos bens imateriais como afeto, solidariedade, apoio emocional, etc. (MARQUES, 2010).

Apesar de nem sempre envolverem bens similares, as trocas envolvem confiança, que está muito ligada à homofilia, ou seja, é muito mais recorrente que o indivíduo confie naquele que já conhece e que possivelmente tem os comportamentos similares, sendo a confiança percebida nas dimensões pessoais, profissionais e política dos sujeitos. Sobre a intimidade, a segurança das relações está diretamente relacionada à confiança que se pode ter tanto nas relações horizontais quanto nas verticais, onde a capacidade de cumprimento dos acordos é considerada, por isso as ajudas associadas à intimidade são acionadas mais precisamente em casos de confidencialidade. Já nas situações que envolvem reciprocidade, estas estão associadas às ajudas que são de pouca relevância, baseada na racionalidade e nos valores de pertencimento do grupo que são compartilhados, ou seja, a recorrência das ajudas depende do comportamento das relações pessoais dos indivíduos envolvidos. Quando as relações implicam um maior sigilo e elevada confiança, as relações de intimidade acontecem entre aqueles que possuem maior proximidade e que respeitam e cumprem as regras estabelecidas entre eles (MARQUES, 2010).

Seguindo esse fundamento, as características pessoais que promovem a durabilidade e continuidade das relações se desenvolvem por meio do cruzamento da reciprocidade e da confiança, segurança e homofilia, ou seja, na expectativa do cumprimento do que foi confiado pelo outro (MARQUES, 2010).

Segundo Marques (2010), os padrões de relações de indivíduos e entidades que cercam as situações sociais estão presentes nos fenômenos sociais, ou seja, as várias situações sociais vividas pelo indivíduo é que vão definir como ocorrem as redes de sua sociabilidade e a maneira pela qual se configura seu acesso no sentido de suprir suas necessidades num dado

contexto. Então, ao servir de mediador no acesso a políticas e serviços do Estado, as redes ocupam um importante efeito sobre o bem-estar dos indivíduos, isto porque, como as políticas de combate à pobreza são baseadas nas representações sobre o fenômeno, todas essas questões têm consequências práticas importantes para as ações do Estado no impacto da pobreza.

O mesmo autor enfatiza que a heterogeneidade das condições de pobreza no Brasil se intensificou, a partir dos anos 90, devido à deterioração do mercado de trabalho e à abertura comercial. Essa situação pode ter implicado a modificação das estruturas sociais, as várias composições das relações sociais dos indivíduos, as suas condições econômicas bem como o seu comportamento dentro da sociedade. Desta forma, a pobreza e as desigualdades sociais estão entre os principais problemas brasileiros, e a explicação sobre pobreza urbana no Brasil foi tradicionalmente entendida e estruturada, nas décadas de 1970 e 1980, a partir de uma visão centrada nos atributos dos indivíduos ou no funcionamento de grandes estruturas de oportunidades, como o mercado de trabalho ou a oferta de políticas de transferência direta de renda, derivadas de análises ligadas diretamente ao capitalismo.

Assim, ao ser caracterizado como ausência relativa de bem-estar, a pobreza é influenciada não apenas pelas características dos indivíduos, mas também por seus diferentes acessos a oportunidades. Entendendo-se que sua produção e reprodução devem ser associadas a processos e elementos societais de relacionamentos dos indivíduos, onde seus acessos são influenciados pelas conexões desses indivíduos entre si e com as estruturas que proveem bem-estar, como o mercado, o Estado e a sociabilidade cotidiana.

Contudo, é evidente que a discussão das redes sociais nas políticas não significa de forma alguma a substituição das políticas sociais tradicionais, como de educação e transferência de renda ou orientadas ao mercado de trabalho. Embora frequentemente as políticas públicas utilizem das redes para implementar e melhorar suas propostas, a fim de alcançar seus objetivos, as relações sociais e redes podem propiciar ou não o acesso às propostas do Estado, atentando, porém, sobre a importante identificação tanto do papel das redes como mediadores de políticas públicas quanto de diversas formas de mediações sociais.

4.2 - Famílias e Redes Pessoais

Definir conceitualmente família não é tão fácil devido à tendência que temos em projetar aquilo que para nós é vivido ou idealizado, no entanto associamos frequentemente família a um grupo de pessoas com algum grau de parentesco ou ligadas por laços afetivos ou ainda nos referenciamos em nosso próprio grupo ao qual pertencemos ou integramos.

O conceito do que se entende por família pode ser definido de formas diferentes por meio das gerações e culturas, ou seja, “o sentido, as estruturas e as funções empíricas da família variam de acordo com o tipo de sociedade na qual ela é observada” (DONATI, 2011, p. 55).

Presente em todas as sociedades, a família apresenta-se como uma instituição básica e fundamental para a formação da cidadania e a principal mediadora dos padrões, modelos e influências culturais na sociedade. Ao transmitir valores, crenças e ideais entre as gerações, a família reafirma sua expressiva influência no comportamento dos indivíduos, nas diferentes formas de existir, de ver o mundo e construir as suas relações sociais (AMAZONAS et al, 2003, p.11-12).

Partindo de pressupostos sociológicos, a família é responsável pela produção e reprodução de comportamentos no contexto de desenvolvimento humano, sendo o principal instrumento de socialização dos indivíduos.

Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu, família é uma construção verbal. É um “ser” com vontade, pensamentos, sentimentos e ação. É da família que parte toda relação social, funcionamento e diretrizes. Aparece como a mais natural das categorias sociais e fornece o modelo de todos os “corpos sociais”, sendo a interação a condição da existência e da persistência dessa unidade (BOURDIEU, 1993).

As autoras Dessem & Polônia (2007) afirmam que a família é a primeira mediadora entre o homem e a cultura, ela constitui a unidade dinâmica das relações afetivas, sociais e cognitivas que envolvem os grupos sociais em suas condições materiais, históricas e culturais, dando significado às práticas sociais, gerando modelos relacionais individuais e coletivos, tornando-a uma unidade dinâmica e influenciadora das transformações na sociedade.

Minuchin et Al (1999) entendem a família como um sistema com padrões de interações recorrentes e previsíveis que refletem suas ligações na sociedade, nesse sentido conceituam família como:

“um tipo especial de sistema, com estrutura, padrões e propriedades que organizam a estabilidade e a mudança. É também uma pequena sociedade humana, cujos membros têm contato direto, laços emocionais e uma história compartilhada” (MINUCHIN, 1999, p. 22).

Segundo os autores Carter & McGoldrick (2001), a família tem seu lugar no ciclo de vida das pessoas, podendo ser entendida como um sistema que se move através dos tempos, como um sistema emocional que reage em pelo menos três gerações, as gerações passadas, a geração presente e antecipando as relações da geração futura. É um ciclo com fenômenos complexos, assim, afirmam que apesar de as famílias terem papéis e funções na vida dos indivíduos, seu valor principal está nos relacionamentos e em seus aspectos emocionais.

Já para Nascimento (2006), a família é o lugar no qual seus membros familiares encontram o espaço que lhes garante a sobrevivência, o desenvolvimento, o bem-estar e a proteção integral, por meio de aportes afetivos e materiais. Assim, os indivíduos se relacionam e trocam experiências no seio familiar, apresentando-se, simultaneamente, um ambiente de conflito cooperativo e um ambiente determinante de bem-estar, por meio da distribuição de recursos (NASCIMENTO, 2006, p.1-24).

Para Sarti (2004), “a família é o lugar onde se ouvem as primeiras falas, com as quais se constrói a autoimagem e a imagem do mundo exterior”. Nesse sentido, a família se apresenta como eixo fundamental e responsável na construção e transmissão de valores, crenças, ideias e significados da sociedade. Tendo, dessa forma, significativo impacto e importante influência no comportamento dos indivíduos, principalmente na infância, onde as crianças aprendem a construir as suas relações sociais nas diferentes formas de existir e de ver o mundo. Ou seja, a família, considerada também como primeira instituição social, é o filtro através do qual se começa a ver e a significar o mundo, cujo processo se inicia na infância e continua ao longo de toda vida.

A referida autora afirma ainda que a família é uma construção simbólica, com singularidades, construída nas diferentes culturas, dentro dos parâmetros coletivos do tempo e dos espaços vividos, que ordenam as relações de parentesco.

“A noção de família define-se, assim, em torno de um eixo moral. Suas fronteiras sociológicas são traçadas segundo o princípio da obrigação, que lhe dá fundamento, estruturando suas relações. Dispor-se às obrigações morais recíprocas é o que define a pertinência ao

grupo familiar” (SARTI, 2010, p. 33).

Enquanto construção humana e simbólica a família vem se mantendo, ao longo da história, como uma instituição sujeita a modificações pela influência da sociedade. Na Idade Média, sua principal função estava centrada na conservação dos bens, na prática de um ofício, na ajuda mútua e na proteção da honra e da vida, sob a condução de um chefe ou senhor. Até meados do século XVIII, período da Revolução Industrial, casa-trabalho-família não se dissociavam, pois muitas atividades eram desenvolvidas no interior ou junto das casas (CHAPADEIRO et al, 2011, p.20).

Com as modificações que ocorreram em sua estrutura e composição ao longo das décadas, observa-se que a família se reorganiza sob novas formas, tanto nas relações sociais como na reprodução social. Assim, o modelo padrão de família tradicional de classe média, com divisão de papéis entre homens e mulheres, no que se refere ao sustento da casa e atividades domésticas, incluindo o cuidado da casa e dos filhos, passa a não ser mais tão recorrente a partir de meados do século XX quanto era anteriormente e no início desse mesmo século (FLECK; WAGNER, 2003).

As famílias brasileiras também passaram por mudanças na segunda metade do século XX sendo estas, segundo Goldani (1984), parte de um processo de modernidade da época, sinalizando diminuição no número de filhos em todas as camadas sociais, mais precisamente nas regiões mais pobres, ampliando a diversificação nos arranjos domésticos e familiares, e ainda aumentando a complexidade da vida familiar. Uma das explicações para as mudanças na estrutura familiar, principalmente na década de 1980, foi a presença da mulher nos espaços públicos e a sua luta pela cidadania e igualdade de oportunidades de acordo com a Constituição Federal de 1988. Também contribuíram para as mudanças familiares as questões políticas, financeiras e sociais do país que passavam por situação de crise, marcando significativamente a vida e a dinâmica das famílias com o aprofundamento das desigualdades sociais no país (GOLDANI, 1984).

Essas inúmeras influências tornaram conseqüentemente a dinâmica das famílias cada vez mais complexa, inclusive pelas diversas possibilidades de arranjos familiares. E nessa dinâmica constrói e reconstrói seu significado no sentido de se reformular acompanhando o contexto histórico da sociedade e suas mudanças. De acordo com Oliveira (2009), as transformações sociais, construídas na segunda metade do século XX e reconstruídas nesse

início do século XXI, também redefiniram os laços familiares e as formas de interação da família na sociedade.

As várias dimensões das relações existentes nas famílias, entre o que é público e o que é privado, defendidas por Carvalho (2003), não estão uma dissociada da outra, pois são imprescindíveis para o bom funcionamento da sociedade. O autor define a família como “expressão máxima da vida privada, lugar da intimidade, construção de sentidos e expressão de sentimentos, onde se exterioriza o sofrimento psíquico que a vida de todos nós põe e repõe”, ou seja, a família é a que provê afeto, socialização, apoio mútuo e proteção por um lado e o estado por sua vez deve prover bens e mercadorias para suprir as necessidades dos indivíduos, por outro lado.

Para Portugal (2014), na família a reciprocidade é mediada pela afetividade e tende a transformar a ajuda numa espécie de crédito em longo prazo e não precisa ser simétrica. No entanto, fora dos laços de parentesco, tudo é bem diferente, a relação é construída de forma mais exigente devendo-se manter o equilíbrio esperado de retribuição, havendo a continuidade do ciclo “dar, receber, retribuir”, o que não ocorre na família. Nesse sentido, a família é consolidada com o amor, mas o fundamental não é a instituição e sim seus membros, salientando-se que é no meio de troca das relações familiares que as pessoas se constroem, é praticamente uma necessidade do indivíduo (PORTUGAL, 2014).

Relacionando o conceito de redes sociais à administração dos recursos na família, Wasserman e Fausto (1999 apud PORTUGAL, 2007) revelaram que um dos princípios do conceito de redes sociais é que os laços relacionais entre os sujeitos sociais são canais por onde circulam fluxos de recursos materiais e não-materiais.

Analisar as redes sociais familiares e não familiares dos estudantes das unidades de moradia estudantil da UFV, campus Viçosa, supõe apreendê-los na dinâmica sócio-histórica, que configura o campo em que se desenvolvem as relações sociais que traduzem a sistematização da sociedade nos indivíduos.

Para isso, é preciso pontuar algumas premissas que orientam a análise das redes na dinâmica da vida social, das relações diversas, podendo se apresentar tensas e contraditórias entre as afinidades e necessidades da sociabilidade, que colocam limites e abrem possibilidades para a existência das relações familiares e não familiares no contexto da formação profissional dos jovens universitários.

A primeira premissa parte do pressuposto de que é no interior da família que se

desenvolvem as primeiras e marcantes formas de relações sociais que são aprendidas e levadas com o indivíduo ao longo de sua trajetória de vida, pois é na família que o indivíduo aprende a interagir em sociedade. Sendo assim, é importante ter presente as implicações da família no contexto social e os processos que influenciam sua estrutura, condicionando suas necessidades no desenvolvimento e nas formas de interação de seus membros com a sociedade. É dentro da instituição “família” que os sujeitos criam e recriam seus espaços de formação em que a questão social, das vulnerabilidades que atingem mais intensamente a população de baixa renda, se põe como alvo de intervenção por meio das políticas sociais desenvolvidas pelo Estado.

A segunda premissa é a particularidade em que as redes de relação se renovam e se atualizam diante das diferentes interações e conjunturas sociais e políticas dos indivíduos. Trata-se das velhas e novas formas de sociabilidade, derivadas das diferentes organizações dos grupos sociais em suas múltiplas faces e dimensões, com as quais os sujeitos convivem no cotidiano.

Essas premissas levam ao entendimento, pela dinâmica da vida social, de que as redes pessoais podem ser uma das estratégias a ser utilizada para transformar as dificuldades em possibilidades de diminuição ou superação das dificuldades individuais e coletivas – principalmente dos segmentos sociais historicamente vulneráveis, levando-os a alcançar a melhoria da qualidade de vida social e intelectual que almejam, especificamente para estudantes no seu período de formação acadêmica, advindos de famílias de baixa renda e em situação de vulnerabilidade socioeconômica, que buscam, através das políticas sociais, programas e serviços, respostas às suas necessidades imediatas e urgentes.

Segundo Marques (2010), as redes pessoais não possuem limites de extensão, ocorrem independente da distância entre os indivíduos e sua estrutura se constitui de uma gama de relações entre as pessoas. É por meio delas, isoladamente ou na ligação com outras redes, que os indivíduos conseguem ter acesso aos diversos elementos envolvidos com sua produção social e que contribuem para o seu bem-estar.

Para Meneses (2007), as redes sociais estão estabelecidas nas interações entre seus membros. Caracterizam-se além dos vínculos, da comunicação e das relações pela organização ao redor do fazer, de estruturar o tempo e o modo como este se utiliza. Desta forma, as relações sociais permitem dar sentido à vida das pessoas que nelas participam, favorecendo a construção de suas identidades, propiciando a sensação de que estão ali para

alguém, que têm os recursos necessários para dar conta de diversas tarefas e dar suporte social. Promovendo assim, sentido nas suas ações e práticas de cuidado social e autocuidado.

As redes podem se diferenciar de acordo com as relações de confiança e pela influência entre indivíduos em situação de pobreza, configurando-se mais frequentemente nos vínculos entre pessoas próximas como vizinhos e parentes, diferenciando-se regionalmente entre contextos urbanos e não urbanos, de acordo com Marques (2010).

Nesse sentido, o padrão de sociabilidade pode apresentar-se aumentado ou diminuído de acordo com a situação de vida dos indivíduos: no início e no fim do período escolar, estar ou não com vínculo empregatício, sair da casa dos pais ou se separar, conclusão de estudos, imigração, estabilidade na relação emocional, nascimento de filho (MARQUES, 2010).

Outro fator que pode modificar significativamente as redes pessoais de um indivíduo, de acordo com o referido autor, está relacionado à sua renda e ao ciclo de vida, principalmente quando relacionado aos vínculos familiares. Entende-se, portanto, que os mecanismos sociais provocam diferenciação nos padrões de relacionamento do grupo social, podendo reduzir as redes ou apenas a sociabilidade em detrimento do momento vivido, por exemplo, a dedicação familiar ou mudança de grupos em sua sociabilidade (MARQUES, 2010).

Nesse sentido, as redes sociais adquirem relevância ainda maior presente no contexto social. Para adentrar na temática sobre as relações sociais, considerou-se importante caracterizar as atuais configurações de família. Conseqüentemente, a diversidade social, a evolução e mudança da sociedade fizeram com que a família, expressão máxima da vida privada, transitasse por novos e diferentes espaços e territórios, como o deslocamento de famílias do espaço rural para o urbano. Esse processo de mudança foi movido por fatores econômicos, sociais, culturais e tecnológicos (SARTI, 2010, p.21-36).

Segundo Alves & Cavenaghi (2012), o Brasil vem passando por grande mudança na estrutura familiar juntamente com a transição urbana, demográfica e a estrutura etária, com a diminuição do número de componentes nas famílias, mas, principalmente, tornando-se mais plurais e diversificadas. A adaptabilidade da família numerosa à sociedade rural não se manteve na sociedade urbana. As novas exigências educacionais, do mercado e de padrões de produtividade econômica contribuíram para abertura de espaços para os novos arranjos familiares, modificando a dinâmica das gerações velhas e novas, ao mesmo tempo em que diminuem o peso social das famílias tradicionais.

Devido a essas mudanças, a família nuclear ou monogâmica tem se modificado surgindo novas composições e diferentes nomenclaturas para a família. Alguns fatores que influenciaram essas “novas” composições familiares podem estar relacionados ao alto índice de divórcios; à inserção da mulher no mercado de trabalho; à facilidade de ruptura do vínculo familiar, dentre outros. No entanto, mesmo com novas estruturas, as famílias não perderam o sentido de proteção, refúgio, referência, afetividade, onde o indivíduo se identifica e se relaciona com seu “semelhante” (ALVES; CAVENAGHI: 2012).

Conforme Marsiglia (2011), pesquisas e alguns estudos, relacionados à composição familiar, apontam que há uma enorme variação entre as famílias, predominando as nucleares (compostas por pais e filhos), seguidas pelas famílias extensas em que participam até três gerações (filhos, pais e avós, e às vezes tios e primos), além da ampliação do tipo monoparental (apenas um dos pais com os filhos) e as que vivem sozinhas tanto entre os jovens quanto entre as pessoas idosas.

Bruschini e Ridenti (1994) afirmam que famílias são grupos sociais dinâmicos em virtude de processos demográficos e socioeconômicos e, por esse motivo, o modelo de família nuclear, ou seja, aquele constituído por um casal e seus filhos, deveria ser desconstruído, pois outras formas de organização familiar, como aquela composta por apenas um dos cônjuges, não poderiam ser consideradas incompletas, desorganizadas ou irregulares.

Nesse mesmo entendimento, Losacco (2010) enfatiza que a família deixa de ser aquela considerada apenas por união formal pelo casamento, podendo ser formada também pela união estável, formada por grupos com qualquer um dos pais ou ascendentes e seus filhos, sobrinhos e netos, ou ainda pela união de homossexuais. A autora afirma que, nessa nova concepção, o afeto é mais determinante que as relações de parentesco, consanguinidade e casamento.

De acordo com o Censo Demográfico do IBGE, de 1980 a 2010, dentre os arranjos domiciliares, o tipo considerado hegemônico (nuclear – casais com filhos), representou 65% do total pesquisado em 1980, e no ano de 2010 chegou a representar apenas 52,5%, perdendo gradativamente sua participação entre os arranjos familiares.

Para Santos e Santos (2008), o fenômeno monoparental, independentemente de ser uma família monoparental feminina ou masculina, procede de diversos fatores advindos das transformações na sociedade, são famílias constituídas por um progenitor solteiro, separado, divorciado ou viúvo e sua prole.

Com relação ao arranjo monoparental feminino, ou seja, ao arranjo composto de mães (solteiras, separadas ou viúvas) com filhos, os dados do IBGE apresentaram crescimento: passaram de 11,5%, em 1980, para 15,3% em 2010. Com as transformações na sociedade e no mercado de trabalho, o espaço ocupado pelas mulheres tem se destacado por diversos fatores, tanto no lar quanto no seu trabalho, dentro ou fora de casa. Com isso, as famílias vão se modificando em sua estrutura e forma. Sobre o arranjo monoparental masculino, este apresentou pequeno crescimento no período, passando de 0,8%, em 1980, para 2,2%, em 2010. A categoria “outros” (chefes com outros parentes) apresentou redução de 4,8%, em 1980, para 2,2%.

Dentre os tipos de família existentes, os que se evidenciaram nesta pesquisa, de acordo com as respostas obtidas por meio dos questionários aplicados, foram: família nuclear; família monoparental feminina; família monoparental masculina; família ampliada – aquelas compostas pelo casal (pai e mãe), filho(s) e outro(s) parente(s) geralmente mais próximo(s), como avó, avô, tios, primos, etc. –; e famílias compostas por outros arranjos familiares – somente por irmãos; avós e netos; pai ou mãe recasados e seu respectivo companheiro e filho(s), incluindo os filhos advindos de relações anteriores que residam sob o mesmo teto; pai ou mãe com seu(s) filho(s) e outra pessoa com laço de consanguinidade ou por afinidade (como avós, tios, primos, amigos).

Assim, expostas as diferentes formas familiares, destaca-se a importância da manutenção dos vínculos entre os indivíduos por meio das redes pessoais e familiares, principalmente como forma de sua sustentação no ciclo de sua vida, pois a variabilidade das trajetórias dos indivíduos gera uma complexidade nos casos e uma heterogeneidade entre as pessoas, logo, as redes sociais ao inserirem os indivíduos nos contextos sociais diversos, propiciam mecanismos de sua integração social (MARQUES, 2010).

Nessa dinâmica das redes relacionais, a predominância dos vínculos familiares integra os indivíduos em seu contexto mais amplo e contribui para a ampliação do padrão de sociabilidade, que em contextos de pobreza são importantes para dar suporte e servir como mediadores nas estruturas de oportunidades influenciando as condições de vida dos sujeitos (MARQUES, 2010).

A especificidade nesse estudo, em relação às famílias de que se está falando, pode-se dizer que está em suas semelhantes características, especificamente porque compõem um grupo de pessoas com situações homogêneas, de vulnerabilidade socioeconômica. Assim,

equacionar as diversas dificuldades relacionais e estruturais dos sujeitos advindos de um contexto de vulnerabilidade social compõe a particularidade da assistência estudantil desenvolvida nas IFEs, especificamente na UFV.

Nesse sentido, consideramos que o campo da sociabilidade do estudante no seu período de graduação é uma questão importante a ser desvendada, partindo de seu espaço relacional tanto dentro quanto fora da instituição, para a promoção de ações que visem êxito e acesso do estudante às várias oportunidades profissionais e sociais que o ambiente estudantil pode proporcionar.

Nesse contexto de vulnerabilidade socioeconômica, o Programa de Assistência Estudantil e as moradias universitárias da UFV fazem toda diferença, onde a assistência estudantil apresenta-se como aporte aos estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade socioeconômica, possibilitando sua manutenção na instituição, sendo este o próximo tópico a ser desenvolvido.

5 - O PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL E AS MORADIAS UNIVERSITÁRIAS NO CONTEXTO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

Nesse capítulo buscamos, inicialmente, trazer o histórico do Programa de Assistência Estudantil, que está associado aos programas de ações afirmativas voltados (mesmo que não exclusivamente) para os estudantes residentes das unidades de moradias estudantis. Em seguida, tratamos de contextualizar a Universidade Federal de Viçosa e a administração da Assistência Estudantil na instituição.

5.1 – Programa de Assistência Estudantil enquanto Política de Inclusão Social

Nas últimas décadas, o Brasil vem sendo marcado por transformações em vários setores em razão de seu desenvolvimento econômico. A abertura de novas oportunidades de trabalho trouxe à tona a realidade da ausência de formação profissional e de conhecimentos específicos das pessoas para atender à demanda crescente por profissionais qualificados desse segmento em ascensão.

O crescimento da demanda pela formação profissional qualificada e pelo ensino de nível superior foi impactado por vários fatores, como a busca elevada aos cursos superiores por jovens estudantes, por uma população fora da faixa de idade em virtude de uma demanda reprimida que se acumulou por décadas, pelo apelo mercadológico de profissionais com formação superior e pela dificuldade de acesso aos cursos superiores oferecidos por instituições privadas (CARMO, 2014, p. 306).

O sonho de estar em uma faculdade se apresentava muito distante para uma grande camada da população que não conseguia esse acesso. Para a inclusão desta demanda, o governo federal passou a implementar e a ampliar programas de democratização do acesso ao ensino universitário, por meio de vários projetos e ações a fim de permitir que mais pessoas pudessem ser incluídas no ensino superior, representando um passo importante para o resgate

da dignidade dos brasileiros.

A partir de uma concepção de educação alinhada aos objetivos constitucionalmente determinados pela Constituição Federal de 1988, art. 3º:

“I - construir uma sociedade livre, justa e solidária; II - garantir o desenvolvimento nacional; III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, CF, 1988).

Dessa forma, o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) se apresenta como resposta institucional de reconhecimento da educação e importante agente na formação de indivíduos com capacidade para assumir sua postura crítica e criativa diante do mundo, e também como redutor de desigualdades sociais e regionais (MEC, 2007).

Segundo o relatório técnico apresentado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) em 2013, realizado para subsidiar a formulação de políticas públicas para melhor distribuição da oferta de vagas no ensino superior de graduação, é evidente e notável o crescimento do ensino superior brasileiro, saltando de 2.694.245 estudantes em 2000 para 7.305.977 em 2013. No entanto, esses números são insuficientes para atender à dimensão e às expectativas da população brasileira, pois, apesar do aumento do investimento público e privado nesse nível de ensino, a persistência das enormes desigualdades ainda reduz o ritmo de crescimento da matrícula, permanecendo desafios e problemas (CNE/UNESCO, 2013)

As desigualdades sociais, no tocante ao acesso e à permanência no ensino superior, é um desafio a ser enfrentado. Nesse sentido, a criação de programas populares pelo governo, também chamados de programas de ações afirmativas, tem permitido o acesso e a reserva de vagas para determinados grupos como negros, índios, quilombolas, deficientes, estudantes de escola pública e de baixa renda em universidades, concursos públicos e mercado de trabalho. As ações afirmativas são preventivas, reparadoras, favorecem indivíduos historicamente discriminados, priorizam a equidade social, além de eliminarem as desigualdades e segregações por meio da inserção de grupos com histórico de exclusão étnicos, raciais, sociais, entre outros, e proporcionar um aumento quantitativo de estudantes nas Instituições de Ensino Superior (IES).

De acordo com a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), expandir e democratizar o acesso ao ensino superior público é

uma das formas de incluir jovens na perspectiva da formação universitária, sendo uma meta inadiável, na atualidade, no campo da educação brasileira. Assim, as propostas de políticas inclusivas visam estabelecer procedimentos capazes de assegurar a manutenção e a ampliação dos patamares de qualidade no sistema público superior brasileiro, garantindo uma forma mais uniforme de torná-lo mais acessível às camadas mais vulneráveis da população brasileira (ANDIFES, 2007).

No Brasil, destacam-se como programas de ações afirmativas os seguintes programas criados pelo Governo Federal: o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES), o Programa Universidade para Todos (PROUNI), a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012) e o Sistema de Seleção Unificada (SISU). Para entender sobre a estrutura e o objetivo de cada programa, é importante a apresentação de sua descrição, a partir de sua constituição e caracterização.

O Programa FIES, instituído pela Lei 10.260, de 12 de julho de 2001, destina-se a financiar cursos superiores em instituições de ensino privadas para estudantes que não têm condições de arcar integralmente com os custos de sua formação. Sua gestão é realizada conjuntamente pelo Ministério da Educação, responsável pelas políticas educacionais norteadoras do Programa, e pela Caixa Econômica Federal, agente responsável pela administração dos ativos e passivos do Fundo, assim como pela concessão e manutenção dos financiamentos (BRASIL, 2001).

Criado pelo Governo Federal por meio da Lei 11.096/2005, o PROUNI é um dos programas do sistema de cotas sociais, seu objetivo é conceder bolsas de estudo, integrais ou parciais a estudantes com renda familiar de até três salários mínimos, em cursos de graduação em instituições privadas de ensino superior. Seu foco está nos alunos concluintes do ensino médio completo, egressos de escolas públicas ou bolsistas da rede particular, após a avaliação de sua condição social e de suas notas obtidas no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), conjugando-se, desse modo, inclusão à qualidade e mérito dos estudantes com melhores desempenhos acadêmicos (BRASIL, 2005).

No que diz respeito ao sistema de atenção racial e social, a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012) trata-se de medidas raciais e sociais que, além de promover acesso de grupos vulneráveis à educação, reduz a exclusão e a discriminação. Assim, a Lei de Cotas prevê aos alunos que estudaram todo o ensino médio em escolas públicas o direito a 50% das vagas em todas as universidades e institutos federais. A distribuição deste percentual consiste em

designar metade das vagas para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário mínimo e meio per capita e metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar superior a um salário mínimo e meio. Em ambos os casos, também é levado em conta o percentual mínimo correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas no estado, de acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 2012).

O Sistema de Seleção Unificada (SISU) é uma plataforma online desenvolvida em 2009 e gerenciada pelo Ministério da Educação (MEC). Esse sistema seleciona os candidatos que realizaram o ENEM às vagas das instituições públicas de ensino que aderiram ao sistema a partir da nota obtida nas provas como única fase de seu processo seletivo. Para concorrer à vaga na instituição pública que escolher, o candidato deve obter nota superior a zero na redação, democratizando as vagas e o acesso nas IFES, elevando a concorrência em todos os cursos oferecidos (BRASIL, 2012).

Como suporte inicial aos programas de ações afirmativas, foi implementado o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), que segundo o FONAPRACE (2001), foi estruturado e formulado a partir do conhecimento do perfil dos estudantes das IFES e de estudos e debates, bem como da mobilização de estudantes e de outros setores da comunidade universitária. A implementação do PNAES ocorreu em agosto de 2007, com a finalidade de ampliar as condições de permanência e conclusão de curso dos estudantes em vulnerabilidade socioeconômica das IFES, por meio da articulação de ações assistenciais vinculadas ao ensino, pesquisa e extensão, na perspectiva de inclusão social, de melhoria do desempenho acadêmico e da qualidade de vida (FONAPRACE, 2001).

Seguindo esta trajetória, em 12 de dezembro de 2007, por meio da Portaria Normativa 39 do MEC, o PNAES foi instituído no âmbito da Secretaria de Educação Superior como política de governo, destinando recursos para a assistência estudantil com metas de redução da retenção e melhoria das condições de permanência dos estudantes. Em 19 de julho de 2010, por meio do Decreto 7.234 da Presidência da República, o PNAES foi consolidado como programa de estado e instituído no âmbito do MEC (FONAPRACE, 2001).

Nesse sentido, a consolidação do PNAES pelo Governo traduz-se pelo reconhecimento de sua importância estratégica, reafirmando os objetivos de democratizar as condições de permanência dos jovens; minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais; reduzir as taxas de retenção e evasão; e contribuir para a promoção da inclusão

social pela educação (FONAPRACE, 2001).

5.2 - A Universidade Federal de Viçosa - Breve Histórico

A Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV¹⁸) inaugurada pelo seu idealizador, o então presidente do Brasil Arthur da Silva Bernardes, em 28 de agosto de 1926, destacou-se como pioneira no Brasil a abrigar a vida discente dentro de suas fronteiras institucionais.

De acordo com relatos de Lopes (2007), a escola idealizada por Bernardes deveria ter uma vertente acadêmica, deveria apresentar um aspecto igualmente prático e ativo que se dispusesse ao progresso e ao crescimento, além de desenvolver tecnologia que propiciasse competitividade à produção agrícola mineira. O modelo pretendido para sua escola baseou-se nos norte-americanos que, pragmáticos, utilizavam uma postura calcada em três bases: ensino, pesquisa e extensão.

Através de seus contatos com o consulado do Brasil, em Washington, EUA, Bernardes conseguiu que Peter Henry Rolfs – diretor do Colégio de Agricultura da Flórida (ligado à Universidade da Flórida) – aceitasse o convite brasileiro de montar em nosso país uma escola nos modelos arquitetônicos, filosóficos e educacionais americanos do aprender fazendo; da política de resultados observáveis e práticos; da produção de pesquisa de resultados, e que igualmente servisse às necessidades do mercado tanto interno quanto externo.

Segundo Del Giúdice (2013), as primeiras construções do conjunto arquitetônico do campus de Viçosa foram embasadas no modelo norte-americano Land Grant Colleges (em português: escolas agrícolas), em um terreno que era uma fazenda. As primeiras instalações foram compostas por três edifícios: a Casa do Diretor, atual Reitoria; o Edifício Arthur Bernardes, prédio principal, destinado a serviços administrativos, departamentos, salas de aulas e laboratórios; e o Edifício Bello Lisboa¹⁹, designado para ser alojamento masculino.

¹⁸ A Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) se tornou Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) em 1949 e, em 1969, foi federalizada.

¹⁹ Atualmente, o Edifício Bello Lisboa é chamado de Alojamento Velho e destina-se a alojar estudantes do sexo feminino.

O primeiro alojamento estudantil da ESAV, inaugurado em 1928, estabeleceu-se sob regime de internato em Minas Gerais, sendo também o primeiro modelo a ter sucesso em uma Escola Superior. Segundo Lopes (2007), esse fato facilitou a inserção de filhos de produtores rurais nos campus da ESAV, além de fomentar a submissão daqueles jovens a um conjunto de regras rígidas de disciplina, proposta de vida retilínea e dedicada à escola, à agricultura e à Pátria.

Com a exigência da permanência dos estudantes em tempo integral, justificou-se a construção do alojamento, incluindo o funcionamento da escola que se fundamentou nos campos básicos do ensino, pesquisa e extensão (DEL GIÚDICE, 2013).

Em 1948, a Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) passou a ser denominada Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG). A partir da década de 1960, houve a ampliação do número de estudantes e de cursos, passando de 202 alunos matriculados em 1953, para 851 alunos matriculados em 1954. Essa ampliação reforçou a construção de outros alojamentos, pois, para os estudantes residentes em várias partes do país e que estavam em processo de escolha de um curso superior, a possibilidade da moradia estudantil ainda funcionava como incentivo, priorizando a escolha para o campus da universidade de Viçosa (LOPES, 2007, apud BETTY, 1963).

Construído para alojar 232 moradoras, inaugura-se em 1963 o Alojamento Feminino. No início da década de 1970 (quando a UREMG já tinha se tornado Universidade Federal de Viçosa), foram inaugurados os prédios do Alojamento Novo (feminino) e do Alojamento Novíssimo (masculino), com capacidade para 184 e 192 moradores, respectivamente, ampliando a capacidade total de alocação para 720 pessoas (LOPES, 2007).

Com o crescimento da UFV, na década de 1970, foram criados 14 novos cursos de graduação e investimentos nos cursos de pós-graduação²⁰. A construção de mais alojamentos foi necessária para estimular a vinda de pós-graduandos à instituição.

Inaugura-se, então, em 1978 o Alojamento Pós, com 36 apartamentos, e o Alojamento Posinho com 18 apartamentos, designados originalmente para estudante pós-graduando e sua família, esses apresentavam características diferenciadas dos demais, como apartamentos mais espaçosos, constituídos de três quartos, sala, cozinha, banheiro e área de

²⁰ Em 1961, a UREMG se tornou a primeira universidade brasileira a oferecer cursos de pós-graduação *stricto sensu*, no modelo norte americano do “Master of Science” (MS), o qual veio a ser posteriormente adotado no Brasil.

serviço; ou, caso não tivesse família, o estudante deveria dividir o apartamento com outros estudantes que também estavam na pós-graduação e na mesma situação de classificação social.

Os novos rumos da política de expansão da UFV nesse período, segundo Del Giúdice (2013), centralizaram como objetivo institucional a criação de cursos de mestrado e doutorado, justificando a construção de dois edifícios para alojamento. No entanto, tendo em vista o grande aumento do número de estudantes de graduação na UFV, a conseqüente demanda de vagas para os alojamentos e a pressão do movimento estudantil por mais vagas, a proposta nesses dois prédios foi modificada, sendo convertidos em alojamentos somente para graduandos, abrigando no Pós e no Posinho, respectivamente, 360 e 180 moradores, formato mantido até a presente data.

A recorrente ampliação do número de estudantes na UFV e as condições de manutenção de mesmas regras disciplinares implementadas no início da instituição – que com o passar dos anos tornaram-se obsoletas, divergentes da nova realidade social – fizeram necessária a criação do Regimento dos Alojamentos.

De acordo com dados da Pró-Reitoria de Planejamento e Orçamento da UFV²¹, apenas no ano de 2014 a instituição registrou cerca de 11.600 estudantes matriculados nos cursos de graduação no campus Viçosa²², destes, aproximadamente 1.400 moradores eram atendidos com o serviço de moradia. Diante desses dados, percebe-se que não havia mais condições de manter o sistema de disciplinamento posto aos discentes nos anos da década de 1970.

O estabelecimento de regras norteadoras das condutas dos estudantes e a conseqüente ordem disciplinar nos alojamentos se materializou pela elaboração do Regimento dos Alojamentos, através da Resolução nº 04/86, porém, seu conteúdo apresentou certa autonomia dos discentes no recebimento de visitas de pessoas de ambos os sexos nos alojamentos, desde que tais visitas não incomodassem os outros moradores, bem como a liberação regimental de festas sob a responsabilidade dos alunos, exigindo-se que o silêncio imperasse a partir das 22h.

Posteriormente, é substituído por um novo Regimento, por meio da Resolução nº 1/98, que se apresenta mais rígida, com caráter mais disciplinador, fazendo com que a universidade retome as rédeas dos alojamentos. No entanto, segundo LOPES, apesar de sua definição

²¹Dados extraídos de: <http://www.ppo.ufv.br/wp-content/uploads/2012/05/UFV-EM-NUMEROS-2014.pdf>

²² Atualmente a Universidade Federal de Viçosa é composta por três campi: Viçosa, Florestal e Rio Paranaíba.

regimentar, cada quarto de alojamento, de acordo com sua transitoriedade, dinâmica e singularidade, materializa um universo que possui suas próprias particularidades (LOPES, 2007).

Nesse sentido, acompanhando o princípio da assistência universitária e a defesa de uma universidade inclusiva e atenta à demanda dos estudantes, a UFV, segundo DEL GIÚDICE (2013), vem desenvolvendo desde suas origens em 1926 ações de apoio, caracterizado como Assistência Estudantil, aos estudantes de graduação disponibilizando vagas em alojamento e alimentação gratuitos, priorizando aqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Acredita-se que este serviço, por vários anos, tem se constituído num dos grandes atrativos para o estudante optar pela instituição para fazer um curso superior.

O atendimento com moradia é uma ação desenvolvida prioritariamente pelas IFES aos estudantes em situação de vulnerabilidade social, provenientes de outras cidades distantes da instituição de ensino, com o objetivo de assegurar sua permanência durante o período de graduação. A intenção é de que os estudantes residam próximos das atividades acadêmicas, prevenindo a retenção e evasão.

Em relação ao número de estudantes que possui, a UFV é a universidade brasileira que oferece o maior número de vagas em alojamento. Os alojamentos apresentam-se como parte constituinte da política institucional da UFV e são dispostos de forma descentralizada no campus de Viçosa, em seis prédios²³ destinados exclusivamente à moradia estudantil a estudantes de graduação em cursos presenciais. Abrigam ao todo 1.332 estudantes provenientes de várias partes do país e que passaram pelo processo de seleção da instituição, sendo 604 vagas femininas e 728 masculinas.

Os apartamentos são equipados com móveis, utensílios básicos de uso doméstico, energia elétrica e água de forma gratuita, além de contar com porteiro 24 horas em cada prédio, exceto no Edifício Bello Lisboa devido à sua estrutura física.

O imóvel mais antigo é o Edifício Bello Lisboa, conhecido como Alojamento Velho, localizado na parte central do campus, foi construído inicialmente para atender a estudantes do sexo masculino.

²³ Os alojamentos estudantis da UFV são informalmente nomeados de: 1) Alojamento Velho (feminino), 2) Alojamento Pés (masculino), 3) Alojamento Posinho (masculino), 4) Alojamento Feminino, 5) Alojamento Novo (feminino), 6) Alojamento Novíssimo (masculino).



Figura 01 – Edifício do Alojamento Velho
Fonte: Clara Pimenta.

Com a construção de outros prédios e a reestruturação da distribuição de vagas, o Alojamento Velho é destinado ao público feminino, possui 178 vagas, distribuídas por 40 apartamentos, é separado por alas com 8 apartamentos cada, as quais possuem entradas independentes.



Figura 02 – Croqui do apartamento no Alojamento Velho
Fonte: Clara Pimenta.

No Alojamento Velho, cada quarto comporta de quatro a seis moradores, sua estrutura é composta por dormitório e sala de estudos com escrivaninha para todos os residentes.



Figura 03 e 04 – Da esquerda para a direita, dormitório e sala de estudo de um dos apartamentos do Alojamento Velho.

Fonte: Clara Pimenta.

Os banheiros do alojamento são coletivos, um para cada ala do prédio, e a limpeza é de responsabilidade das estudantes moradoras. Possui uma área de serviço coletiva, com tanques e varais, sendo utilizada pela maioria das moradoras.

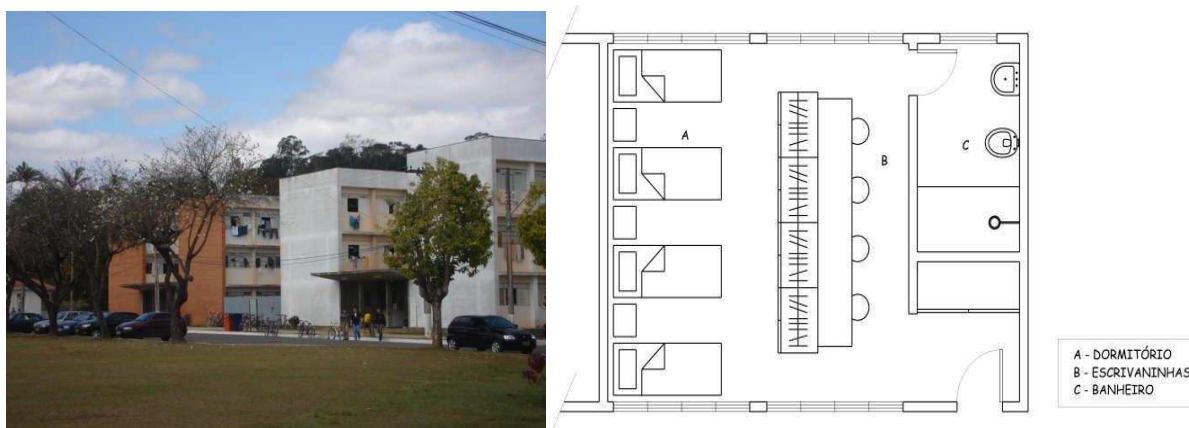


Figuras 05 e 06 – Banheiro coletivo e lavanderia coletiva do Alojamento Velho.

Fonte: Clara Pimenta.

Situados próximos ao Alojamento Velho estão os alojamentos “Novo” e “Novíssimo”. A capacidade de ambos é de 188 moradores, distribuídos em 47 apartamentos, sendo a capacidade máxima de até quatro moradores por apartamento.

No entanto, o Alojamento Novo é designado para receber moradores do sexo feminino e o Novíssimo, para receber moradores do sexo masculino.



Figuras 07 e 08 – Edifícios dos Alojamentos e Croqui do apartamento dos Alojamentos Novo e Novíssimo.
Fonte: Clara Pimenta.

A manutenção e a conservação dos edifícios são de responsabilidade da instituição, nesse sentido, no início de 2014, o Alojamento Novíssimo foi desocupado e interditado por tempo indeterminado para a realização de reforma em suas dependências. Na ocasião os moradores foram realocados nos demais prédios da instituição ou receberam uma bolsa moradia para ajudar nas despesas com aluguel para moradia em Viçosa seguindo as mesmas regras e condicionalidades de atendimento.

Os prédios destes alojamentos mantêm uma tipologia idêntica, com: quarto, camas e guarda-roupas, sala de estudos e um banheiro. Como não há cozinha, geralmente, os estudantes utilizam parte do espaço da sala para colocar a geladeira e um fogão ou grelha para fazer ou guardar lanches rápidos.



Figuras 09 e 10 – Dormitório e sala de estudo de um dos apartamentos do Alojamento Novo.
Fonte: Clara Pimenta.

A área de serviço é coletiva e nos pátios dos dois alojamentos são disponibilizados

quatro tanques de alvenaria para uso dos moradores. Como não há espaço para varal coletivo disponível para todos os apartamentos, as roupas são penduradas nas janelas dos dormitórios.



Figuras 11 e 12 –Tanque coletivo e pátio interno do Alojamento Novo.
Fonte: Clara Pimenta.

Entre os Alojamentos Novo, Novíssimo e o Alojamento Velho existe um bicicletário para uso exclusivo dos moradores desses alojamentos.



Figura 13 – Bicicletário entre o Alojamento Novo e Novíssimo.
Fonte: Clara Pimenta.

O Alojamento Feminino está localizado em outra área no campus. Com capacidade para abrigar 237 moradoras, o prédio acomoda de quatro a cinco moradoras por quarto, distribuídas nos 58 apartamentos dos três andares do edifício.



Figura 14 – Alojamento Feminino – Parte posterior do edifício.
Fonte: Clara Pimenta.

A composição das unidades de moradia do Alojamento Feminino é bem singular, bem diferente das composições dos demais alojamentos.

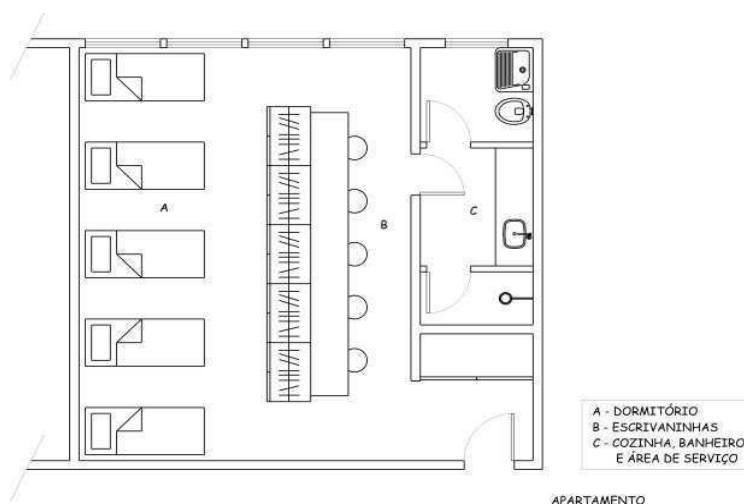


Figura 15 – Croqui do apartamento do Alojamento Feminino.
Fonte: Clara Pimenta.

Trata-se de um espaço agregando uma sala de estudo com bancada, outro espaço com um guarda-roupa e camas, e um cômodo com banheiro, cozinha e área de serviço.



Figura 16 e 17 – Sala de estudos e dormitório de um dos apartamentos do Alojamento Feminino.
Fonte: Clara Pimenta.



Figura 18 e 19 – Área de serviço, cozinha e banheiro de um dos apartamentos do Alojamento Feminino.
Fonte: Clara Pimenta.

Os únicos espaços coletivos existentes no prédio são as duas salas de estudos e uma sala de televisão.



Figura 20 – Sala de estudos do Alojamento Feminino.
Fonte: Clara Pimenta.

Unidade de moradia estudantil exclusivamente masculina, os alojamentos Posinho e Pós-Graduado (Pós) são bem próximos um do outro e separados apenas por uma área para esportes. Idealizados para servir de residência de estudantes em pós-graduação que vinham de outras cidades com suas famílias, foram direcionados aos estudantes de graduação na década de 70, época em que ocorreu uma grande demanda institucional com o aumento do número de estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade.



Figuras 21 e 22 – Edifícios dos Alojamentos Posinho e Pós-Graduado.
Fonte: Clara Pimenta.

O padrão de construção de ambos segue o mesmo croqui, no entanto o Pós possui 36 apartamentos e o Posinho, 18, sendo estruturados para acomodar até dez estudantes por apartamento nos dois prédios.

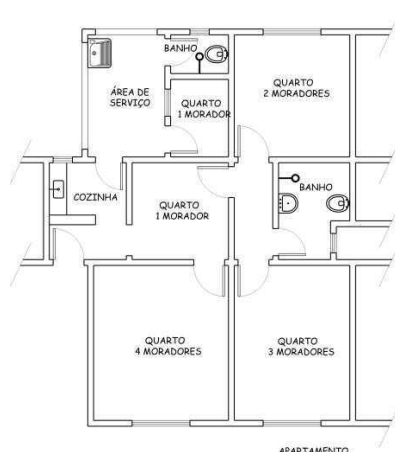


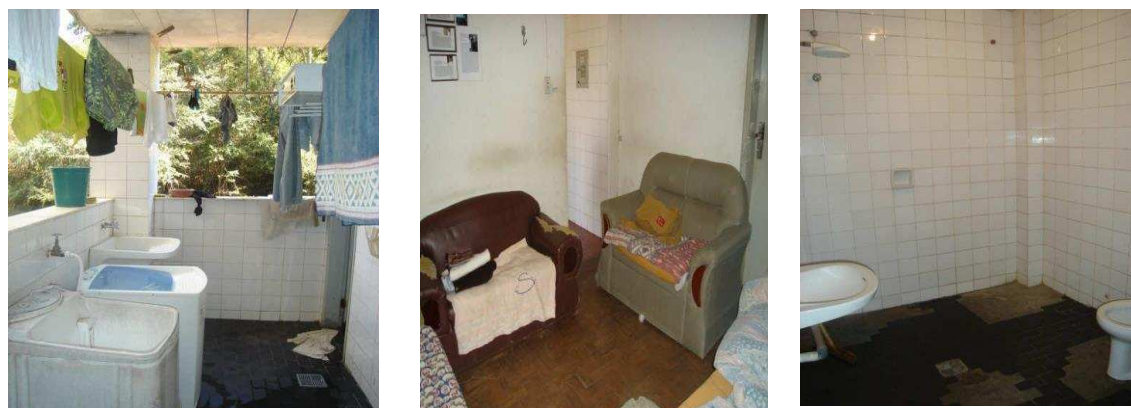
Figura 23 – Croqui do apartamento dos Alojamentos Pós e Posinho.
Fonte: Clara Pimenta.

Como seguem a mesma proposta de construção, as unidades habitacionais dos dois

alojamentos são iguais, compostas de: sala de jantar, janela; cozinha; área de serviço; sala de estar (transformada em outro quarto para abrigar quatro estudantes); pequeno quarto de empregada que abriga um estudante em um espaço muito pequeno, porém individual; um banheiro de serviço; um banheiro social e dois outros quartos, sendo um menor para dois estudantes e outro maior, para três.



Figuras 24 e 25 – Quartos de um dos apartamentos dos Alojamentos Posinho e Pós.
Fonte: Clara Pimenta.



Figuras 26, 27 e 28 – Da esquerda para a direita: área de serviço, sala de estar e banheiro de um dos apartamentos dos Alojamentos Pós e Posinho.
Fonte: Clara Pimenta.

Os dois edifícios possuem (no pavimento térreo) salas de estudos para atender exclusivamente os moradores de seus respectivos prédios. Destaca-se também a existência de um campo de futebol que fica entre os prédios e que é muito utilizado por vários estudantes da universidade.



Figuras 29 e 30 – Salas de estudo coletivas dos Alojamentos Pós e Posinho.

Fonte: Clara Pimenta

Para atender à demanda, a disponibilidade de vagas nas unidades de moradia estudantil da UFV, Campus Viçosa, teve de se reestruturar devido às reformas e à desocupação que ocorrem sequencialmente nos edifícios, já que as construções são antigas.

Especificamente no ano de 2014, para que a distribuição das vagas mantivesse seu padrão de atendimento, nos prédios dentro do campus, utilizaram-se as vagas referentes aos cinco prédios em funcionamento, sendo três edifícios para alojar estudantes do sexo feminino e dois edifícios para alojar o sexo masculino, com lotação total de 1.144 de vagas disponíveis.

As vagas correspondentes ao Alojamento Novo foram dispensadas em recurso financeiro aos 188 estudantes contemplados com a bolsa moradia para ajuda no pagamento de aluguel nas proximidades da UFV, somando-se 1.332 estudantes atendidos com esta modalidade.

5.3 - A administração da Assistência Estudantil na UFV

Com o processo de expansão institucional e a crescente demanda pelo apoio à permanência, os critérios de concessão de benefícios aos estudantes da UFV foram adaptando-se, ao longo dos anos, para acompanhar as políticas de assistência estudantil adotadas no país. A criação de vagas em alojamentos, a construção de novos prédios, a ampliação dos atendimentos com bolsas e a atualização da metodologia para promoção de atendimento justo e igualitário foram sendo desenvolvidas de tal forma que o critério de

vulnerabilidade socioeconômica se tornou fundamental para o acesso e recebimento dos benefícios oferecidos pela UFV.

De acordo com Del Giúdice (2013), a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (PCD) foi criada, em 13 de março de 1978, com o objetivo de atender às necessidades de descentralização da Reitoria. Sua principal finalidade era coordenar as atividades relacionadas com a promoção do bem-estar social da comunidade universitária, além de proporcionar aos estudantes a oportunidade de serem desenvolvidas atividades culturais, artísticas e esportivas. Vinculados à PCD para o desenvolvimento de suas atividades, em 2015, estavam as divisões e serviços: Divisão de Alimentação, Divisão Psicossocial, Divisão de Saúde, Divisão de Assistência Estudantil, Divisão de Esporte e Lazer.

Segundo Del Giúdice (2013), a importância de ações mais efetivas da PCD – que tinham como objetivo o gerenciamento das demandas assistenciais e a busca de melhor e eficiente atendimento dos estudantes que comprovadamente necessitam da política assistencial da UFV – foi materializada por meio da implantação: do Serviço de Bolsa (SBO), em 1995, (órgão responsável pela gestão de bolsas e serviços assistenciais oferecidos pela UFV aos estudantes em situação de vulnerabilidade social) e do Serviço de Alojamento²⁴(órgão responsável pelo controle da utilização dos alojamentos, preservação da ordem e segurança em suas dependências, como também pela manutenção preventiva e corretiva das instalações). Nos primeiros anos de sua existência, a instituição conseguia atender à grande parte da demanda por assistência estudantil com as vagas disponíveis para a permanência dos estudantes na instituição, considerando-se que os cursos oferecidos exigiam dedicação integral.

Com o passar dos anos, a ampliação do número de cursos oferecidos, a crescente demanda por auxílios, especificamente moradia, e a escassez de investimentos por parte do governo federal para a construção de novas unidades de moradia estudantil nas universidades, medidas mais eficientes para seleção dos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica foram sendo implementadas, como a instituição do PNAES e de metodologia própria de atendimento nas instituições federais de ensino.

Isto posto, a seleção dos estudantes para concessão de auxílios da assistência estudantil na UFV ocorre por meio da avaliação da situação de vulnerabilidade

²⁴Em 2015 o Serviço de Alojamento já havia sido transformado em Divisão de Assistência Estudantil (DAE).

socioeconômica dos estudantes, realizada por uma equipe técnica da PCD. No entanto, todo processo de avaliação, seleção e concessão de benefícios obedece a uma metodologia própria que acompanha as diretrizes estabelecidas pelo PNAES.

O processo de seleção dos estudantes beneficiários com a assistência estudantil na UFV é realizado pelo Serviço de Bolsas através da avaliação socioeconômica, que compreende a análise da situação do estudante e do grupo familiar, a pontuação e o cálculo de ponderação (Índice de Vulnerabilidade Socioeconômica). Nesse sentido, analisa-se, especificamente: a renda, os bens patrimoniais, a situação de trabalho dos componentes do grupo familiar, a procedência escolar do estudante, dentre outros elementos, conforme as informações constantes do questionário socioeconômico preenchido pelo estudante e da documentação comprobatória.

Para o desenvolvimento deste processo, as informações declaradas e comprovadas pelo estudante são inseridas no banco de dados do SBO, por meio de um sistema informatizado chamado SISBOLSA, utilizado para gerenciar o cadastro, nortear a seleção e a concessão dos auxílios da assistência estudantil, além do acompanhamento dos estudantes beneficiados.

O SBO realiza a avaliação da situação familiar e do estudante, candidato ao recebimento de auxílio, constituindo-se da determinação de indicadores de vulnerabilidade social, sendo o principal referente à escassez de recursos financeiros e/ou econômicos para custear as despesas básicas para permanência na universidade. Entende-se que este é o fator predominante que impede os estudantes de prosseguirem com seus estudos.

As modalidades de benefícios concedidos pela PCD, tendo como referência o ano de 2014, de acordo com os registros e materiais mais consistentes sobre as ações desenvolvidas na UFV, são categorizadas como:

- Bolsa Iniciação Profissional: Pagamento, através de depósito em conta bancária, no valor de R\$150,00 mensais ao estudante de graduação avaliado e selecionado pelo Serviço de Bolsa, em contrapartida à realização de atividades em algum setor da UFV pelo cumprimento de carga horária de 20 horas semanais.
- Bolsa COLUNI: Concessão de alimentação gratuita aos estudantes do COLUNI que participam do grupo de teatro e do Coral da UFV.
- Bolsa LUVE: Refere-se à participação do estudante em atividades esportivas como atleta, permitindo sua isenção das despesas de alimentação diária oferecida no

Restaurante Universitário (RU).

- **Auxílio Emergencial:** Concessão de recurso em parcela única no valor de R\$150,00 ao estudante de graduação com cadastro e avaliação no SBO, sendo concedido excepcionalmente para questões emergenciais extremas, prioritariamente àquelas relacionadas à saúde, e em que a situação de vulnerabilidade socioeconômica do estudante esteja desfavorável.
- **Auxílio Creche:** Pagamento no valor de R\$230,00 mensais de ajuda para custeio de creche/pré-escola para filhos, com idade entre 0 a 5 anos, de estudante de graduação desde que atenda aos critérios institucionais de sua concessão e manutenção para receber o benefício.
- **Auxílio Moradia:** Depósito realizado em conta bancária do próprio estudante, no valor de R\$230,00²⁵ mensais para ajuda de custo de aluguel em Viçosa. Este benefício é oferecido estritamente em situação adversa relacionada ao impedimento do estudante em residir na unidade de moradia disponibilizada dentro do campus como: deficiência física ou psicológica previamente comprovada pelo estudante selecionado ou ainda em situações eventuais definidas pela administração superior como interdição do prédio/dos apartamentos por motivos de reformas, vazamentos, etc. O benefício cessa conforme critérios de manutenção institucional do benefício ou pelo término das obras dos prédios, sendo o estudante remanejado para um apartamento/quarto da unidade de moradia disponível.
- **Serviço de Alimentação:** Concessão de alimentação oferecida nos restaurantes universitários da UFV (café da manhã, almoço e jantar), de forma gratuita ao estudante de graduação que atender aos critérios de vulnerabilidade adotados pela instituição.
- **Serviço de Moradia:** Concessão de vaga em uma das unidades de moradia estudantil dentro do campus da UFV, campus Viçosa, para moradia temporária do estudante de graduação durante o período regimentar de seu curso (de acordo com o Registro Escolar). Para recer este benefício, o estudante deverá atender aos critérios de seleção do SBO e comprovar por meio de documentos suas declarações.

²⁵ Valor referente ao mês de novembro de 2015.

Destaca-se que, no segundo semestre de 2015, o regimento dos alojamentos foi reestruturado e aprovado pelo Conselho Universitário (CONSU) da UFV, resultando na Resolução nº 14/2015 revogando as Resoluções nº 04/1986/CONSU e o nº 01/98, mudando-se a referência de Alojamento Estudantil para Unidades de Moradia Estudantil (UME), sendo esta última a referência usada nas análises deste trabalho, ao tratar do espaço físico da moradia estudantil.

Verificou-se neste capítulo, o contexto em que se desenvolveu as principais ações da assistência estudantil no país com o surgimento dos programas de ações afirmativas, bem como a estrutura física e administrativa da assistência estudantil na UFV, marcos importantes e significativos que podem ter ajudado a promover o acesso de vários estudantes de camadas menos favorecidas ao ensino superior para a obtenção do tão sonhado diploma universitário. Seguindo esta proposta de apresentar em que contexto se encontra a vida acadêmica e social dos estudantes de graduação e suas famílias em situação de vulnerabilidade, apresentamos a seguir o capítulo referente ao retrato do perfil do estudante atendido na UFV e de suas famílias.

6 – O PERFIL DOS ESTUDANTES DAS UNIDADES DE MORADIAS ESTUDANTIL E DE SUAS FAMÍLIAS

Este capítulo apresenta, em primeiro lugar, as principais características do grupo pesquisado detalhando, de forma geral, o perfil dos estudantes entrevistados. Assim, foram utilizadas variáveis que pudessem ser mensuradas, sendo elas: sexo; idade; cidade de origem; porte do município de origem, com quem residia antes de ingressar na UFV; escola onde concluiu o ensino fundamental e escola onde concluiu o ensino médio. Em um segundo momento, apresentamos seu perfil familiar e para isso utilizamos variáveis que possibilitaram essa identificação, como: estado civil dos pais; idade dos pais; escolaridade dos pais; situação ocupacional dos pais; classificação familiar; quantidade de membros residentes no mesmo domicílio; renda dos pais e renda familiar.

Ao identificarmos esses aspectos podemos começar a compreender um pouco da

realidade que muitos indivíduos enfrentam, a fim de buscar melhores condições de vida e de trabalho por meio da formação universitária para suprir suas demandas e necessidades, principalmente devido às possíveis influências e aos impactos que a situação de vulnerabilidade socioeconômica pode trazer. Entendendo, portanto, que a referência familiar propicia aos indivíduos formação dos comportamentos que organizam e estruturam a interação social, é importante destacar o papel da família, principalmente dos pais, no contexto das relações sociais. Estas são fundamentais na construção da pessoa, de sua personalidade, dos aspectos estruturais de sua interação com a sociedade por toda sua existência e entre as gerações²⁶.

Foram entrevistados 275 estudantes residentes nas unidades de moradia da UFV, campus Viçosa. Na apuração dos participantes desta pesquisa, constatou-se que, em relação ao sexo, a maioria dos entrevistados é do sexo feminino, representando 59,3%, e 40,7% é do masculino. A faixa de idade real mais evidenciada variou entre 21 e 24 anos, correspondendo a 45,4% da amostra, 41,4 % entre 17 a 20 anos e, por fim, em 13,2% da amostra as idades estiveram entre 25 a 37 anos. Esses dados revelam que grande parte dos estudantes não demorou a ingressar na universidade após a conclusão do 2º grau, pois a média das idades encontradas foi de 21 anos²⁷.

No que diz respeito à área de conhecimento dos estudantes entrevistados, constatou-se representação dos Centros: de Ciências Humanas com 34,2%; de Exatas, 33,1%; de Agrárias com 19,3%; e de Biológicas com 13,5%; demonstrando a amplitude do alcance da assistência estudantil de forma mais significativa nas áreas das Ciências Humanas e Exatas.

Mais da metade (52,4%) era proveniente de cidades localizadas fora da microrregião de Viçosa/MG²⁸ e, das cidades identificadas, 61,8% vinha de cidades de pequeno porte 01, ou

²⁶ Os dados encontrados vão ao encontro dos objetivos propostos pelo PNAES (Decreto nº 7.234/2010), desenvolvidos pela UFV, campus Viçosa, por meio dos programas de assistência estudantil direcionados prioritariamente a estudantes com histórico pessoal e familiar de situação de vulnerabilidade socioeconômica, a fim de garantir e ampliar as condições de permanência dos/das estudantes, contribuindo para a conclusão dos cursos na perspectiva da inclusão social, das ações afirmativas e da democratização do ensino; contribuir para o enfrentamento dos efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão dos cursos; além de contribuir para a redução das taxas de retenção e evasão.

²⁷ Os dados apresentados confirmam o relatório apresentado pela ANDIFES (2011) que constatou a maior concentração de estudantes em sua maioria jovens na faixa de 21 anos de idade nas IFEs, compreendendo um universo de 74,5% na faixa etária de até 24 anos de idade (73,7% na faixa de 18 a 24 anos). Sendo que na região Sudeste este índice sobe para 77,8%, enquanto as regiões Norte e Sul apresentam os menores percentuais (70,1% e 71,8%, respectivamente).

²⁸ De acordo com o IBGE/2010, a microrregião de Viçosa, pertencente à mesorregião Zona da Mata mineira, está dividida em 20 municípios, sendo eles: Alto Rio Doce; Amparo da Serra; Araponga; Brás Pires; Cajuri; Canaã;

seja, possuíam até 20.000 habitantes, conforme classificação do IBGE (2010). Antes do seu ingresso na UFV, a maior parte (64,7%) residia “com os pais” e um menor percentual (14,5%), “com a mãe”. Majoritariamente o grupo dos entrevistados realizou a maior parte do ensino fundamental (94,9%) em escola pública e 90,9% frequentou o ensino médio também em escola pública.

Os dados apresentados revelaram que os estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil da UFV são estudantes provenientes de famílias em situação de vulnerabilidade e que necessitam do apoio da instituição para a manutenção principalmente de suas necessidades de moradia e alimentação no campus universitário, sem as quais não conseguiriam concluir o ensino superior.

Esses dados são compatíveis com os resultados da pesquisa ANDIFES (2011) apresentados sobre os antecedentes escolares dos estudantes das IFES brasileiras. Na ocasião foi apresentado que metade dos estudantes ou é oriunda exclusivamente da escola pública (44,8%) ou cursaram a maior parte do ensino médio na escola pública (5,6%) e os estudantes majoritariamente são oriundos do ensino médio padrão (87,4%). Apesar de serem dados de pesquisas realizadas nos anos de 1996/7, 2003/4 e 2010, as políticas públicas de educação (as políticas de cotas) ainda estavam em processo de implantação, incentivando todos os cidadãos a escolherem pelas escolas públicas, principalmente nos ensinos fundamental e médio.

Para oferecer uma melhor caracterização dos entrevistados, apresentamos os dados sob forma de gráfico, com índices percentuais das respostas.

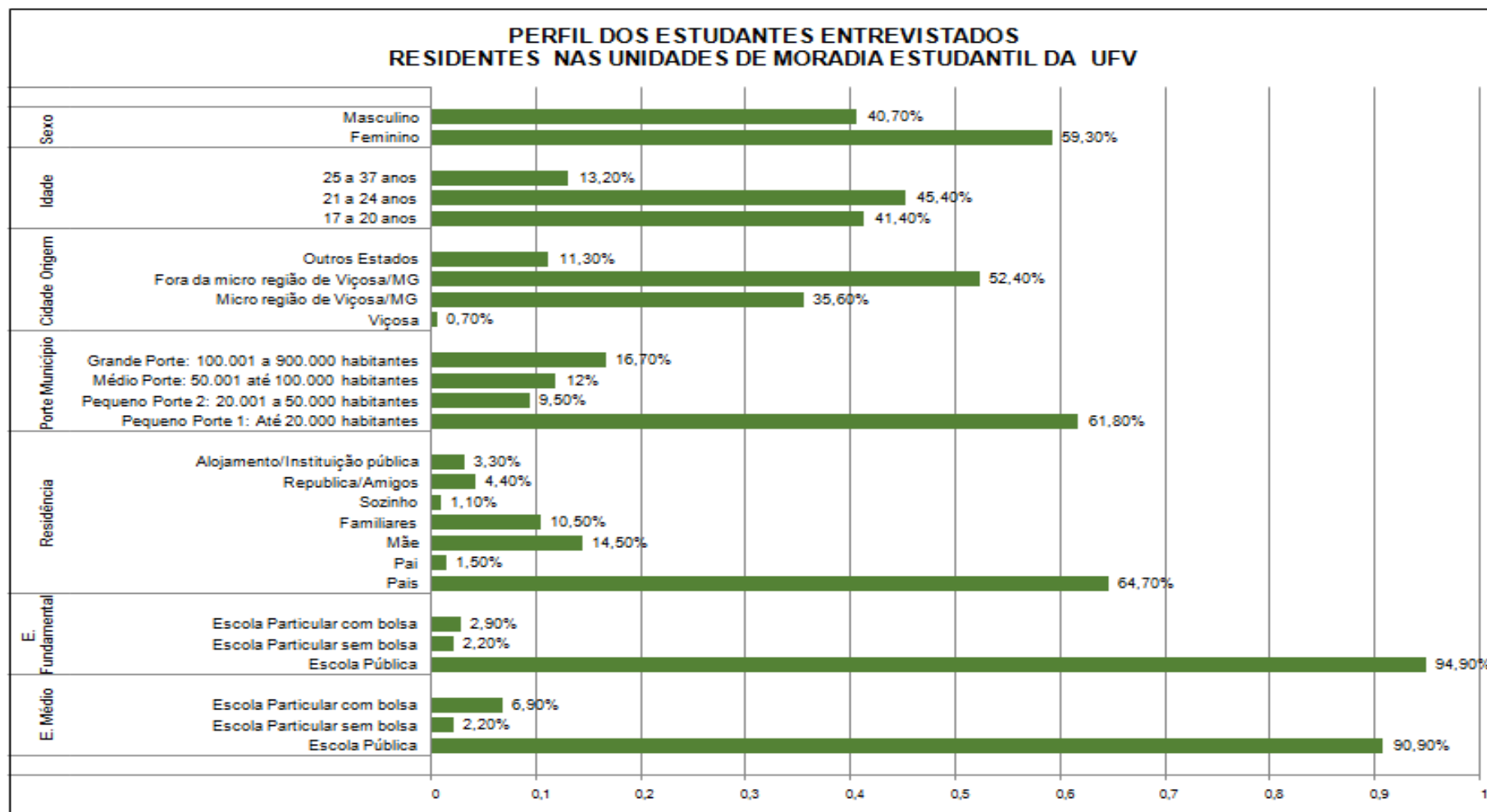


Gráfico 01 (Elaborado pela autora) – Perfil dos estudantes entrevistados residentes nas unidades de moradia estudantil da UFV.
Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação ao perfil familiar dos pesquisados, percebeu-se que, para 65,1% dos respondentes, a situação civil dos pais é de “casados” e para 20,7% a situação é “separados”²⁹, com idade média de 47 anos para a mãe e de 52 anos para o pai.

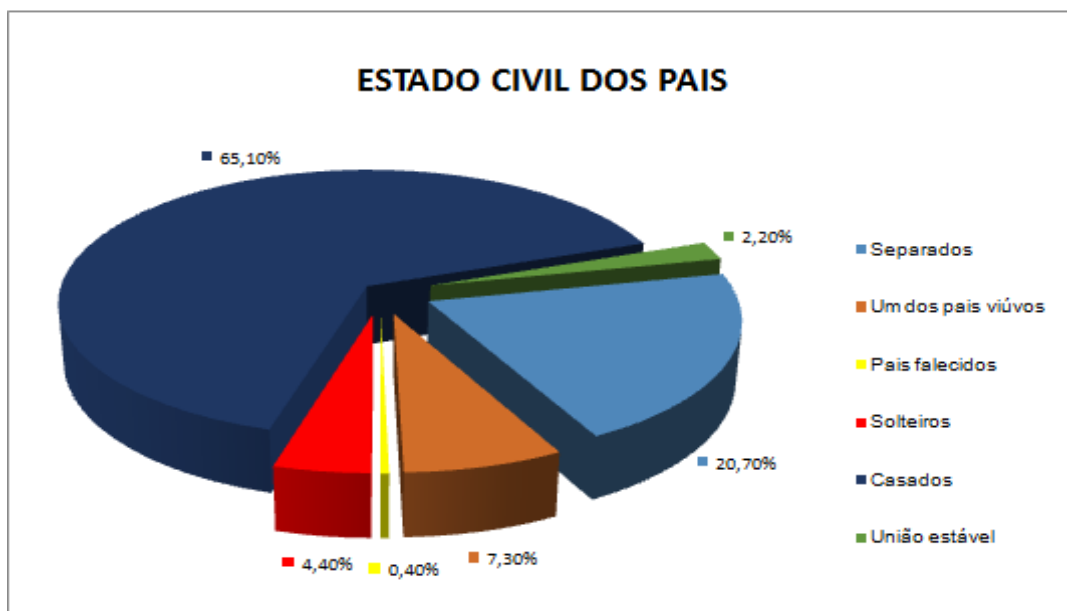


Gráfico 02 (Elaborado pela autora) – Estado Civil dos Pais
Fonte: Dados da pesquisa.

No que se refere à escolaridade geral dos pais dos respondentes, o ensino fundamental incompleto prevaleceu na maioria das respostas com 50,7%, seguido pelo ensino médio completo (13,5%). Separadamente, destaca-se o ensino fundamental incompleto para os pais, a mãe representa 52,4% dos casos e o pai, 48,4%, em sequência seguem ambos com o ensino médio completo (mãe 16,7% e pai 10,5%).

²⁹ Informações compatíveis com dados obtidos pelo Serviço de Bolsas da UFV em 2014 (mediante a análise dos estudantes beneficiados com serviço moradia dentro do campus universitário) e de dados do Censo Demográfico IBGE 2000/2010, que analisando o conjunto do país, 34,8% das pessoas declararam casadas em 2010, proporção superior foi observada em 2000 (37,0%), no entanto esta proporção se apresentou bem abaixo dos dados apurados na pesquisa.

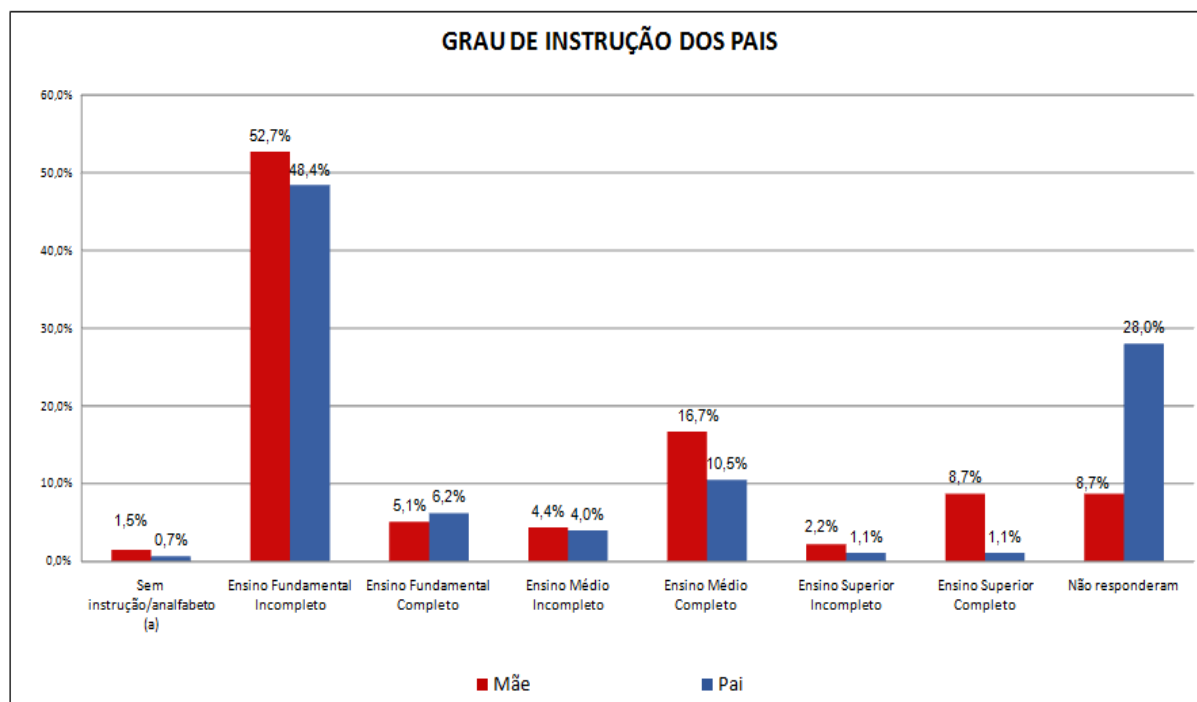


Gráfico 03(Elaborado pela autora) – Grau de instrução dos pais
 Fonte: Dados da pesquisa.

A apuração de tais informações é relevante, pois confere que o perfil familiar dos estudantes pesquisados se concentra nas categorias C, D e E, explicitadas anteriormente neste trabalho, foco de atendimento da assistência estudantil desenvolvida na UFV. Famílias constituídas por pais casados, em sua maioria, ou separados, formam diferentes tipologias e maneiras de enfrentamento da vida e tomada de decisão. Apresentando percentual de um quinto verificado, acredita-se que nas famílias de pais separados podem ocorrer instabilidade financeira e emocional de seus membros, dentre outros agravos como distância ou rompimento do contato. Isso porque a situação financeira dessas famílias pode se apresentar escassa, pois na maioria dos casos a renda que era provida por meio de atividades pouco rentáveis de trabalho por parte de apenas um provedor, com a separação, essa situação se agrava. A responsabilidade financeira e de amparo acaba nas mãos de um dos pais que precisa contar com a ajuda de terceiros pela ausência de recursos de diferentes ordens, dificultando investimento das questões básicas de manutenção física e social de seus membros como alimentação, saúde, escolaridade, etc.

Em termos gerais, a baixa escolarização dos pais, com tendência de permanência no ensino básico, é uma condição que reforça para os filhos a busca pelo acesso e continuidade

na educação superior, como estratégia para minimizar ou cessar vínculos do ciclo de pobreza, que a falta de estudos, normalmente, pode gerar na vida das pessoas.

Em se tratando da situação ocupacional³⁰ da mãe, observou-se no Gráfico 04 que a predominância das atividades exercidas se estabeleceu nos trabalhos em casa/do lar, correspondendo a 24,4%. Encontramos um pequeno percentual daquelas que trabalhavam com carteira assinada representando 17,5% das respostas. A situação ocupacional do pai, em sua maioria, era em atividades rurais identificadas como produtor rural, em 23,3% da amostra, seguido pelo trabalho informal, em 14,9%.

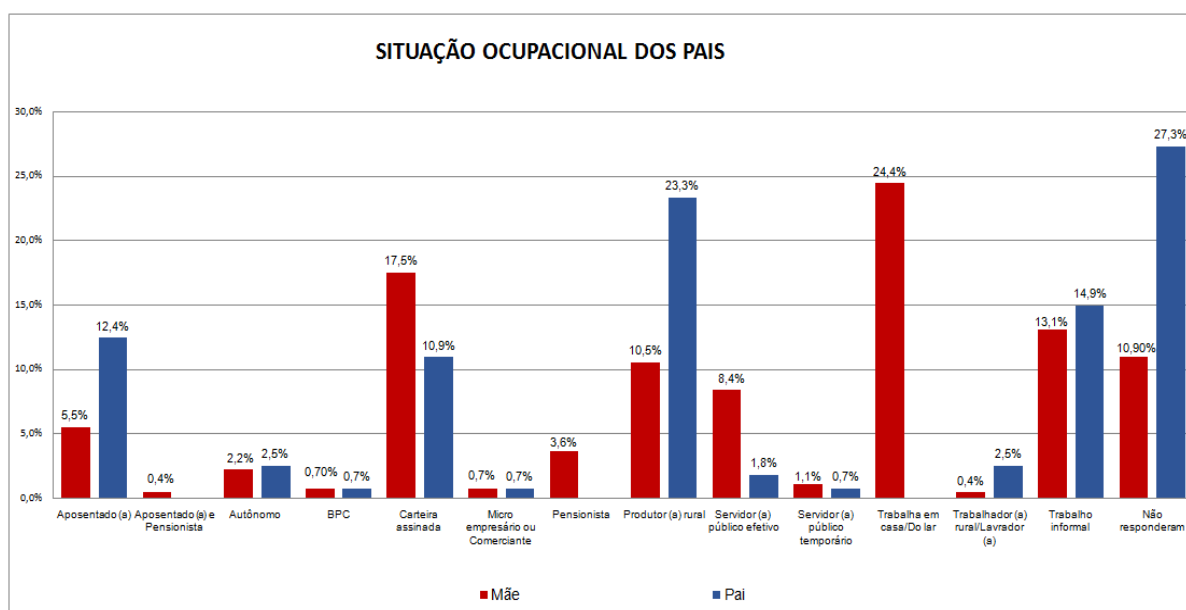


Gráfico 04 (Elaborado pela autora) – Situação ocupacional dos Pais
Fonte: Dados da pesquisa.

As famílias aqui representadas demonstram privações enfrentadas na busca pela melhoria da qualidade de vida em detrimento da situação de trabalho e de gênero dos pais, pois no concorrido mercado de trabalho a qualificação profissional é uma exigência para acesso às principais ofertas de trabalho formal, que é, por vezes, efetivamente reconhecido e valorizado pela sociedade brasileira, isto é, trabalho com carteira assinada de acordo com a legislação trabalhista vigente. Na pesquisa encontramos famílias que exibem um perfil

³⁰ Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), entende-se que “ocupação” é um conceito sintético não natural, artificialmente construído pelos analistas ocupacionais. Assim, “ocupação” é a agregação de empregos ou situações de trabalho similares quanto às atividades realizadas. O título ocupacional, em uma classificação, surge da agregação de situações similares de emprego e/ou trabalho. Disponível em: <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/informacoesGerais.jsf>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

diferenciado, executando atividades com maior prestígio social, como: professores, servidores públicos, administradores, enfermeiros, dentre outros, além de profissões com vínculo formal de caráter operacional: operários, secretárias, auxiliares administrativos, serviços gerais, dentre outros, num contexto onde apresentaram percentuais não expressivos.

Em oposição, há o trabalho informal, sendo identificado nesta categoria 13,1% relacionado à mãe e 14,9% ao pai, onde o trabalhador não possui vínculo empregatício com seu contratante, sendo este último uma esfera de inserção relevante para os chefes de família dos estudantes, profissões como pedreiro, pintor, lavrador, empregada doméstica, diarista, costureira e lavradora aparecem com destaque em situações ocupacionais desta natureza.

Há ainda uma atuação maciça do trabalhador rural, reproduzindo duas distintas categorias: em sua propriedade, caracterizando-se como agricultura familiar (23,3% relacionado ao pai e 10,5% à mãe), e outra como trabalhador avulso (0,4% associado à mãe e 2,5% ao pai), configurando espaço de escassez de recursos e instabilidade no trabalho, desempenhando diferentes atividades em terras de terceiros, sobretudo em épocas de maior demanda de trabalho, como no plantio e colheita.

O trabalho feminino praticado pelas mães enquadra-se, muitas vezes, na categoria de trabalho invisível, o de donas de casa (24,4%) reconhecido pelos estudantes, o trabalho invisível se fez presente, principalmente em famílias rurais, onde as atividades executadas por estas mulheres foram identificadas como ajuda, quando na verdade estão envolvidas com as mais diversas necessidades produtivas da família, sendo na lida com os animais e demais atividades rurais do grupo familiar, além de ser responsável pelos cuidados e educação dos filhos, além da organização da casa. Assim não são encaradas atividades de cunho trabalhista, sendo culturalmente associadas ao papel que se espera da mulher.

Em relação à tipologia familiar, 69,8% dos respondentes originavam-se de “famílias nucleares”, isto é, aquelas constituídas pelo casal (pai e mãe) e filho (s). Não menos significativo, o percentual do arranjo de família “monoparental feminino”, onde a mãe é a progenitora dos membros, correspondeu à 20,4% dos entrevistados, evidenciando a ausência do pai, sobretudo em situação de separação do casal ou morte. Assim o arranjo monoparental feminino pode causar fragilidade na família, devido à sobrecarga de responsabilidades e atribuições à mulher, revelando-se em circunstâncias diversas como: divisão de responsabilidades, ausência de recursos financeiros, disponibilidade de tempo, apoio emocional e psicológico, dentre outros.

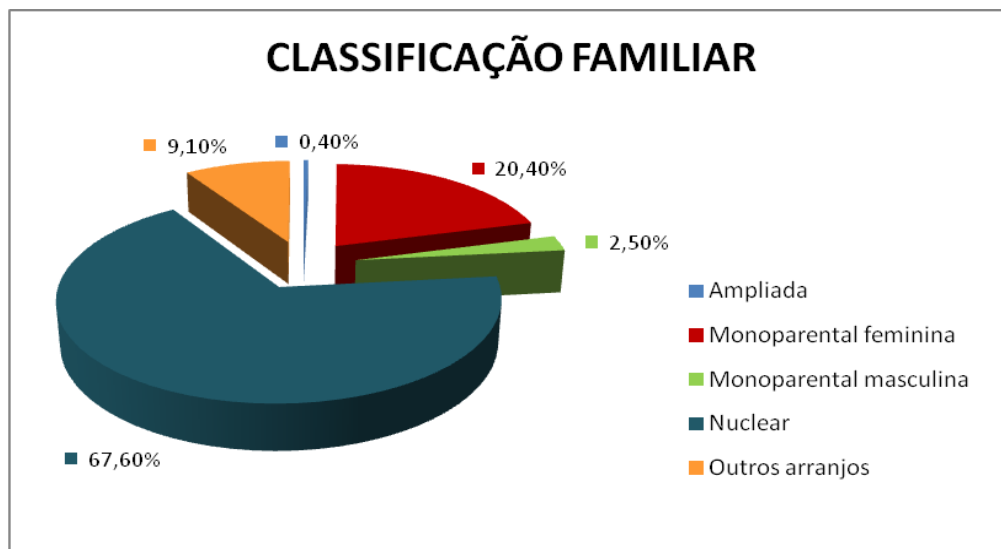


Gráfico 05 (Elaborado pela autora) – Classificação familiar
 Fonte: Dados da pesquisa.

Os demais índices de classificação familiar aferidos na pesquisa, “monoparental masculino” e “família ampliada”, igualaram-se a valores menos significativos estatisticamente, presentes no gráfico 05. Acompanhando a tendência nacional de famílias menores, a maior parte do grupo (41,8%) era composta por famílias com apenas 03 pessoas morando no mesmo domicílio (exceto o estudante respondente). E, em 26,2%, do grupo, famílias com apenas 02 pessoas residindo no mesmo domicílio. Ressaltando-se que foram coletadas informações dos membros que residiam no domicílio, assim os filhos mais velhos que já saíram de casa, constituíram suas próprias famílias, entre outros fatores, não foram contabilizados.

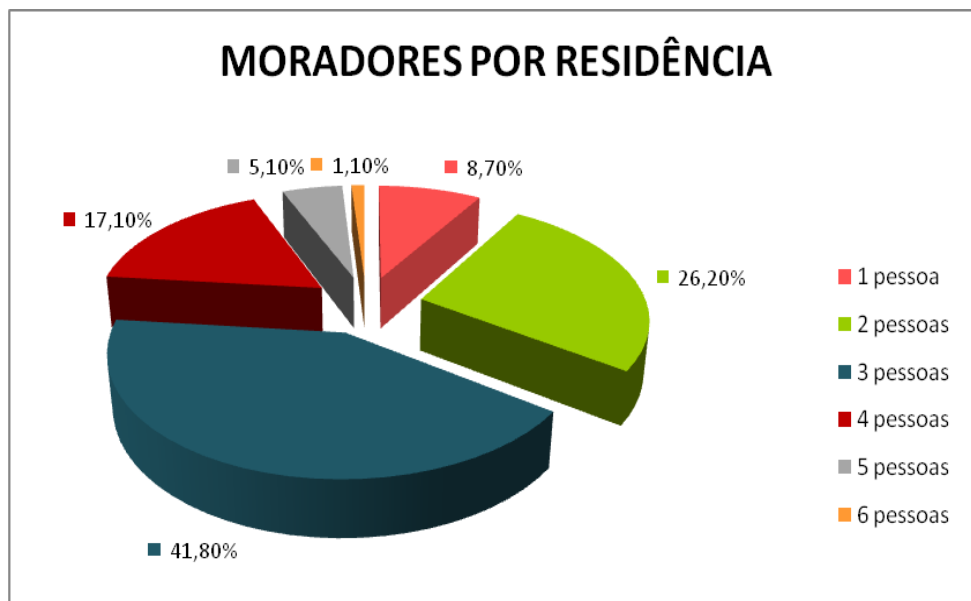


Gráfico 06 (Elaborado pela autora) – Número de moradores por residência
 Fonte: Dados da pesquisa.

A faixa de renda média mais expressiva de rendimento tanto do pai quanto a da mãe situou-se entre 01 a 02 salários mínimos vigentes³¹: 41,5% para a mãe e 51,6 % para o pai. Sendo que nas faixas superiores de renda, o homem atingia patamares mais altos e, de forma contrária, nos patamares mais baixos, a mulher atingia percentuais mais altos. O que significa dizer que a renda da mulher era mais baixa que a do homem.

³¹ O salário mínimo vigente na ocasião da pesquisa em 2015 era de R\$788,00.

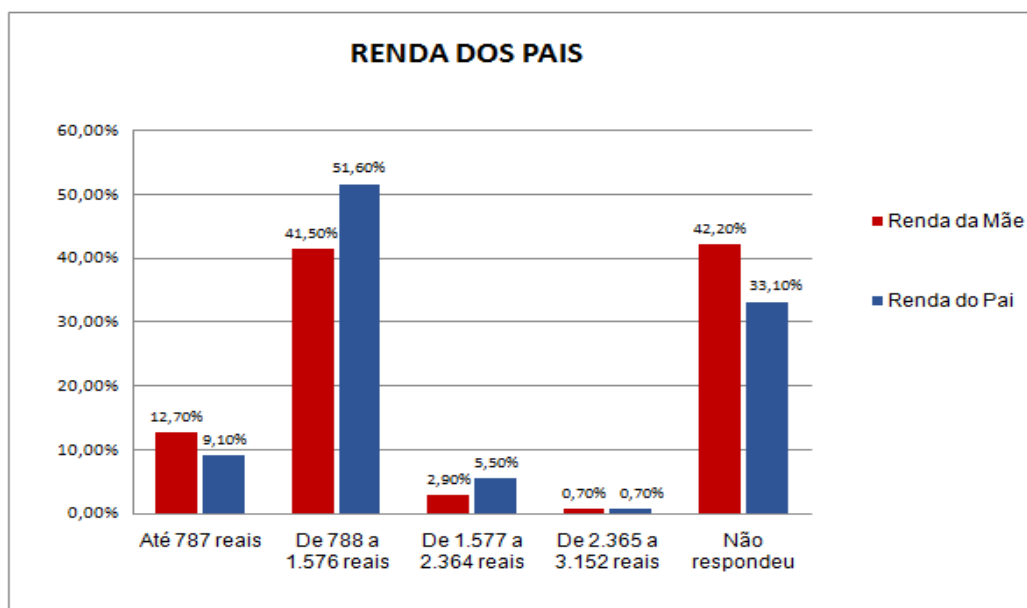


Gráfico 07 (Elaborado pela autora) – Renda dos pais. Salário mínimo vigente na ocasião da pesquisa em 2015 - R\$788,00.

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao considerarmos o percentual da renda familiar, somando-se as rendas do pai e da mãe, na grande maioria dos casos (65,1%), o valor auferido estabeleceu-se entre 01 a 02 salários mínimos. Encontramos, apesar da somatória dos salários, renda familiar de até 01 salário mínimo (3,6%) e ainda rendimentos acima de 02 até 03 salários mínimos (18,5%), assim como renda familiar entre 03 a 04 salários (7,6%). Entretanto, a renda familiar mediana encontrada foi razoavelmente baixa, correspondendo a 01 e ½ salário mínimo.

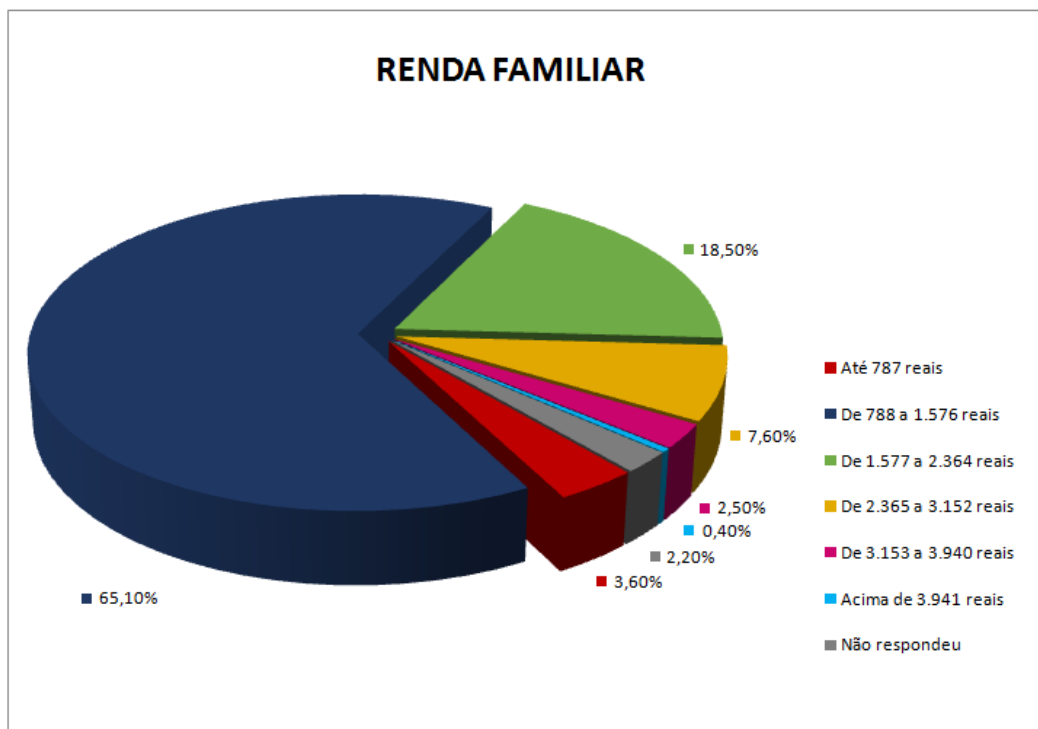


Gráfico 08 (Elaborado pela autora) – Renda familiar
 Fonte: Dados da pesquisa.

Mesmo com estes índices, a renda familiar mediana não superou 02 salários mínimos. Estes dados podem revelar que as atividades relacionadas às rendas obtidas eram de caráter precário, avulso e até mesmo esporádico por parte dos trabalhadores. Consta-se que nesta composição a renda familiar prioriza a subsistência, adquirida por meio de atividades de pouca ou nenhuma qualificação profissional para um número elevado de pessoas com reduzido salário, muitas vezes sem vínculo empregatício e sem as garantias legais.

Como resultado encontrado nesta pesquisa, o perfil socioeconômico dos estudantes e de suas famílias apresentados trouxeram subsídios para conhecermos um pouco do universo das situações de vulnerabilidade que os envolvia, caracterizado por um conjunto de contextos que os fragilizam e os unem.

Os indicadores que apontam o perfil do estudante e do grupo familiar foram construídos por meio de informações variadas. Ressalta-se que tantas situações, em uma população de indivíduos com características predominantemente de vulnerabilidade social, que sofrem as consequências da precariedade relativa à escolaridade, ao trabalho, à renda, à situação civil e ao local de moradia, são capazes de diferenciá-los na sociedade. Por outro

lado, são situações que colaboram para que os jovens procurem estratégias para melhoria da qualidade de vida e de trabalho, evitando as privações que a vulnerabilidade pode causar, comprometendo o futuro.

No entanto, as famílias representaram aporte central e referência para os entrevistados, tendo em vista as relações e os contatos relatados. Assim, como afirma Sarti (2010), “a família para eles, vai além; constitui-se de uma referência simbólica fundamental, que organiza e ordena sua percepção do mundo social, dentro e fora do mundo familiar”. Seguindo com o propósito de desvendar e caracterizar as demais sociabilidades dos indivíduos pesquisados, o tópico seguinte se encarregará de apresentar as demais sociabilidades, redes e ajudas.

7 – SOCIABILIDADES, REDES E AJUDAS

Para caracterizar a sociabilidade dos estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil da UFV, buscamos identificar os padrões de sociabilidade estabelecidos pelos estudantes a partir dos contatos mantidos em sua relação familiar, assim como com outros grupos – de moradia (colegas de quarto/apartamento), curso, lazer, esporte, político (associação, movimento estudantil), religioso e outros grupos específicos. Na caracterização dessas sociabilidades, buscou-se mensurar a frequência com que esses contatos são realizados: semanalmente/quinzenalmente, mensalmente, bimestralmente, semestralmente, anualmente e eventualmente. A forma como ocorre esse contato se fez necessária para compor essa identificação, a partir das seguintes alternativas: pessoalmente, telefone, e-mails e redes sociais. Por fim, buscamos identificar o local onde os contatos familiares se estabelecem para percebermos a amplitude espacial dessas redes (Viçosa, microrregião de Viçosa, fora da microrregião de Viçosa e outros estados). Quanto aos outros grupos, esse parâmetro foi medido a partir dos seguintes indicadores: no alojamento, na UFV, em Viçosa, na cidade de origem e outras localidades.

7.1. A Sociabilidade no Grupo Família

A partir dos parâmetros relacionados à composição familiar, apresentamos a constituição das redes familiares encontradas, evidenciando-se as ramificações da categoria “outros”.

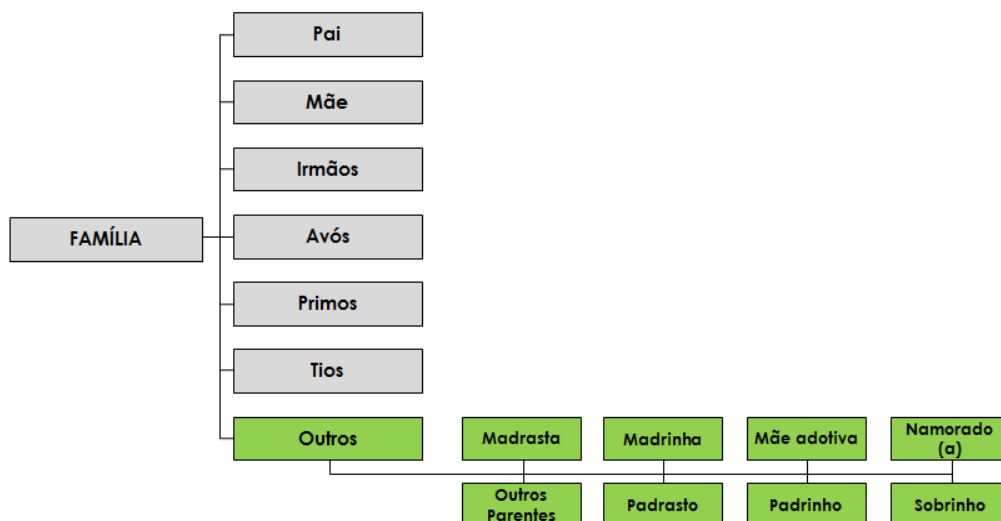


Figura 31 (Elaborada pela autora) – Composição familiar
Fonte: Dados da pesquisa.

Pode-se dizer que os estudantes estabeleciam contatos mais frequentes com a família nuclear, identificados no gráfico, considerando a totalidade dos contatos relativos a cada membro separadamente. Os contatos diários foram identificados primeiramente com os irmãos (29,2%), seguido pelo contato com a mãe (24,6%) e finalmente com o pai (10,7%).

Entretanto, os contatos mantidos semanalmente se configuravam pelo contato prioritariamente com o pai (35,8%), seguido pela mãe (29,1%) e irmãos (35,7%).

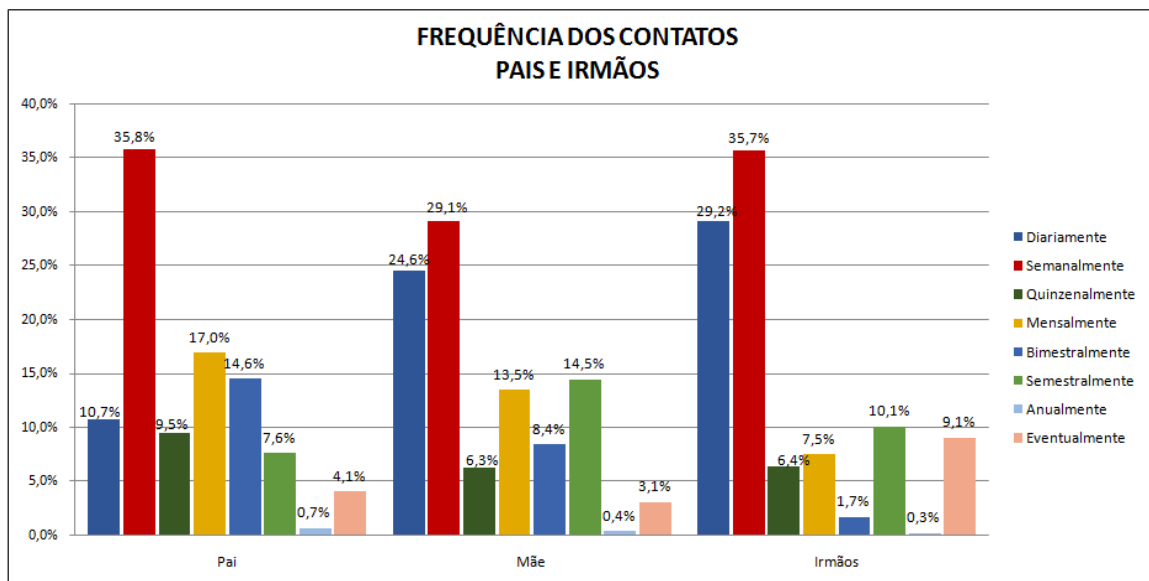


Gráfico 09 (Elaborado pela autora) – Frequência dos Contatos Pais e Irmãos
 Fonte: Dados da pesquisa.

E esses contatos se davam, em geral, com os pais pessoalmente (pai: 61%; e mãe: 55,7%) e por telefone (mãe: 32,6%; e pai: 30%), Já nos contatos com os irmãos, eram utilizados prioritariamente: as redes sociais (34,9%), os encontros pessoais (39,8%) e o telefone (24,6%), também representados no gráfico, considerando a frequência relativa a cada membro separadamente.

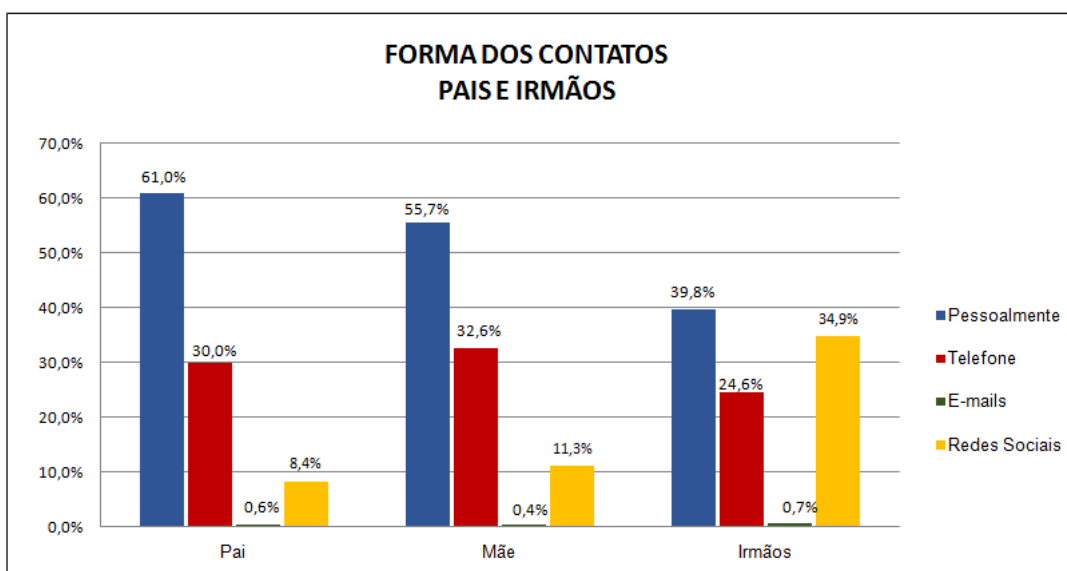


Gráfico 10 (Elaborado pela autora) – Forma dos Contatos Pais e Irmãos
 Fonte: Dados da pesquisa.

Foram significativos também o convívio e a forma de contato com os avós. Com frequência semanal (25,5%) e de forma pessoal (76,1%). Todavia, a relação com avós foi percebida com certa dualidade, havia estudantes que possuíam forte contato, assim como estudantes onde este nó era inexistente ou fraco, como evidenciam as falas:

“Não tenho muito contato com avós porque não fui criada perto deles (...)” (Entrevistado 166, 21 anos, Bioquímica, residência Microrregião de Viçosa);

“Somos bem próximos: avós, tios, pais e irmãos sempre moramos perto e nos damos bem assim” (Entrevistado 259, 24 anos, Economia Doméstica, residência Fora da Microrregião de Viçosa).

Em relação à família mais extensa, a frequência dos contatos, entre aqueles que responderam que mantinham contatos com avós, tios, primos e outros, também foi bastante expressiva, representada no gráfico em que os rótulos identificam os membros e seu percentual. Com os primos, os contatos semanais (29,1%) e mensais (25,5%) foram os mais expressivos, sendo mediados fortemente pelas redes sociais (54,3%), mesmo que a forma pessoalizada também esteja bastante evidenciada – 35,2% dos encontros aconteciam pessoalmente. Houve menor frequência dos contatos com os tios, que aconteciam, para a maior parte do grupo, mensalmente (39,1%), e de forma pessoal (46,9%). Aqui, o aspecto geracional pode estar associado à maior frequência dos contatos estabelecidos com os primos, inclusive, justificando a sua forma, a partir das redes sociais. Já os outros contatos (sobrinho, madrinha, padrinho, madrasta, padrasto) apresentaram frequência semanal (23,5%) de forma pessoal (53,5%).

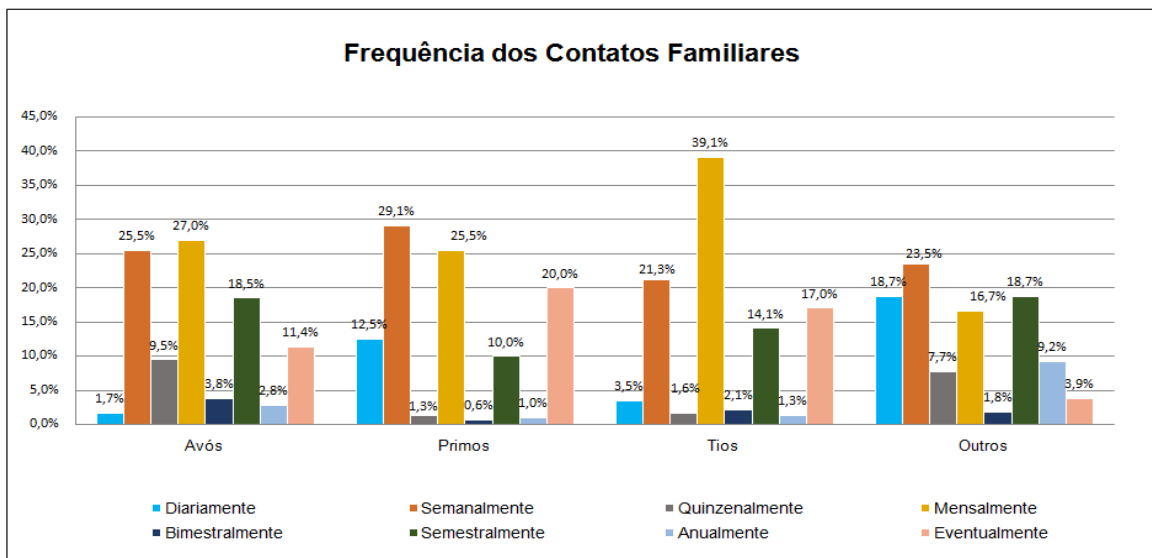


Gráfico 11 (Elaborado pela autora) – Frequência dos Contatos Familiares
 Fonte: Dados da pesquisa.

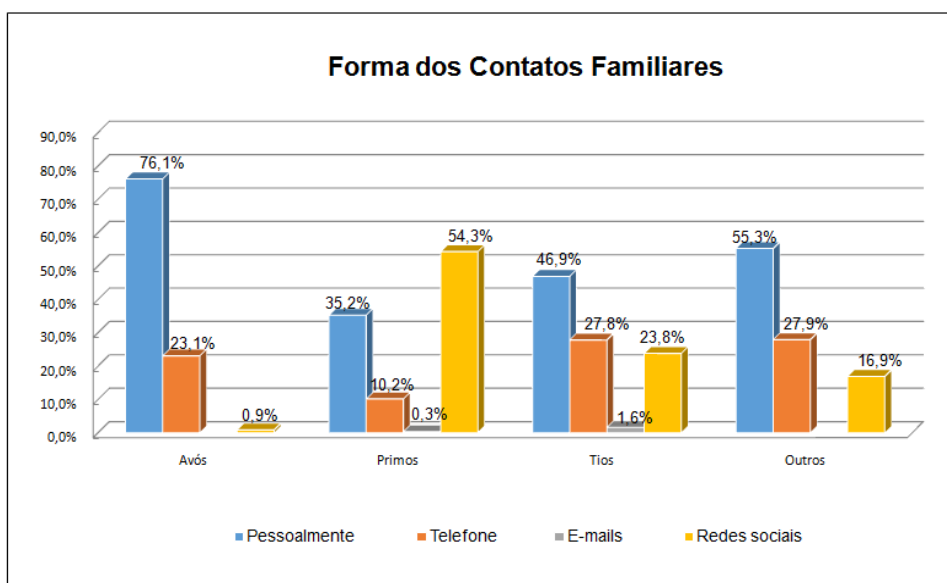


Gráfico 12 (Elaborado pela autora) – Forma de Contatos Familiares.
 Fonte: Dados da pesquisa.

Buscando analisar a amplitude dessas redes, a partir da sua localização geográfica, percebeu-se que elas extrapolavam o limite geográfico de Viçosa. A maior parte desses parentes residia em cidades fora da microrregião desse município (pai: 54,2%; mãe: 55,5%; irmãos: 43,6%; avós: 52,3%; primos: 45,8%; tios: 43,2% e outros com 55,8%). Porém, observou-se também que grande parte dos pais desses estudantes residia em região próxima,

ou seja, na microrregião de Viçosa (pai: 33,6%; mãe: 31,5%). Aqui, a sociabilidade comum, os fatores geracionais e a proximidade geográfica podem estar contribuindo para a frequência e assiduidade dos contatos, conforme se verificou anteriormente.

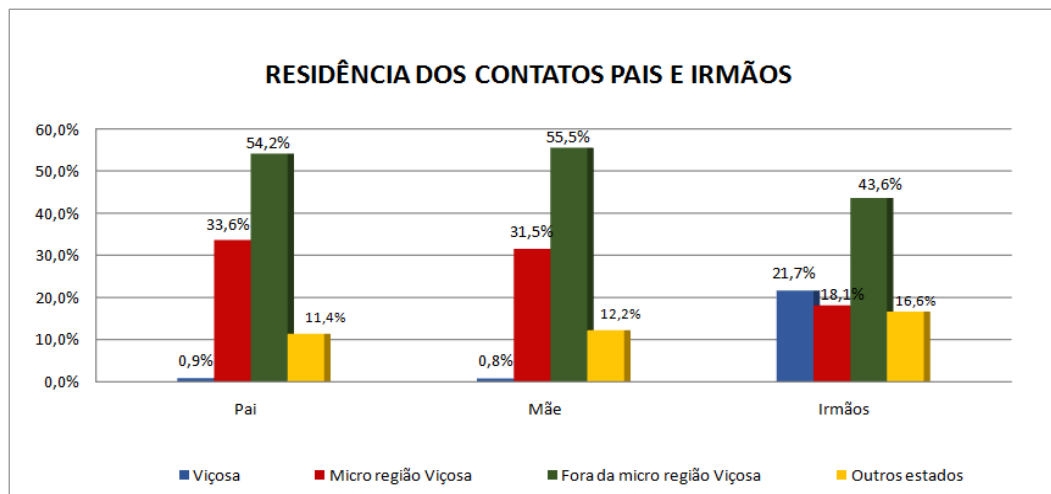


Gráfico 13 (Elaborado pela autora) – Residência dos Contatos Pais e Irmãos
Fonte: Dados da pesquisa.

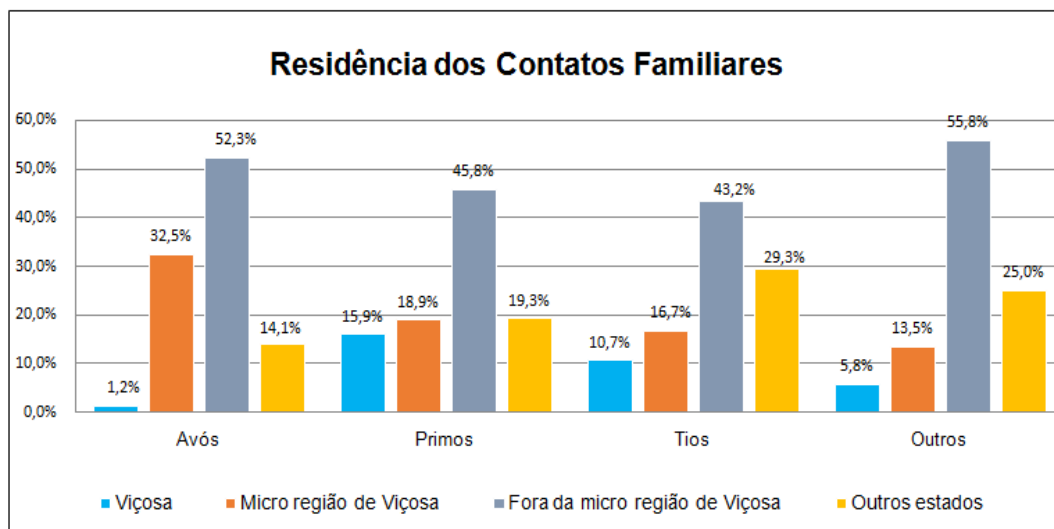


Gráfico 14 (Elaborado pela autora) – Residência dos Contatos Familiares
Fonte: Dados da pesquisa.

As relações entre primos e tios, citadas anteriormente, tiveram a tendência de serem mais próximas em determinadas circunstâncias. Assim, para aqueles que cresceram juntos

e/ou viveram próximos em algum momento, existia maior estreitamento dos laços, conforme evidenciaram as falas:

“Com tios e primos o contato é mais esporádico, sendo em ocasiões de reuniões familiares, porque não tenho tempo de entrar em contato com todos da família” (Entrevistado 143, 19 anos, História, residência Microrregião de Viçosa);

“Tenho proximidade maior com primos e tios, pela criação mais próxima de minha cidade. Não acho que tem conflitos” (Entrevistado 225, 20 anos, Ciências Sociais, residência Fora da Região de Viçosa).

Pedi-se também para que os estudantes fizessem uma avaliação da qualidade da relação que eles tinham com o núcleo familiar. A maior parte dos estudantes (78,9%) considerou ter uma relação positiva com suas famílias e parentes, baseadas em apoio e confiabilidade, principalmente quando relacionado aos pais e irmãos.

“(…) Eles (pais) me motivam a estar aqui, faço tudo por causa deles. Eles são perseverantes e fiéis no propósito de família e eu quero seguir o exemplo deles. Somos muito unidos e sempre festejamos e resolvemos juntos os problemas” (Entrevistado 211, 23 anos, Enfermagem, residência Fora da Região de Viçosa);

“Minha mãe é preocupada com a minha vida acadêmica e social no alojamento. Me liga sempre” (Entrevistado 01, 18 anos, Agronomia, residência Fora da Microrregião de Viçosa);

“A relação é boa. Minha mãe é que liga todo dia e pergunta como estou, ela é mais preocupada. Meu pai é mais tranquilo” (Entrevistado 169, 25 anos, Matemática, residência Microrregião de Viçosa).

Entretanto, as falas evidenciam que a “família” não é um núcleo homogêneo e que as relações desenvolvidas entre os seus membros estão associadas, em grande parte, ao suporte material e emocional recebidos. No caso das mães, os depoimentos:

“Acho que sou um pouco ausente, às vezes nem vou para casa nas férias. A relação é boa, às vezes surgem conflitos relacionados à questão ideológica ou posicionamento, mas não é algo que perpetua, e a gente acaba resolvendo” (Entrevistado 119, 30 anos, Geografia, residência Outros Estados);

“Normal, nada muito construtivo. Eu convivo porque é da minha família, se não nem daria oi” (Entrevistado 94, 22 anos, Matemática, residência Microrregião de Viçosa).

“Muito boa, eles têm dificuldade de aceitar meus problemas psicológicos, mas apoiam meus estudos. A família é muito conflituosa algumas vezes não me sinto bem com a visita deles e até fico emocionalmente afetado” (Entrevistado 72, 20 anos, Ciências Econômicas, residência Microrregião de Viçosa);

“É mais ou menos, com minha tia é mais fácil, com minha mãe é mais complicado, ela já é de idade... Me dou bem com meu pai, mas ele vive num lugar isolado da cidade é quase impossível manter contato” (Entrevistado 127, 20, Medicina, residência Outro Estado);

“É uma relação sem apego, sem vínculos emocionais fortes. Apenas com a minha avó que é mais forte, próxima” (Entrevistado 128, 22 anos, Geografia, residência Fora da Microrregião de Viçosa);

“A relação não é muito amigável, mas é uma boa relação. Geralmente há brigas entre minha mãe e meus irmãos e até comigo porque ela é uma pessoa muito difícil de lidar por causa de suas decisões que a gente não concorda. Com meus irmãos é mais tranquila. A gente sempre visita os irmãos casados e nos damos bem” (Entrevistado 175, 22 anos, Letras, residência Fora da Microrregião de Viçosa).

Contudo, nas relações familiares, os estudantes dispõem de ambos como suporte nos momentos de necessidade:

“Tenho bom relacionamento com ambos, tanto pai quanto mãe me ajudam numa ocasião de necessidade” (Entrevistado 21, 17 anos, Engenharia Mecânica, residência Fora da Microrregião de Viçosa);

“Tenho mais ligação com irmãos, sempre me comunico, se não ligo, eles retornam cobrando (...)” (Entrevistado 05, 20 anos, Agronomia, residência Outro Estado);

“A gente convive bem, conversa. Tenho uma intimidade maior com minhas irmãs, converso com elas todos os dias, são meu alicerce” (Entrevistado 255, 21 anos, Economia Doméstica, residência Microrregião de Viçosa).

Nos contatos estabelecidos com os outros grupos, apontados como sendo grupo familiar ou por laços de compadrio, existe uma peculiaridade, a não consanguinidade. Em alguns casos, sendo pessoas que gozam da identificação de “parente” e por isso são reconhecidos como componentes familiares, recebendo, portanto, suas características.

“A relação com meu padrasto é muito boa porque ele começou a relacionar-se com minha mãe quando eu tinha 2 anos, aí eu já acostumei a chamá-lo de pai. Não há nenhum tipo de conflito e sempre me relacionei bem com todos” (Entrevistado 248, 20 anos, Ciências Econômicas, residência Outro Estado).

É claro que, principalmente, em famílias recasadas envolve-se complexidades, ambiguidades e problemas de associação como em qualquer outra estrutura familiar, contudo, na pesquisa, essas pessoas foram reconhecidas como da família e isso, para os entrevistados, era tido como algo muito valorativo. Assim, essas relações caracterizavam-se como relações que extrapolavam a consanguinidade, sendo definidas pelos entrevistados pelo seu caráter afetivo.

Segundo Marques (2010), as relações fazem parte de um conjunto de elementos que constroem as condições de vida dos indivíduos, tanto na construção de seus padrões de relação, quanto na aquisição de grande parte dos seus atributos.

Percebeu-se nesse capítulo que a variabilidade das formas de contato apresentadas pelos estudantes com seu parentesco demonstrou a importância e a força dos laços nessa sociabilidade. E que, a heterogeneidade das redes e dos laços familiares encontrados, relacionados aos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, propiciou o encontro de redes pequenas, médias ou grandes com sociabilidade local e pouco variada e laços forte e fracos, relacionados ao grupo estudado.

No que diz respeito à força que sustentam os laços, Portugal (2014) afirma sua importância revelando que a força dos laços depende do recurso em jogo. É na permanência das relações familiares que se constroem a confiança e o compromisso mútuo, modelo relacional para o indivíduo e suas famílias. E ainda, a perenidade das relações é o que sustenta os laços familiares, e esses laços de parentesco constituem-se como elementos estruturadores do desenho das redes sociais.

Assim, os laços fortes são fundamentais no cotidiano, no suporte afetivo e no apoio, e os laços fracos são cruciais para estabelecer pontes com universos sociais diferentes, no entanto, a distância física não diminui a importância dos laços fortes.

Nesse sentido, o estudo evidenciou que a regularidade apresentada pelos contatos dos jovens estudantes com familiares fortalecia suas redes de apoio, mesmo nas diferentes situações referenciadas, pois a “família representa, cada vez mais, um elemento estável que permite aos indivíduos encontrarem um sentido para a sua ação” (PORTUGAL, 2014, p.20).

Para além dos contatos familiares, a sociabilidade com outros grupos também foi importante aporte mensurado nessa pesquisa, sendo este o tópico a ser apresentado a seguir.

7.2. Sociabilidade nos outros grupos

Ao relacionar pessoas e organizações, as redes sociais podem servir, em suas diferentes configurações, para organizar e dar suporte ao sujeito independente do ambiente onde viva e atue. A dinâmica das redes sociais expressa a importância do arranjo de relações, sobretudo minimizando os impactos causados por diversas situações de vulnerabilidade dos indivíduos, principalmente das camadas vulneráveis. Dessa forma, é importante conhecer quais são e como são formadas as redes de sociabilidade dos estudantes residentes nas moradias estudantis.

Figura 32 – Composição das redes sociais dos outros grupos.

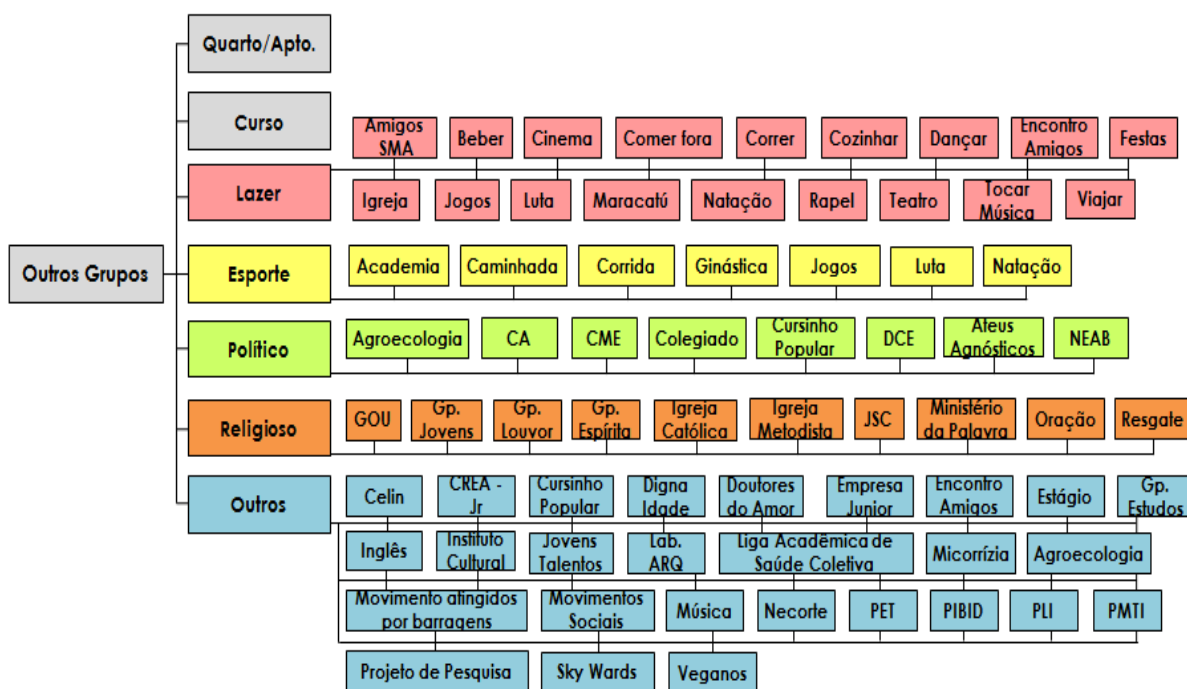


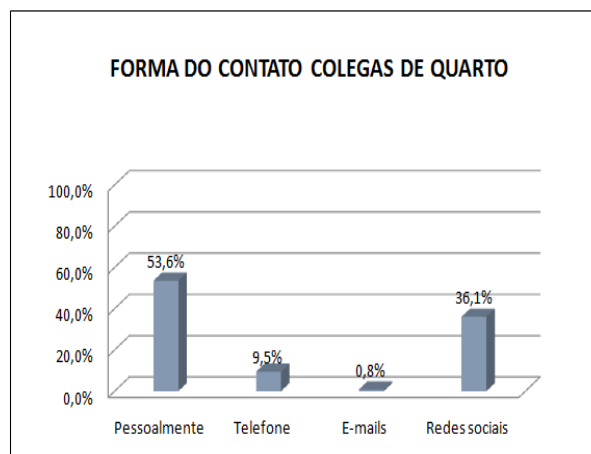
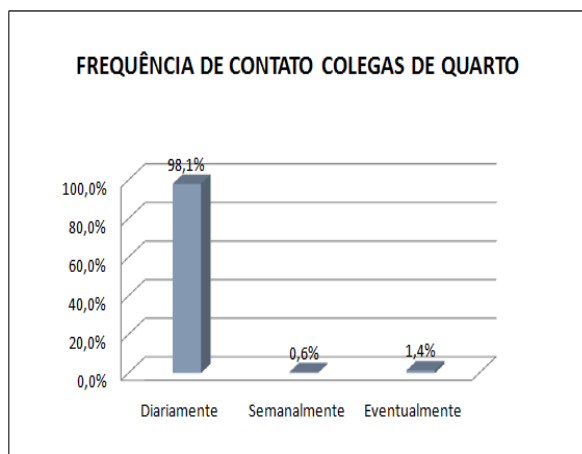
Figura 32 (Elaborado pela autora.) – Composição da categoria “Outros”
Fonte: Dados da pesquisa.

Na sociabilidade estabelecida com os outros grupos, a maior frequência dos contatos

dos estudantes se estabelecia com os colegas de quarto/apartamento, certamente pela divisão desse espaço comum, alcançando 98,1% de convívio diário entre os moradores, que se efetivavam pessoalmente (53,6%) e utilizando as redes sociais (36,1%). De acordo com depoimentos dos entrevistados, a diversificação nos contatos se justifica pelos heterogêneos tipos de curso e de períodos letivos, atividades e compromissos de cada componente do quarto, causando desencontros pessoais dentro do próprio espaço de vivência. Assim, para não perder o vínculo entre eles, as diferentes formas de contato nessas relações se expressavam por formas possíveis, além do contato pessoal, as formas virtuais como redes sociais, e-mails e telefone, evidenciadas nas falas a seguir:

“É uma relação boa, somos colegas. Somos de cursos diferentes. Com uma tenho mais contato. Há duas calouras no quarto. Temos um grupo no Whatsapp. Converso com todas, tento conhecer” (Entrevistado 264, 23 anos, Física, residência fora da microrregião de Viçosa);

“A gente tem um grupo na rede social, que coloca as questões a serem resolvidas (Entrevistado 89, 27 anos, Cooperativismo, residência Outro Estado).



Gráficos 15 e 16 (Elaborados pela autora) – Frequência e Forma de contatos com Colegas de Quarto
Fonte: Dados da pesquisa.

Na avaliação que os estudantes faziam desse convívio predominou o caráter de amizade dessas relações, emergindo falas que enfatizaram a relação de confiabilidade e de ajuda mútua entre os estudantes:

“(Temos uma) relação boa, posso contar sempre com os amigos; temos espírito de família, todos se ajudam” (Entrevistado 05, 20 anos, Agronomia, residência Outro Estado);

“É uma relação boa, de companheirismo. Se alguém ‘tá’ precisando de alguma coisa a gente empresta, estamos sempre ajudando um ao outro” (Entrevistado 162, 22 anos, Licenciatura Química, residência Microrregião de Viçosa).

Os colegas de curso também tinham expressiva presença na vida dos estudantes com frequência do contato diariamente (87,4%), de forma pessoal (47,8%), como também pelas redes sociais (38%). Os usos dessas últimas foram justificados em termos da sua praticidade, eficiência que as mesmas lhes proporcionavam. Esses contatos, em sua maioria, eram estabelecidos na UFV (54,7%) e em Viçosa (36,7%).

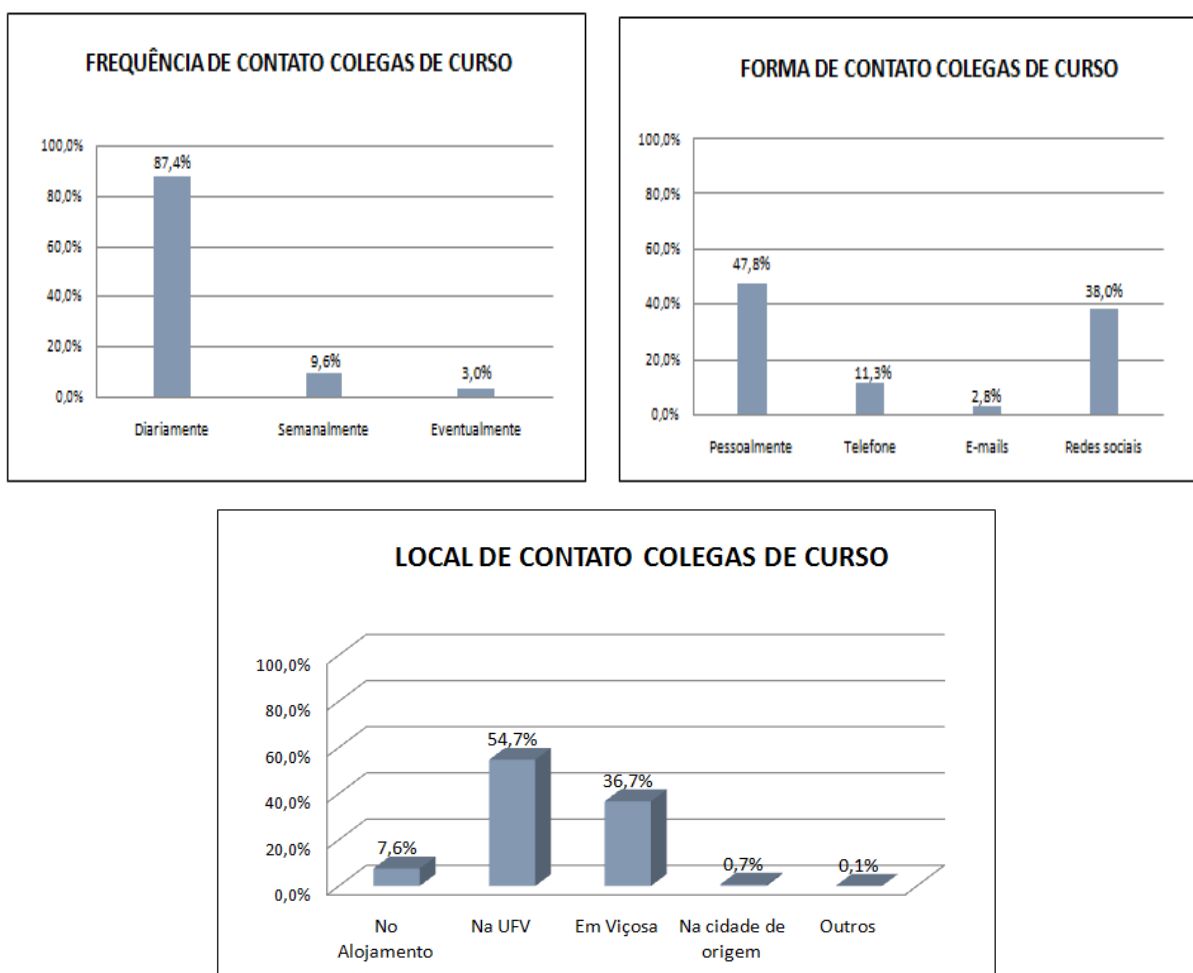


Gráfico 17, 18 e 19 (Elaborados pela autora) – Frequência, Forma e Local de contatos com Colegas de Curso
Fonte: Dados da pesquisa.

As falas da maioria (74,18%) evidenciaram relação de apoio e amizade:

“São turmas boas, como as do alojamento, é outro laço que a gente tem durante este trajeto na UFV. Saímos algumas vezes e nos trabalhos há cooperação” (Entrevistado 91, 18 anos, Pedagogia, residência Fora da Microrregião de Viçosa);

“A gente é parceiro, divide muita coisa parecida, os mesmos sonhos!” (Entrevistado 158, 22 anos, Nutrição, residência Microrregião de Viçosa).

Algumas falas, entretanto, revelaram o distanciamento que, por vezes, esteve associado a fatores geracionais, das afinidades individuais dos sujeitos:

“É um pouco distante, não sei se é por causa da faixa etária, não consigo interagir sempre. Não sei se é porque estamos na reta final do curso, mas acho que é um pouco distante uns dos outros” (Entrevistado 89, 37 anos, Física, residência Outro Estado);

“Bem, as pessoas que convivo no curso não são as que escolhi conviver” (Entrevistado 94, 22 anos, Matemática, residência Microrregião de Viçosa);

“É uma relação muito fraca, não converso com ninguém, sou mais calado, não consegui me adaptar na minha turma. Contudo tenho maior contato com o pessoal da física, que era o meu curso anterior” (Entrevistado 253, 21 anos, Matemática, residência Fora da Microrregião de Viçosa).

Ao evidenciar os colegas de moradia estudantil e curso, é nítida a importância desses dois grupos para os estudantes amostrados. São os dois, respectivamente, com os quais possuíam maior sociabilidade, proximidade e referência. Esses colegas são frequentemente identificados enquanto amigos e são as pessoas com as quais os contatos ocorrem e se fortalecem com trocas materiais e até afetivas.

Outro contato importante nas relações sociais desses estudantes foi expresso pela participação em grupos de lazer, o que possibilitou facilidade de comunicação e interação entre eles, além de possibilitar conhecer novos grupos e pessoas. Os resultados apresentados expressaram a existência desses contatos e demonstraram que a manutenção com grupos de lazer tinha ocorrência semanal (48,5%), mensal (26,2%), pessoal (59,6%) e por redes sociais (30,2%) situados na sua maior parte, em Viçosa (48,7%).

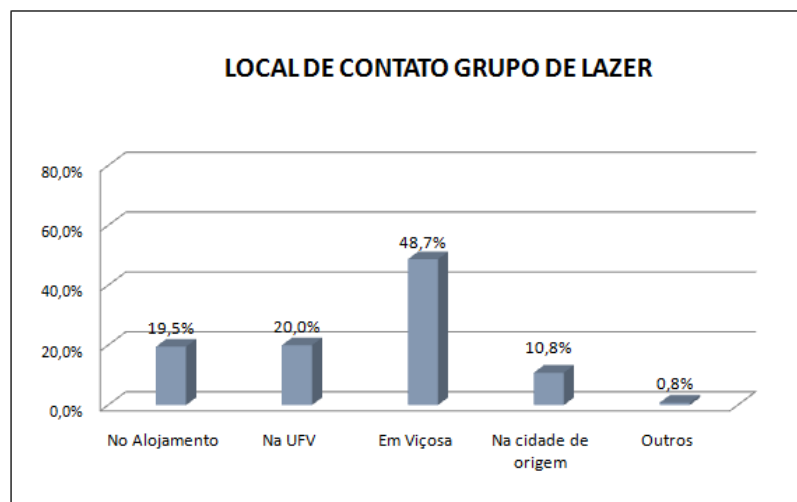
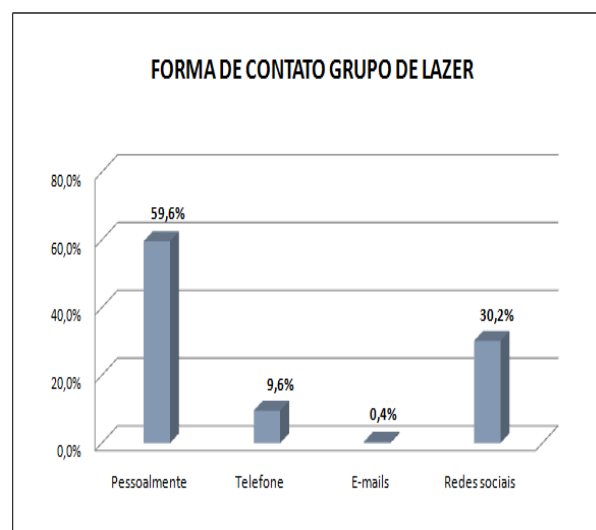
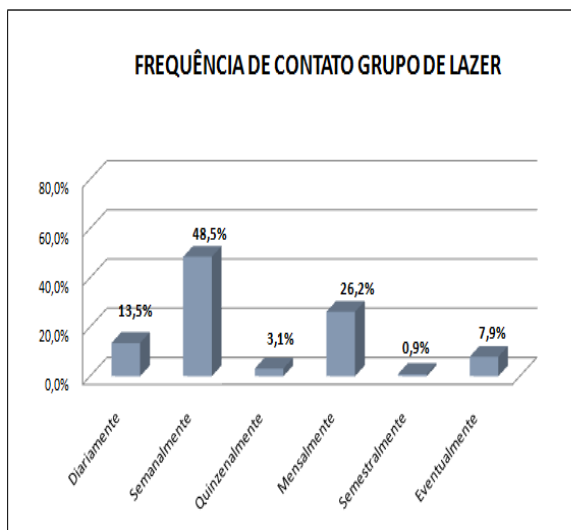


Gráfico 20, 21 e 22 (Elaborado pela autora) – Frequência, Forma e Local de Contato Grupos de Lazer
Fonte: Dados da pesquisa.

Aqui é interessante apontar que 49,6% dos entrevistados mantinham vínculo com algum grupo desta natureza, sendo que o que distinguia esses contatos e espaços eram as atividades aí envolvidas³².

³² Assim, as atividades relacionadas por esse grupo foram: participar de festas - 30 (25,0%), ir ao cinema - 20 (16,7%), comer - 19 (15,8%), jogar - 10 (8,3%), tocar música - 07 (5,8%), viajar (5,0%) e encontrar os amigos (5,0%) agregava 06 respondentes, beber - 05 (4,2%), dançar (2,5%) e participar do maracatu (2,5%) com três estudantes cada, correr (1,7%), lutar (1,7%) e fazer teatro (1,7%) com dois membros cada, sair com amigos da minha cidade - SMA (0,8%), cozinhar (0,8%), ir à igreja (0,8%), fazer aula de natação (0,8%) e rapel (0,8%) com apenas um integrante cada.

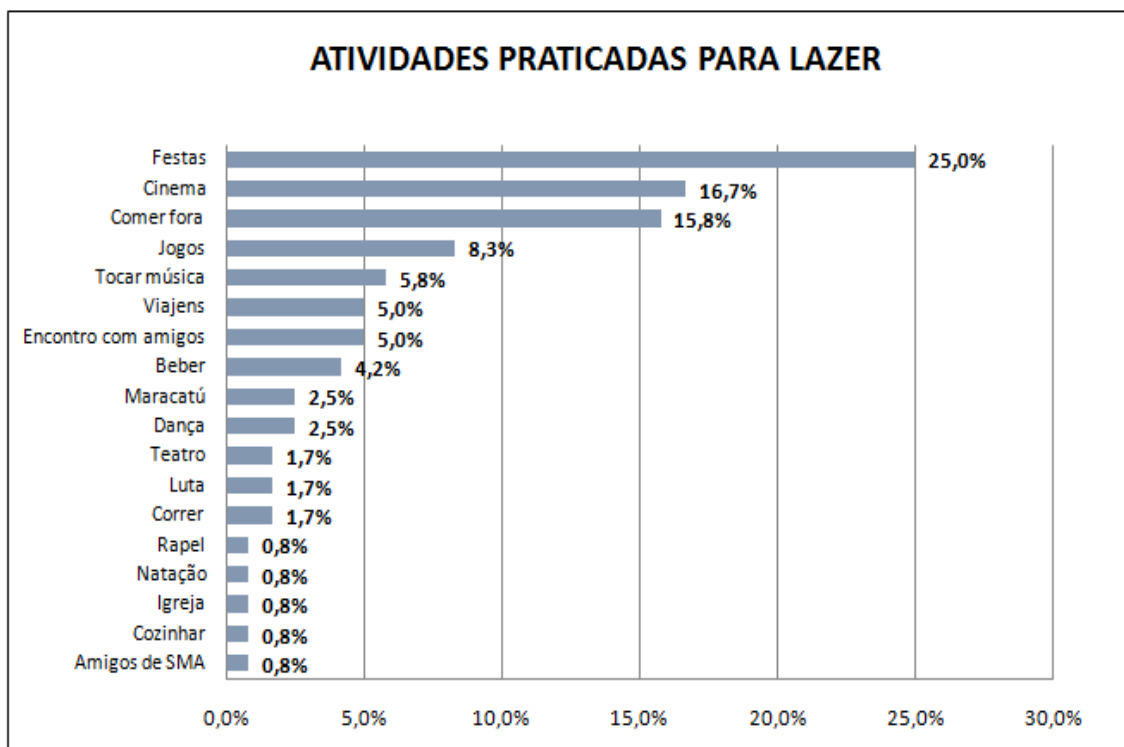


Gráfico 23 (Elaborado pela autora) – Atividades Práticas de Lazer.
 Fonte: Dados da pesquisa.

Eram grupos com finalidade de relaxamento, prática de esporte, cultura e distração. Mas, em geral, pareceriam não expressar grande intimidade.

“É uma relação boa, quando chega fim de semana e me encontro com eles, fico melhor, mais feliz. Porque o dia a dia na faculdade é cansativo e sobrecarregado de tarefas e trabalhos. Gosto muito de estar com eles” (Entrevistado 96, 19 anos, Pedagogia, residência Fora da Microrregião de Viçosa);

“É muito engraçado, espontâneo e descontraído. Costumamos jogar vídeo game, cozinhar, dançar forró, assistir séries, sair” (Entrevistado 261, 19 anos, Pedagogia, residência Fora da Microrregião de Viçosa);

“É regular, não é todo mundo que converso ou tenho intimidade pra fazer uma brincadeira ou algo do tipo” (Entrevistado 194, 24 anos, Economia Doméstica, residência Fora da Microrregião de Viçosa).

Em relação às atividades de cunho esportivo, os contatos dos estudantes nesse grupo ocorrem frequentemente toda semana (64,1%), pessoalmente (62,3%) e na UFV (66,1%).

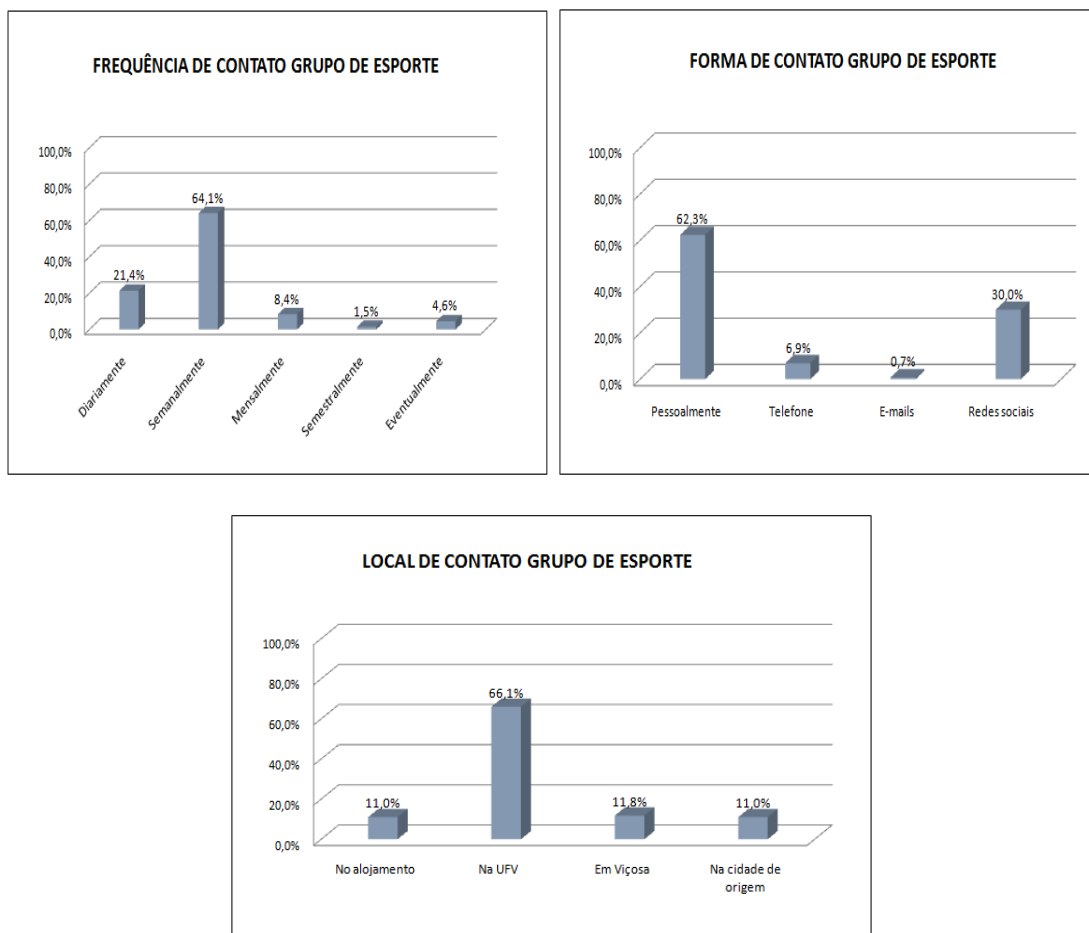


Gráfico 24, 25 e 26 (Elaborados pela autora) – Frequência, Forma e Local dos contatos com Grupo de Esporte
 Fonte: Dados da pesquisa.

Destacou-se que em 82 casos, ou seja, 29,8% dos moradores das unidades de moradia estudantis entrevistados mantinham algum grupo relacionado à prática de esportes. Desses, os esportes mencionados foram: os jogos, 49 estudantes (59,7%), lutas – 14 (17,07%), e corrida – 8 respondentes (9,8%), mas também caminhada, com 5 pessoas (6,1%), academia com três (3,7%), natação com 2 (2,4%) e ginástica com 1 representante (1,2%). Neste contexto, os encontros ocorrem toda semana (64,1%) e na UFV (66,1%).

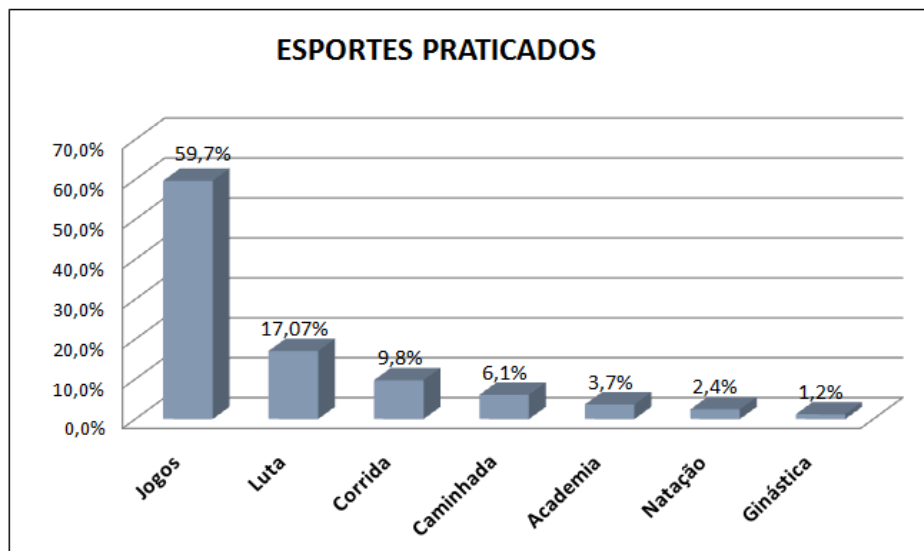


Gráfico 27 (Elaborado pela autora) – Tipos de Esportes Praticados.
 Fonte: Dados da pesquisa.

As falas dos entrevistados evidenciam as relações de cunho esportivo e de lazer:

“(Nossa relação) é muito boa. Acho que o esporte além de lazer é importante para a saúde. Normalmente são pessoas do meu curso e de outros cursos. Meu relacionamento é muito bom. É um momento que principalmente eu me descontraio” (Entrevistado 205, 20 anos, Ciências Econômicas, residência Fora da Microrregião de Viçosa);

“Boa porque o esporte socializa e, além disso, eu faço com aqueles que gosto. A relação é boa, de amizade e companheirismo” (Entrevistado 120, 24 anos, Engenharia Elétrica, residência Outro Estado);

“Meu contato com eles é só para jogo. É bem amigável, alegre. Mas não tenho contato fora disso” (Entrevistado 175, 22 anos, Letras, residência Fora da Microrregião de Viçosa).

Os grupos de lazer e esporte se expressam como uma relação de sociabilidade, que não requer uma intimidade profunda, mas que são essenciais no cotidiano dos estudantes. São grupos que se reúnem com certa regularidade e possuem valor significativo, vinculados a interesses comuns.

Em se tratando de grupo político (associação, movimento estudantil), a participação era pouco expressiva, com apenas 7% de representantes, totalizando 19 estudantes, dentro do grupo pesquisado. Desses grupos, o mais associado foi o Centro Acadêmico (CA), com 10

pessoas (53%), seguido pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB) e pela Comissão das Moradias Estudantis (CME) com 2 estudantes cada (11%), os demais possuíam apenas 1 representante (5%), a saber, o grupo do Colegiado, Cursinho Popular, Diretório Central dos Estudantes (DCE), Agroecologia/Homeopatia e Grupo Ateus Agnósticos de Viçosa (GAAV).

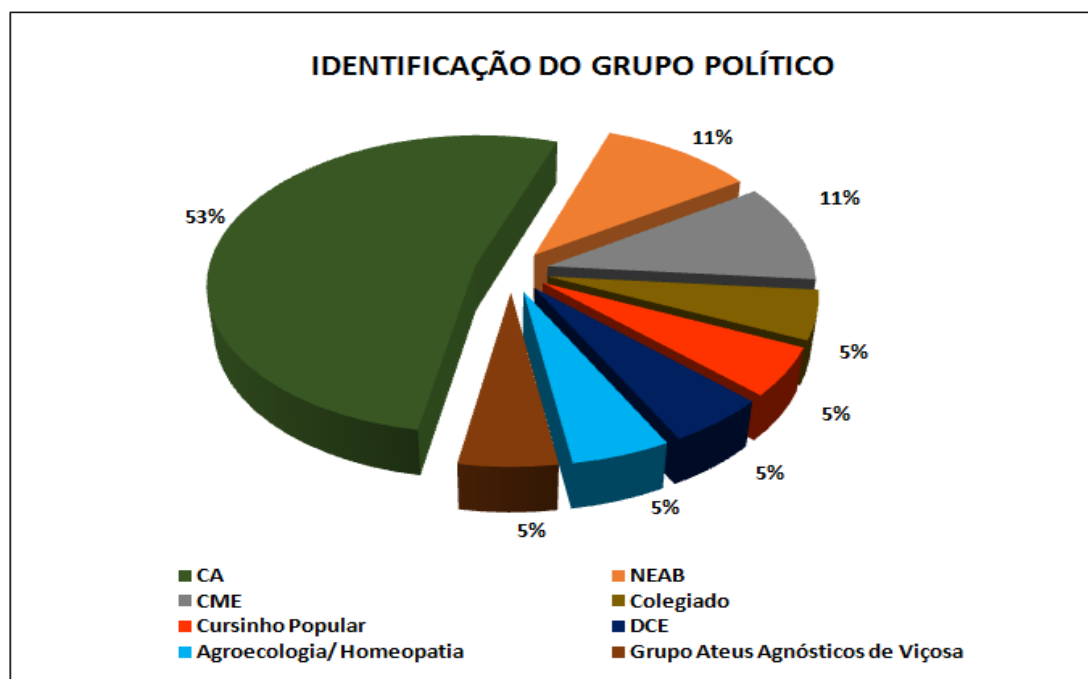


Gráfico 28 (Elaborado pela autora) – Identificação do Grupo Político
 Fonte: Dados da pesquisa.

Logo, as relações de vínculo político se davam, no grupo pesquisado, sob a ótica de representação discente na universidade, já que todos os grupos estão relacionados a atividades da UFV e também de idealização política do estudante. Em relação a esses vínculos, as falas expressaram satisfação com as formações recebidas:

“Eu me construí politicamente no grupo. Desenvolvi muitas questões relacionadas à compreensão de relações sociais e minha concepção pedagógica que não aprendi na UFV (...)” (Entrevistado 131, 24 anos, Educação Física, residência Outro Estado);

“Muito boa, realizamos discussões fora de sala de aula, compreendendo diversos aspectos sociais. Temos um diálogo construtivo, são pessoas abertas” (Entrevistado 254, 21 anos, Agronomia, residência Fora da Microrregião de Viçosa).

A inserção dos estudantes em coletivos de cunho político foi pouco expressiva em

termos percentuais (7,0%), o que pode ser fruto das diversas atividades e obrigações acadêmicas estendidas pela graduação, coibindo maior disponibilidade de tempo para efetiva atuação, ou ainda, a não valorização de grupos com essas vertentes e bandeiras. Assim, posicionar-se em meio a tantas demandas pode ser confuso e complexo demais, sobretudo em períodos iniciais de curso, quando, por vezes, esses jovens não exerciam nenhuma espécie de mobilização cidadã até o momento de ingressarem na universidade. Entretanto, em relação àqueles que se inseriram nos grupos, expressaram ter assimilado diferentes complementos de conhecimentos às suas experiências em sala de aula, com fomento a comunicação e negociação entre os membros, suas necessidades e suas redes relacionais.

Mais da metade (63,9%) mantinha contato religioso, numa frequência semanal e pessoal (100%). A maior parte deles ocorria em Viçosa (40,9%) ou na própria UFV (36%).

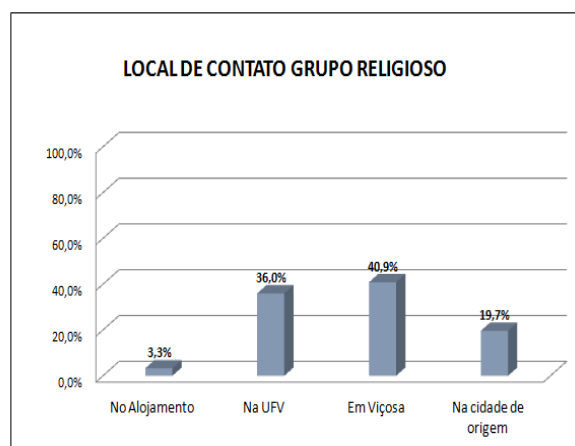
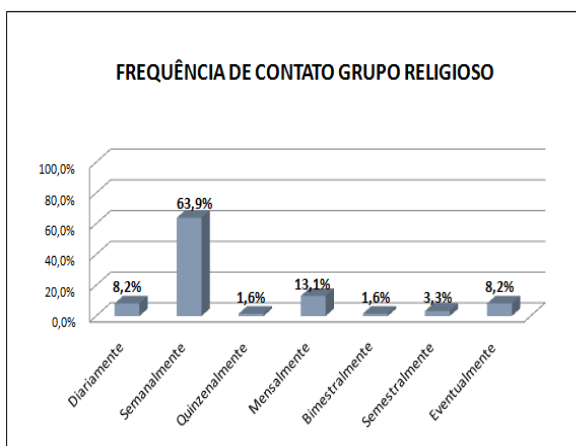


Gráfico 29 e 30 (Elaborados pela autora) – Frequência e Local de Contato do Grupo Religioso
Fonte: Dados da pesquisa.

Entre os respondentes, identificamos 38 estudantes que participavam de diferentes grupos ligados a religião, destacando-se: Grupo de Oração Universitário (GOU) com 9 participantes (24,0%); Grupo de Jovens com 8 participantes (21%); Grupo Resgate com 6 pessoas (16%); Jovens Seguidores de Cristo (JSC) com 5 seguidores (13%); Grupo Espírita com 3 participantes (8%); Igreja Católica e Grupo de Oração com 2 membros cada (5%); Grupo de louvor, Igreja Metodista e Ministério da Palavra de Cajuri com 1 estudante cada (3%).

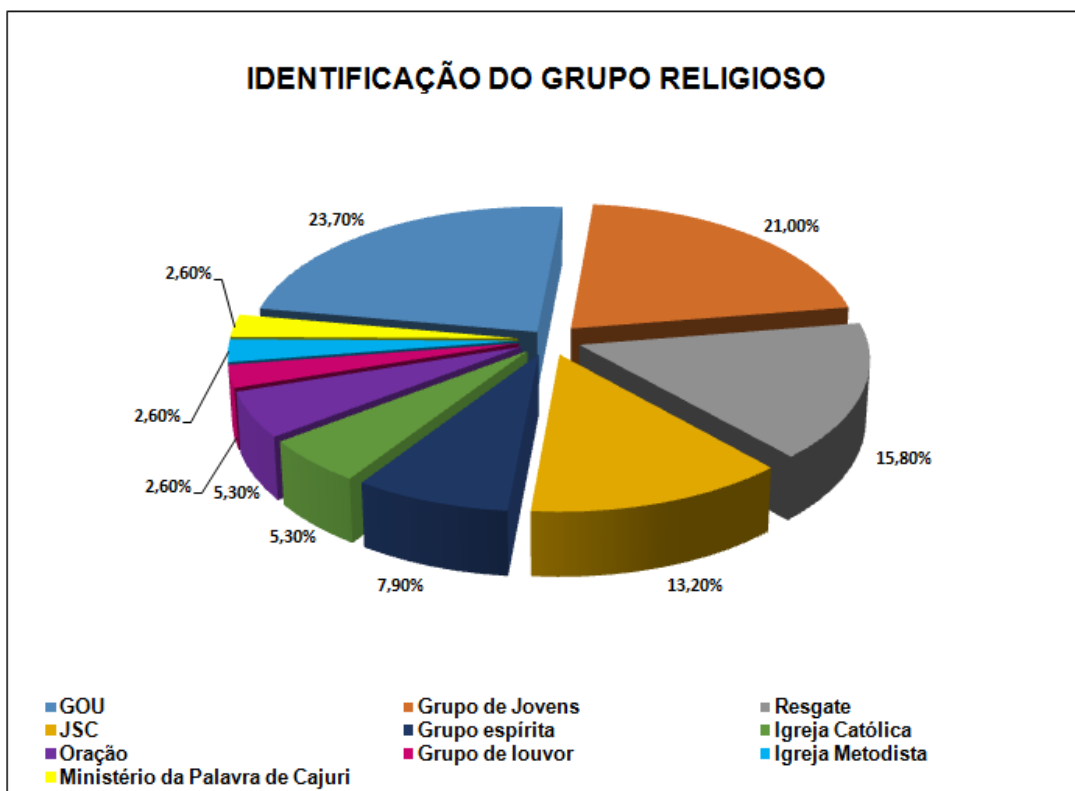


Gráfico 31 (Elaborado pela autora) – Identificação do Grupo Religioso
 Fonte: Dados da pesquisa.

As relações estabelecidas aqui são no geral de amparo e acolhimento ou de apenas vínculo religioso.

“Somente vou à missa” (Entrevistado 84, 18 anos, Agronomia, residência Fora da Microrregião de Viçosa);

“Faço parte do grupo, mas não há uma interação forte fora do dia de oração porque nos reunimos todas as quartas para orar juntas. Não faço parte da organização, vou para orar” (Entrevistado 210, 21 anos, Educação Física, residência Microrregião de Viçosa);

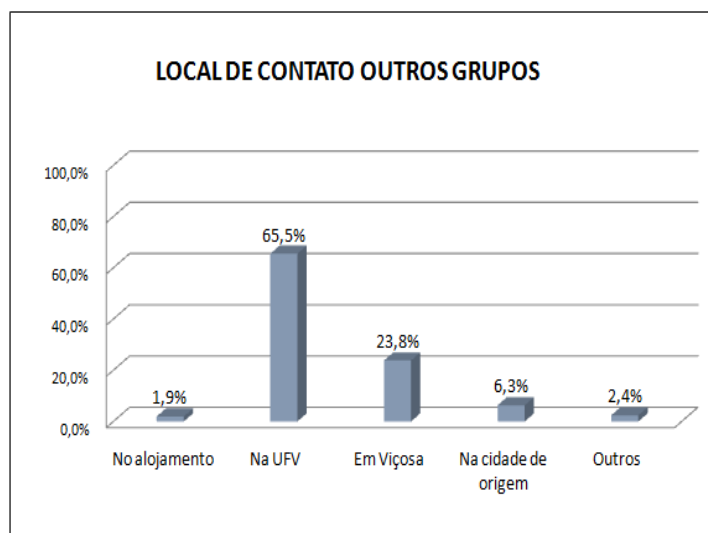
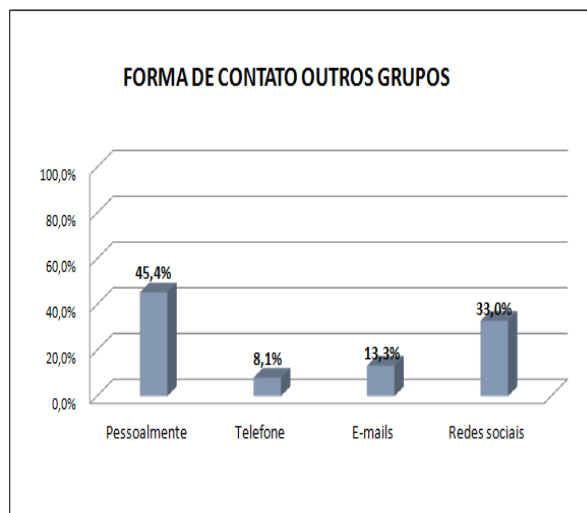
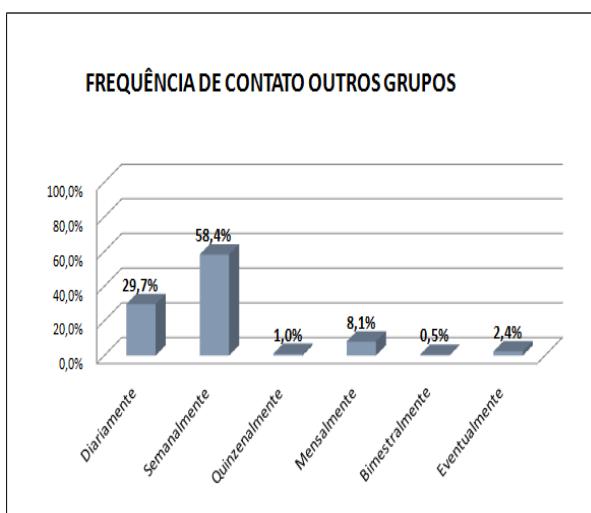
“A melhor possível. Acredito ser o melhor lugar do mundo. Me sinto em paz, como se meus problemas não existissem, aliviando meus sintomas de ansiedade e TOC” (Entrevistado 72, 20 anos, Ciências Econômicas, residência Microrregião de Viçosa);

“Minha relação com eles é de pertencimento, me sinto bem ligada a eles. Crescimento interno... me fortalece” (Entrevistado 92, 22 anos, Letras, residência Fora da Microrregião de Viçosa).

Os estudantes que possuem grande sociabilidade e sentimento de pertença social com

grupos religiosos, independente de qual seja, são imersos em redes sociais vinculadas a crença, que os estimula, por vezes, a doar-se para os outros e a tornar-se mais sensível às necessidades de seus amigos de fé, o que os identifica e os aproxima, por isso encontramos estreitamento intenso nessas relações, sendo reforçadas e reconhecidas através da participação assídua em encontros e rituais do círculo religioso.

No que tange ao contato com outros grupos, identificamos 102 estudantes com contato com “outros grupos”, o que contabilizou 37% da amostra. No geral, esses contatos ocorriam com uma frequência semanal (58,4%), pessoalmente (45,4%) e no espaço da UFV (65,5%).



Gráficos 32, 33 e 34 (Elaborados pela autora) – Freqüência, Forma e Local de Contato de Outros Grupos
Fonte: Dados da pesquisa.

Entre estes, destacamos os grupos relacionados a projetos de pesquisa – 24 bolsistas

(23,5%); Empresa Júnior (EJ) – 14 empresários juniores (13,7%); Estudos – 13 estudantes (12,7%); Estágio (8,8%); e Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) (8,8%) com 9 participantes cada, encontro com amigos – 6 pessoas (5,9%); Programa de Educação Tutorial (PET) – 4 petianos, (3,9%); cursinho popular – 3 integrantes (3,0%); e música – dois estudantes (2,0%). Para se compreender cada grupo, descrevemos seus objetivos no quadro 04, a seguir:

GRUPO	DESCRIÇÃO BREVE DO GRUPO
Projeto de Pesquisa	Grupos de pesquisa acadêmica desenvolvida por estudantes de graduação em diferentes áreas do conhecimento com o objetivo de desenvolver pesquisa científica.
EJ - Empresa Júnior	Associação civil sem fins lucrativos, gerida por estudantes de graduação que colocam em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula, por um preço abaixo do mercado.
Grupo de Estudo	Estudantes que se reúnem para discutir de forma crítica e questionadora temas e textos disponibilizados pelos professores, visando ao desenvolvimento e a inter-relação entre pesquisa e extensão.
Estágio	Atividade de caráter educativo e complementar ao ensino que tem como finalidade integrar o estudante ao ambiente profissional, proporcionando vivências e experiências que permitam o desenvolvimento de uma consciência crítica e a capacidade de compreender a realidade e interferir sobre ela.
PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência	Faz articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais (MEC).
PET - Programa de Educação Tutorial	Grupos de estudantes, com tutoria de um docente, organizados a partir de formações em nível de graduação nas Instituições de Ensino Superior do país promovendo atividades de ensino, pesquisa, extensão e da educação tutorial (MEC).
Cursinho Popular DCE/UFV	Cursinho pré-vestibular desenvolvido pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFV que instiga participação popular, interdisciplinaridade e construção coletiva. (Cursinho Popular DCE/UFV).
Música	Estudantes que se reúnem com o objetivo de cantar, tocar e ouvir músicas.

Quadro 04 (Elaborado pela autora): Relação e descrição dos grupos de sociabilidade com maior número de participantes da pesquisa.

Fonte: Dados da pesquisa.

Embora em número pouco expressivo, identificamos 18 outros grupos de sociabilidade e/ou projeto com pelo menos 01 estudante da amostra (0,98%) envolvido, relacionando-os e descrevendo-os a seguir:

GRUPO	DESCRIÇÃO BREVE DO GRUPO
CELIN – Curso de Extensão em Língua Inglesa	Curso de língua inglesa voltado a estudantes e servidores da UFV, organizado pelo Departamento de Letras com o objetivo de oferecer à comunidade oportunidade de enriquecimento cultural, ampliando e divulgando o conhecimento da língua inglesa.
CREA Júnior – Conselho Regional de Engenharia e Agronomia	Programa que integra a Conselho e os estudantes de cursos de nível médio e superior que sejam vinculados ao CREA (CREA-BA). Seu objetivo é formar profissionais mais informados e qualificados para o mercado pautados pela ética profissional.
Digna Idade	Projeto de extensão da UFV constituído por voluntários que realizam atividades de enfermagem básica e atendimento médico, trabalhos de recreação, passeios na UFV e eventos no Lar dos Velhinhos - entidade que asila idosos carentes de Viçosa (COM/UFV). Seu objetivo é desenvolver a funcionalidade dos idosos com ações no âmbito da atividade física.
Doutores do Amor	Grupo de voluntários que fazem visitas a hospitais, clínicas e abrigos com o objetivo de levar alegria para pessoas hospitalizadas e acompanhantes (Doutores do Amor – Viçosa).
Inglês	Curso particular de língua inglesa. Seu objetivo é a divulgação e propagação da língua inglesa.
Instituto Cultural	Grupo em prol de disseminação da cultura e da arte como propulsoras do desenvolvimento social.
Jovens Talentos para a Ciência	Programa destinado a estudantes de graduação de todas as áreas do conhecimento e tem como objetivo inserir precocemente os estudantes recém-ingressos em universidades e institutos federais (UFP) no meio científico.
Laboratório de Arquitetura	Estudantes de Arquitetura que se reúnem para aperfeiçoar técnicas e conhecimentos nos laboratórios do DAU/UFV.
LASAC – Liga Acadêmica de Saúde Coletiva	Grupo multidisciplinar que engloba todos os cursos da área de saúde da UFV e seu objetivo é promover intervenções por meio dos Conselhos Municipais e Unidades de Saúde das comunidades de Viçosa-MG.
Micorrízia	Grupo de arte e agroecologia vinculado ao Departamento de Dança da UFV que realiza oficinas e intervenções artísticas ligadas às danças brasileiras, à dança contemporânea e ao contexto ambiental e agroecológico.

Movimento Agroecológico	Grupo de estudantes que promove, discute e estimula a agroecologia e a agricultura orgânica.
MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens	Movimento popular, reivindicatório e político em prol dos atingidos por barragens com o objetivo de promover sua organização e defender seus direitos (MAB).
Movimentos Sociais	São grupos que procuram desenvolver ações coletivas que almejam mudanças sociais sem pauta necessariamente específica.
NECORTE – Núcleo de Estudos em Bovinocultura de Corte e Qualidade da Carne	Grupo de estudantes que tem como finalidade compartilhar conhecimentos relacionados à bovinocultura de corte (produção de carne, qualidade de carne, etc.), desde a parte genética até o armazenamento em frigorífico (DZO/UFV).
PLI – Programa de Licenciaturas Internacionais	Programa para a formação de professores da educação básica que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) tem subsidiado para contribuir na implementação de políticas públicas de incentivo à formação inicial do professor, tendo como objetivo selecionar projetos de parceria universitária entre cursos de licenciaturas de universidades brasileiras e portuguesas visando à realização de graduação sanduíche de estudantes brasileiros.
PMTI – Programa Municipal da Terceira Idade	Serviço de Proteção Social Básica ofertado pelo Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), com a finalidade de fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários de acordo com as novas orientações do Sistema Único da Assistência Social (SUAS), a Política Nacional da Assistência Social (PNAS) e a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) (CRAS-Viçosa, 2009).
SkyWards de AeroDesign	Equipe de AeroDesign da UFV, composta por estudantes de Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica e Engenharia de Produção (AeroDesign-UFV) para o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos de engenharia aplicada.
Veganos	Grupo de pessoas que não consomem nenhum alimento e/ou produto de origem animal, que se reúnem com o objetivo de divulgar o grupo e trocar experiências relacionadas à alimentação alternativa.

Quadro 05 (Elaborado pela autora): Relação e descrição dos grupos com apenas um participante da pesquisa
Fonte: Dados da pesquisa.

Seguindo a identificação dos grupos, a construção do gráfico destaca a proporção de cada um deles percentualmente:

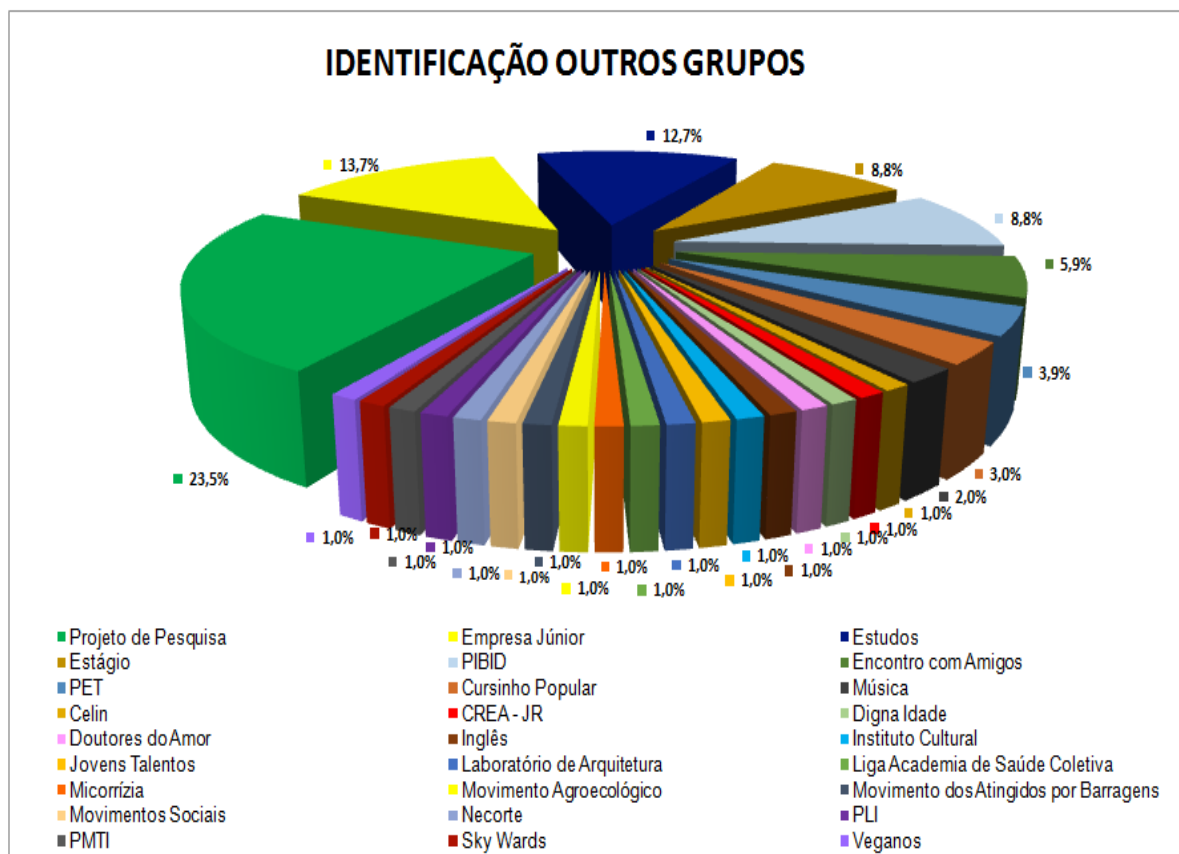


Gráfico 35 (Elaborado pela autora) – Identificação Outros Grupos.
 Fonte: Dados da pesquisa.

Esses contatos se justificaram pelos entrevistados como estando associados à necessidade de suporte acadêmico e profissional, com constante “troca de saberes e experiências” e de socialização, que, por vezes, se confirmam em vínculos de amizade. O que, não, necessariamente, significa dizer ausência de conflito, conforme relatado nas falas dos entrevistados:

“Saudável, acho que foi a melhor coisa que me aconteceu, foi a oportunidade de trabalhar, de conhecer pessoas, de me sentir útil. Sempre próximos, dialogamos e trocamos experiências” (Entrevistado 99, 26 anos, Economia Doméstica, residência Outro Estado);

“É uma relação onde a gente tem muito aprendizado. Como tenho pouco tempo eles me ensinam, existindo assim uma troca de conhecimento. É uma relação de amizade, a gente acaba se tornando amigos. Às vezes saímos para comer ou para algum lugar” (Entrevistado 103, 24 anos, Engenharia de Alimentos, residência Fora da Microrregião de Viçosa);

“Em minhas falas no grupo, acho que alguns não aceitam, algo que eu falo. Acho que não entendem ou estão me rejeitando. Fico em silêncio às vezes para evitar certos tipos de coisas. Já nas escolas com os alunos é mais tranquilo” (Entrevistado 89, 37 anos, Física, Outros Estados).

Os outros grupos apresentam um aspecto diferente dos laços de parentesco, uma vez que, em tese, os estudantes possuem mais liberdade nas relações e por isso essas relações estão mais fadadas ao rompimento, ariscando a perda desses laços. Apesar disso a afinidade e personalidade são fatores que contribuem para a inclusão dos estudantes nos diferentes grupos levantados, garantindo o reconhecimento das pautas de cada um. Esses aspectos, na forma de desenvolver a sociabilidade, diferenciam aqueles que mais se envolvem e se arriscam em participar e formar grupos fora do parentesco daqueles que se limitam às relações familiares, conforme aponta Portugal (2014). É interessante notar que a inserção e participação nos diferentes grupos não familiares ocorriam com maior frequência em estudantes que já tinham contato ou facilidade de contatos interpessoais com os integrantes dos diferentes grupos antes mesmo de ingressar na universidade. Por outro lado, a presença de pessoas conhecidas facilitava o ingresso de novos integrantes, mesmo daqueles pouco extrovertidos.

Além de conhecer as formas de sociabilidades dos entrevistados, buscou-se perceber em que medida esses grupos representavam alguma forma de aporte aos estudantes, nosso próximo tópico.

7.3. Caracterização dos aportes recebidos

Para caracterizar os aportes familiares e não familiares, buscamos identificar as principais ajudas recebidas pelos estudantes pesquisados durante o período de sua graduação. Para tanto, questionou-se aos mesmos sobre as ajudas materiais recebidas em relação a: dinheiro; alimento; roupas; transportes; medicamentos e outros, advindos de indivíduos ou grupos, bem como a frequência com que elas aconteciam e a localização geográfica de onde provinha o apoio.

Considerando o total da amostragem, identificamos o percentual de estudantes que recebiam estes aportes materiais bem como suas fontes, cuja proveniência foi referente à

família, bolsa, trabalho, reserva advinda de poupança ou de outras fontes de ajuda.

Constatou-se que, além dos aportes em dinheiro (99,6%), os estudantes também recebiam aportes em espécie para aquisição de produtos específicos, sendo as mais significativas os recebimentos para roupas (97,1%), transporte (96,4%), alimento (80,4%), medicamentos (58,9%) e outros (15,6%).

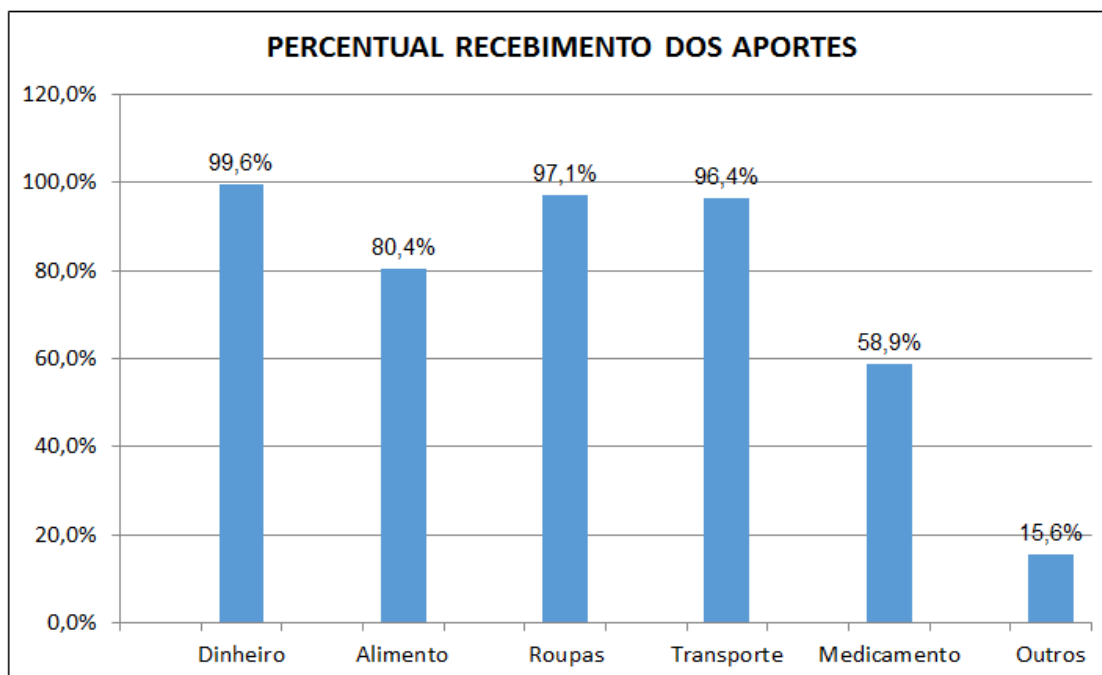


Gráfico 36 (Elaborado pela autora) – Percentual de recebimento dos aportes
Fonte: Dados da pesquisa.

Ao se considerar os estudantes que não tinham outras fontes de renda (bolsa, trabalho, poupança, etc.), 47,4% do total, a família coloca-se como a principal provedora desses aportes necessários à vida acadêmica do estudante na universidade. Entre aqueles que tinham acesso a uma bolsa (43,27%), 18,5% não recebiam dinheiro de suas famílias. Entretanto, continuavam recebendo ajuda para os outros aportes materiais (alimento, roupa, transporte, medicamentos). Nesse sentido, pode-se dizer que esse grupo alcançou, a partir da bolsa, uma autonomia relativa. Um percentual significativo entre os que recebiam bolsa, ou seja, 24,8% deles continuavam tendo dependência da família tanto em termos da necessidade de recebimento de dinheiro, quanto em relação aos outros aportes materiais. Essa constatação nos remete à importância da referência familiar para o provimento das necessidades materiais, principalmente mantendo e fortalecendo os vínculos materiais e afetivos desses estudantes

nesta importante etapa da vida universitária. Entre os que tinham trabalho ou outras fontes de renda (a partir da poupança, por exemplo) percebeu-se uma maior autonomia em relação ao grupo familiar. Mas, em termos percentuais, esse segmento foi pouco expressivo no grupo analisado.

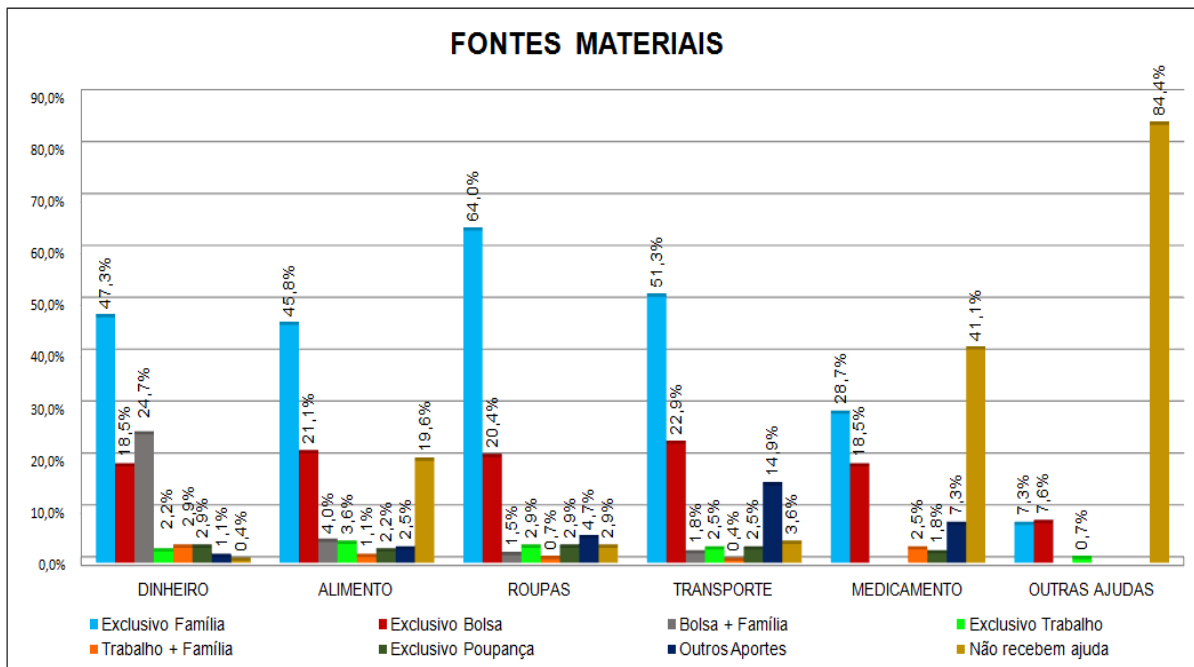


Gráfico 37 (Elaborado pela autora) – Fontes materiais
 Fonte: Dados da pesquisa.

7.3.1. Aportes em dinheiro

Em se tratando dos aportes em dinheiro, estes provinham de diversas fontes que convergiam para a manutenção financeira do estudante na instituição: dos familiares (47%), de uma bolsa (19%), do próprio trabalho (2,2%), de poupança (3%) e de outras ajudas (1%).

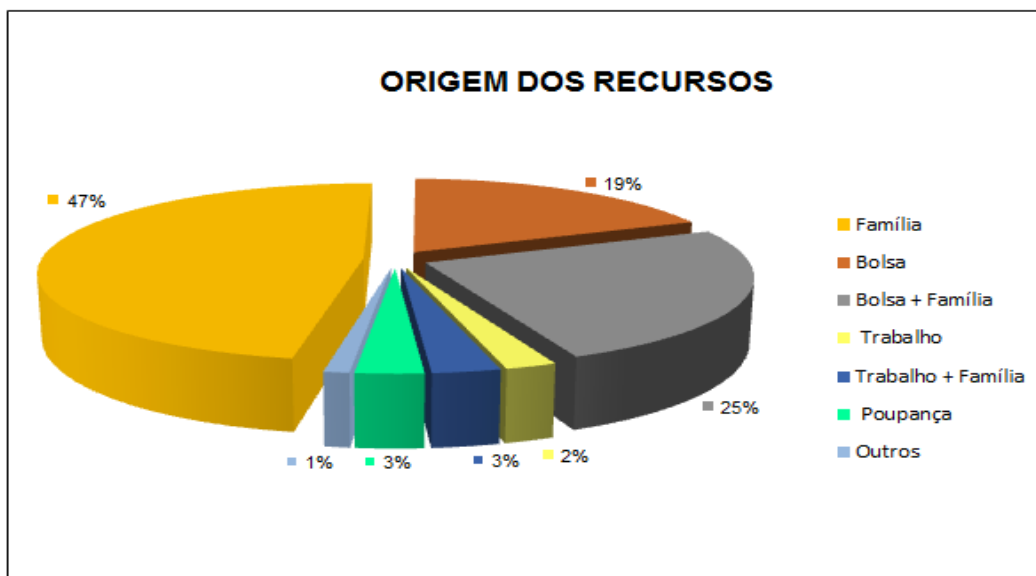


Gráfico 38 (Elaborado pela autora): Origem dos recursos

Fonte: Dados da pesquisa.

Dos estudantes que declararam ter recebido aporte financeiro (99,6%), várias situações foram percebidas: aqueles que tinham na família sua única forma de manutenção econômica, ou seja, sua fonte de renda provinha exclusivamente dos familiares (47,4%); aqueles que associavam o aporte financeiro proveniente da bolsa àquele adquirido da família (24,8%); e os que dependiam exclusivamente da bolsa (18,6%). Os demais obtinham seus recebimentos de fontes como trabalho, poupança e outras ajudas em situações eventuais e/ou esporádicas.

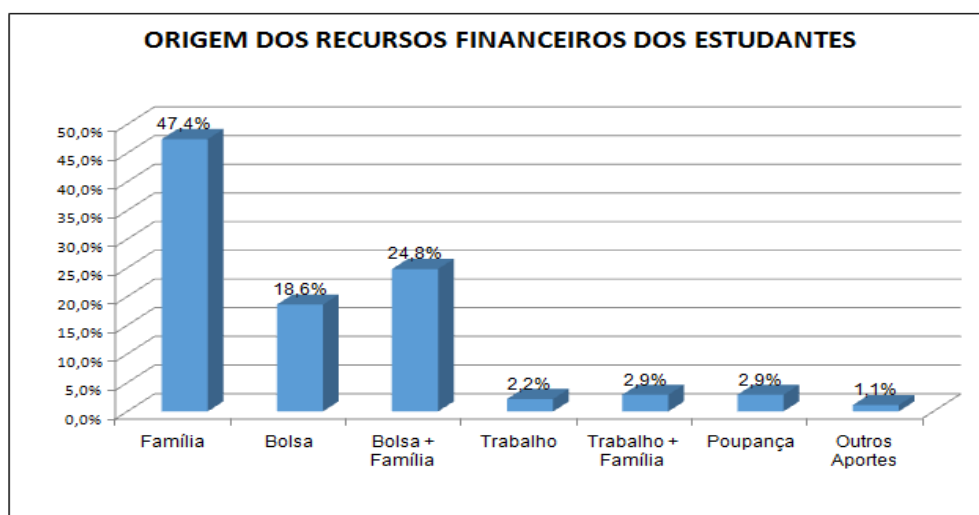


Gráfico 39 (Elaborado pela autora): Origem dos recursos financeiros dos estudantes

Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre os aportes recebidos, o financeiro enviado pela família é o que apresenta maior regularidade e se destaca tanto na frequência semanal/quinzenal (15,7%) quanto para complementar a bolsa recebida mensalmente (14,2%), o que se revelou fundamental para o provimento das diversas necessidades pessoais e acadêmicas do estudante, além de retratar a responsabilidade e o esforço familiar para a manutenção destes fora de casa no ambiente da instituição.

Contudo, apesar de não substituir o papel da família, os recursos provenientes da bolsa (18,6%) também são de suma importância, servindo de alternativa e suporte para os estudantes para o pagamento de despesas diversas, ocupando o segundo lugar do aporte financeiro.

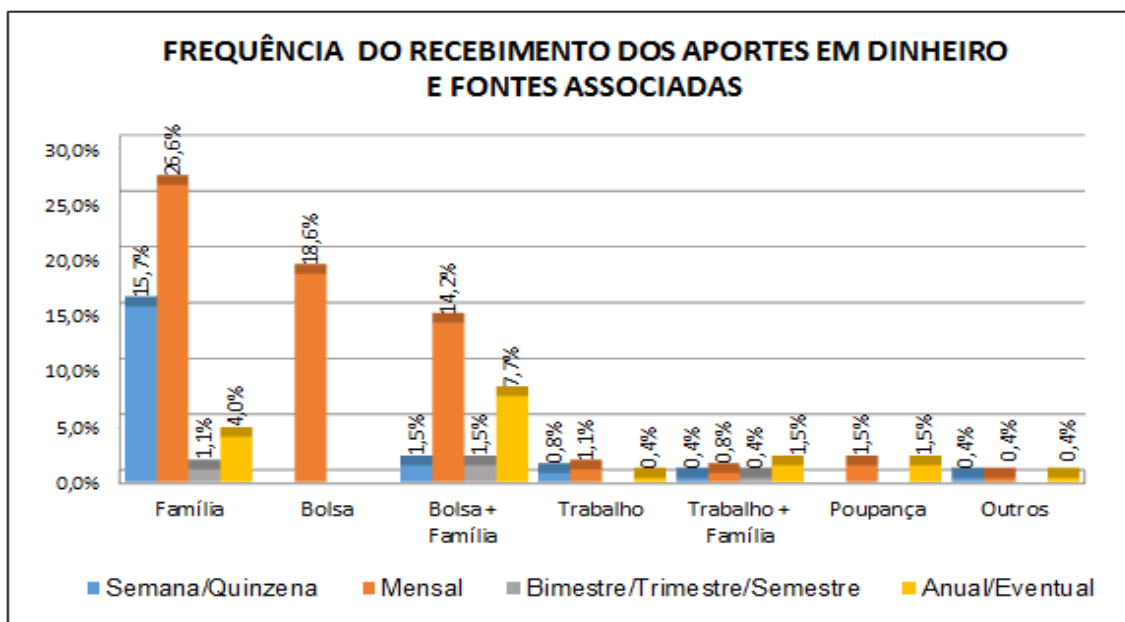


Gráfico 40 (Elaborado pela autora) – Frequência do recebimento dos aportes em dinheiro e fontes associadas
Fonte: Dados da pesquisa.

Ao inquirirmos o estudante sobre o valor recebido de cada aporte bem como sua frequência, percebeu-se que os valores oscilavam entre R\$100,00 e valores acima de R\$400,00 em boa parte dos seguimentos das ajudas, havendo, portanto, uma variação significativa dos valores percebidos. A recorrência de recebimento de dinheiro esteve associada principalmente ao grupo da família, acusando-se quantias com oscilações diversas em casos de eventualidade, mesmo quando o estudante detinha outras fontes de recursos financeiros, o que não acontece com nenhum outro aporte estudado. Isso nos leva a inferir que, em casos de necessidade, a família tenta suprir as demandas do familiar.

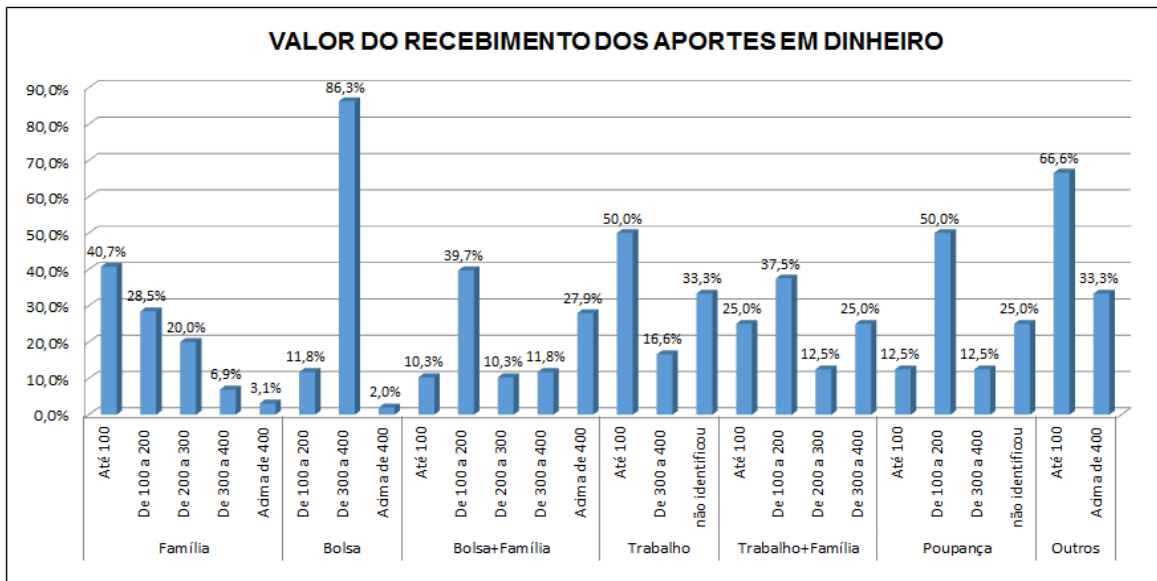


Gráfico 41 (Elaborado pela autora) – Valor do recebimento dos aportes em dinheiro. Salário mínimo vigente na ocasião da pesquisa em 2015: R\$788,00
 Fonte: Dados da pesquisa.

Observou-se que, em geral, os aportes recebidos somente pela família vinham: 58,4% dos pais, 38,5% de apenas um dos pais, 0,8% dos irmãos e 2,3% dos tios, todos provenientes da cidade de origem do estudante. Os pais atuam, portanto, de forma fundamental no provimento material dos filhos.

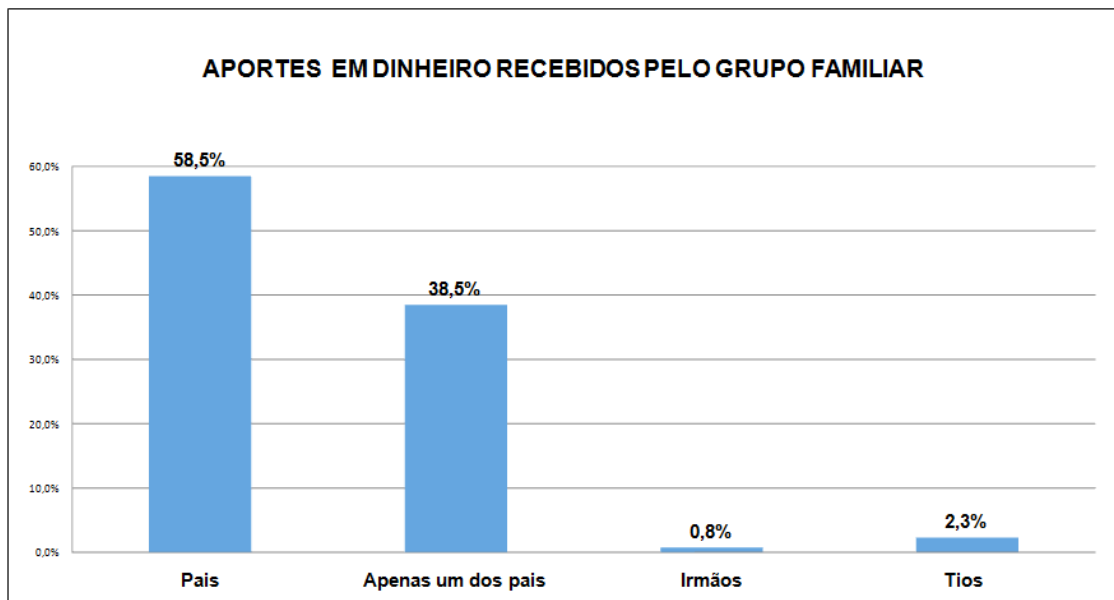


Gráfico 42 (Elaborado pela autora) – Aportes em dinheiro recebidos pelo grupo familiar
 Fonte: Dados da pesquisa.

7.3.2. Aportes com alimento

O serviço de alimentação compõe um dos âmbitos relacionados à assistência estudantil desenvolvida na UFV. O serviço é constituído por três refeições diárias (café da manhã, almoço e jantar), as quais são servidas no refeitório do campus. O acesso às refeições é gratuito a todos os estudantes que foram contemplados com o serviço de moradia, não precisando oferecer nenhum tipo de contrapartida financeira ou de trabalho.

De acordo com a pesquisa, 19,6% dos estudantes utilizava exclusivamente o serviço de alimentação da UFV, pois não tinham outras formas de suprir essa necessidade. Entretanto, considerando que o serviço de alimentação da UFV não fornece outras refeições, à exceção daquelas descritas anteriormente, 80,4% dos estudantes disseram contar também com a ajuda da família ou de suas próprias fontes geradoras de renda (trabalho, bolsa, poupança ou outras situações) para terem acesso a outras refeições. Ou seja, a partir desses aportes, conseguem comprar lanches nos intervalos das refeições, jantar aos domingos e feriados durante o período letivo ou nas refeições nos períodos de férias³³. Há que se ressaltar que boa parte dos estudantes não voltava para casa nos finais de semana e até mesmo nas férias devido à distância e ao custo de transporte no retorno ao lar.

Em relação aos estudantes que recebiam aporte para a alimentação, 80,4% do grupo, a família estava à frente da ajuda com 57% dos casos analisados. Além dela, 26,2% dos estudantes desse grupo mencionaram utilizar dos recursos provenientes da bolsa para essa finalidade. No restante dos casos, o percentual aferido direcionava a situações efetivamente pontuais e pouco expressivas, mas, consideradas importantes para o seu recebedor, salienta-se ainda que todos os estudantes das unidades de moradia estudantil recebiam também auxílio alimentação para fazer as refeições diárias (café da manhã, almoço e jantar ou lanche) no Restaurante Universitário (RU) da UFV, sendo este o aporte utilizado por todos, onde mesmo aqueles com restrições alimentares são atendidos, com opções vegetarianas ou veganas.

³³ No período de férias o serviço de alimentação é interrompido.

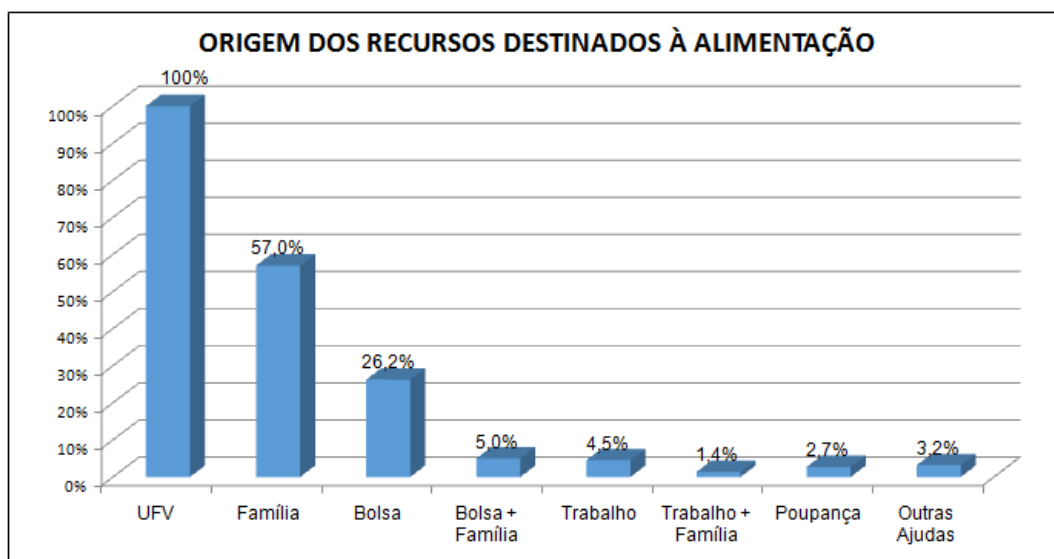


Gráfico 43 (Elaborado pela autora) – Origem dos recursos destinados à alimentação
 Fonte: Dados da pesquisa.

Depois da UFV, a família foi o grupo mais mencionado em relação aos aportes recebidos para alimentos, que eram recebidos semanalmente ou quinzenalmente (36,7%). Após ele, parte significativa dos estudantes (21,3%) retiraram da bolsa recursos para essa finalidade. Esses dois aportes foram os mais citados nas ocasiões em que não havia o suporte da instituição pelo serviço de alimentação.

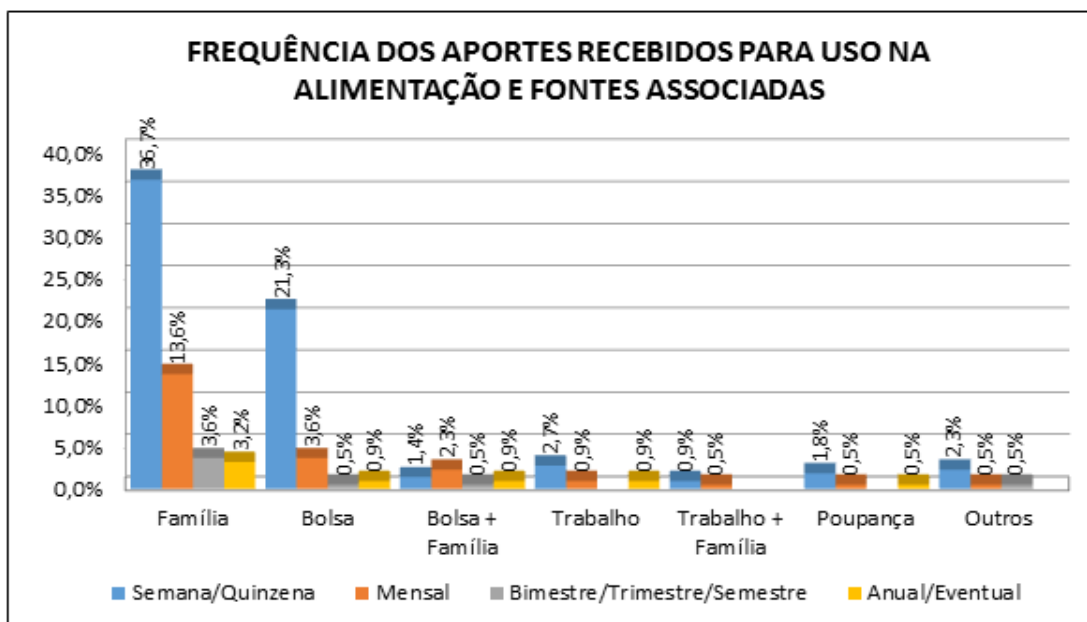


Gráfico 44 (Elaborado pela autora. – Frequência dos aportes recebidos para uso na alimentação e fontes associadas.

Fonte: Dados da pesquisa.

É importante destacar que os entrevistados não recebiam dos amigos nenhum aporte relacionado a provimento de alimentos, muito embora tenham relatado haver situações onde os alimentos eram compartilhados, como nesta fala do entrevistado 254, referente aos companheiros de alojamento: “Aqui tudo é coletivo, dividimos tudo (carinho, amor e comida)”. Quando se trata de valores recebidos, a grande parte das respostas mencionadas se concentrou entre valores entre 20 a 50 reais, recebidos da família ou de “outros” ou ainda advindos de bolsa, trabalho, poupança que eram utilizados na aquisição de lanches ou pequenas refeições. Os demais valores oscilaram a depender da fonte. No caso dos indivíduos que dependiam do trabalho ou de uma reserva particular, os valores mencionados não atingiram valores acima dos 80 reais. O que nos leva a perceber que nesse grupo, que não contava com o apoio da família ou da bolsa para financiamento dessas pequenas despesas, o investimento dos estudantes nesse item era menor, provavelmente porque as suas condições de financiá-los fossem piores que os demais.

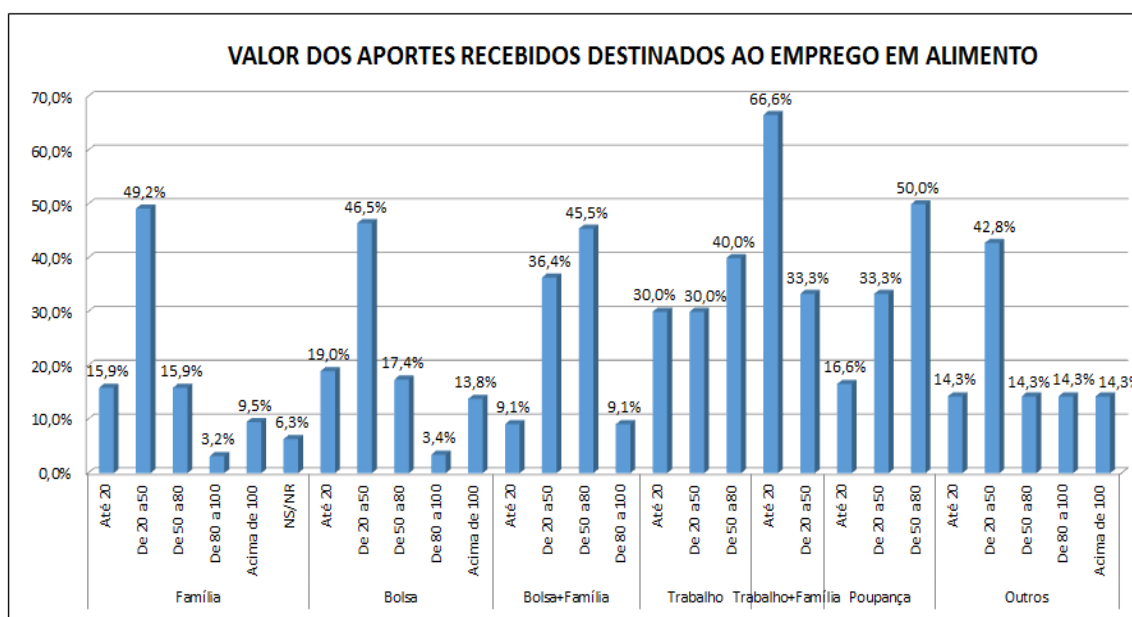


Gráfico 45 (Elaborado pela autora) – Valor dos aportes recebidos destinados ao emprego em alimento. Salário mínimo vigente na ocasião da pesquisa em 2015: R\$788,00
Fonte: Dados da pesquisa.

No que diz respeito à residência das fontes das ajudas para a alimentação, o resultado

revelou que a cidade de origem dos estudantes que receberam auxílio para alimentação por parte da família era: 10,3% provenientes de outros estados, 42,9% da microrregião de Viçosa, e 46,8% fora da microrregião de Viçosa. O local de residência das ajudas provenientes de outros aportes eram 57,1% fora da microrregião de Viçosa, 28,6% de outros estados e 14,3% da microrregião de Viçosa, destacando desse modo a diversidade da proveniência dos recursos recebidos, demandando uma forte ligação espacial conforme a localização dos grupos que fornecem os aportes.

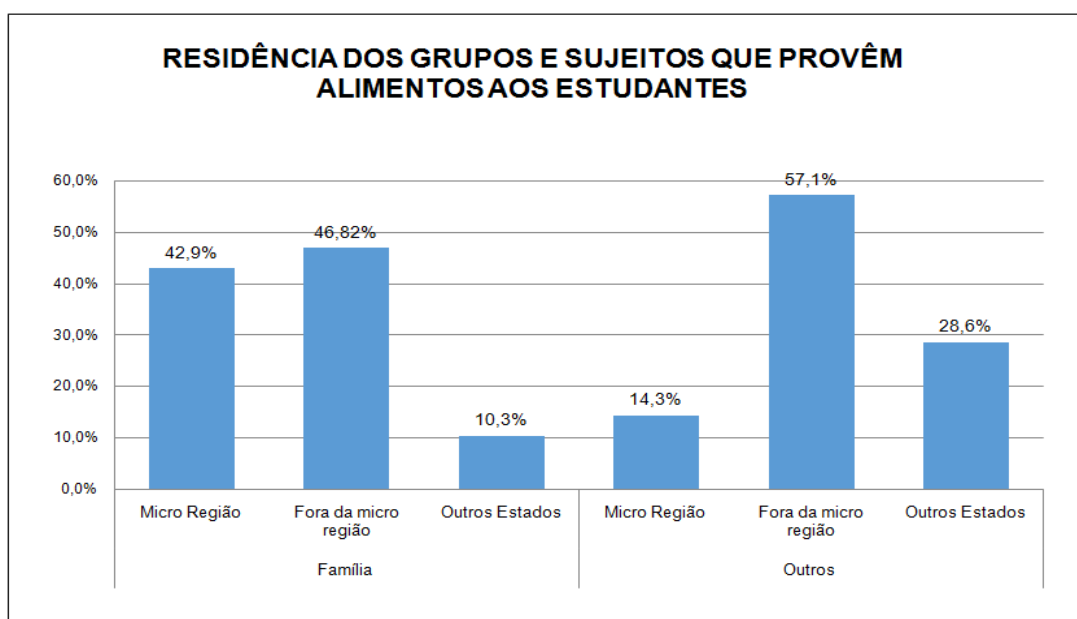


Gráfico 46 (Elaborado pela autora) – Residência dos grupos e sujeitos que provêm alimentos aos estudantes
 Fonte: Dados da pesquisa.

7.3.3. Aportes com roupas

Buscou-se também conhecer os grupos e/ou sujeitos envolvidos no provimento de recursos para a necessidade de vestuário entre os estudantes investigados que recebiam este aporte e que esteve relacionado a 97,1% dos investigados. Nesse âmbito, novamente a família esteve associada ao grupo de aporte para o provimento dessa demanda, sendo mencionada por 65,9% dos entrevistados. Depois dela, em 21% dos casos, os recursos provenientes das bolsas, utilizados para esse fim, foi o mais expressivo.

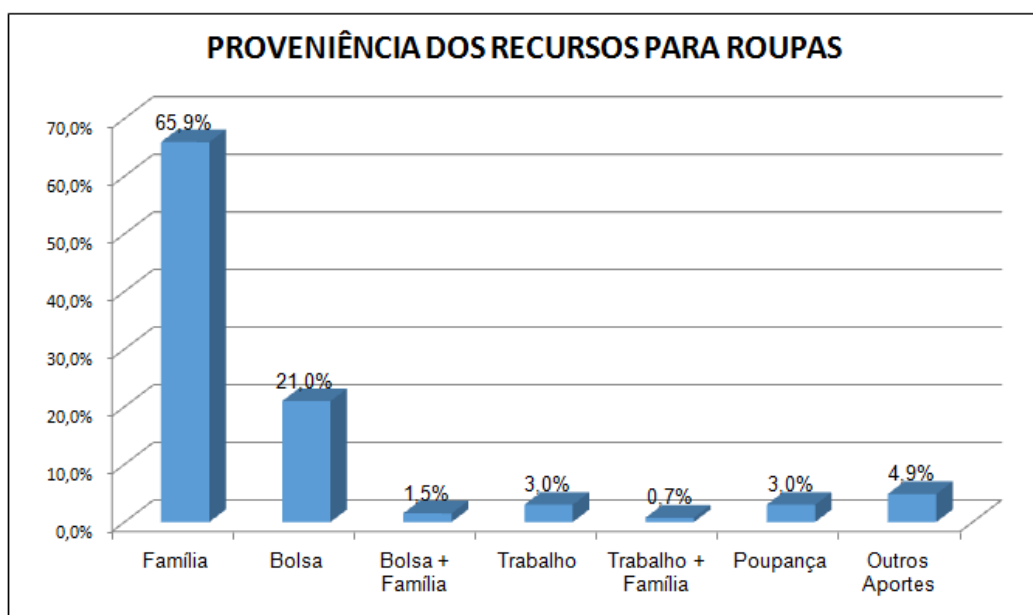


Gráfico 47 (Elaborado pela autora) – Proveniência dos recursos para roupas
Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme já mencionado, o gasto associado a essas despesas tem na família seu principal provedor, acontecendo de forma mais esporádica, com frequência semestral (24%) e/ou anual (37%).

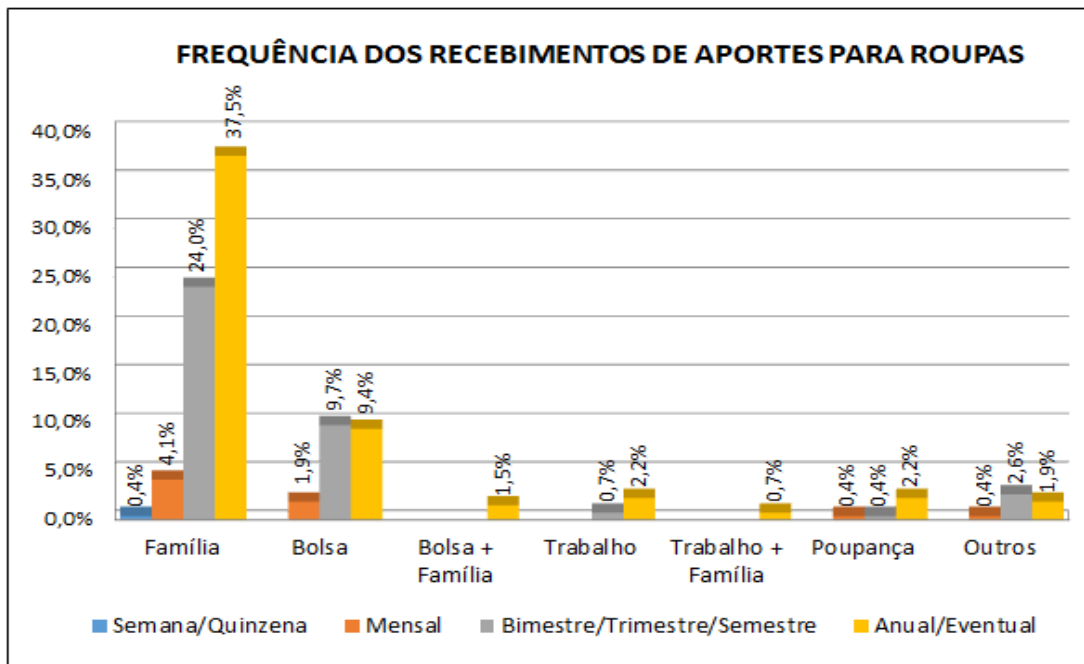


Gráfico 48 (Elaborado pela autora) – Frequência dos recebimentos de aportes para roupas
 Fonte: Dados da pesquisa.

Em se tratando de estudantes vindos de famílias com recursos escassos, os valores providos pela família para essa finalidade tiveram na faixa entre 100 a 200 reais o percentual mais expressivo (32,4%). As demais faixas, associadas a valores mais altos, foram menos frequentes, indicando que apesar da família ser a principal provedora dos estudantes, a condição financeira do grupo não permitia grandes investimentos em despesas que eram feitas de forma mais esporádica. Quando os estudantes utilizam o recurso proveniente da bolsa juntamente com o da família ou do trabalho associados aos recursos da família, esses percentuais aumentam, na casa dos 50%, oscilando o valor entre 100 reais e de 100 a 200 reais. O que significa dizer que, para os segmentos dos alunos que têm outras fontes de renda (bolsa ou trabalho) eles podem empregar mais recursos na compra de roupas.

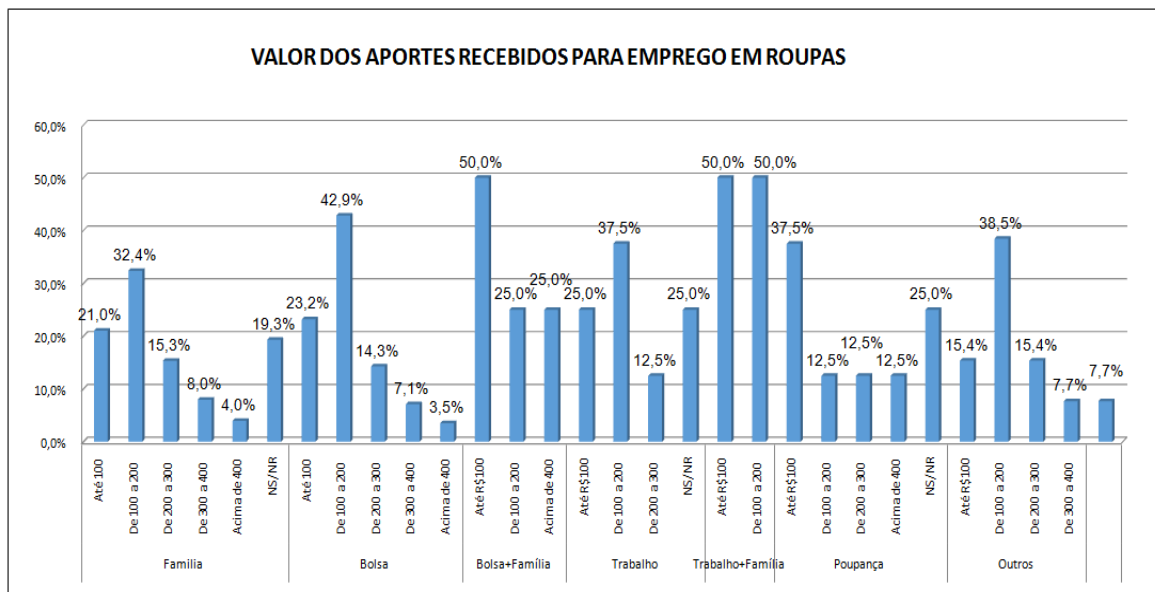


Gráfico 49 (Elaborado pela autora) – Valor dos aportes recebidos para emprego em roupas. Salário mínimo vigente na ocasião da pesquisa em 2015: R\$788,00
 Fonte: Dados da pesquisa.

Tal quais os aportes recebidos para alimentos, os valores recebidos para a compra de roupas têm a mesma origem ou localização geográfica das fontes. Destaca-se que os aportes recebidos para essa finalidade provêm da família, cujas fontes estão localizadas, sobretudo, na cidade de origem do estudante (93,8%), em regiões situadas dentro ou fora da microrregião de Viçosa em sua grande maioria de pequeno porte.

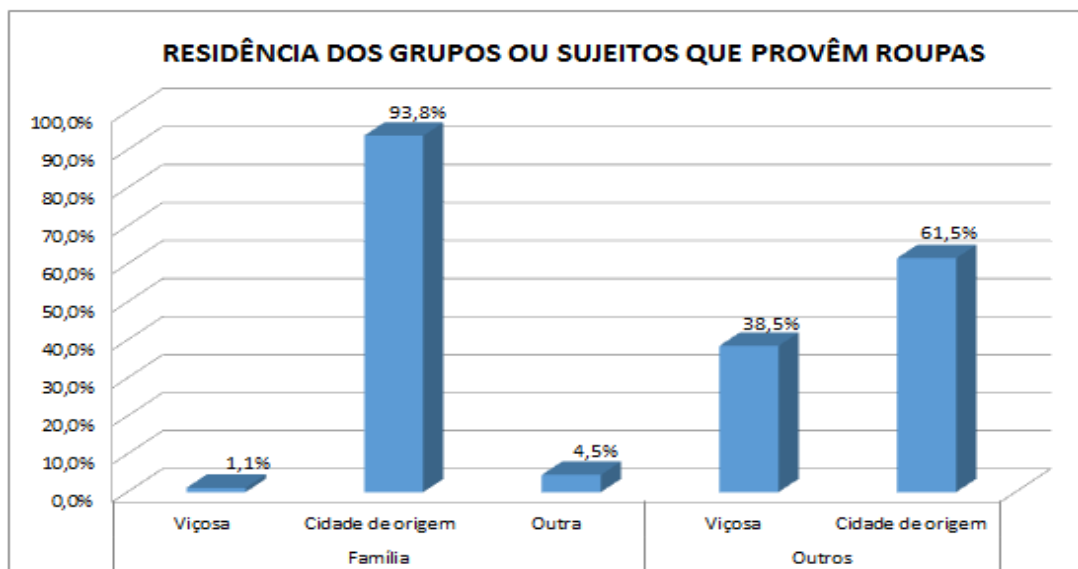


Gráfico 50 (Elaborado pela autora) – Residência dos grupos ou sujeitos que provêm roupas
 Fonte: Dados da pesquisa.

7.3.4. Aportes com transporte

O tempo de permanência do estudante em período letivo na universidade está diretamente ligado ao andamento de seu curso e do número de disciplinas que está matriculado em cada período. Nesse sentido, a possibilidade de retorno ao lar para os estudantes é uma questão que depende também dos apoios financeiros que eles recebem, pois, muitos não conseguem ou não podem assumir compromissos de trabalho dentro ou fora da instituição e muito menos na cidade de origem.

Aqui, a questão do transporte refere-se ao custo financeiro para retorno do estudante à sua cidade de origem, considerando as suas possibilidades, a distância do percurso e a origem dos recursos. Nesse sentido, o impacto dos recursos financeiros ou sociais para cada um desses jovens e as suas famílias pode ser significativo, favorecendo ou não a frequência das viagens. Para aqueles que residem em cidades próximas a Viçosa, o retorno pode ser mais frequente e menos oneroso do que para aqueles que residem em cidades que ficam fora da microrregião de Viçosa ou até mesmo em outros estados. As viagens para cidades que possuem distância superior a 300 km de Viçosa são geralmente mais caras, não possuem linha direta de ônibus, por isso as viagens não são possíveis de serem realizadas nos finais de semana, sendo possível apenas nas férias nos finais dos períodos letivos. Ao passo que para aqueles que residem em regiões mais próximas a Viçosa, as viagens podem ser compartilhadas por caronas, por ônibus disponibilizados gratuitamente ou parcialmente pagos pela prefeitura municipal, além de serem financiadas pela ajuda dos pais ou pagas com recursos de alguma bolsa estudantil.

Assim, como identificado no gráfico abaixo, para os estudantes que recebiam este apoio (o caso de 96,4% do grupo) a família novamente se faz presente com percentual de 53,2% dos aportes financeiros para o emprego em transporte, especialmente naquele relacionado ao seu retorno às cidades de origem. Segundo relatos dos estudantes, frequentemente, esses transportes eram utilizados de forma coletiva ou compartilhada com outros residentes oriundos da mesma localidade. A bolsa também emergiu como um recurso que era utilizado para essa finalidade em quase 23,8% dos casos.

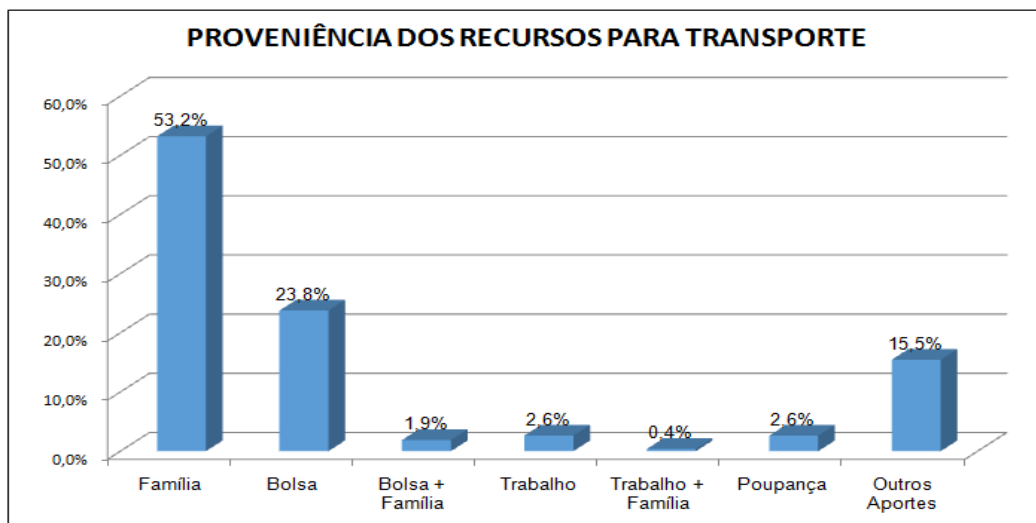


Gráfico 51 (Elaborado pela autora) – Proveniência dos recursos para transporte
 Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados apontaram uma maior regularidade dos recursos provenientes da família com a finalidade de custear o transporte para retornos à residência de origem do estudante, os quais ocorriam com uma frequência semanal (21,9%), semestral (18,1%), mensal (10,9%). A regularidade desse aporte leva-nos a considerar a frequência dos contatos estabelecidos com a família. Essa sociabilidade, certamente, é permitida pela proximidade de acesso de Viçosa com a cidade de origem do estudante, já que a maior parte deles residem em cidades que ficam até 84 km de distância da instituição.

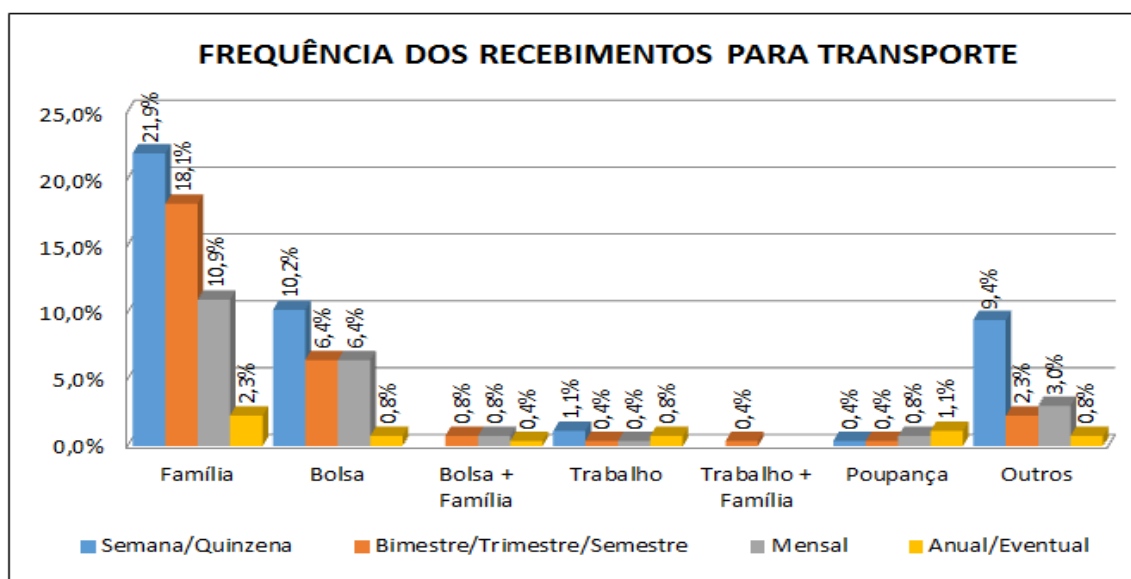


Gráfico 52 (Elaborado pela autora) – Frequência dos recebimentos para transporte
 Fonte: Dados da pesquisa.

O gráfico abaixo demonstra com clareza os valores aferidos pelos aportes recebidos com finalidade para o transporte, os quais não ultrapassavam, em sua grande maioria, valores acima de 100 reais. Para além dessas situações foram identificadas situações em que os estudantes não relataram o quanto receberam para fins de transporte, já que não souberam dimensionar valores em relação às ocasiões em que têm caronas compartilhadas com amigos ou transporte coletivo gratuito ou de baixo custo oferecido pelas prefeituras locais das cidades localizadas no entorno da universidade, exclusivamente aos fins de semana.

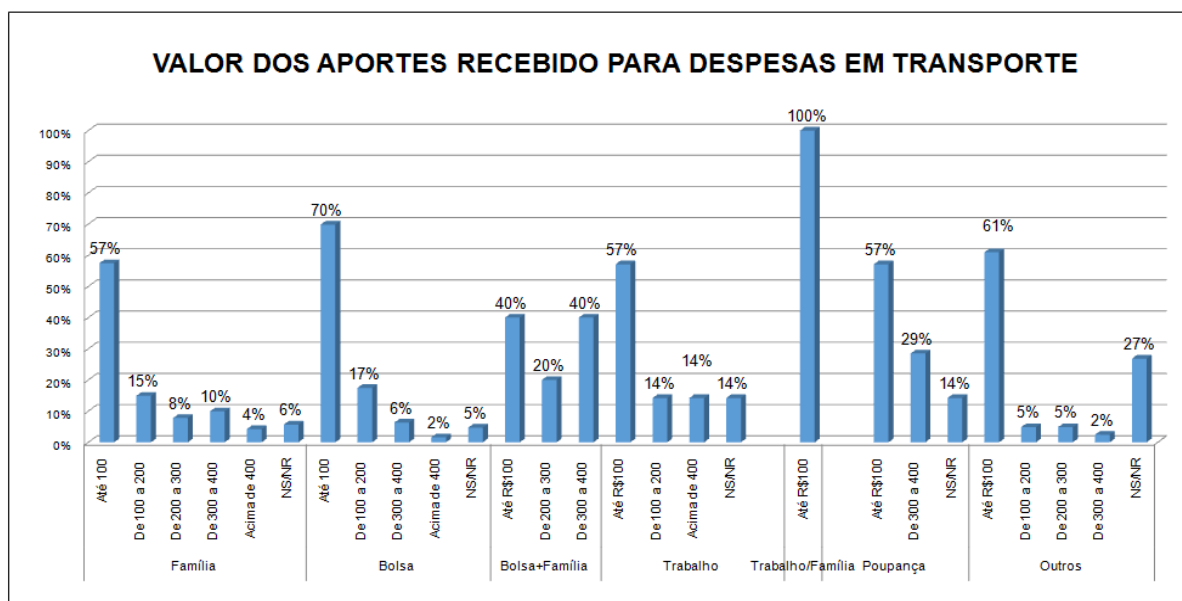


Gráfico 53 (Elaborado pela autora) – Valor dos aportes recebidos para emprego em transporte. Salário mínimo vigente na ocasião da pesquisa em 2015: R\$788,00
 Fonte: Dados da pesquisa.

Em se tratando de localização dos grupos e/ou sujeitos que provinham esses aportes, os dados da pesquisa apontaram que esses provinham das cidades de origem do estudante, principal local de residência desses sujeitos.

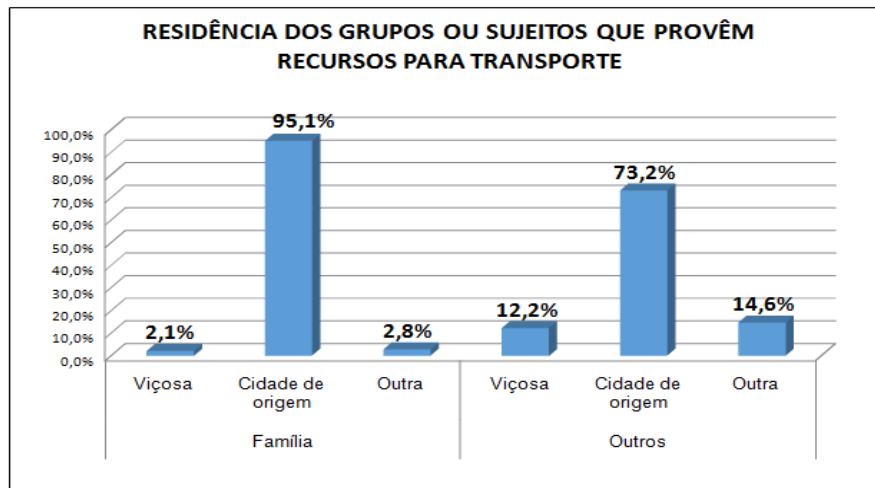


Gráfico 54 (Elaborado pela autora) – Residência dos grupos ou sujeitos dos quais provêm recursos para transporte

Fonte: Dados da pesquisa.

7.3.5. Aportes com medicamentos

O uso de medicamentos por parte dos sujeitos pesquisados foi identificado como esporádico e/ou eventual, não sendo relatado nenhum caso em que o uso de medicamentos era feito de forma contínua e imprescindível à saúde destes. A principal questão no que concerne a medicamentos estava relacionada a quem se recorria em caso de necessidade desse aporte e como essa ajuda acontecia.

Observou-se que, dos 58,9% dos entrevistados que receberam apoio com medicamentos, os familiares (48,8%) foram os que mais deram esse suporte. Não menos importante, entre os que tinham acesso a bolsa, ela era utilizada por 31,5% dos estudantes para essa finalidade, sobretudo naquelas situações em que o custo dos medicamentos era pequeno ou que, no momento da necessidade, a família não tinha o recurso ou como enviá-lo rapidamente.

As “outras ajudas” foram registradas em 12,3% dos casos, que eram provenientes de parentes distantes, amigos e, em alguns episódios, a ajuda originava-se da assistência estudantil da universidade por intermédio da ASBEM (Associação Beneficente de Auxílio a Funcionários e Estudantes da UFV) com doações de recursos para aquisição de medicamentos emergenciais.

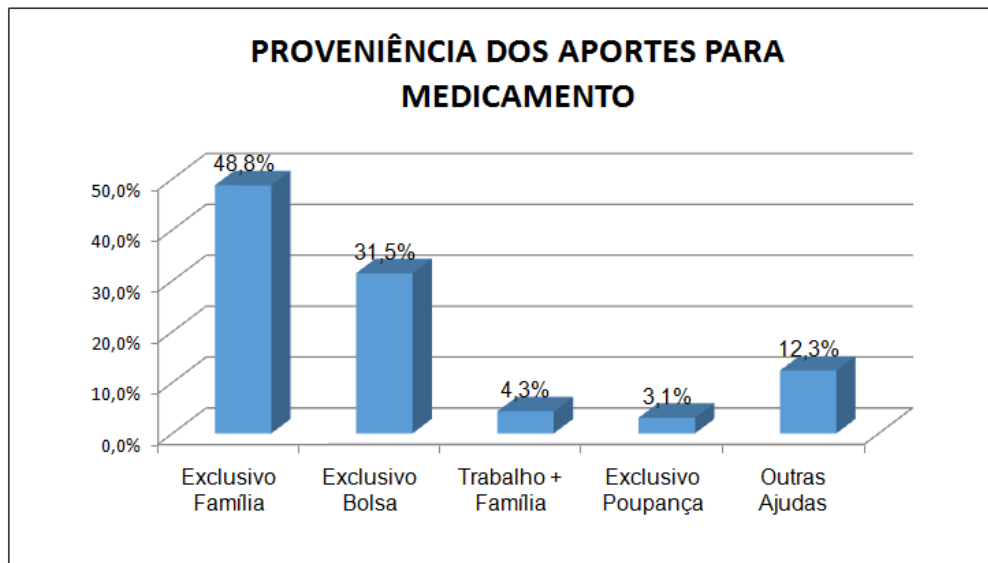


Gráfico 55 (Elaborado pela autora) – Proveniência dos aportes para medicamento
 Fonte: Dados da pesquisa.

Dada a ocasionalidade da despesa com medicamentos, os recursos provenientes da família, grupo provedor mais importante dos estudantes, tinham uma ocorrência menor: anual/eventual (28,4%), podendo acontecer também de forma mensal (17,3%). Sendo que a bolsa também era utilizada para essa finalidade.

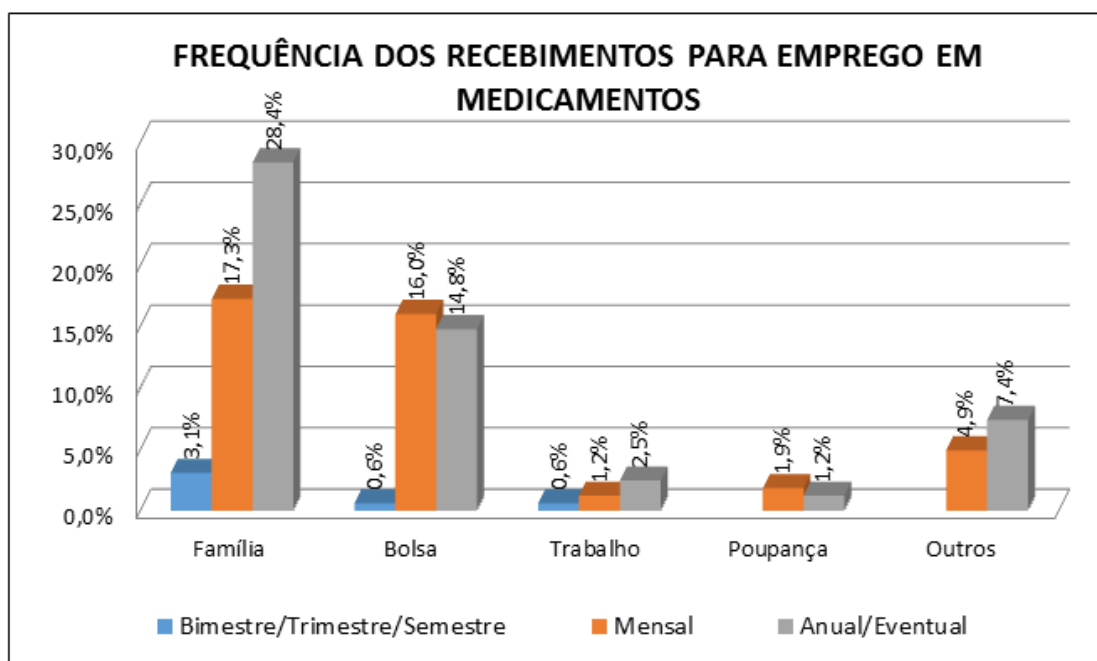


Gráfico 56 (Elaborado pela autora) – Frequência dos recebimentos para emprego em medicamentos
 Fonte: Dados da pesquisa.

A exposição dos valores gastos com medicamentos no gráfico abaixo nos mostra que, quando se trata de valores de até 100 reais, os aportes advindos da família, da bolsa, do trabalho e da poupança para financiamento dessa despesa estiveram associados aos maiores percentuais. Já nas despesas com medicamentos de alto custo, acima de 400 reais, os percentuais associados foram mais baixos e envolviam, inclusive, “outros” grupos externos à família. Esse foi o caso, por exemplo, de dois estudantes que, necessitando de utilizar uma medicação mais cara e sem terem como arcarem com esse custo (ou à sua família), recorreram à ASBEM,³⁴ como uma situação de necessidade esporádica e emergencial.

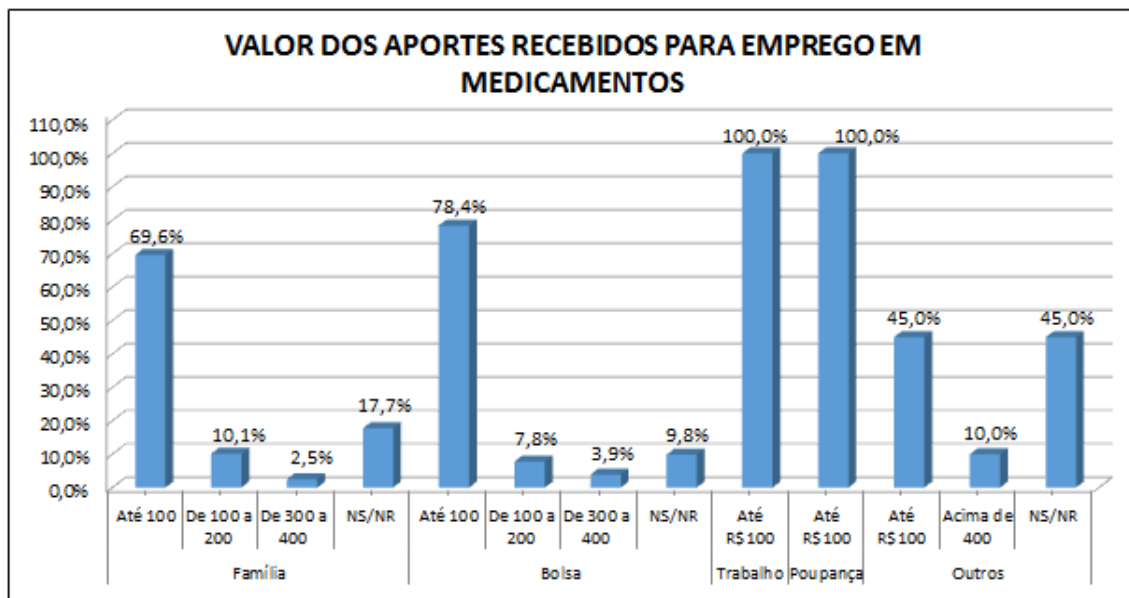


Gráfico 57 (Elaborado pela autora) – Valor dos aportes recebidos para emprego em medicamentos. Salário mínimo vigente na ocasião da pesquisa em 2015: R\$788,00
Fonte: Dados da pesquisa.

Como os demais resultados, os aportes provinham dos familiares ou de outros, os quais residiam nas cidades de origem dos estudantes em Viçosa e em “outros” locais não mencionados pelos respondentes, conforme gráfico exposto.

³⁴A Associação Beneficente de Auxílio a Funcionários e Estudantes da UFV – ASBEM é uma associação sem fins lucrativos, fundada em 1980 com o objetivo de auxiliar funcionários e estudantes carentes da UFV em diversas necessidades sociais, principalmente em situações de saúde. Para este fim utiliza recursos provenientes das mensalidades de seus associados e de recursos provenientes da reciclagem de parte de papel descartado pela UFV (ASBEM – Guia de Convênios e Estatuto Social, 2008).

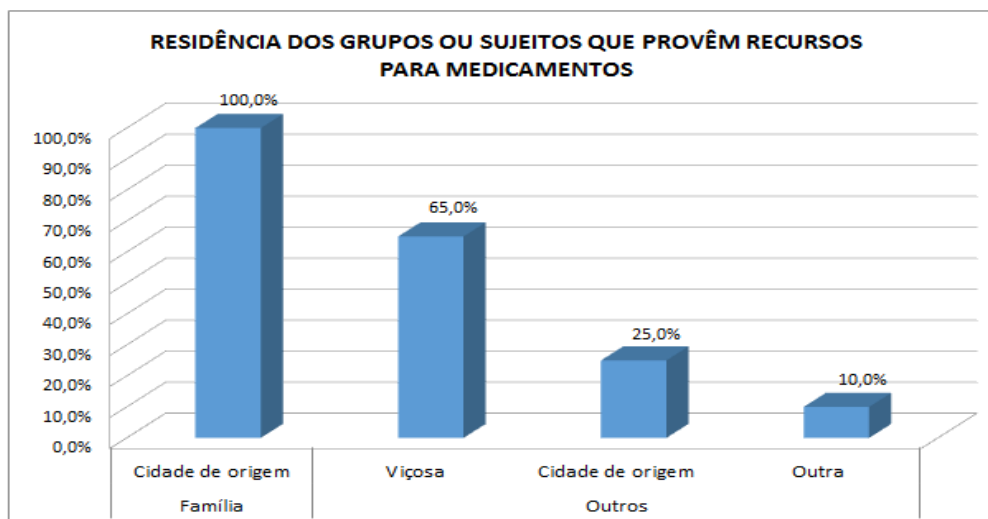


Gráfico 58 (Elaborado pela autora) – Residência dos grupos ou sujeitos que provêm recursos para medicamentos
 Fonte: Dados da pesquisa.

7.3.6. Outras situações

Simultaneamente às situações já mencionadas, tidas como necessárias à manutenção do estudante no campus, 15,6% dos estudantes também mencionaram outras situações nas quais dependiam de recursos, os quais seriam necessários em algum momento de sua vivência universitária como residente na moradia estudantil da UFV. Trata-se de situações relacionadas a: cuidados estéticos (9,3%), despesas de casa (2,3%), despesas extras (2,3%), higiene pessoal (4,7%), lazer (4,7%), material didático/estudos (69,8%), questões de saúde (4,7%) e telefone (2,3%). Para essas situações, os recursos provinham do grupo familiar e da bolsa, na sua maior parte. Condizente com a condição financeira dos estudantes, os maiores percentuais associados aos valores empregados nessas despesas não ultrapassavam o patamar de 100 reais.

7.4. Mobilização de contatos

Buscou-se conhecer os grupos ou indivíduos que foram procurados em ocasiões fundamentais para o estudante nas mais diversas situações cotidianas (inesperadas ou não) em

que o estudante apresentou dificuldade para resolvê-las quer seja em termos materiais (moradia, trabalho, bolsa), ou mesmo em termos da constituição de seus relacionamentos afetivos. Assim, perguntou-se aos estudantes se no momento da chegada à universidade ou na situação de busca de um trabalho ou bolsa de estudo, se eles puderam contar com alguém (ou algum grupo) que os tenha ajudado e, se em caso positivo, quem foram eles.

A maior parte dos estudantes declarou não ter tido mediação de ninguém ou de nenhum grupo para ter acesso às unidades de moradia estudantil (66,2%). Entre os que possuíam bolsa de estudo (48,7%) ou mantinham um relacionamento afetivo (39,3%), a maior parte não contou com a mediação de ninguém para alcançá-los: 63,43%, 67,6% respectivamente. Entre os que possuíam um trabalho³⁵, 6,9% do grupo, 15,8% declarou ter tido a ajuda de alguém para consegui-lo. Entretanto, esse resultado tem de ser visto com certa cautela na medida em que o número absoluto dos estudantes que tinham acesso a um emprego não foi significativo em relação à amostra total, apenas 19 estudantes, e por isso não pode ser tomado como relevante em termos estatísticos.

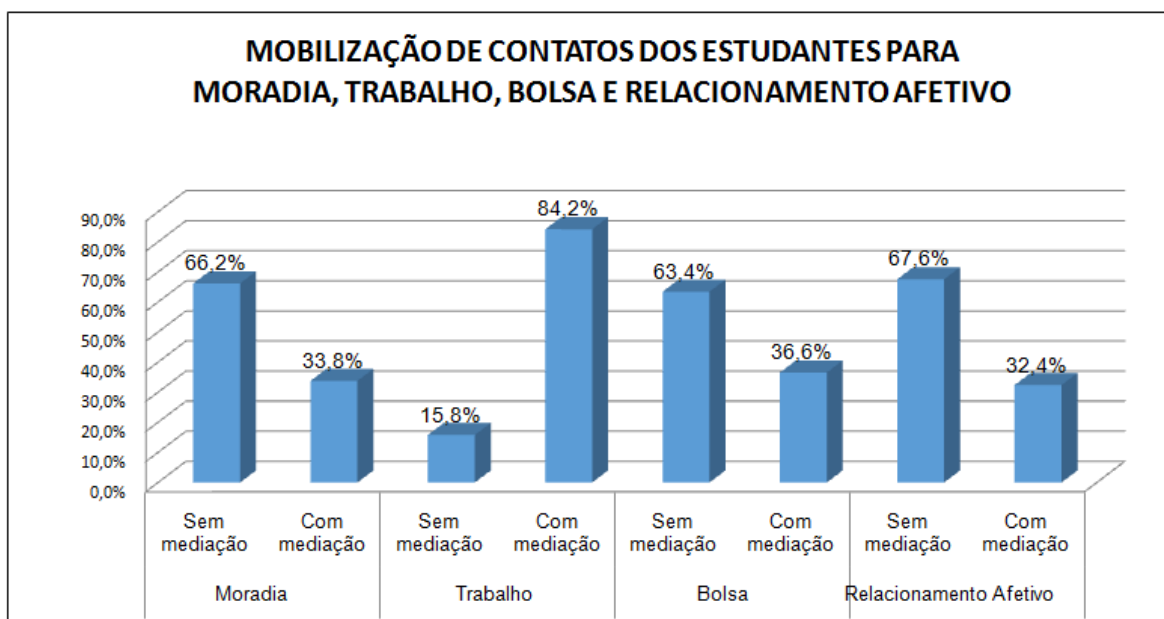


Gráfico 59 (Elaborado pela autora) – Mobilização de Contatos
 Fonte: Dados da pesquisa.

Na análise mais aprofundada desses dados, especificamente em relação àqueles que

³⁵ A maior parte dos que trabalhavam não possuíam vínculo empregatício com o empregador, eram atividades esporádicas e/ou extras de prestação de serviços

tiveram mediação de alguém ou algum grupo para conseguir um local de moradia (33,8% do total), verificou-se que o grupo que mais se destacou nessas ajudas foram os amigos (59,1%). Além deles, os estudantes relacionaram também os aportes tidos da família (18,3%) e da própria instituição (17,2%). No depoimento dos estudantes, sobressaíram as situações em que recorriam a amigos oriundos das suas cidades de origem que já viviam na instituição, os quais foram “peças-chave” para sua inserção nas moradias estudantis, no processo de escolha do prédio, apartamento e adaptação. Em muitas situações observou-se que os estudantes que já residem preferem dividir suas moradias com os antigos conhecidos, recém-chegados, a terem de dividi-la com “estranhos”. Quando não existem as vagas nas próprias unidades, os estudantes veteranos são, muitas vezes, intermediários nessas situações apresentando os conterrâneos aos conhecidos de outras unidades. Nesses casos, os estudantes têm na amizade um capital social, um aporte que lhes possibilita um acesso mais fácil às unidades de moradia estudantil.

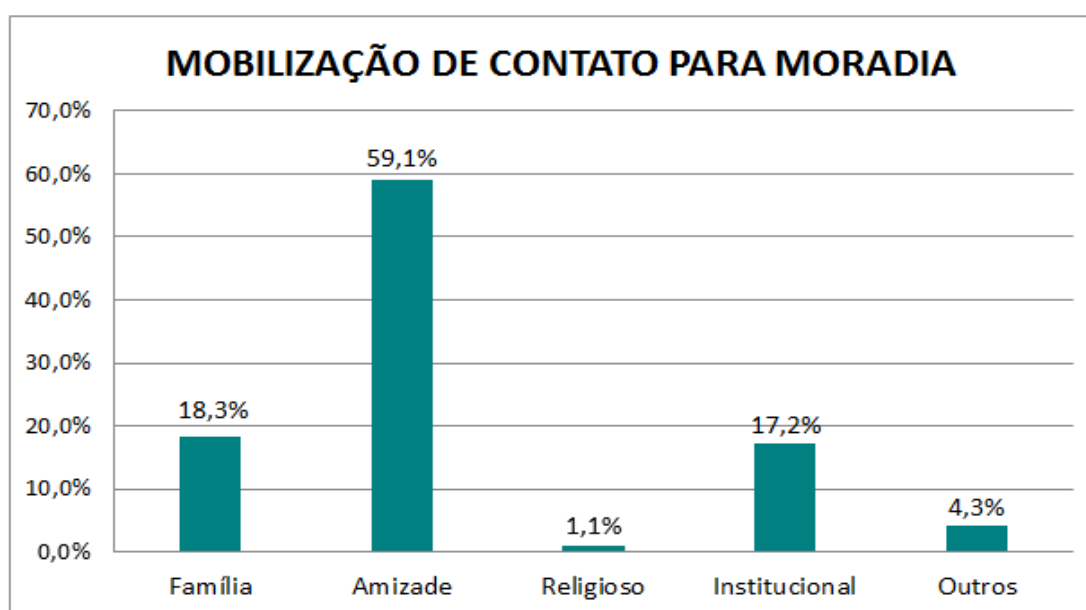


Gráfico 60 (Elaborado pela autora.) – Mobilização de contatos para moradia
 Fonte: Dados da pesquisa.

Dos 48,7% estudantes que recebiam bolsa, 36,6% declararam que tiveram a intervenção de alguém para consegui-la, quer seja um professor (34,7%), algum contato institucional (30,6%) ou mesmo por intervenção de um amigo (26,5%). A mediação dos professores mostrou-se importante na obtenção da bolsa. Isso porque sua distribuição entre os

estudantes está vinculada a critérios elegíveis pelos professores em percepções que perpassam a esfera da personalidade na relação professor-aluno e de questões acadêmicas. Ou seja, além dos critérios descritos nos editais de concessão das bolsas, a proximidade entre professor-aluno também era considerada no momento da seleção, tendo em vista que o direcionamento das atividades a serem executadas pelos mesmos eram coordenadas pelos docentes.

Segundo os estudantes, essa possibilidade se coloca a partir da inserção de determinados estudantes em trabalhos voluntários em pesquisas e projetos que, posteriormente, têm seus trabalhos reconhecidos com a bolsa. Aqui vale dizer que o capital social construído a partir do contato com os professores e a instituição é um importante aporte para o acesso às bolsas. Contudo, há espaço para a indicação e inferência de amigos, além da própria instituição, sobretudo, mediante o Serviço de Bolsas, com o oferecimento da bolsa de iniciação profissional³⁶.

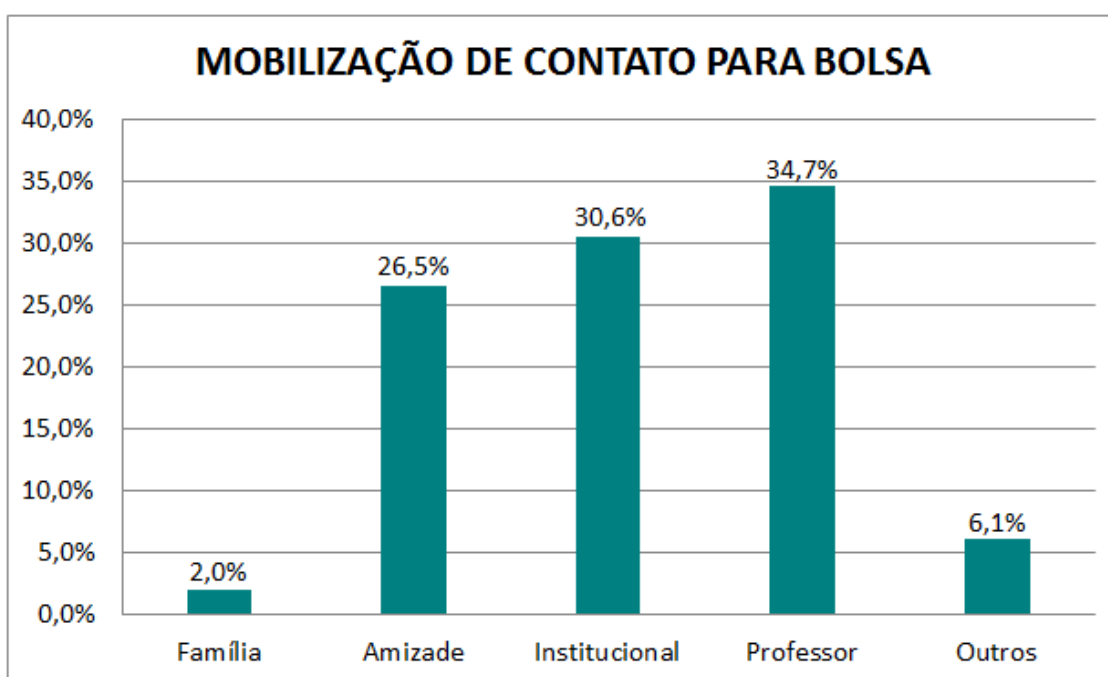


Gráfico 61 (Elaborado pela autora) – Mobilização de contato para bolsa
Fonte: Dados da pesquisa.

Em se tratando de trabalho, 84,2%, ou 16, estudantes, manifestaram ter tido a mobilização de alguém para consegui-lo. Nestes casos, eles contaram com a ajuda de: amigos

³⁶ Essa bolsa insere o estudante em diferentes setores na universidade para a prestação de serviços, com obrigatoriedade de 8 horas semanais e auxílio de custo no valor de R\$150,00 mensais.

(62,5%), família (12,5%), vizinhos (6,25%) e outros (18,75%). Os amigos foram, novamente, referência importante para que o estudantes conseguissem lograr êxito na obtenção de um trabalho.

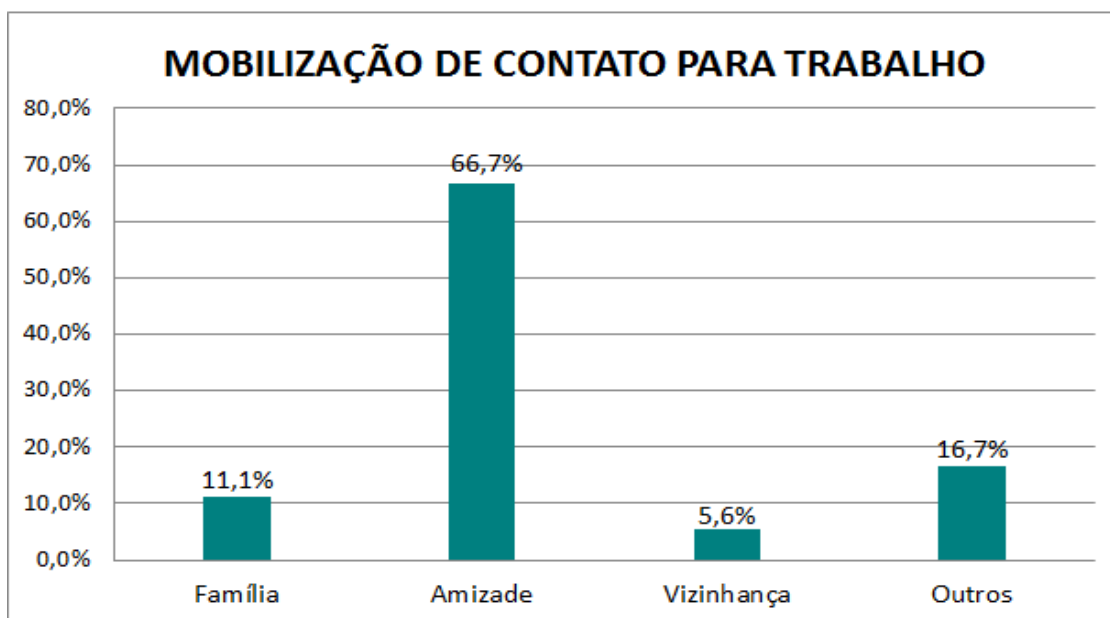


Gráfico 62 (Elaborado pela autora) – Mobilização de contato para trabalho
Fonte: Dados da pesquisa.

Nas situações de relacionamento afetivo, 32,4% mencionou ter havido mediadores para a efetivação da relação, tanto para ser apresentado/apresentada à pessoa de interesse quanto para obter intervenções maiores visando à manutenção do casal. Desta forma, novamente, a amizade (62,9%) e a família (22,9%) mostraram ser essenciais para o estudante, sendo marcadas como grupos de referência e confiança.

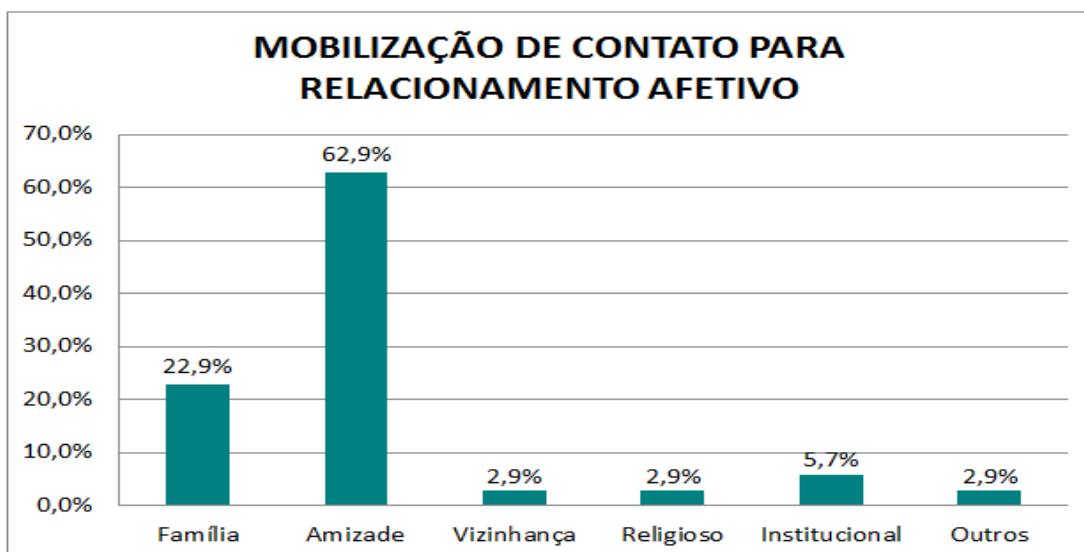


Gráfico 63 (Elaborado pela autora) – Mobilização de contato para relacionamento afetivo
 Fonte: Dados da pesquisa.

7.5. O contexto das ajudas: o tempo, o custo e a confiança

Buscou-se perceber se havia uma diferença em relação aos grupos associados às ajudas imediatas – que geralmente envolviam um menor custo em termos de tempo e valores monetários associados – e aquelas que requeriam um maior tempo e maiores custos em relação aos grupos envolvidos.

7.5.1. As ajudas imediatas e de baixo custo

Consideramos como ajudas imediatas e de baixo custo aquelas em que a necessidade de apoio em alguma situação é momentânea, pontual ou esporádica, com custo acessível, principalmente relacionado à disponibilidade nos préstimos a quem se recorre. Inicialmente, para a caracterização das ajudas, buscou-se conhecer a quem os estudantes recorriam nas situações que envolviam uma ajuda imediata (especificamente em termos de problemas de saúde, empréstimos de equipamento ou mantimento, solicitação de informações sobre serviços públicos e em trabalhos acadêmicos) e a quem esses grupos de apoio se referiam (família, amigos, vizinhos, amigos de igreja, órgãos da instituição, profissionais especializados ou outros).

Investigamos também a frequência em que essas situações ocorriam (diariamente, semanalmente, mensalmente, semestralmente ou eventualmente) e se as ajudas envolveram ou não pagamento por parte dos estudantes, buscando identificar o grau de gratuidade dessas ações. Além de constatar o grau de confiança (alto, médio ou baixo) que elas envolviam, relacionado ao provedor das ajudas, identificou-se também as formas de contato utilizadas pelos envolvidos (pessoalmente, telefone, e-mail e por redes sociais) e o local de residência das ajudas (alojamento, na UFV, em Viçosa, na cidade de origem ou em outros locais não relacionados) como forma de mapear a expansão que essas redes de apoio atingiam espacialmente, aspectos que trataremos nos próximos tópicos.

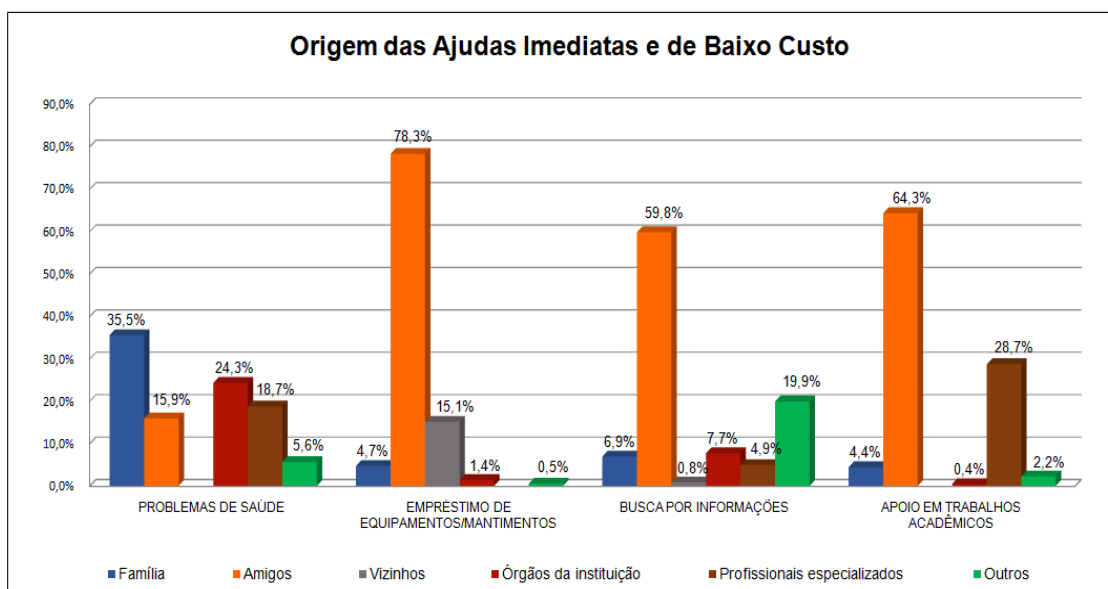


Gráfico 64 (Elaborado pela autora) – Origem das Ajudas Imediatas e de Baixo Custo
Fonte: Dados da pesquisa.

Ao mapear as redes de apoio acionadas pelos estudantes para atender às suas necessidades imediatas, o grupo acionado variou conforme o tipo de ajuda requerida. Assim, por exemplo, no caso de problemas com a saúde, eles relataram haver solicitado ajuda especialmente: da família (35,5%), dos órgãos da instituição (24,3%) e de profissionais especializados (18,7%), dos demais, amigos (15,9%) e outros (5,6%). Ressalte-se que a igreja não esteve associada a nenhuma das respostas dadas pelos estudantes relacionadas aos grupos e/ou sujeitos que lhes disponibilizavam ajudas imediatas. Dos respondentes que receberam ajuda da família, as respostas indicaram que a procura primordial a esse grupo se deve ao

vínculo mais forte em relação aos demais. Assim, os contatos entre o estudante e seus parentes objetivavam a busca por orientações a sintomas relacionados à saúde no momento de sua ocorrência.

Dos entrevistados, 24,3% disseram recorrer aos setores específicos da UFV que desenvolvem ações de atenção à saúde, como a Divisão de Saúde e a Divisão Psicossocial. A escolha por essas estruturas correspondia à praticidade da localização dos setores dentro do campus universitário, e ao mesmo tempo demonstrava a confiança do estudante em relação aos serviços prestados. De outro lado, essa procura validava a existência e importância desses órgãos no atendimento de demandas básicas de saúde e posterior encaminhamentos a demais especialidades, caso houvesse necessidade. Já a demanda por atendimento de profissionais especializados, procurado por 18,7% entrevistados, deu-se em situações em que, mesmo as imediatas e de baixo custo, era necessário o atendimento especializado devido à particularidade do problema de saúde ocorrido. 15,9% dos pesquisados, em situações de problemas com a saúde, procuraram os amigos e outros (5,6%). As recorrências aos pedidos de ajuda nessas situações revelaram que a procura pelos agentes esteve condicionada a fatores como proximidade aos sujeitos e confiança associada ao sistema de peritos³⁷ (GIDDENS, 1991), no caso, aos órgãos de saúde e profissionais a eles associados, em relação às situações vivenciadas.

Como os eventos associados a problemas de saúde tinham o caráter de eventualidade, os percentuais associados a essa frequência foram os mais significativos. Nessas situações, o apoio frequentemente se configurava em um suporte moral ou financeiro, informações e até acompanhamento a um local específico de atendimento profissional. A procura por essas ajudas destaca a importância da rede social no apoio ao estudante, principalmente àquele que não possui plano de saúde privado ou recursos disponíveis para custear atendimentos particulares nos momentos em que sua saúde passa por complicações. Como se percebe, as solicitações ocorreram também mensalmente, mas com percentuais bem abaixo da média da destacada.

³⁷ Para Giddens (1991), a confiança na sociedade moderna não encerra uma escolha uma vez que a natureza das instituições está essencialmente vinculada ao sistema de peritos.

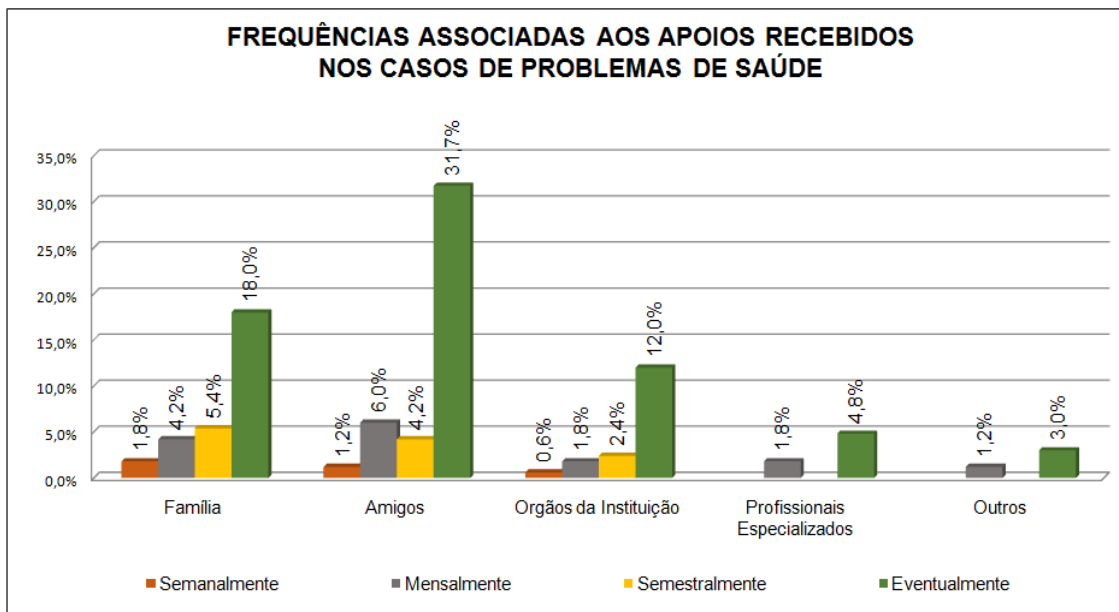


Gráfico 65 (Elaborado pela autora) – Frequências associadas aos apoios recebidos nos casos de problemas de saúde

Fonte: Dados da pesquisa.

Quando se tratava de pequenos empréstimos, dos 212 que se utilizavam dessa ajuda, 166 (ou 78,3%) reportam-se prioritariamente aos amigos e 32 aos vizinhos (15,1%). Destaca-se que essas ocorrências estavam geralmente relacionadas a empréstimos de equipamentos elétricos (como ferro de passar roupa, liquidificador, etc.), alimentação (sal, açúcar, café, macarrão, etc.), material de limpeza (sabão, detergente, etc.), entre outras pequenas necessidades. A busca pelos sujeitos se justificava, na fala dos estudantes, em relação à proximidade física e ao relacionamento que havia entre eles. Assim, essas ajudas eram vistas como trocas, cooperações que aconteciam em circunstâncias de indisponibilidade financeira ou de tempo para a aquisição dos produtos no momento de sua ausência. Ou ainda, troca de gentilezas com a garantia de haver reciprocidade futura. Nas percepções dos estudantes, essas trocas fortaleciam os vínculos da amizade e confiança entre eles.

Em relação à frequência com que essas ajudas aconteciam, apesar de a eventualidade ter sido a mais citada, os percentuais expressivos associados às ocorrências semanais (21%) e mensais (13,8%) atestam a importância desse aporte no dia a dia dos estudantes pesquisados.

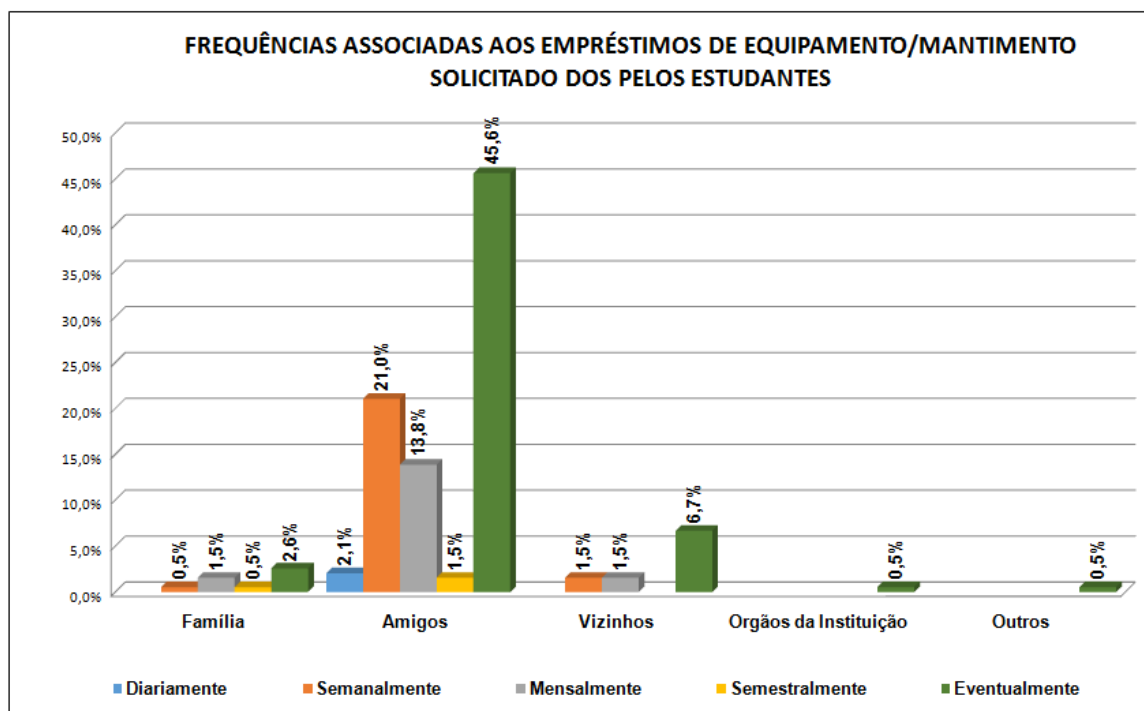


Gráfico 66 (Elaborado pela autora) – Frequências associadas aos empréstimos de equipamento/mantimento solicitados pelos estudantes
 Fonte: Dados da pesquisa.

Dos 246 respondentes que solicitaram informações (geralmente associadas aos serviços públicos), 147 estudantes, ou seja 59,8%, disseram que eram os amigos que procuravam. Nesse caso, em geral, as informações mais solicitadas eram localização e horários de funcionamento de: bancos, prefeitura municipal e secretaria de saúde do município de Viçosa, além de supermercados, entre outras. Essas informações eram solicitadas também por 49 estudantes a outras pessoas, correspondendo a 19,9% dos estudantes que precisaram dessa ajuda, pois se tratavam de informações comuns do dia a dia dos cidadãos na cidade, mas que se encontram fora da realidade diária do estudante, tendo este que buscá-las conforme suas necessidades.

Apesar de não serem tão expressivos, é no grupo dos amigos que se encontram os maiores percentuais associados aos indicadores de uma maior frequência na recorrência aos pedidos de ajuda de informações, tal qual apontado no gráfico abaixo.

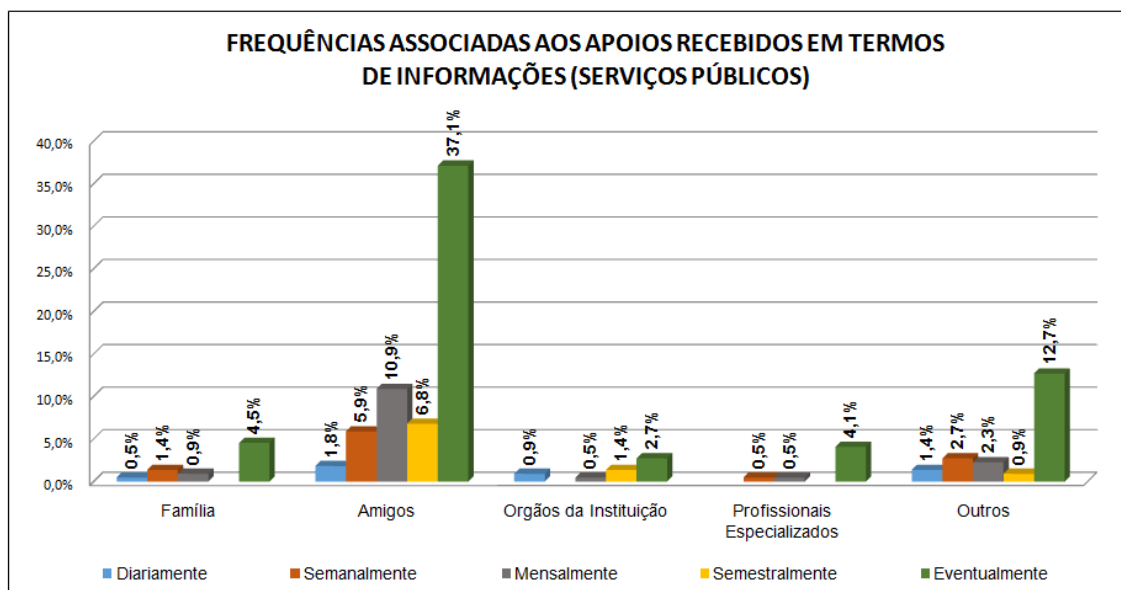


Gráfico 67 (Elaborado pela autora) – Frequências associadas aos apoios recebidos em termos de informações (Serviços Públicos).

- Profissionais especializados aqui referenciados são representados por trabalhadores que estão inseridos nos órgãos de atendimento tanto no setor público quanto no setor privado, a exemplo dos policiais militares, agentes bancários, assistentes sociais, médicos, bombeiros, psicólogos, etc.

Fonte: Dados da pesquisa.

Com relação aos trabalhos acadêmicos, dos 272 entrevistados que afirmaram precisar recorrentemente dessa ajuda, 64,3% buscavam os amigos ou profissionais especializados (28,7%)³⁸. Para os entrevistados, a relação dos jovens no âmbito da universidade tornava o grupo de amigos a referência na solicitação desse tipo específico de demanda, sendo recíproco entre estes as constantes interações. O apoio em trabalhos acadêmicos era habitualmente acionado pelos estudantes tal qual evidencia os indicadores associados à ocorrência desses eventos, no gráfico abaixo. E nessa demanda, os estudantes recorriam com maior frequência aos amigos do que aos profissionais especializados – nesse grupo, são representados por trabalhadores inseridos nos órgãos de atendimento tanto no setor público quanto no setor privado, a exemplo dos policiais militares, agentes bancários, assistentes sociais, médicos, bombeiros, psicólogos, etc.

Segundo os estudantes, a confiabilidade (e certamente a maior proximidade) ao

³⁸As ajudas aqui relacionadas estavam direcionadas a pequenas formatações de atividades acadêmicas, suporte e dicas para apresentação de trabalhos, ajudas na execução de atividades curriculares e nos estudos de matérias de provas finais, entre outros. Por isso, o público procurado consistia em grupos específicos.

grupo de amigos justificava essa escolha, ficando “mais fácil” recorrer aos amigos que já haviam passado pelas mesmas experiências acadêmicas, com quem já possuíam familiaridade para sanarem suas dúvidas, do que a pessoas diferentes de seu grupo. Reforçando que “os amigos são uma outra rede, paralela à da família, e que serve necessidades diferentes das que a família provê” (PORTUGAL, 2014, p. 201).

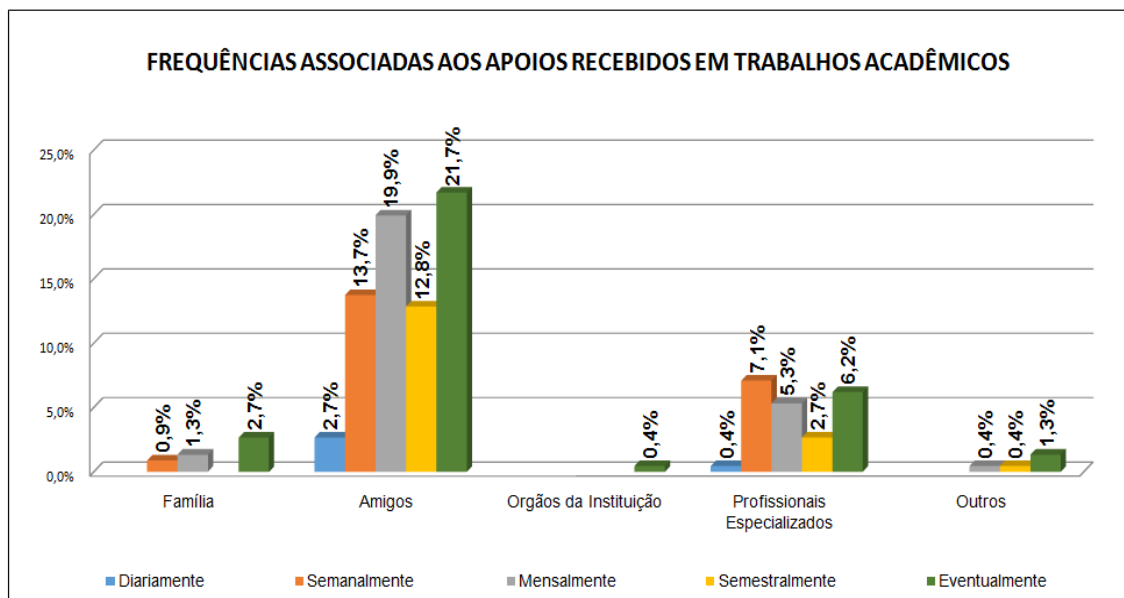


Gráfico 68 (Elaborado pela autora) – Frequências associadas aos apoios recebidos em trabalhos acadêmicos
Fonte: Dados da pesquisa.

Os resultados expostos nos remetem ao entendimento de que, ao se identificar com o grupo, o estudante sentia-se mais receptivo às trocas de saberes e à solicitação de pequenos e eventuais apoios discernindo, de acordo com os episódios, as pessoas ou grupos com os quais poderia contar. De acordo com Marques (2010), essas interações ocorrem pela presença da reciprocidade, assim “o que embasa esse tipo de ajuda é um sentimento de solidariedade difusa”, ou seja, retratavam os envolvimento, trocas ocorridas entre pessoas de grupos distintos e que justificavam as ações de ajuda mútua em suas devidas proporções (MARQUES, 2010, p. 160).

Nas diversas situações de ajudas imediatas e de pequeno custo que foram analisadas buscou-se investigar se elas envolviam algum tipo de pagamento. Na pesquisa apurou-se que, de fato, existem situações em que é preciso realizar algum tipo de pagamento aos serviços prestados por terceiros, mesmo para aqueles próximos ao círculo familiar e/ou de amizade. Na

representação no gráfico seguinte, pode-se observar as situações que envolveram pagamento em relação a cada um dos grupos que concedeu ou não a ajuda requerida. Nesse sentido, o percentual total em relação a cada grupo envolve a soma das ocorrências desse provedor.

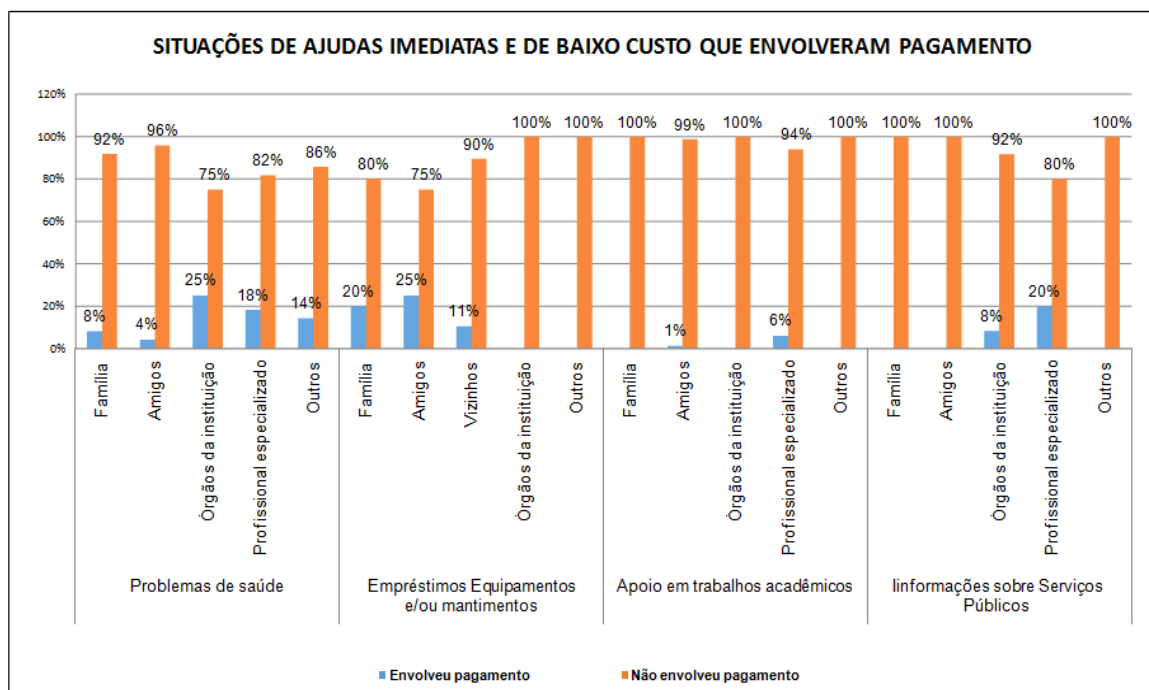


Gráfico 69 (Elaborado pela autora) – Situações de ajudas imediatas e de baixo custo que envolveram pagamento
Fonte: Dados da pesquisa.

Os maiores percentuais associados às situações que envolveram pagamentos nos casos de problemas de saúde se deram em um contexto de prestação de serviço envolvendo os órgãos da instituição (25%), profissionais especializados (18%) ou outros (14%). Estes casos eram relativos a ações que envolviam procedimentos médicos como exames, consultas e medicamentos. Nos demais casos, que envolveram percentuais pouco expressivos associados à família (8%) ou amigos (4%), os pagamentos foram empregados apenas nas situações relacionadas à devolução de medicamentos de uso comum que não necessitam de receituário médico, como antigripal, analgésicos, antitérmicos, entre outros. Já em empréstimos de equipamentos feitos à família, amigos e vizinhos, somente parte da ajuda prestada fora paga, com percentuais pouco expressivos, prevalecendo entre esses provedores a ausência da necessidade de pagamento. Nessas situações, pode-se inferir que o bem que era solicitado como realmente “empréstimo” só carecia de pagamento quando sofria algum dano ou perda,

sendo a sua devolução recorrente em grande maioria dos casos. Já nos apoios em trabalhos acadêmicos e nas informações sobre serviços públicos, as ajudas, quando associadas à família e aos amigos, majoritariamente não envolviam pagamento. Todavia, nas situações que envolviam atividades de profissionais ou de órgãos da instituição, registrou-se pequenos percentuais de pagamento aos serviços prestados.

Buscou-se conhecer o local de residência dos provedores das ajudas para se saber até onde se expandiam as redes dos estudantes. Nas situações das ajudas imediatas para os casos associados à saúde e aos pequenos empréstimos, a proximidade da residência do provedor à do estudante indicou que ela esteve diretamente relacionada à urgência que a necessidade impunha. Ou seja, o provedor nessas situações era identificado como aquele que poderia atender de forma mais rápida e eficiente suas necessidades em um momento de emergência. Nessas situações, os provedores residiam, majoritariamente, no alojamento e na UFV. Nos casos, entretanto, das ajudas em termos de pedidos de informações ou apoio nos trabalhos acadêmicos, as ajudas extrapolavam as dimensões da UFV, alcançando os limites da cidade de Viçosa.

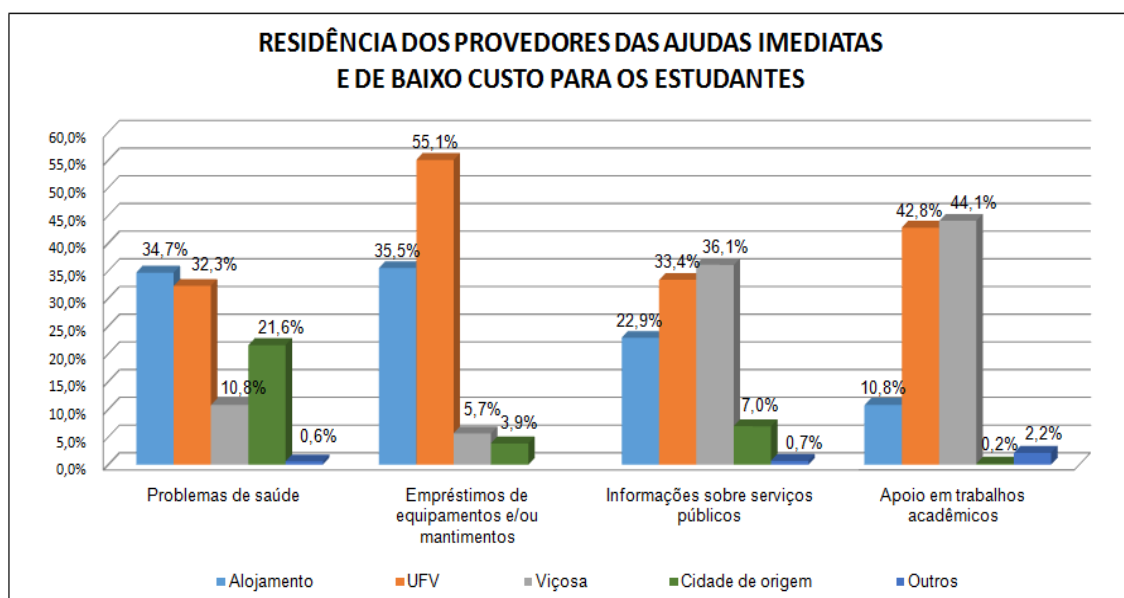


Gráfico 70 (Elaborado pela autora) – Residência dos provedores das ajudas imediatas e de baixo custo para os estudantes
 Fonte: Dados da pesquisa.

As escolhas dos grupos ou das pessoas provedoras das ajudas também estiveram

relacionadas ao grau de confiança e à proximidade que elas mantinham com o possível colaborador. Em todas as situações buscou-se analisar o grau de confiança que envolvia o estudante com o principal provedor das situações pesquisadas. Assim, no caso dos problemas de saúde e dos pequenos empréstimos que tiveram a família e os amigos como principais provedores, a confiança era alta. Nos demais casos, cujos apoios abrangiam outros grupos (como os de profissionais especializados ou “outros”), o grau de confiança variou entre um grau mais alto (55%) e médio (38,3%), indicando que as relações de proximidade com os primeiros grupos (família e amigos) levavam a uma confiança maior nesses grupos e/ou indivíduos.

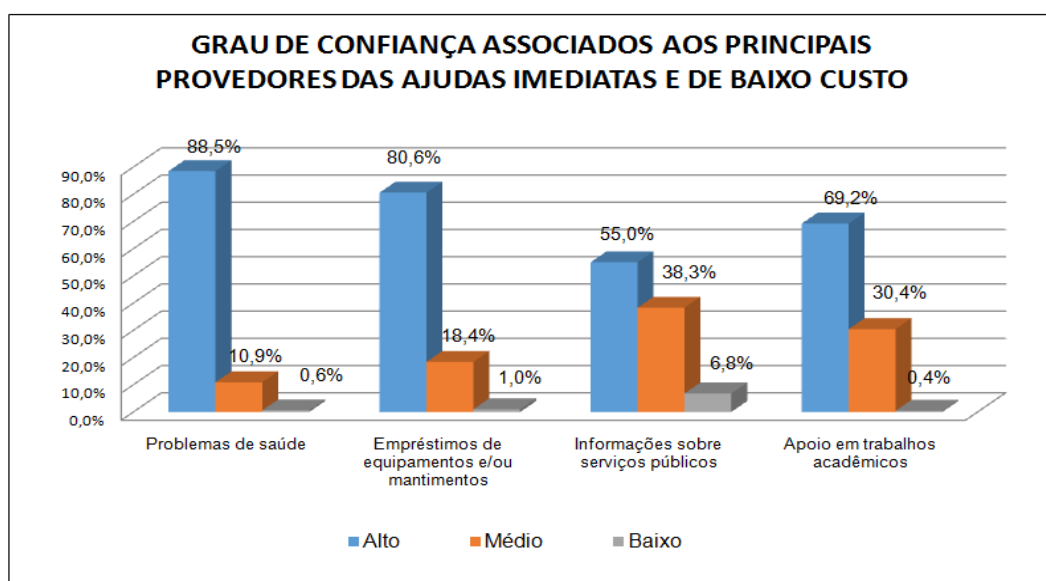


Gráfico 71 (Elaborado pela autora) – Grau de confiança associado aos principais provedores das ajudas imediatas e de baixo custo
 Fonte: Dados da pesquisa.

Nas diferentes situações analisadas, o contato pessoal com os provedores das ajudas imediatas foi o mais recorrente. Depois dele, o contato feito por telefone e pelas redes sociais também se fizeram presentes em todas as situações analisadas, mesmo em percentuais menores. Entende-se que a presença física na solicitação dessas ajudas requeria celeridade na resolução para que os estudantes acessassem as ajudas e, a partir desse contato, tivessem mais chances de resolver seus problemas.

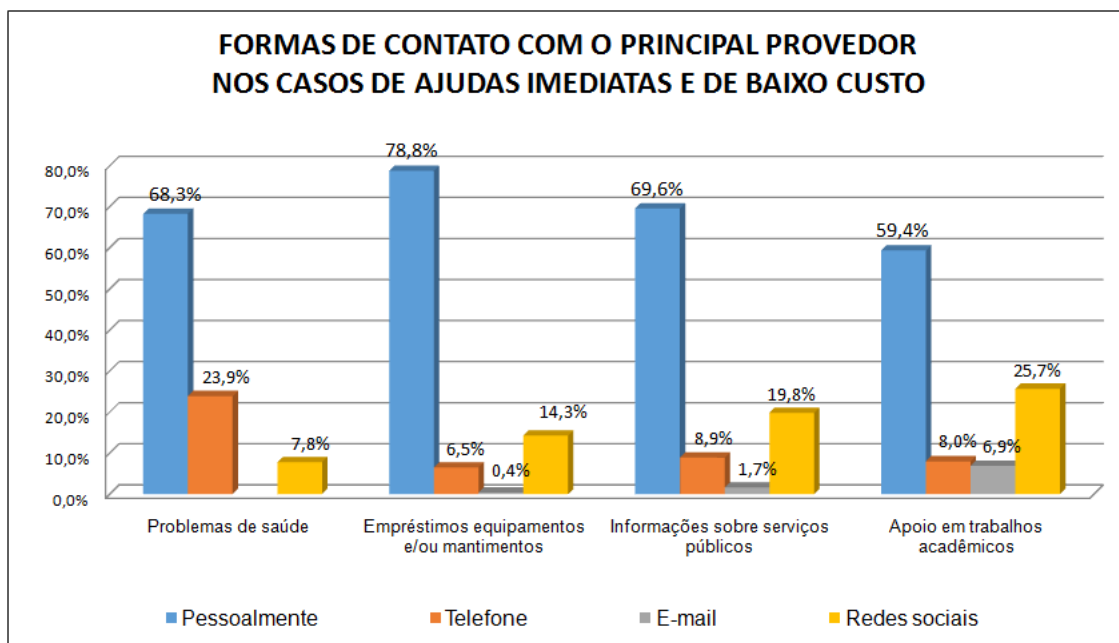


Gráfico 72 (Elaborado pela autora) – Formas de contato com o principal provedor nos casos de ajudas imediatas e de baixo custo
Fonte: Dados da pesquisa.

7.5.2. As ajudas constantes, crônicas e custosas

Buscou-se analisar, nesse subitem, o contexto em que aconteciam as situações das ajudas constantes, crônicas e custosas, as quais, supostamente, poderiam estar associadas a maiores investimentos financeiros e de tempo dos seus provedores. Como situações crônicas foram identificados os aportes recebidos em relação às situações de saúde, viagens, mudanças e pequenos empréstimos, bem como a identificação dos grupos que provinham tais aportes (família, amigos, vizinhos, amigos de igreja, órgãos da instituição, profissionais especializados ou de outros).

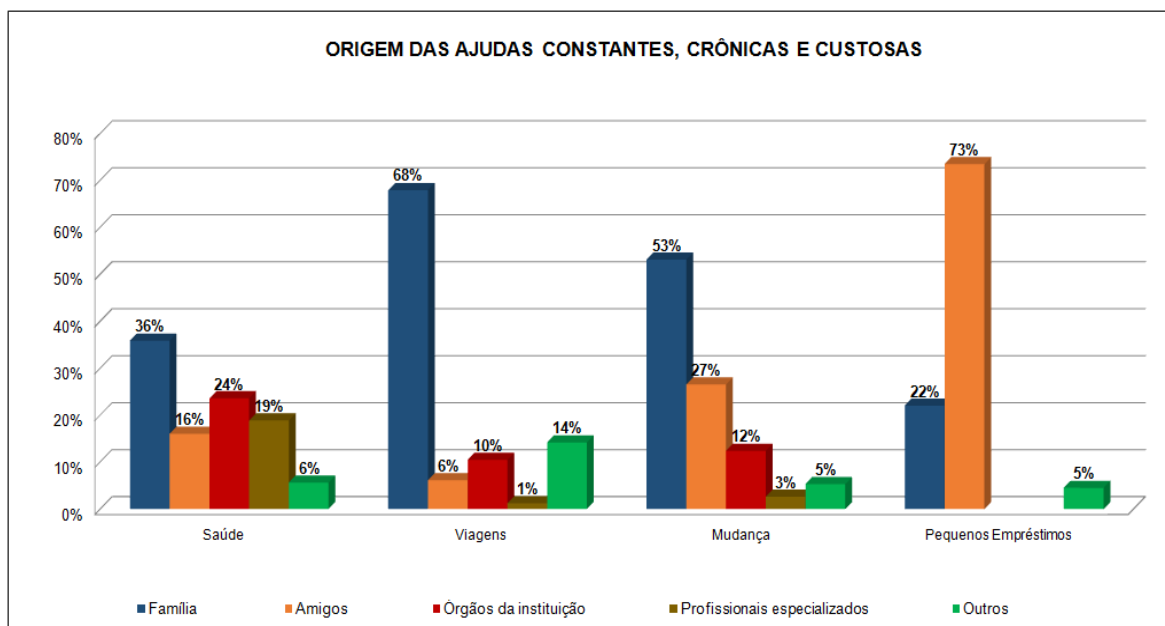


Gráfico 73 (Elaborado pela autora) – Origem das ajudas constantes, crônicas e custosas
 Fonte: Dados da pesquisa.

De modo diferente do que ocorria em relação às ajudas imediatas e de baixo custo, nas situações que envolviam um maior custo e maior tempo no préstimo dessas ajudas, os vizinhos (tampouco a igreja) foram relacionados aos grupos e/aos indivíduos provedores das ajudas. Pode-se supor que essas situações específicas envolvem um maior grau de confiabilidade e proximidade – o que não estaria associado aos vizinhos.

Relataram situações constantes ou crônicas de saúde 32% dos entrevistados. Deste grupo, 36% tinham ajuda da família, seguida pelos órgãos da instituição (24%) e por profissionais especializados (19%)³⁹. Nessas situações, a família estava mais próxima no sentido de acompanhar, mesmo à distância, a melhora e solução dos problemas bem como ajudar financeiramente na aquisição de medicamentos, exames e consultas especializadas, justificando assim seu apoio em maior proporção.

Nas situações de viagens mais custosas, as solicitações recaíam também sobre a família (68%). Essas situações estiveram associadas, sobretudo, às viagens acadêmicas, relacionadas a eventos ou até mesmo de intercâmbio universitário – oportunidades que eram vistas como muito importantes pelos estudantes e pelas famílias. Contudo, a participação de

³⁹Os casos relatados se referiam às situações de enfermidades ou necessidade de cuidados mais específicos e uso de medicamentos por um período superior a cinco dias, sendo citados: rinites, alergias, sinusites, infecções de ouvido, entre outras.

“outros” (14%), dos órgãos da instituição (10%) e até mesmo dos amigos (6%) também foi relacionada como provedoras em algumas dessas situações. A família era também a principal acionada (53% dos casos) nas situações de mudança. Essas situações envolviam, entretanto, um percentual significativo dos amigos (27%), de órgãos da instituição (12%).

A ocorrência de pagamento nas situações de ajudas constantes, crônicas e/ou mais custosas se dava de acordo com o aporte e o grupo da ajuda. Para melhor compreender essa questão, apresentamos o gráfico a seguir.

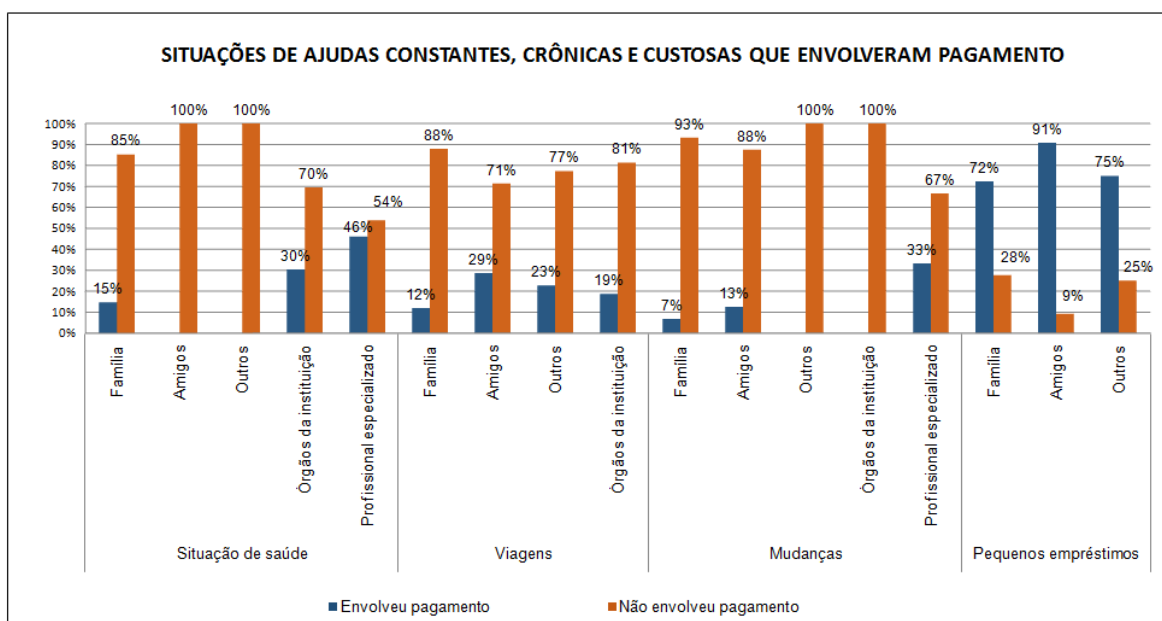


Gráfico 74 (Elaborado pela autora) – Situações de ajudas constantes, crônicas e custosas que envolveram pagamento
 Fonte: Dados da pesquisa.

Nas situações de saúde, o pagamento esteve associado aos profissionais especializados (46% dos casos)⁴⁰; aos órgãos da instituição (30%)⁴¹, e à família (15%). As demais situações envolvendo os demais grupos não incluíram pagamento. Nesses últimos casos, a ajuda esteve relacionada a apoio moral, acompanhamento e atendimento ambulatorial e a demais procedimentos realizados gratuitamente dentro ou fora da instituição.

⁴⁰ Trata-se esses casos de procedimentos médicos, consultas, exames ou medicamentos realizados fora da instituição.

⁴¹ Os pagamentos referem-se a pequenos procedimentos médicos, laboratoriais e medicamentos realizados na Divisão de Saúde da UFV.

O valor envolvido nas situações analisadas também foi um fator determinante no retorno dos préstimos. Assim, por exemplo, as viagens que envolviam maiores custos frequentemente incluíam pagamentos aos grupos associados, mesmo que fossem grupos de maior proximidade dos estudantes. Nesse caso, por exemplo, houve o pagamento dos préstimos aos grupos dos amigos (29%), da família (12%) e dos demais, “outros” (23%), órgãos da instituição (19%). Essa mesma lógica prevaleceu nos casos de pagamento para as mudanças associadas a maiores investimentos por parte dos pesquisados: profissionais especializados (33%), amigos (13%) e família (7%) para os mais diversos serviços.

Tratando-se de pequenos empréstimos, relacionados a pequenas quantias que eram solicitadas, estes se davam pela ajuda de amigos (91%), de outros (75%) e em menor proporção da família (72%). Nota-se que esta situação envolvia pequenos valores, mas em 86% dos casos foi relatada a necessidade do pagamento da dívida.

Em quaisquer das situações analisadas que não acarretassem grandes custos havia um envolvimento maior dos grupos locais – o que foi evidenciado no local de residência dos grupos provedores das ajudas que tiveram suas residências associadas às unidades residenciais de moradia estudantis da UFV, à instituição e ao município de Viçosa. Assim, nessas situações o estudante procurava seus pares, ou seja, aqueles com os quais se poderia contar para determinadas ações, como se representou no gráfico relacionado aos aportes e seus provedores. Nos casos de ajudas custosas, notadamente os casos de mudanças e viagens, a família sempre é a instituição mais solicitada.

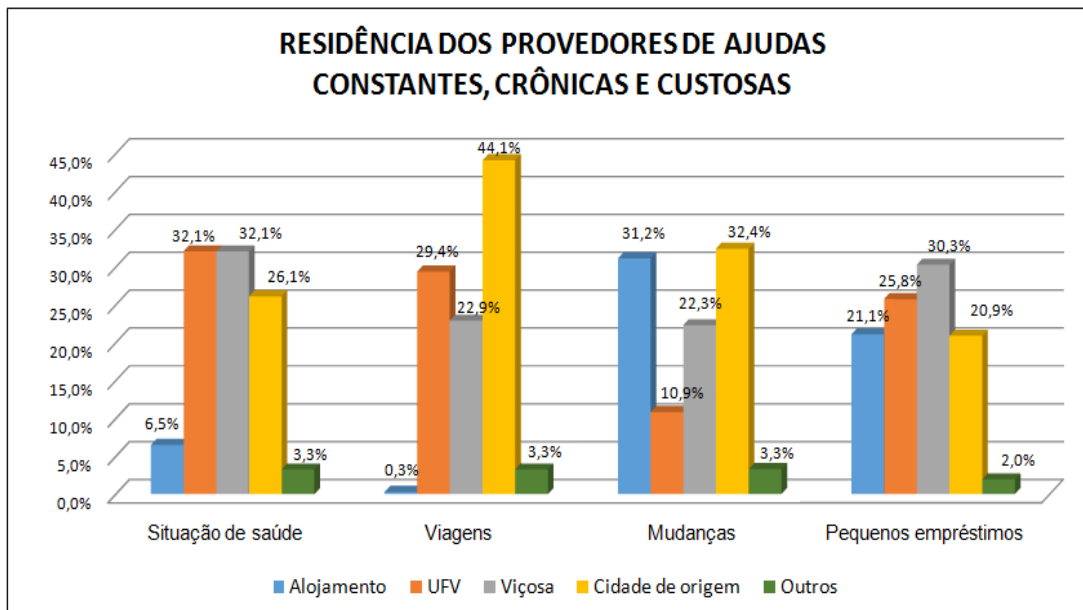


Gráfico 75 (Elaborado pela autora) – Residência dos provedores das ajudas constantes, crônicas e custosas
Fonte: Dados da pesquisa.

Destaca-se que, nas situações de relevância moderada, como mudanças e pequenos empréstimos, o provedor poderia ser também o companheiro de residência, o também morador da unidade de moradia estudantil. Esse dado evidencia a relação de solidariedade estabelecida entre os moradores, cujas situações podem ajudar na criação (ou fortalecimento) dos laços de amizade e de cumplicidade entre os estudantes na situação de compartilhamento da residência.

Considerando que o alto grau de confiança associado aos provedores apresentou índices próximos a 100% em todas as ajudas recebidas, entendemos que a solicitação dos aportes não foi ignorada pelos grupos envolvidos, compondo assim uma rede de apoio à qual o estudante buscava quando necessitava.

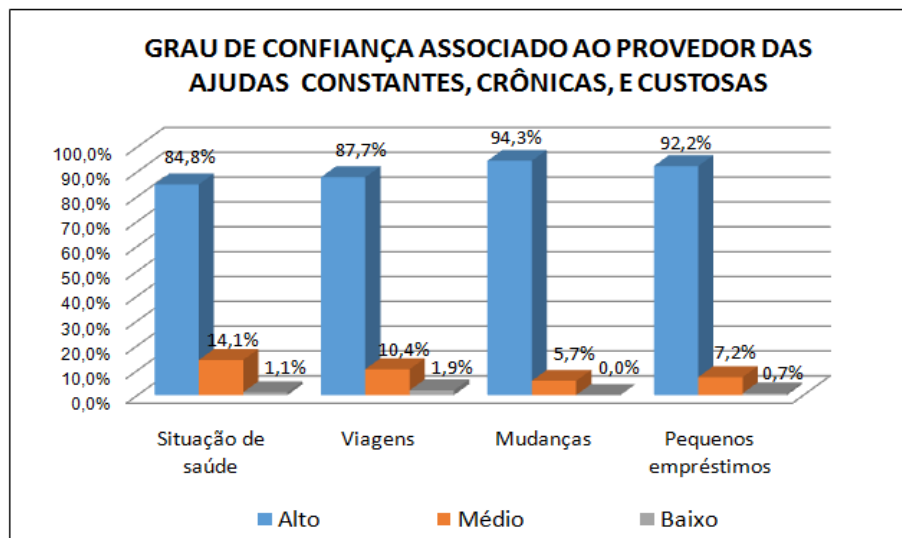


Gráfico 76 (Elaborado pela autora) – Grau de confiança associado ao provedor da ajudas constantes, crônicas e custosas
 Fonte: Dados da pesquisa.

A regularidade do contato entre os estudantes amostrados e os grupos provedores das ajudas de todas as formas de contato foi relacionada na pesquisa, conforme pode ser visto na representação gráfica, observando a incidência do contato pessoal prevalecendo nas ocorrências. Depois dele, os contatos por telefone e a comunicação por meio das redes sociais, e mesmo os e-mails, intermediavam essas relações.

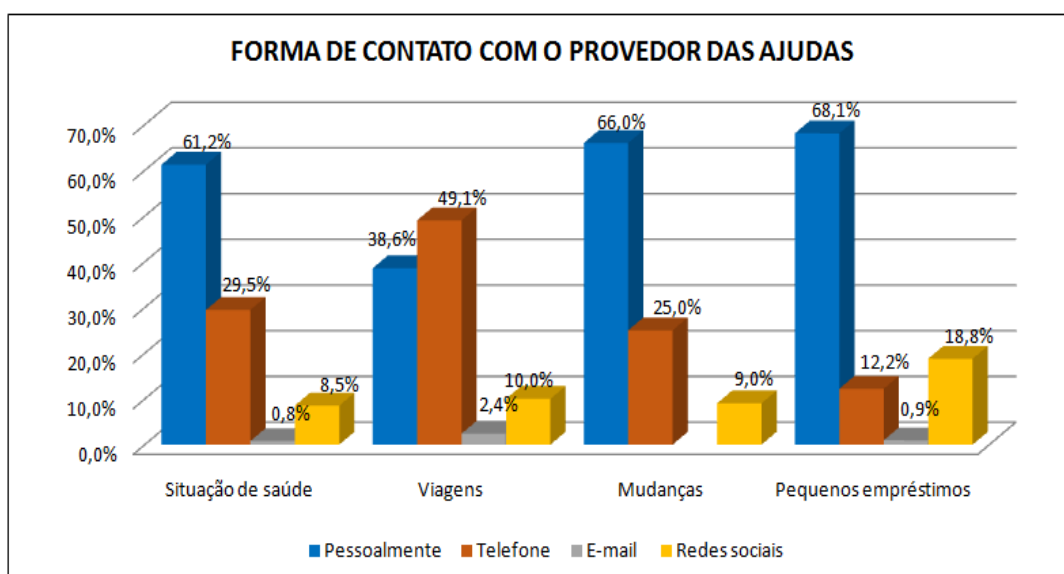


Gráfico 77 (Elaborado pela autora) – Forma de contato com o provedor das ajudas
 Fonte: Dados da pesquisa.

Destacou-se nas situações das ajudas constantes, crônicas e custosas que o apoio vinha preferencialmente da família, seguido dos amigos, órgãos da instituição e dos demais relacionados na pesquisa. As questões que envolviam algum tipo de pagamento estavam relacionadas a procedimentos técnicos ou devolução de valores emprestados, preservando o caráter de empréstimo financeiro, considerando que o grau de confiança em todas as situações de ajuda foi alto e a forma de contato evidenciada com o provedor das ajudas foi pessoalmente.

Podemos compreender que qualquer pessoa pode ser fonte de apoio nas mais diferentes situações relacionadas a saúde, viagens, mudanças e pequenos empréstimos, porém, quando os vínculos revelam relações mais íntimas e de confiança, elas tendem a ser referência para as solicitações de ajuda por parte dos entrevistados. Isso porque, de acordo com Marques (2010), as redes são socialmente específicas e variam segundo o grupo social considerado, assim como entre os indivíduos, além de mediar o acesso a bens e serviços, elas são essenciais para o bem-estar dos indivíduos socialmente providos. Assim, podemos encontrar diferentes estágios de confiança e custos da ajuda que se entrelaçam de forma dinâmica da reciprocidade material, imaterial e simbólica (MARQUES; 2010, p. 189).

Diante dos elementos apresentados, vimos que as redes variaram de acordo com as situações e momentos da vida dos indivíduos em situação de pobreza e em termos de sociabilidade. Outras diferentes situações que necessitaram de ajudas foram exploradas, relacionadas à heterogeneidade das redes para acesso a bens e serviços, influenciando as condições de vida dos indivíduos pesquisadas nesse trabalho, sendo, portanto, apresentadas as ajudas em outras diferentes situações no tópico em sequência.

7.5.3. Ajudas em outras diferentes situações

Na caracterização das ajudas em outras situações, levantaram-se quatro aportes: empréstimo de alto valor, confidências, apoio emocional e apoio político e ou institucional; orientação em aspectos financeiros, emocional e político/social. Nesse contexto, buscou-se identificar a origem do apoio dessas ajudas (da família, de amigos, vizinhos, amigos de igreja, órgãos da instituição, profissionais especializados ou outros), caso se identificasse a sua

existência. No gráfico abaixo, esses dados foram representados, sendo que a sua leitura deve considerar como referência percentual total a soma de cada aporte em separado.

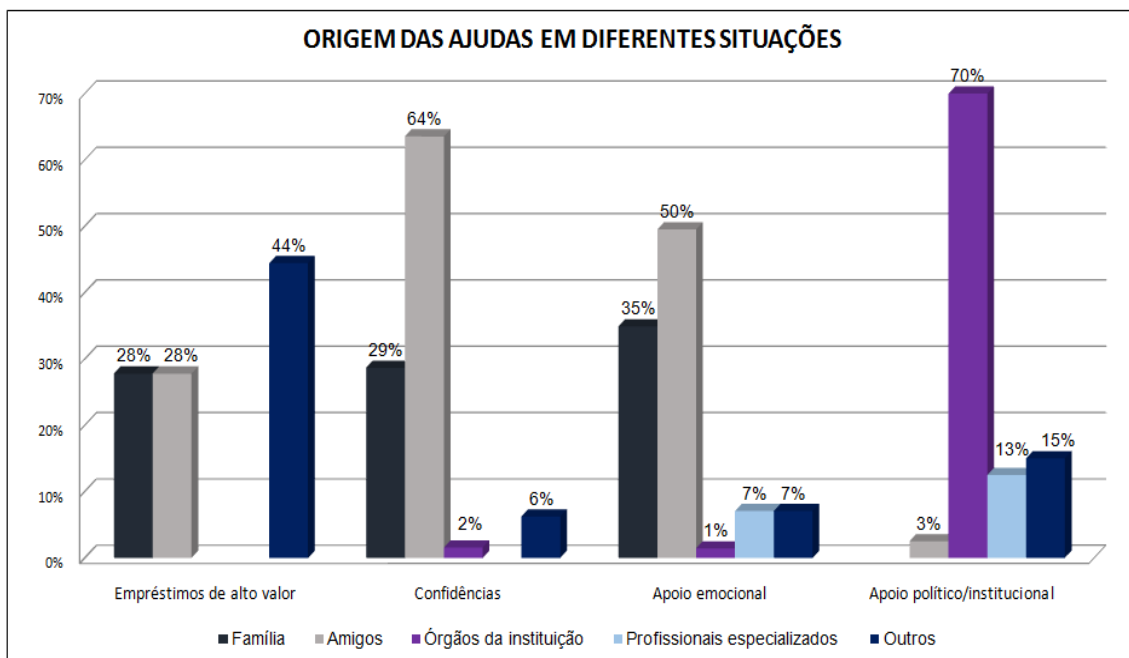


Gráfico 78 (Elaborado pela autora) – Origem das ajudas em diferentes situações
Fonte: Dados da pesquisa.

Inicialmente vale ressaltar que, na caracterização das origens das ajudas nessas situações analisadas, não se observou a presença dos vizinhos e da igreja na provisão desses aportes. A pesquisa apontou ainda que, em relação a empréstimos de alto valor, 18 estudantes disseram ter tido ajuda quando a solicitaram à família (28%), aos amigos (28%) e a “outros” (44%). Nesse último, os estudantes disseram ter se dirigido a instituições financeiras (bancos ou agências de crédito financeiro) para fazerem pedidos de empréstimos. Nesse caso, tratou-se de órgãos especializados nesse serviço, não envolvendo nenhuma personalidade na transação.

Na análise da frequência de ocorrência das situações de empréstimos de alto valor, o caráter “eventual” foi o que obteve os maiores percentuais. Nessas ocasiões, os três grupos eram acionados: a família, os amigos e os “outros”. Nas situações que revelaram uma maior assiduidade, a frequência mensal e semestral, o grupo dos “outros” emerge indicando, talvez, a impossibilidade ou a incapacidade econômica de a família e/ou os amigos de arcarem com essas despesas nessas ocasiões. E, nesses casos, os órgãos financeiros podem (ou são)

acionados.

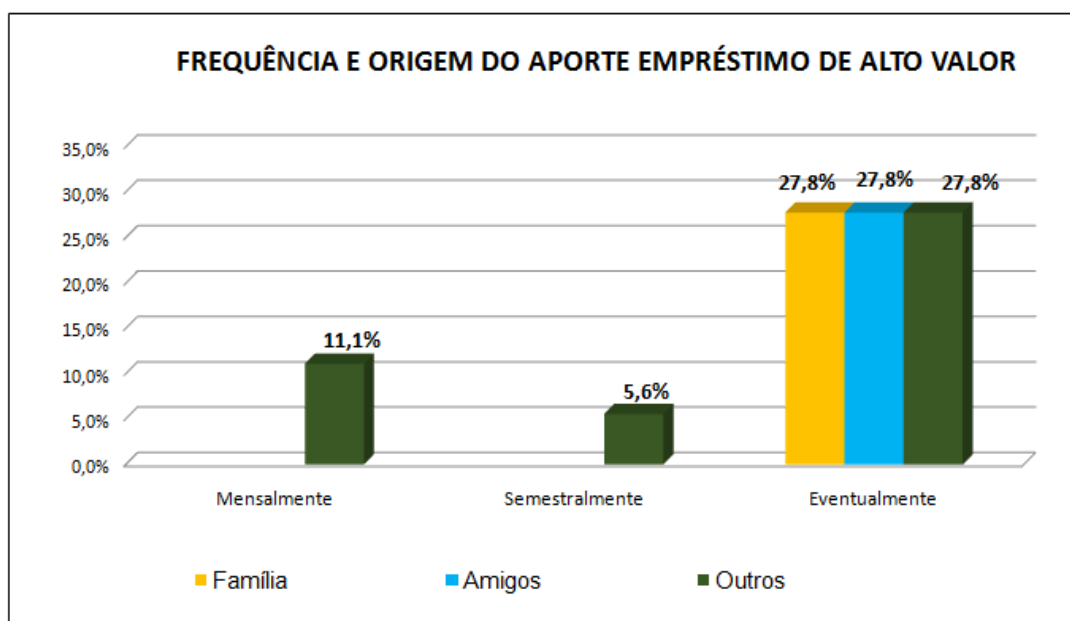


Gráfico 79 (Elaborado pela autora) – Frequência e origem do aporte empréstimo de alto valor.
Fonte: Dados da pesquisa.

Dos estudantes, 192 (ou 69,8% da amostra) relataram haver procurado aporte de alguém próximo para fazer confidências. Nesse contexto, a procura maior foi pelos amigos (65%) e, em seguida, veio a família (29%). Nesse âmbito, os amigos cumprem um papel mais expressivo do que o grupo familiar, o que pode estar associado a fatores geracionais que fazem o jovem se sentir mais à vontade em compartilhar suas questões pessoais do que com membros da família. De outro lado, a proximidade física talvez também seja um fator preponderante nessa escolha, já que, como se verá à frente, a maior parte dessas pessoas ou grupos é residente em Viçosa.

Coerente com esse resultado, os contatos com os amigos para o fim de confidência obtiveram maiores percentuais de ocorrência do que com os demais grupos de apoio. Acredita-se que a convivência e os contatos diários, bem como o fator geracional, podem proporcionar o estabelecimento da confiança e oportunizar as confidências entre os jovens. De outra parte, a distância geográfica pode dificultar as relações para este fim entre os jovens e suas famílias.

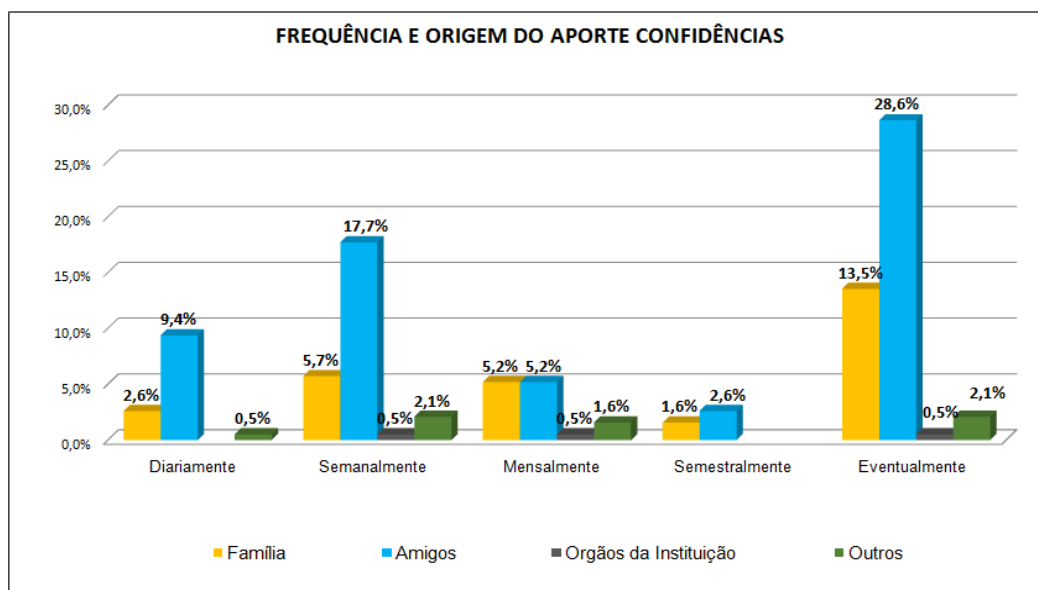


Gráfico 80 (Elaborado pela autora) – Frequência e origem do aporte confidências.
Fonte: Dados da pesquisa.

Nessa mesma direção, o apoio emocional vindo dos amigos (50%) também foi o mais aferido pelos estudantes do que aquele vindo da família (35%). A busca por profissionais se deu de forma pouco significativa: apenas 7% declarou ter buscado ajuda de profissionais como psicólogos, psiquiatras ou assistentes sociais, enquanto 7% disse ter buscado outras pessoas e/ou grupos⁴². Nas justificativas apresentadas, a confiança e a homofilia foram os fatores que pesaram na hora dessas escolhas.

Os familiares e os amigos estão presentes em todas as frequências apontadas pelos estudantes em relação aos grupos que lhes proveem apoio emocional. Nas diferentes escalas de frequência, esses dois grupos sempre alcançaram os maiores índices. Tal qual nas situações de confiança, a confiança no outro, principalmente naqueles que têm os mesmos hábitos, culturas, crenças e práticas, foram relacionadas à solicitação desse apoio. Há que se ressaltar, entretanto, o suporte de profissionais especializados, de “outros grupos” e órgãos da instituição que também se fizeram presentes em frequências pouco expressivas, mas confirmando a necessidade da ajuda especializada.

⁴² A referência a “outros” estava relacionada a grupos ou pessoas com envolvimento religioso; grupos de autoajuda, professores, monitores, namorado (a), etc.

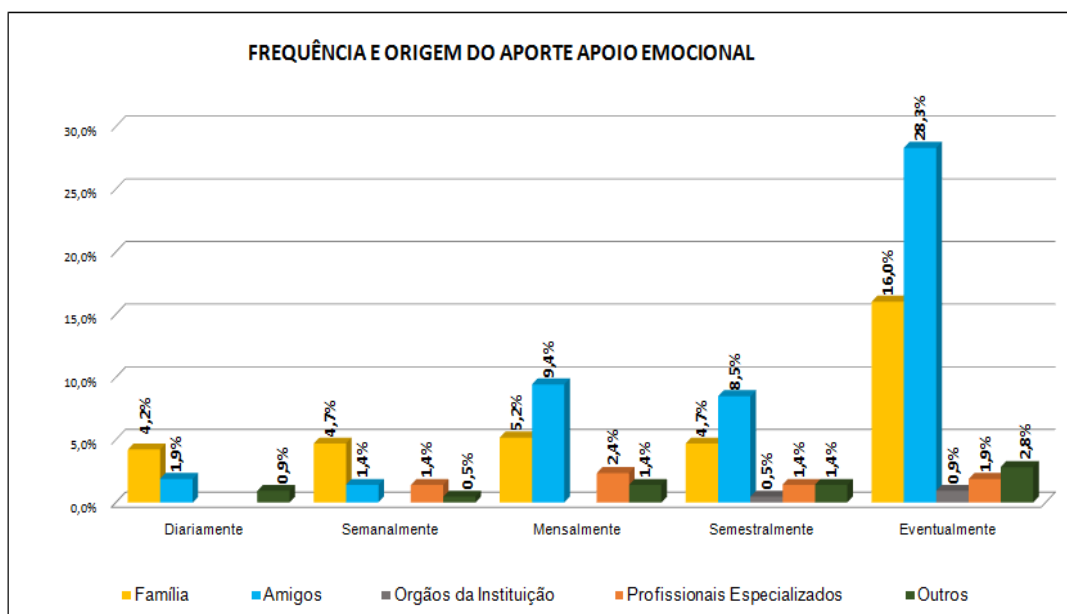


Gráfico 81 (Elaborado pela autora) – Frequência e origem do aporte apoio emocional
 Fonte: Dados da pesquisa.

Já no apoio político/institucional, considerando os 40 entrevistados que acionaram esse apoio, as procuras se direcionaram majoritariamente para os órgãos da instituição (70%) que eram, sobretudo, a maior referência dos estudantes para esse aporte. Os relatos dos casos evidenciaram que as demandas se remetiam a questões acadêmicas relativas às disciplinas e aos cursos e, como tal, deveriam ser resolvidas na própria instituição.

No entanto, a pesquisa revelou também que outras ajudas também foram acionadas e estiveram relacionadas a “outros”⁴³ (15%), e a profissionais relacionados à área acadêmica (13%) e a amigos (3%). As situações de aporte político e institucional relatadas por esses sujeitos se deram de forma eventual (61%) para a maior parte dos jovens, tendo os maiores percentuais associados aos órgãos da instituição como grupo desse suporte. Nesse âmbito, a família não é acionada, conforme já se explicou.

⁴³Aqui os “outros” acionados para apoio político/institucional estão relacionados a empresas ou instituições vinculadas ao estágio curricular do estudante.

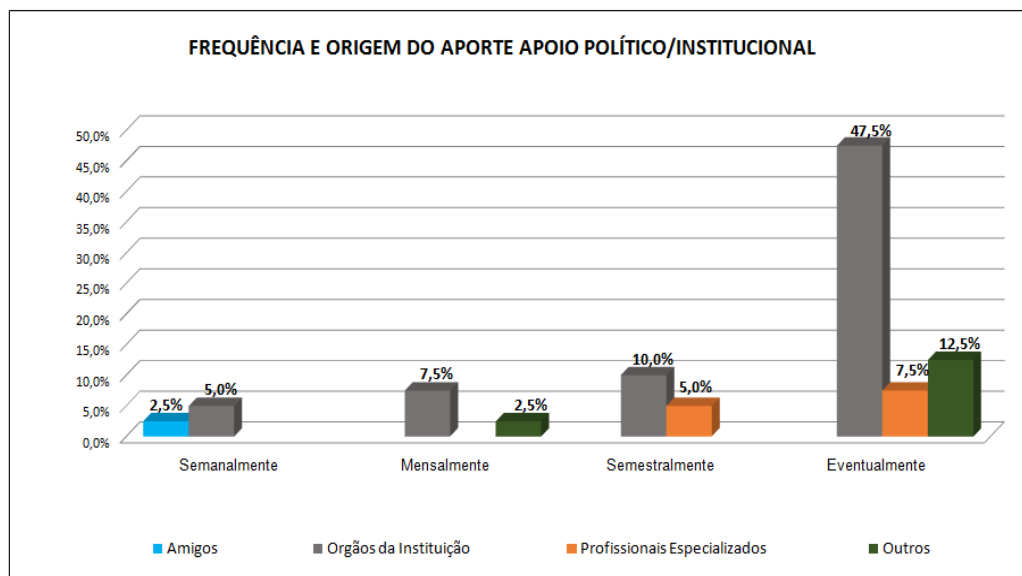


Gráfico 82 (Elaborado pela autora) – Frequência e origem do aporte político/institucional
 Fonte: Dados da pesquisa.

O aspecto relevante sobre as situações que envolvem aporte político/institucional relacionado pelos entrevistados é a distância de se configurarem pelas relações de amizade. A maior parte relatou aporte em relação aos órgãos institucionais da instituição (no caso da UFV). Nesse sentido, a intimidade e a confiança pessoal que configuram as relações de amizade que demarcaram grande parte dos aportes recebidos, nesse caso, são substituídos pela confiança nos processos de atendimento de suas demandas junto aos órgãos de atuação institucionais. Ou seja, por profissionais servidores da instituição, que devem responder por meio de ações padronizadas aos atendimento e direcionamento dos casos. Diante disso, os apoios solicitados pelos estudantes estiveram baseados, sobretudo, na busca por possíveis direitos relacionados a questões acadêmicas ou institucionais (a exemplo de apresentação de trabalhos em outras instituições, intercâmbios, estágios, custos e procedimentos de pesquisas, entre outras atividades).

Na busca pelo entendimento dessas redes de relações e da gratuidade que elas envolvem como aportes dos sujeitos investigados, buscou-se investigar em quais das situações analisadas elas envolviam pagamento. Assim, observou-se que quando o bem envolvido na troca não inclui um valor material, a devolução não se colocava como um princípio normativo da relação. Assim, o pagamento se relacionava a empréstimos de alto valor aos provedores – mesmo que fossem pessoas próximas. Na modalidade de empréstimo financeiro, fica subentendido que o retorno do recurso emprestado deverá voltar para o seu provedor. Exceto

em algumas situações, como no caso de um grupo mais próximo, em que essa regra não se colocava tão imprescindível – o que foi evidenciado no percentual de 20% do grupo da família, onde se registrou ausência do pagamento.

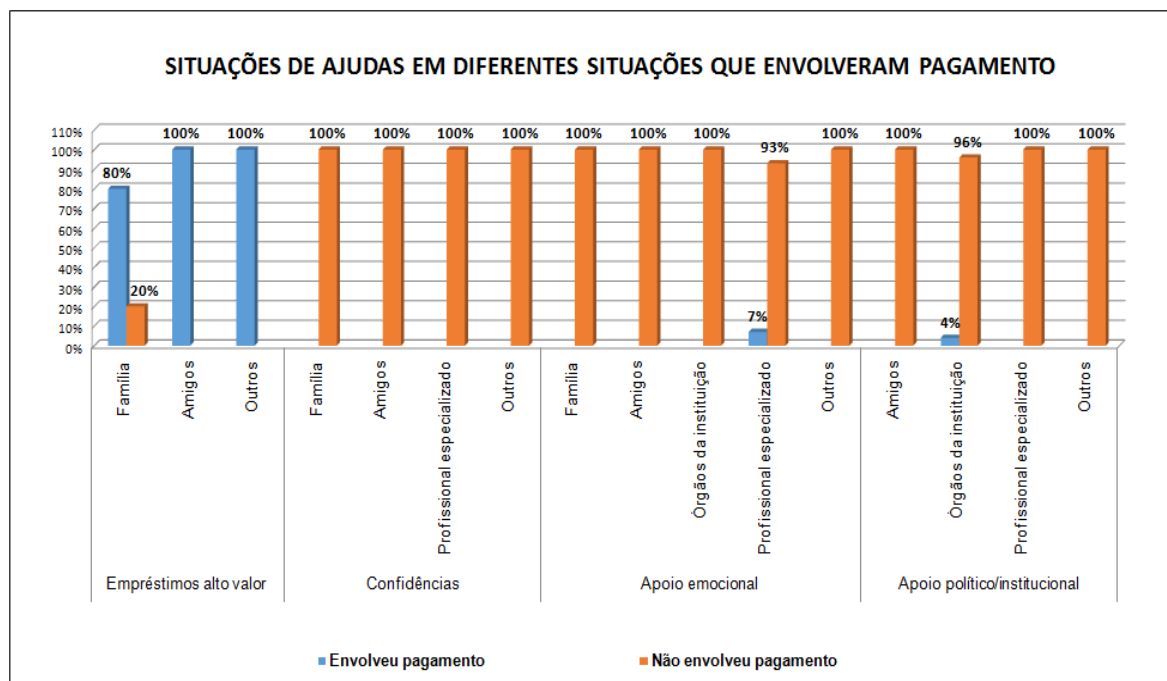


Gráfico 83 (Elaborado pela autora) – Situações de ajudas em diferentes situações que envolveram pagamentos
Fonte: Dados da pesquisa.

Nos demais aportes, a ocorrência da gratuidade se fez presente, exceto nas questões relacionada a apoio emocional (7%) dos atendimentos realizados por profissionais especializados e dos atendimentos de órgãos da instituição nos apoios político/ institucional (4%), o que se configurou como serviços prestados e não necessariamente como pedido de ajuda.

Como o maior percentual dos provedores dos aportes esteve associado à família, a residência desses provedores esteve associada à cidade de origem dos investigados. As demais localidades apontadas relacionadas aos outros provedores (amigos e outros), o alojamento, a UFV e Viçosa evidenciaram uma rede bastante local dos sujeitos.

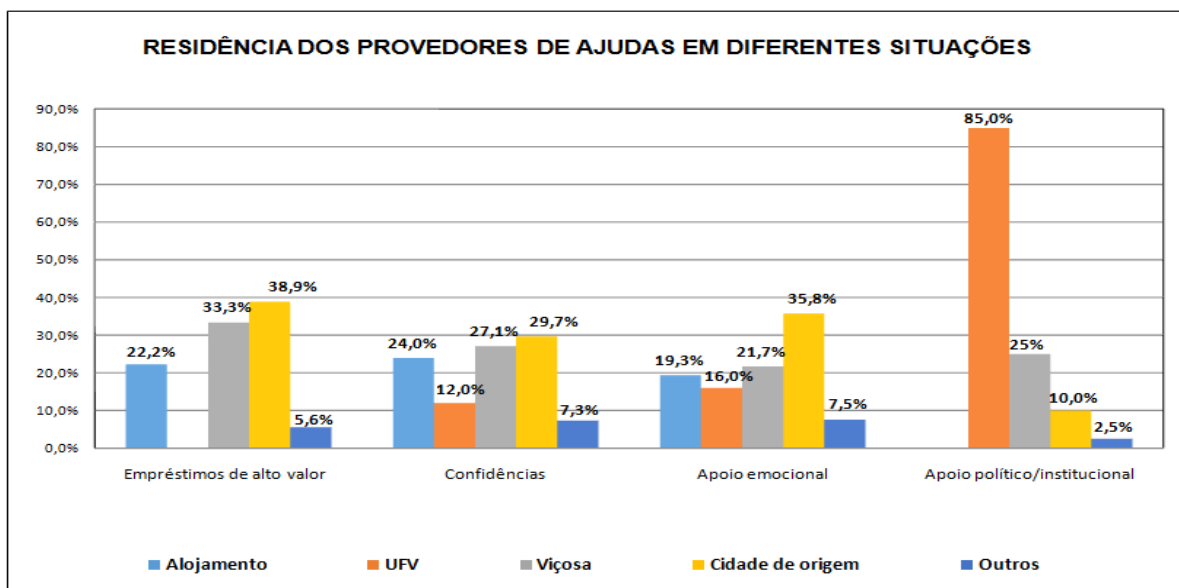


Gráfico 84 (Elaborado pela autora) – Residência dos provedores de ajudas em diferentes situações.
Fonte: Dados da pesquisa.

Interessante observar que os provedores em termos de aporte para confiança e apoio emocional que, como se evidenciou anteriormente, estavam, sobretudo, associados ao grupo dos amigos, apresentaram percentuais significativos de residência na cidade de origem dos estudantes. Esse resultado indica que, mesmo residindo em Viçosa, os sujeitos mantinham as antigas relações, as quais representavam aporte importante às suas vidas. Depois deles, os laços locais – representados por grupos de apoio que residiam em Viçosa e no alojamento, os quais obtiveram percentuais significativos.

Conforme já evidenciado aqui, a maior parte dos aportes recebidos em termos político e institucional referiam-se aos órgãos institucionais e, nesse caso, sua localidade esteve, evidentemente, vinculada à UFV em Viçosa. Isso se deve à particularidade das solicitações de aporte direcionado a ajudas nas questões institucionais às quais os estudantes estão vinculados.

Prevaleceu uma alta confiança dos sujeitos aos seus provedores – sobretudo, em relação àquelas situações em que o bem de troca envolvido não esteve associado a um bem material. Além disso, observou-se que, quanto mais próximo em termos das relações pessoais fosse o provedor das ajudas requeridas, maior o grau de confiança manifestado. No caso dos apoios institucionais, por exemplo, que envolviam provedores institucionais, cujas relações tinham um caráter de menor pessoalidade, havia um decréscimo no grau da confiança

manifestada. Nesse caso, por exemplo, as escalas de uma confiança média (15%) e baixa (15%) emergiram. Esse resultado indica que a confiança estava relacionada ao tipo de aporte solicitado e dos provedores envolvidos.

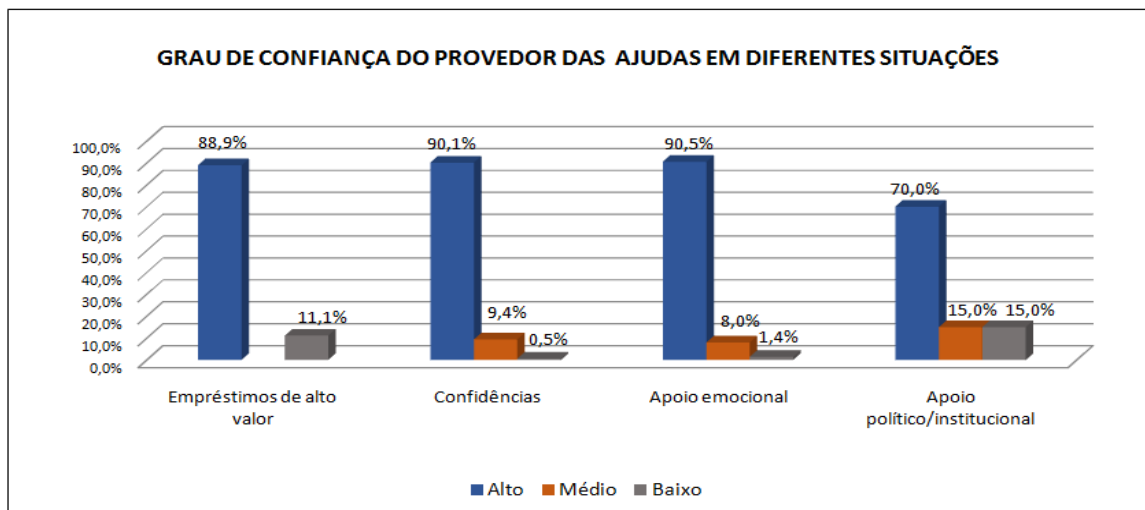


Gráfico 85 (Elaborado pela autora) – Grau de confiança do provedor das ajudas em diferentes situações
 Fonte: Dados da pesquisa.

Indicativo da proximidade física dos provedores,⁴⁴ a forma de contato identificada pelos estudantes com os seus provedores fora a “pessoalmente”, variando entre 72% e 87,5% nas situações analisadas. Contudo, a utilização expressiva do telefone, que obteve percentuais que variaram entre 27,8% a 12% nos apoios materiais e pessoais, pode indicar um aspecto geracional, mais tradicional, associado às ferramentas de comunicação utilizadas pelos provedores nas relações que estabelecem com os investigados. Nesses casos, as redes sociais são utilizadas em percentuais pouco expressivos.

⁴⁴ Essa informação é pertinente, inclusive, em relação aos provedores residentes nas cidades de origem dos estudantes que, conforme se apurou, 35,6% dos sujeitos investigados vêm de cidades próximas, o que corresponde à microrregião de Viçosa, com menos de 80 quilômetros.

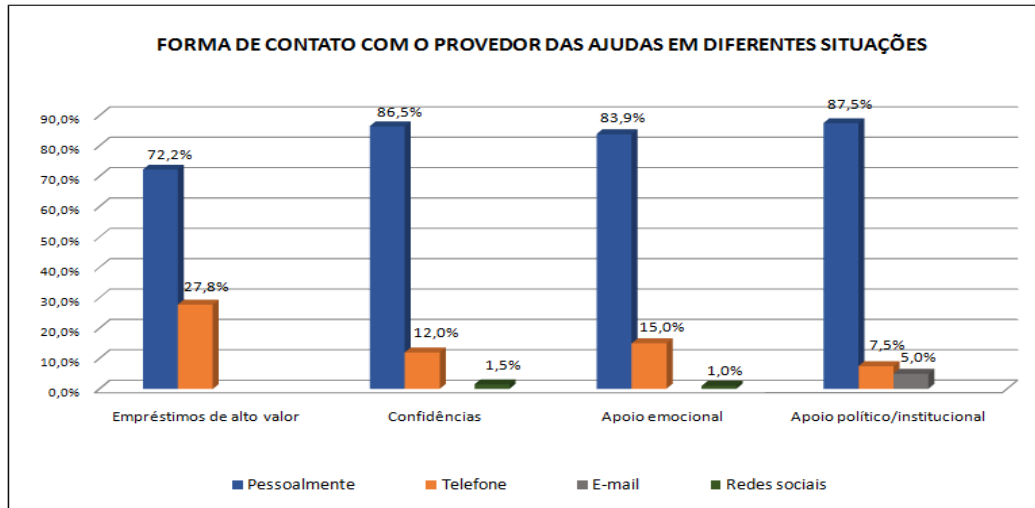


Gráfico 86 (Elaborado pela autora) – Forma de contato com os provedores das ajudas em diferentes situações
 Fonte: Dados da pesquisa.

Nas ajudas em diferentes situações, os vínculos que viabilizaram essas ajudas estavam diretamente ligados às relações que envolviam intimidade e confiança. A confiança, na maior parte dos casos, era alta, pois ela é um elemento característico das relações sociais entre os estudantes, favorecendo a proximidade do grupo, sendo a base para as diversas situações e demandas sociais. A tendência de se relacionarem com pessoas com características próximas, ou seja, pela existência de homofilia de comportamentos e ideias, potencializava comportamentos de mais fácil entendimento entre os integrantes do grupo, porque eram mediados pela mesma ordem moral, tal qual sinalizou Marques (2010) no seu estudo.

8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação proposta neste trabalho consistiu em analisar o papel das redes sociais familiares e não familiares na vida pessoal dos estudantes de graduação residentes nas unidades de moradia estudantil da Universidade Federal de Viçosa (UFV), campus Viçosa, MG. Tal objetivo se cumpriu por meio da caracterização do perfil socioeconômico do grupo familiar e dos estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil da instituição, bem como do seu quadro de vulnerabilidade socioeconômica; da identificação dos padrões de sociabilidade associados a esses estudantes, e ainda da análise do papel das redes familiares e não familiares enquanto aporte material, social, psicológico para os estudantes.

O estudo adotou uma abordagem quantitativa e qualitativa tendo como pressupostos a influência e a importância das redes sociais nas condições de vida de grupos em situações de vulnerabilidade socioeconômica (a exemplo dos universitários residentes nas unidades de moradia estudantil da UFV), explicando as suas dinâmicas de reprodução social. O trabalho empírico fora desenvolvido a partir de uma amostra que contemplou 275 estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil (ou 28,2% do total de residentes). Assim, mensuramos variáveis que revelaram suas percepções por meio da expressão oral com aplicação de um questionário, a fim de descrever as redes de relacionamento construídas e vivenciadas pelos mesmos.

Na identificação do perfil dos estudantes e de suas famílias, os critérios utilizados para identificação e caracterização do contexto de vulnerabilidade socioeconômica desse grupo confirmaram os critérios utilizados pelo Programa de Assistência Estudantil da UFV. As condições socioeconômicas encontradas compreendem diversas realidades, as quais ajudam a entender a heterogeneidade das situações sociais advindas de variáveis como: renda, composição familiar, escolaridade familiar, cidade de origem do pesquisado, vínculo de trabalho dos componentes do grupo familiar, doenças graves ou crônicas, entre outras. Essas realidades indicam fragilidades socioeconômicas que influenciam diretamente na vida pessoal e acadêmica dos estudantes. Nesse sentido, percebe-se que na manutenção de vínculos familiares e não familiares, as redes se apresentam como aportes diversos para equacionar as vulnerabilidades, a fim de favorecer a conquista do ensino superior deste grupo.

O contexto da realidade das famílias dos estudantes revelou uma diversidade na sua

composição, onde as famílias nucleares, constituídas por uma média de três componentes, obtiveram o maior percentual de representação (41,8% – exceto o estudante respondente). Evidenciou-se ainda uma precariedade no grau de instrução dos pais e baixa renda, com rendimento individual e familiar situado entre 01 a 02 salários mínimos (65,1% do grupo), os quais estavam vinculados a atividades de menor qualificação profissional e, no caso das mulheres, à esfera dos serviços, sobretudo daqueles de caráter invisível, não encarados como atividades trabalhistas, associados a atividades femininas de cuidado com a casa e com os filhos. Pode-se dizer que o grupo se encontrava em situação de vulnerabilidade socioeconômica relacionada à sua situação ocupacional e de renda aferida por seus progenitores. Nesse contexto, as famílias se colocavam dependentes de políticas públicas estudantis que permitissem a inserção dos filhos em uma instituição de ensino para formação de nível superior, ao mesmo tempo em que há a indicação da existência de certa dificuldade financeira para a manutenção dos filhos longe de casa para estudar.

A sociabilidade, compreendida pelo conceito que supõe um vínculo social ou de relações sociais que ocorrem em grupos de relações, foi percebida pela constância no fluxo da rede de apoio acionada. As redes sociais dos estudantes se constituem, a princípio, a partir de fatores comuns aos sujeitos, já que possuem maior homofilia com parentes, conterrâneos, indivíduos de mesmo curso, religião, práticas esportivas e interesses políticos. Contudo, essas relações tornam-se mais dinâmicas com a convivência e sociabilidade estabelecidas ao longo da trajetória dos estudantes na instituição, indicando que há uma significativa tendência de envolvimento e engajamento dos mesmos nos períodos mais avançados do curso em novos grupos de contatos variados, como também daqueles já firmados. Essa orientação confirma a tese de Marques (2010) de que indivíduos de camadas mais pobres possuem vínculos sociais menores e com um maior localismo. Constatou-se ainda que o grupo familiar, além de exercer suas funções clássicas de educar e cuidar e, independente de suas possibilidades afetiva, social ou econômica, esteve presente também no provimento de recursos para ajudar na manutenção dos jovens universitários nas moradias estudantis.

Nas análises relativas à identificação dos padrões de sociabilidade associados aos estudantes, os mesmos estabeleciam contatos com diferentes grupos de redes relacionais aos quais já pertenciam, como também aqueles incorporados por meio de sua inserção na instituição de ensino. Em relação à família, a maior frequência e pessoalidade dos contatos apontaram para uma maior sociabilidade com a família nuclear. Na família extensa, os

contatos se diferenciavam de acordo com as relações estabelecidas e aspectos geracionais: maior com os avós, onde a maior pessoalidade e frequência dos contatos caracterizavam essas relações. Entre os primos, a grande frequência dos contatos esteve associada a um maior uso das redes sociais; com os tios os contatos eram estabelecidos com menos intensidade e menor frequência. Os grupos identificados fora da família tinham aspecto diferenciado dos laços de parentesco e seus componentes tinham uma maior liberdade nas relações sendo mais propícias ao rompimento. Mesmo assim, a afinidade e a personalidade colaboravam para a inserção dos estudantes nos diferentes grupos, fortalecendo o desenvolvimento da sociabilidade. Ressalta-se a proximidade física dos parentes para aqueles que residiam em cidades da microrregião de Viçosa (35,6%) com menos de 60 quilômetros de distância. Acredita-se que esse fato possa favorecer a maior frequência e assiduidade dos contatos. Ressalta-se também que na avaliação dos estudantes, a qualidade da relação entre estes e seu grupo familiar era considerada positiva.

Na sociabilidade com outros grupos de contato, especialmente aqueles relacionados aos colegas de quarto/apartamento, o apoio e a amizade os aproximavam, mesmo que, por vezes, elas expressem distanciamento associado às afinidades individuais dos sujeitos. Esses grupos foram frequentemente identificados pelos estudantes como amigos, com os quais tinham grande sociabilidade, proximidade, sendo os mesmos referência, e grupos de apoio com os quais os estudantes desenvolviam trocas materiais e afetivas. Com os demais grupos, como os de lazer, de esporte, político, religioso e outros, os contatos ocorriam com regularidade. Entretanto, com estes, em relação à sociabilidade, os estudantes se expressaram sem intimidades muito profundas, mas essenciais para manutenção do contato no cotidiano. Destaca-se que a participação política, religiosa e de outros grupos foi pouco expressiva em relação ao número de participantes da amostra. Na expressividade e variabilidade dos contatos firmados pelos estudantes não se evidenciou um destaque na sociabilidade dos mesmos em termos de uma identificação com grupos e movimentos com propósitos distintos, não sendo significativo o número de estudantes participantes dos mesmos. A representação política identificada esteve relacionada a atividades da própria instituição e de idealização do estudante. Já nos “outros grupos” os relacionamentos estiveram voltados para questões acadêmicas, sendo a participação nesses grupos pouco relevante.

Na análise do papel das redes familiares e não familiares enquanto aporte material, social e psicológico para os estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil,

identificou-se que, para além dos benefícios de alimentação e de moradia providas pela instituição aos estudantes pesquisados, outros aportes materiais eram necessários para suprir as demais necessidades em termos de alimentos, roupas, transporte, medicamentos e outras ajudas, as quais eram provenientes de indivíduos ou grupos familiares e não familiares.

Com relação aos aportes em dinheiro, estes podiam ser recebidos por meio da família, do trabalho, da poupança, dentre outros. Observou-se que o recebimento desse aporte da família esteve presente para quase a totalidade dos sujeitos pesquisados e que ela se manteve como a principal provedora para aqueles que não tinham outra fonte de renda (como bolsa, trabalho, poupança, etc.). No entanto, mesmo recebendo ajuda financeira de bolsa, ou tendo outras fontes de renda, o estudante continuava com o vínculo de dependência familiar, configurado no recebimento de dinheiro e outros aportes materiais. Esse dado reitera a importância da referência familiar para o provimento das necessidades materiais, já que o apoio financeiro por parte da família foi o mais regular dentre os demais. Mesmo para aqueles que recebiam a bolsa mensal, o aporte financeiro simultâneo da família tinha o caráter de complementaridade e suporte para o pagamento das despesas maiores, sendo os maiores provedores os pais ou apenas um dos pais.

Para as ajudas destinadas a alimentação e transporte, os recursos provenientes da família constituíam nos principais aportes recebidos. E, entre aqueles que possuíam bolsa, o recurso familiar era agregado a esse último. Nas situações de recebimento de aportes para roupas, medicamentos e outras situações, a família também era a principal provedora. No entanto, dada a natureza de consumo esporádico desses produtos, a frequência desses recursos também tinha um caráter esporádico, ocasional.

Mesmo considerando que a maior parte do grupo não teve mediação para recebimento de moradia, trabalho, bolsa ou relacionamento afetivo, entre os demais, os amigos figuraram como peças-chave na inserção dos estudantes nas moradias estudantis, no trabalho e no relacionamento afetivo. Já nas situações institucionais, como nas mediações recebidas para fins de recebimento de bolsa, os contatos construídos nesse âmbito foram os mais relevantes, especialmente aqueles relacionados aos professores, que foram os principais mediadores para esses aportes.

No âmbito da identificação dos grupos relacionados às ajudas imediatas e de baixo custo recebidos tanto de familiares quanto de não familiares, os aportes variaram conforme o tipo de ajuda requerido, bem como com o grau de proximidade com o envolvido. Nas

situações de saúde, por exemplo, a família era a primeira acionada, posteriormente, os órgãos de saúde da instituição e profissionais especializados e, por último, os amigos. A procura primordial à família, em primeiro lugar, ocorreu devido ao vínculo mais forte em relação aos demais. Os contatos entre o estudante e seus parentes objetivavam a busca por orientações a sintomas relacionados à saúde no momento de sua ocorrência. Posteriormente, a busca pelas ações de atenção à saúde na instituição se justificou em termos de menor custo, praticidade da localização dos setores e confiança nos serviços prestados. Já nas situações de pequenos empréstimos, os maiores apoios vieram dos amigos e dos vizinhos, ajuda justificada na proximidade física e no relacionamento de reciprocidade que essas trocas envolviam. Assim, essas ajudas eram vistas como trocas, cooperações que aconteciam em momentos de indisponibilidade financeira ou de tempo para a aquisição dos produtos no momento de sua ausência com a garantia da reciprocidade futura. Os amigos, vizinhos e colegas de curso também foram importantes apoios nos trabalhos acadêmicos e pedidos de informações. Esses dados nos remetem ao entendimento de que, junto aos amigos, o estudante sentia-se mais receptivo às trocas de saberes e solicitação de pequenos e eventuais apoios. As trocas discerniam as pessoas ou grupos com os quais poderiam contar, em relação aos episódios. Para Marques (2010), as interações ocorrem pela presença da reciprocidade. Assim, conforme o autor, “o que embasa esse tipo de ajuda é um sentimento de solidariedade difusa”, ou seja, retratava os envolvimento, trocas ocorridas entre pessoas de grupos distintos e que justificavam as ações de ajuda mútua em suas devidas proporções (MARQUES, 2010, p. 160).

Nas ajudas constantes crônicas e custosas, que envolviam ajudas para situações de saúde, viagens, mudanças e pequenos empréstimos, a rede da família também apresentou uma intervenção mais significativa, sendo acionada e prestando ajuda nos diferentes contextos vivenciados, principalmente nas situações que demandavam atenção constante, incluindo – mesmo que em pequena escala – as que envolviam empréstimos financeiros. Além da família, pessoas próximas, como os amigos e outros, os órgãos da instituição e profissionais especializados também foram acionados em algum momento das necessidades crônicas e custosas dos estudantes. Estas situações revelam que a referência institucional pode ser acionada para atendimento – mesmo que em pequena escala aqui representada –, excluindo as situações que dizem respeito a empréstimos financeiros, pois estão fora da competência da instituição. Nesse âmbito, destaca-se a ausência das ajudas por parte dos vizinhos e da igreja

como provedores de recursos.

Em situações de saúde, os aportes vinham das famílias, de onde provinham os apoios em maior proporção, seguidas por órgãos da instituição e profissionais especializados. Para situações de viagens, o apoio familiar também se repete primordialmente, mas também se registraram ajudas provenientes de órgãos da instituição e de amigos, mesmo com índices menores. Nas situações de necessidade de pequenos empréstimos, o quadro se reverte pela maior referência aos amigos e outras ajudas. Foram esses os grupos mais acionados, os quais foram justificados pela proximidade física dos amigos no momento em que surgem essas necessidades e que os parentes não estão por perto. Nessa modalidade os aportes são movidos pela confiança nos fluxos de trocas sociais e econômicas, imprescindível na vida social dos indivíduos. Aqui as situações que não envolviam grandes custos tinham envolvimento maior dos grupos locais, os quais foram analisados pela credibilidade e confiança na devolução/pagamento do recurso que fora emprestado como um forte indício para futuros empréstimos. A devolução ocorre na quase totalidade das situações em relação àqueles que disseram haver precisado desse aporte. No geral a confiança era alta e o contato era pessoal referente ao grupo de ajuda, em relação ao qual o estudante sempre se reportava à medida que necessitava.

Destaca-se ainda no estudo a importância dos vínculos fortes da família na manutenção dos aportes, pois a diminuição desses vínculos pode trazer dificuldades nos momentos de necessidade, piorando as condições de vida dos estudantes, gerando maior vulnerabilidade desses indivíduos. A família e os amigos também tiveram destaque em situações de empréstimos maiores, confidências e apoio emocional. No entanto, destaca-se que, nas situações de necessidade de empréstimos maiores, as instituições financeiras foram acionadas como opções de aporte, talvez pela impossibilidade ou incapacidade de atendimento por parte da família e/ou dos amigos a essas despesas. Ressalta-se que essas situações eventuais não envolveram nenhuma pessoalidade na transação.

Os amigos se destacaram como o principal grupo de apoio nas situações de necessidade de confidências e apoio emocional, ganhando maior espaço em relação à família. Esse resultado talvez possa ser explicado pela liberdade que os jovens têm em compartilhar suas questões pessoais com pessoas de sua geração e pela proximidade física. Neste caso, a convivência, contatos diários e o fator geracional foram apontados como elementos para o estabelecimento da confiança que oportuniza as confidências entre os estudantes,

principalmente entre os que têm os mesmos hábitos, culturas, crenças e práticas. Por outro lado, a distância geográfica pode dificultar o contato entre os jovens e suas famílias. Ressalta-se, inclusive, a procura por profissionais especializados de outros grupos e órgãos da instituição para obter suportes nessas situações, mesmo que com percentuais pouco expressivos, mas evidenciando a necessidade desses aportes, quando necessários. Esses resultados evidenciam o dado de que a solidariedade representa a outra dimensão das trocas que ocorrem no âmbito dos bens imateriais.

Os órgãos da instituição foram acionados majoritariamente para necessidades de apoio político/institucional, especialmente para as questões acadêmicas relativas às disciplinas e aos cursos que têm suas resoluções prioritárias na própria instituição. O relacionamento estabelecido não se dava pelas relações de amizade, tendo caráter de menor pessoalidade. E por isso, essas situações envolveram um grau menor de confiança dos estudantes em relação aos órgãos provedores dessas ajudas.

Conclui-se que, ao procurarmos compreender a configuração das redes de relações dos moradores das unidades de residência estudantis, os tipos de redes existentes, os padrões distintos de sociabilidade, os mecanismos e as dinâmicas às quais estão vinculados os estudantes pesquisados, identificamos que a maior parte das trocas foram mediadas por grupos que tinham entre si relações de grande pessoalidade e grande confiança. Entretanto, foram detectadas também trocas, especialmente aquelas relacionadas aos órgãos institucionais, que envolviam uma menor pessoalidade e uma menor confiança.

Todas as trocas representaram importantes aportes para os estudantes. Isso porque as trocas nem sempre envolvem bens similares, mas sim confiança ligada à homofilia, à confiança naqueles grupos ou sujeitos cujos comportamentos similares são percebidos nas dimensões pessoais, profissionais e políticas dos sujeitos. Essa relação de confiança pode ser tanto horizontal, entre os iguais, quanto vertical, entre o entrevistado e as hierarquias institucionais ou profissionais. Sendo essas, por conseguinte, envolvidas pela intimidade, reciprocidade e proximidade, que promovem ou não a durabilidade e continuidade das relações. Assim, retomando Marques (2010), pode-se dizer que a pobreza, síntese da ausência relativa de bem-estar, influencia as condições de vida dos indivíduos e seus diferentes acessos a oportunidades. Por conseguinte, sua produção e reprodução são associadas a processos e elementos sociais e de relacionamentos dos indivíduos, influenciando suas conexões e acessos nas estruturas que influem no seu bem-estar (MARQUES, 2010, p. 56-57).

A pesquisa apontou também que o amparo nas IFES, por meio da assistência estudantil, é um avanço no acesso e na inclusão de estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica na educação superior pública. É o reconhecimento do lugar da proteção social de estudantes, sendo uma política que desempenha importante papel enquanto direito social, principalmente ao promover a redução de desigualdades manifestadas socialmente por meio da inclusão.

A manutenção de ações assistenciais evidencia a necessidade de políticas voltadas não apenas ao acesso à universidade pública gratuita, mas também aos mecanismos para a permanência, reduzindo os efeitos das desigualdades advindas de segmentos sociais vulneráveis e que apresentam dificuldades concretas de prosseguirem sua vida acadêmica.

O campo fértil da assistência é essencialmente importante para o fracionamento das mazelas advindas das situações de pobreza de estudantes e de suas famílias, seja pela oferta dos serviços de moradia, alimentação, socioassistenciais de saúde física ou mental dentro da instituição, seja propiciando aos universitários um ambiente de acolhimento àqueles com semelhantes características de vulnerabilidade socioeconômica. Portanto, a assistência se apresenta como uma estratégia que contribui para a redução das desigualdades socioeconômicas, permitindo que novas possibilidades possam permear a vida dos estudantes universitários.

Do ponto de vista do significado social e financeiro, o atendimento da assistência estudantil nas IFES tem permitido não somente o acesso, mas também a permanência do estudante em vulnerabilidade socioeconômica no espaço acadêmico, caminhando para a emancipação da situação de pobreza, diante da conquista do ensino superior, possibilitando a quebra desse círculo pessoal e familiar que de outra sorte seria, talvez, inalcançável

Os serviços de assistência estudantil na instituição propiciam que estudantes de diferentes realidades estruturais e sociais possam dividir espaços relacionais para o exercício da convivência. E à medida que se permite que os espaços sejam ocupados, seus moradores passam por um processo natural, incorporando a referência de casa, onde se vive e convive com diferentes realidades. É importante destacar que, ao ganhar novas apropriações, esses espaços passam a ser considerados verdadeiramente como a casa, o lar, devido ao grande grau de afinidade e apropriação do grupo. Para muitos estudantes, a importância do alojamento enquanto assistência à moradia vai além da exclusão das despesas de manutenção como aluguel, água e luz, é um espaço de formação humana, de um aprendizado proporcionado pela

convivência com pessoas diferentes, levando ao amadurecimento das relações interpessoais, de fortalecimento e criação de laços de amizade que podem acompanhar o estudante em sua caminhada pela vida. Apontam também para o desenvolvimento do respeito, paciência, responsabilidade, assim como de relações sinceras de amizade, evidenciadas pelo cuidado entre colegas de quarto e entre os prédios de moradias.

Em relação aos aspectos negativos das relações, estes fundamentam-se especialmente na infraestrutura do alojamento, de um espaço físico restrito disponibilizado para vários moradores em um mesmo quarto/apartamento. Nesse aspecto, a ausência de privacidade é um elemento marcante na experiência dos estudantes, reduzindo a liberdade individual e a perda parcial da privacidade, que por sua vez potencializa os conflitos. No entanto, o exercício de dividir o espaço é fundamental para aceitar o outro, exercitar o não preconceito racial ou sexual, aprender a ceder algumas coisas, a conviver com o diferente, a ter de esperar a sua vez e, principalmente, a conciliar as mais diferentes necessidades e vontades. Assim, é nesse contexto das relações sociais que circulam tanto os recursos sociais e mercantis, quanto a manutenção, regularidade e estabilidade das relações.

Finalmente, acredita-se que estudos como esse que buscam o papel das redes sociais familiares e não familiares na reprodução de sujeitos em situação de vulnerabilidade constituem-se em importantes subsídios para as políticas públicas na medida em que nos ajudam a compreender como se constroem as redes de relações sociais e valores sob os quais se assentam a vida dessas populações, no nosso caso, da vida dos jovens estudantes residentes nas moradias universitárias. As redes constituem-se em importantes aportes em condições de pobreza e impactos no bem-estar dos indivíduos, além de permitirem identificar os padrões de sociabilidade relacionados a esses sujeitos.

9 – REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Orgs.) **Família: redes, laços e políticas públicas**. 5. ed. São Paulo: Cortez: Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais – PUC/SP, 2010.

ALVES, José E.D.; CAVENAGHI, Suzana. **Transições urbanas e da fecundidade e mudanças dos arranjos familiares no Brasil**. Cadernos de Estudos Sociais, Recife, v.27, n. 2, p. 91-114, jul/ago, 2012. p.103.

AMAZONAS, M. C. L. A., DAMASCENO, P. R., TERTO, L. M. S., & SILVA, R. R. (2003). **Arranjos familiares de crianças de camadas populares**. Psicologia em Estudo, 8(especial), 11-20

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ANDIFES. **Plano Nacional de Assistência Estudantil**. Brasília, 2007. Disponível em: <www.andifes.org.br>.

BAUMAN, Zygmunt. Inquietações da vida contemporânea e suas formas atuais de organização: uma relação de imanência. IN: **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BOURDIEU, Pierre. **À propos de la famille comme catégorie réalisée**. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 100, décembre 1993. pp. 32-36. Disponível em: www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1993_num_100_1_3070

BOLFARINE, Heleno; BUSSAB, Wilton O.; **Elementos de amostragem**. Porto Alegre: Bookman, 2005. 269 p

BOTT, E. **Família e rede social: papéis, normas e relacionamentos em famílias urbanas comuns**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976.

BRASIL. **Carta Magna Brasileira de 1934**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm>.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Senado Federal, 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.

_____. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 1946**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm>.

_____. **Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010**. Dispõe sobre o Programa Nacional de

Assistência Estudantil - PNAES.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo da Educação Superior. 2010.** Disponível em: <portal.inep.gov.br/superior-censosuperior-sinopse>.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo da Educação Superior. 2011 – resumo técnico.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012. Disponível em:<http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/resumo_tecnico/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2011.pdf>.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo da educação superior: 2012 – resumo técnico.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2014. Disponível em http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2012/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2012.pdf

_____. **Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001.** Dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao estudante do Ensino superior e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 de jul. 2001.

_____. **Lei nº 11.096 de 13 de janeiro de 2005.** Dispõe sobre o Programa Universidade para Todos – PROUNI. Disponível em: <<http://prouniportal.mec.gov.br/o-programa>>

_____. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>

_____. Ministério da Educação. **O Plano de Desenvolvimento da Educação: Razões, Princípios e Programas.** MEC. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/livro/livro.pdf>. Disponível em: <http://sisfiesportal.mec.gov.br/>

_____. Ministério da Educação. Portaria Normativa Nº 21, de 05 de novembro de 2012. Dispõe sobre o Sistema de Seleção Unificada – SISU. Disponível em: <<http://static03.mec.gov.br/sisu/portal/data/portaria.pdf>>

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **CBO - Classificação Brasileira de Ocupações 2002.** Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>>.

BISSACO, Joelcio Zoboli; PINTO, Neide Maria de Almeida. **O contexto familiar ao universitário: o campo de possibilidades para a construção de territórios e identidades homossexuais**. Viçosa, MG, 2012. Xi, 120f.

BRODERICK, C. B. **Undersrtanding family process**. Thousand Oaks: Sage, 1993.

BRUSCHINI, C.; RIDENTI, S. **Família, casa e trabalho**. Cadernos de pesquisa FUNDAP, São Paulo n. 88, 1994, p. 30-36.

CABRAL, Cleidy Isolete Silva. **Aplicação do modelo de regressão logística num estudo de mercado**. Tese de Mestrado. Universidade de Lisboa. 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/10671>.

CARMO, Erinaldo Ferreira et al. **Políticas públicas de democratização do acesso ao ensino superior e estrutura básica de formação no ensino médio regular**. RBEP, Brasília, DF, v. 95, n. 240, p. 304-327, maio/ago. 2014. Seção: Estudos.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

CARVALHO, M. C. B. Famílias e políticas públicas. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. F. (Org.) **Família: rede, laços e políticas públicas**. São Paulo: IEE - PUC-SP, 2003. p. 267-274.

CEBOTAREV, E. A. La familia como problema de investigacion. **Mujer, familia y desarrollo**. Manizales: Coleccion Editorial Universidad, 1994. p. 13-21.

CHAPADEIRO, C. A.; ANDRADE, H. Y. S. O.; ARAÚJO, M. R. N. **A família como foco da atenção primária à saúde**. Belo Horizonte: Nescon/UFMG, 2011.

CNE/UNESCO, **Projeto. Desenvolvimento, aprimoramento e consolidação de uma educação nacional de qualidade**. (914BRZ1136.3). 2013

DEL GIÚDICE, J. Z. A. **Programa de Assistência Estudantil da Universidade Federal de Viçosa/MG: repercussões nos indicadores acadêmicos e na vida pessoal, familiar e social dos beneficiários**. 156f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2013.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. São Paulo: Paidéia, 2007. p. 21-32. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>

DONATI, P.. **Família no século XXI: abordagem relacional**. João Carlos Petrini, Trad.. São Paulo (SP): Paulinas. 2ª ed. 2011.

EMIRBAYER, Mustafa; GOODWIN, Jeff. Networ analysis, culture and the problem of

agency. *American Journal of Sociology*, v.99, n.6, p.1411-1454, 1994.

FONAPRACE - Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. **Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras.** Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/wpcontent/files_flutter/1377182836Relatorio_do_perfi_dos_estudantes_nas_universidades_federais.pdf>.

FONTELLA, Gaio; MAJOLO, Fabiane. **História e Subjetividade.** Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/familia/familia-texto.html>>.

FLECK, A. C.; WAGNER, A. **A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar.** *Psicologia em Estudo*, v. 8, 2003. Número especial.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDANI, A. M. **As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas.** *Cadernos de Pesquisa*, n. 91, p. 7-22, 1994.

GRANOVETTER, M. **The strength of weak ties.** In: *American Journal of Sociology*, University Chicago Press, Chicago, 1973, v. 78, Issue 6, p.1930-1938.

_____. **The strength of weak ties: a network theory revisited.** In: *Sociological Theory*. Ed. Randall Collins. San Francisco, Califórnia, série Jossey-Bass, 1983, v.1. p.201-233.

KINNEAR, Thomas C. & TAYLOR, James R. **Marketing research: an applied approach.** Mc Graw Hill. 1979.

IBGE. Censo demográfico 2010: famílias e domicílios - resultados da amostra. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impresao.php?id_noticia=2240>.

JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão.** In: JODELET, D. (org.). *As Representações Sociais.* Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-64.

LAURENCE, Bardin. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

LOPES, E. S. **A casa a disciplinar: problematizando a relação da Universidade Federal de Viçosa com seus alojamentos** In: IV Congresso de Pesquisa e Ensino de História da Educação em Minas Gerais, 2007.

_____. **Praticantes de mundos: a invenção de cotidianos discentes em uma universidade.** 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de

Janeiro: Rio de Janeiro, 2011.

LOSACCO, S. O jovem e o contexto familiar. In: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Orgs.) **Família: redes, laços e políticas públicas**. 5. ed. São Paulo: Cortez: Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais – PUC/SP, 2010.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas, 2001.

MARQUES, Eduardo. **Redes sociais, segregação e pobreza**. São Paulo, Editora UNESP, Centro de Estudos da Metrópole, 2010, 216p.

_____. **Pobreza, sociabilidade e tipos de redes sociais em São Paulo e Salvador**. In: *Visioni Latino Americane*, nº 8. 2013, pp. 42-59.

MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação**. *Ciência da Informação*. Brasília, v.30, p. 71-81, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. 2001.

MARTINS, Carlos Estevam; MINHOTO, Laurindo Dias. **As redes e o desenvolvimento social**. *Cadernos FUNDAP*, nº22, 2001, pp. 81-101.

MATTAR, F. *Pesquisa de marketing*. Ed. Atlas. 1996.

MAUSS, Marcel. “**Ensaio sobre Dádiva. Formas e razão das trocas nas sociedades arcaicas**” In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. PP. 185-293.

MAY, Tim. **Pesquisa Social: questões, métodos e processos**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MENESES, María Piedad Rangel. **Redes sociais - pessoais: conceitos, práticas e metodologia**. 136 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. PUCRS, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10923/4851>.

MINUCHIN, S.; COLAPINTO, J.; MINUCHIN, P. **Trabalhando com famílias pobres**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MUNDSTOCK, Elsa, et al. **Introdução á análise estatística utilizando o SPSS 13.0 – Cadernos de Matemática e Estatística, série B: Trabalho de apoio didático**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

NASCIMENTO, A. N. População e família brasileira: ontem e hoje. In: **Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, 2006, Caxambu. Anais... Caxambu, MG: ABEP, 2006. p. 1-24.

OLIVEIRA, N. H. D. **Recomeçar: família, filhos e desafios**. 2009. 201 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Estadual Paulista, Franca, SP, 2009.

PORTUGAL, Sílvia. **O que faz mover as redes sociais? Uma análise das normas e dos laços.** Revista Crítica de Ciências Sociais, 79, dezembro 2007: 35-56.

_____. **Família e Redes Sociais. Ligações fortes na produção de bem-estar.** Ed. Almedina: CES - Centro de Estudos Sociais, Coimbra, 2014, 288 p.

_____. **Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica.** Coimbra: Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 2007. n. 271.

PRADO, Alexandra Pires do; YARI, Jiyun. **Assistência Estudantil: Algumas considerações.** IN: XIII Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária nas Américas. Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. 2013.

PUTNAM, Robert O. **Making. Democracy work: Civic Traditions in Modern Italy.** Princeton: Princeton University Press, 1994. 258p.

SÁ-SILVA, J. R. **Pesquisa Documental: pistas teóricas e metodológicas.** Revista Brasileira de História e Ciências Sociais. Ano I, n. 1, p. 1-15, 2009.

SARTI, Cynthia A.. **Famílias enredadas.** In: Família: redes, laços e políticas públicas/ Ana Rojas Acosta, Maria Amalia Faller Vitale (orgs). 5. ed. São Paulo: Cortez: Coordenadoria de Estudos e Desenvolvimento de Projetos Especiais – PUC/SP, 2010.

_____. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Jonabio Barbosa dos; SANTOS Morgana Sales da Costa. **Família monoparental brasileira.** In: Revista Jurídica Brasília, v. 10, n. 92, p.01-30, out./2008 a jan./2009.

SHAFFER, David W. & SERLIN, Ronald C. (2004). **What good are statistics that don't generalize?.** Educational Researcher, vol.33,nº 9, pp.14-55.

TRIOLA, M.F. **Introdução à estatística: atualização da tecnologia.** Tradução e revisão Ana Maria Lima de Farias, Vera Regina Lima de Farias e Flores. – Rio de Janeiro: LCT, 2013.

UWE, Flick. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

UFV. **Relatório de Atividades da Ufv 2013 e 2014.** Elaboração Pró-Reitoria de Planejamento e Orçamento – PPO. Base de Dados 2012 e 2013. Disponível em <http://www.ppo.ufv.br/wp-content/uploads/2012/05/UFV-EM-NUMEROS-2013/2014-final.pdf>.

ANEXOS

Anexo 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O Sr.(a) está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa **O PAPEL DAS REDES SOCIAIS FAMILIARES E NÃO FAMILIARES NA VIDA PESSOAL DOS ESTUDANTES RESIDENTES NAS UNIDADES DE MORADIA ESTUDANTIL LOCALIZADA NO CAMPUS VIÇOSA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA.**

Nesta pesquisa pretendemos analisar o papel das redes sociais familiares e não familiares às quais os estudantes utilizam como aportes sociais em seu período de graduação. O motivo que nos leva a estudar esta temática justifica-se em conhecer a rede utilizada pelos estudantes residentes nas unidades de moradia estudantil da Universidade Federal de Viçosa, campus Viçosa, buscando compreender as ajudas e as redes sociais associadas aos estudantes residentes nas moradias estudantis. Ressalta-se que essa pesquisa poderá gerar subsídios a serem interpretados pela instituição para melhoria na convivência e sociabilidade dentro e fora das moradias. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos:

Aplicação de um questionário semiestruturado com questões quantitativas e qualitativas, possibilitando, assim, a obtenção de variáveis que possam ser mensuradas estatisticamente e que também revelem as percepções dos moradores através de sua expressão oral. A duração máxima da aplicação do questionário é de 50 minutos, sem necessidade de identificação do participante, resguardando sua privacidade.

Com relação aos riscos desta pesquisa, poderá o respondente, no decorrer da aplicação do questionário, sentir constrangimentos ou trazer à memória experiências ou sentimentos por situações vividas que não sabe administrar, no que diz respeito à sua condição familiar e/ou social. Sendo facultado ao entrevistado responder ou não à questões que não se sentir à vontade. No entanto se for necessário será encaminhado à Divisão Psicossocial para escuta, avaliação e ajuda psicológica pelo psicólogo que estiver atendendo no setor. A pesquisa contribuirá para o respondente e para a instituição à medida que serão levantadas questões que podem ser colocadas como estratégias de atuação da instituição para melhoria da qualidade de vida e de saúde dos residentes nas moradias estudantis da UFV.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr.(a) tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O(A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no Departamento de Economia Doméstica e a outra será fornecida ao Sr.(a).

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, e depois desse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, contato _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa "**O PAPEL DAS REDES SOCIAIS FAMILIARES E NÃO FAMILIARES NA VIDA PESSOAL DOS ESTUDANTES RESIDENTES NAS UNIDADES DE MORADIA ESTUDANTIL LOCALIZADA NO CAMPUS VIÇOSA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**" de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Viçosa, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Equipe Responsável pela pesquisa:

Neide Maria de Almeida Pinto (Orientadora)

Endereço: Universidade Federal de Viçosa - Departamento de Economia Doméstica

E-mail: nalmeidapinto@gmail.com

Claudia Rogeria Bisi Rosental (Pesquisadora)

Endereço: Rua Raimundo Alves Torres, nº 65/107, Bairro Ramos, Viçosa/MG

E-mail: cbisiufv@gmail.com

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa

Edifício Arthur Bernardes, piso inferior

Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário

Cep: 36570-900 Viçosa/MG

Telefone: (31)3899-2492 - Email: cep@ufv.br - www.cep.ufv.br

Anexo 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA DOMÉSTICA

QUESTIONÁRIO

Sexo: () Feminino () Masculino Idade: _____ Alojamento: _____

Qual ano ingressou na unidade de moradia da UFV/Campus Viçosa? _____

Cidade de Origem: _____

Curso: _____ Período: _____

1 - Perfil Socioeconômico do Estudante - escolaridade (considerando a maior parte do tempo):

1.1 - Realizou o Ensino Fundamental:

- () Escola pública
() Escola particular sem bolsa
() Escola particular - Bolsa Parcial
() Escola particular - Bolsa Integral

1.2 - Realizou o Ensino Médio:

- () Escola pública
() Escola particular sem bolsa
() Escola particular - Bolsa Parcial
() Escola particular - Bolsa Integral

1.3 - Antes de ingressar UFV, residia com quem? _____

2 - Sobre o Grupo Familiar:

2.1 – Situação dos pais ou responsáveis atualmente.

- () Separados () Viúvos () Falecidos () Desconhecidos () Solteiros
() Casados () Amasiados

2.2 – Há doenças graves ou crônicas na família atualmente?

- () Sim Se sim, () Impossibilita para o trabalho () Não impossibilita para o trabalho
() Não

2.3 - Possuem outro imóvel além da moradia?

- () Sim Se sim, qual a localização? () Rural () Urbano
() Não

2.4 – Há registro de veículos em nome de algum componente familiar?

- () Sim Se Sim, qual a finalidade? () Transporte/Passeio () Para trabalho (carreto, táxi)
() Não

2.5. Vamos entender um pouco mais sobre o seu grupo familiar...

Nome do familiar	Grau de Parentesco*	Idade (anos e meses)	Sexo (M/F)	Estado civil	Tempo de estudo	Trabalha? S/N?	Em que?	Renda (em nº S.M.)	Tem religião? S/N	Qual?

2.6 – Em relação a situação de trabalho dos pais ou responsáveis:

2.6.1 - Em relação ao pai:	2.6.3 - Em relação à mãe:	2.6.5 - Outros:	2.6.7 - O próprio estudante
() Trabalha	() Trabalha	_____	() Trabalha
() Não trabalha	() Não trabalha	() Não trabalha	() Não trabalha
() Trabalha em casa / Do lar	() Trabalha em casa / Do lar	() Trabalha em casa / Do lar	() Trabalha em casa / Do lar

2.6.2 - Vínculo:	2.6.4 - Vínculo:	2.6.6 - Vínculo:	2.6.8 - Vínculo:
<input type="checkbox"/> Trabalho informal	<input type="checkbox"/> Trabalho informal	<input type="checkbox"/> Trabalho informal	<input type="checkbox"/> Trabalho informal
<input type="checkbox"/> Carteira Assinada	<input type="checkbox"/> Carteira Assinada	<input type="checkbox"/> Carteira Assinada	<input type="checkbox"/> Carteira Assinada
<input type="checkbox"/> Produtor Rural <input type="checkbox"/> Servidor Público Temporário <input type="checkbox"/> Servidor Público Efetivo <input type="checkbox"/> Autônomo (Empregador) <input type="checkbox"/> Microempresário ou comerciante	<input type="checkbox"/> Produtor Rural <input type="checkbox"/> Servidor Público Temporário <input type="checkbox"/> Servidor Público Efetivo <input type="checkbox"/> Autônomo (Empregador) <input type="checkbox"/> Microempresário ou comerciante	<input type="checkbox"/> Produtor Rural <input type="checkbox"/> Servidor Público Temporário <input type="checkbox"/> Servidor Público Efetivo <input type="checkbox"/> Autônomo (Empregador) <input type="checkbox"/> Microempresário ou comerciante	<input type="checkbox"/> Produtor Rural <input type="checkbox"/> Servidor Público Temporário <input type="checkbox"/> Servidor Público Efetivo <input type="checkbox"/> Autônomo (Empregador) <input type="checkbox"/> Microempresário ou comerciante

2.7 – Qual é a renda (de uma forma geral) de sua família? (em nº de salários mínimos) _____

2.8 – A família tem despesas com pagamento de escola/faculdade particular para algum de seus membros?

SIM NÃO

2.9 - Qual é a escolaridade da pessoa que mais contribui com a renda ou do chefe da família?

Sem instrução / Analfabeto Ensino Fundamental completo Ensino Fundamental incompleto

Ensino Médio completo Ensino Médio incompleto Superior completo Superior completo

2.10- Qual sua religião? _____

2.11- Quem lhe provê apoio material para sua manutenção na universidade?

Dinheiro	Alguém lhe ajuda com dinheiro? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não. Quem? _____	Com qual frequência?	Qual valor? (real ou estimativa do valor)	Onde essa pessoa reside?
	<input type="checkbox"/> os pais <input type="checkbox"/> apenas um dos pais <input type="checkbox"/> irmãos <input type="checkbox"/> tios <input type="checkbox"/> avós <input type="checkbox"/> Outros. Quem? _____ <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho trabalho. <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho Bolsa. <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho Poupança.	<input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> Semanalmente <input type="checkbox"/> Mensalmente <input type="checkbox"/> Semestralmente <input type="checkbox"/> Anualmente <input type="checkbox"/> Eventualmente		<input type="checkbox"/> No alojamento <input type="checkbox"/> Na UFV <input type="checkbox"/> Em Viçosa <input type="checkbox"/> Na cidade de origem <input type="checkbox"/> Outros. Quem? _____
Alimento	Os alimentos que você consome (ou os recursos para sua alimentação) vêm de onde?	Com qual frequência?	Qual valor? (real ou estimativa do valor)	Onde essa pessoa reside?
	<input type="checkbox"/> da UFV <input type="checkbox"/> Traz da casa dos pais/familiares <input type="checkbox"/> Recebe de amigos <input type="checkbox"/> Recebe de igreja <input type="checkbox"/> Outros. Quem? _____ <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho trabalho. <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho Bolsa. <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho Poupança.	<input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> Semanalmente <input type="checkbox"/> Mensalmente <input type="checkbox"/> Semestralmente <input type="checkbox"/> Anualmente <input type="checkbox"/> Eventualmente		<input type="checkbox"/> No alojamento <input type="checkbox"/> Na UFV <input type="checkbox"/> Em Viçosa <input type="checkbox"/> Na cidade de origem <input type="checkbox"/> Outros. Quem? _____
Roupas	Quem lhe provê as roupas que usa nas diferentes estações do ano?	Com qual frequência?	Qual valor? (real ou estimativa do valor)	Onde essa pessoa reside?
	<input type="checkbox"/> da UFV <input type="checkbox"/> Recebe dos pais/familiares <input type="checkbox"/> Recebe de amigos <input type="checkbox"/> Recebe de igreja <input type="checkbox"/> Outros. Quem? _____ <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho trabalho. <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho Bolsa. <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho Poupança.	<input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> Semanalmente <input type="checkbox"/> Mensalmente <input type="checkbox"/> Semestralmente <input type="checkbox"/> Anualmente <input type="checkbox"/> Eventualmente		<input type="checkbox"/> No alojamento <input type="checkbox"/> Na UFV <input type="checkbox"/> Em Viçosa <input type="checkbox"/> Na cidade de origem <input type="checkbox"/> Outros. Quem? _____

Transporte	Você recebe algum tipo de ajuda para transporte?	Com qual frequência?	Qual valor? (real ou estimativa do valor)	Onde essa pessoa reside?
	<input type="checkbox"/> da UFV <input type="checkbox"/> Recebe dos pais/familiares <input type="checkbox"/> Recebe de amigos <input type="checkbox"/> Recebe de igreja <input type="checkbox"/> Outros. Quem? _____ <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho trabalho. <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho Bolsa. <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho Poupança.	<input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> Semanalmente <input type="checkbox"/> Mensalmente <input type="checkbox"/> Semestralmente <input type="checkbox"/> Anualmente <input type="checkbox"/> Eventualmente		<input type="checkbox"/> No alojamento <input type="checkbox"/> Na UFV <input type="checkbox"/> Em Viçosa <input type="checkbox"/> Na cidade de origem <input type="checkbox"/> Outros. Quem? _____
Medicamento	Você recebe algum tipo de ajuda para compra de medicamento?	Com qual frequência?	Qual valor? (real ou estimativa do valor)	Onde essa pessoa reside?
	<input type="checkbox"/> da UFV <input type="checkbox"/> Recebe dos pais/familiares <input type="checkbox"/> Recebe de amigos <input type="checkbox"/> Recebe de igreja <input type="checkbox"/> Outros. Quem? _____ <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho trabalho. <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho Bolsa. <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho Poupança.	<input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> Semanalmente <input type="checkbox"/> Mensalmente <input type="checkbox"/> Semestralmente <input type="checkbox"/> Anualmente <input type="checkbox"/> Eventualmente		<input type="checkbox"/> No alojamento <input type="checkbox"/> Na UFV <input type="checkbox"/> Em Viçosa <input type="checkbox"/> Na cidade de origem <input type="checkbox"/> Outros. Quem? _____
Outros	Recebe algum outro tipo de ajuda? Qual? _____ De quem? _____	Com qual frequência?	Qual valor? (real ou estimativa do valor)	Onde essa pessoa reside?
	<input type="checkbox"/> da UFV <input type="checkbox"/> Recebe dos pais/familiares <input type="checkbox"/> Recebe de amigos <input type="checkbox"/> Recebe de igreja <input type="checkbox"/> Outros. Quem? _____ <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho trabalho. <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho Bolsa. <input type="checkbox"/> Ninguém. Tenho Poupança.	<input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> Semanalmente <input type="checkbox"/> Mensalmente <input type="checkbox"/> Semestralmente <input type="checkbox"/> Anualmente <input type="checkbox"/> Eventualmente		<input type="checkbox"/> No alojamento <input type="checkbox"/> Na UFV <input type="checkbox"/> Em Viçosa <input type="checkbox"/> Na cidade de origem <input type="checkbox"/> Outros. Quem? _____

2.12 - Quais são as pessoas da família com as quais você mantém contato?

Familiares	Frequência	Qual a forma de contato?	Onde essa pessoa reside?
<input type="checkbox"/> Pai	<input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> Semanalmente <input type="checkbox"/> Mensalmente <input type="checkbox"/> Semestralmente <input type="checkbox"/> Anualmente <input type="checkbox"/> Eventualmente	<input type="checkbox"/> Pessoalmente <input type="checkbox"/> Telefone <input type="checkbox"/> E-mails <input type="checkbox"/> Redes Sociais (Facebook, Instagram, whatsapp, Twiter)	
<input type="checkbox"/> Mãe	<input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> Semanalmente <input type="checkbox"/> Mensalmente <input type="checkbox"/> Semestralmente <input type="checkbox"/> Anualmente <input type="checkbox"/> Eventualmente	<input type="checkbox"/> Pessoalmente <input type="checkbox"/> Telefone <input type="checkbox"/> E-mails <input type="checkbox"/> Redes Sociais (Facebook, Instagram, whatsapp, Twiter)	

() Irmãos	() Diariamente () Semanalmente () Mensalmente () Semestralmente () Anualmente () Eventualmente	() Pessoalmente () Telefone () E-mails () Redes Sociais (Facebook, Instagram, whatsapp, Twiter)	
() Avós	() Diariamente () Semanalmente () Mensalmente () Semestralmente () Anualmente () Eventualmente	() Pessoalmente () Telefone () E-mails () Redes Sociais (Facebook, Instagram, whatsapp, Twiter)	
() Primos	() Diariamente () Semanalmente () Mensalmente () Semestralmente () Anualmente () Eventualmente	() Pessoalmente () Telefone () E-mails () Redes Sociais (Facebook, Instagram, whatsapp, Twiter)	
() Tios	() Diariamente () Semanalmente () Mensalmente () Semestralmente () Anualmente () Eventualmente	() Pessoalmente () Telefone () E-mails () Redes Sociais (Facebook, Instagram, whatsapp, Twiter)	
() Outros	() Diariamente () Semanalmente () Mensalmente () Semestralmente () Anualmente () Eventualmente	() Pessoalmente () Telefone () E-mails () Redes Sociais (Facebook, Instagram, whatsapp, Twiter)	

Como você avalia a relação que você mantém com a sua família?

2.13 – Onde você passa os seus fins de semana? E com quem?

2.14 - Quais são os outros grupos você mantém contato?

		Com qual frequência?	Qual a forma de contato?	Onde essa pessoa reside?
Colegas de quarto/apartamento.	() Sim () Não	() Diariamente () Semanalmente () Mensalmente () Semestralmente () Anualmente () Eventualmente	() Pessoalmente () Telefone () E-mails () Redes Sociais (Facebook, Instagram, whatsapp, Twiter)	() No alojamento () Em Viçosa () Na cidade de origem () Outros. Quem? _____

Como você avalia as relações com os seus colegas de quarto?

Colegas de Curso	() Sim () Não	Com qual frequência?	Qual a forma de contato?	Onde essa pessoa reside?
		() Diariamente () Semanalmente () Mensalmente () Semestralmente () Anualmente () Eventualmente	() Pessoalmente () Telefone () E-mails () Redes Sociais (Facebook, Instagram, whatsapp, Twiter)	() No alojamento () Na UFV () Em Viçosa () Na cidade de origem () Outros. Quem? _____
Como você avalia as relações com os seus colegas de curso?				
Grupo de lazer (Identificar: _____)	() Sim () Não	Com qual frequência?	Qual a forma de contato?	Onde essa pessoa reside?
		() Diariamente () Semanalmente () Mensalmente () Semestralmente () Anualmente () Eventualmente	() Pessoalmente () Telefone () E-mails () Redes Sociais (Facebook, Instagram, whatsapp, Twiter)	() No alojamento () Na UFV () Em Viçosa () Na cidade de origem () Outros. Quem? _____
Como você avalia as relações com o seu grupo de lazer?				
Grupo do Esporte. Qual? _____	() Sim () Não	Com qual frequência?	Qual a forma de contato?	Onde essa pessoa reside?
		() Diariamente () Semanalmente () Mensalmente () Semestralmente () Anualmente () Eventualmente	() Pessoalmente () Telefone () E-mails () Redes Sociais (Facebook, Instagram, whatsapp, Twiter).	() No alojamento () Na UFV () Em Viçosa () Na cidade de origem () Outros. Quem? _____
Como você avalia as relações com os seu grupo de esporte?				
Grupo Político. (Associação, Movimento Estudantil) Qual? _____	() Sim () Não	Com qual frequência?	Qual a forma de contato?	Onde essa pessoa reside?
		() Diariamente () Semanalmente () Mensalmente () Semestralmente () Anualmente () Eventualmente	() Pessoalmente () Telefone () e-mails () Redes Sociais (Facebook, Instagram, whatsapp, Twiter)	() No alojamento () Na UFV () Em Viçosa () Na cidade de origem () Outros. Quem? _____
Como você avalia as relações com o seu grupo político?				

Grupo Religioso	() Sim () Não	Com qual frequência?	Qual a forma de contato?	Onde essa pessoa reside?
		() Diariamente () Semanalmente () Mensalmente () Semestralmente () Anualmente () Eventualmente	() Pessoalmente () Telefone () E-mails () Redes Sociais (Facebook, Instagram, whatsapp, Twiter)	() No alojamento () Na UFV () Em Viçosa () Na cidade de origem () Outros. Quem? _____
Como você avalia as relações com o seu grupo religioso?				
Outros. Qual?	() Sim () Não	Com qual frequência?	Qual a forma de contato?	Onde essa pessoa reside?
		() Diariamente () Semanalmente () Mensalmente () Semestralmente () Anualmente () Eventualmente	() Pessoalmente () Telefone () E-mails () Redes Sociais (Facebook, Instagram, whatsapp, Twiter)	() No alojamento () Na UFV () Em Viçosa () Na cidade de origem () Outros. Quem? _____
Como você avalia as relações com o seu grupo?				

3 - MOBILIZAÇÃO DE CONTATOS NAS DIFERENTES SITUAÇÕES:

3.1 - MORADIA:

A) Você conseguiu a vaga no quarto/apartamento por intermédio de alguém? () Sim () Não

B) Se sim, Por intermédio de quem? _____
Como foi isso?

C) Essa pessoa pertence a qual dos seus vínculos de relações:

- () Família;
- () Amizade;
- () Vizinhança;
- () Diversão/lazer;
- () Religioso;
- () Afetivo;
- () Institucional (grupos de pesquisa; grupos de projetos de extensão; monitoria);
- () Professor
- () Outros. Qual? _____

3.2 - TRABALHO (Se ela/ele indicou ter algum trabalho):

A) Você conseguiu o seu trabalho através de alguém? () Sim () Não

B) Se SIM, quem? _____

C) Qual vínculo você tem com essa pessoa? _____

D) Esta pessoa está ligada a algum dos grupos abaixo? Marque.

- Família;
- Amizade;
- Vizinhaça;
- Diversão/lazer;
- Religioso;
- Afetivo;
- Institucional (grupos de pesquisa; grupos de projetos de extensão; monitoria);
- Professor
- Outros. Qual? _____

E) Como foi essa indicação?

3.3 - BOLSAS/MONITORIA/OUTROS

A) Atualmente você tem alguma bolsa de pesquisa/monitoria? Sim Não

B) Você teve acesso a essa bolsa por intermédio de alguém? Sim Não

C) Se Sim, por intermédio de quem? _____

D) Essa pessoa está ligada a qual grupo?

- Família;
- Amizade;
- Vizinhaça;
- Diversão/lazer;
- Religioso;
- Afetivo;
- Institucional (grupos de pesquisa; grupos de projetos de extensão; monitoria);
- Professor
- Outros. Qual? _____

E) Como foi/aconteceu essa indicação?

3.4 - SITUAÇÃO AFETIVA

A) Atualmente você mantém alguma relação afetiva?

- Sim Não;

B) Se mantém vínculo afetivo, conheceu essa pessoa por intermédio de alguém?

- Sim Não;

C) Se Sim, essa pessoa que mediou está ligada a qual dos seus grupos de suas relações:

- Família;
- Amizade;
- Vizinhaça;
- Diversão/lazer;
- Religioso;
- Afetivo;
- Institucional (grupos de pesquisa; grupos de projetos de extensão; monitoria);
- Professor
- Outros. Qual? _____

D) Em que cidade? _____

3.5 - Durante o período que está na unidade de moradia da UFV:

Nas ajudas IMEDIATAS e de BAIXO CUSTO	Quem você costuma recorrer?*	Com qual frequência? **	Essa situação envolve algum tipo de pagamento?	Onde essa pessoa reside?	Qual o grau de confiança associado à essa pessoa?	Qual a forma de contato?***
Problemas de saúde (gripe, cólicas...)			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> Baixo <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Alto	
Empréstimo de equipamentos e/ou de mantimentos			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> Baixo <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Alto	
Informações a respeito de serviços públicos			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> Baixo <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Alto	
Apoio em trabalhos acadêmicos			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> Baixo <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Alto	
Nas ajudas CONSTANTES, CRÔNICAS E/OU CUSTOSAS	Quem você costuma recorrer?*	Com qual frequência? **	Essa situação envolve algum tipo de pagamento?	Onde essa pessoa reside?	Qual o grau de confiança associado à essa pessoa?	Qual a forma de contato?***
Situação de saúde			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> Baixo <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Alto	
Viagens (casa, ativ. acadêmicas, etc)			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> Baixo <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Alto	
Mudanças			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> Baixo <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Alto	
Pequenos empréstimos			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> Baixo <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Alto	
Em situações abaixo?	Quem você costuma recorrer?*	Com qual frequência? **	Essa situação envolve algum tipo de pagamento?	Onde essa pessoa reside?	Qual o grau de confiança associado à essa pessoa?	Qual a forma de contato?***
Empréstimos de alto valor			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> Baixo <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Alto	
Confidências			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> Baixo <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Alto	
Apoio emocional			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> Baixo <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Alto	
Apoio político/institucional			<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> Baixo <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Alto	

Legenda:

(*) Escolher como resposta:	(**) Frequência: Escolher como resposta:	(***) Forma de Contato: Escolher como resposta:
1 - Família; 2 - Amigos; 3 - Vizinhos; 4 - Amigos da igreja; 5 - Órgãos da instituição; 6 - Profissional especializado dentro da UFV 7 - Profissional especializado fora da UFV 8 - Monitores; 9 - Outros. 10 - Não se aplica	1 - Diariamente 2 - Semanalmente 3 - Mensalmente 4 - Semestralmente 5 - Anualmente 6 - Eventualmente	1 - Pessoalmente 2 - Telefone 3 - E-mails 4 - Redes Sociais (Facebook, Instagram, whatsapp, Twitter)